

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
DOUTORADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICO-PASTORAL**

**MIGUEL FERNANDO RIGONI**

**O DIACONADO PERMANENTE EM SAÍDA MISSIONÁRIA:  
RUMO ÀS NOVAS FRONTEIRAS, NO DINAMISMO DO ESPÍRITO**

**CURITIBA**

**2020**

**MIGUEL FERNANDO RIGONI**

**O DIACONADO PERMANENTE EM SAÍDA MISSIONÁRIA:  
RUMO ÀS NOVAS FRONTEIRAS, NO DINAMISMO DO ESPÍRITO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação “*strictu senso*” em Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Doutor em Teologia.

Área de concentração: Teologia Sistemático-Pastoral

Orientador: Prof. Dr. Marcial Maçaneiro

**CURITIBA**

**2020**

Dados da Catalogação na Publicação  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR  
Biblioteca Central  
Sônia Maria Magalhães da Silva - CRB-9/1191

R572d Rigoni, Miguel Fernando  
2020 O diaconado permanente em saída missionária : rumo às novas fronteiras, no dinamismo do espírito / Miguel Fernando Rigoni ; orientador, Marcial Maçaneiro.  
-- 2020  
205 f. : il. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,  
Curitiba, 2020.  
Bibliografia: f. 180-193

1. Espírito. 2. Evangelização. 3. Diaconia. 4. Missão da Igreja. 5. Teologia.  
I. Maçaneiro, Marcial, 1966 -. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná.  
Programa de Pós-Graduação em Teologia. III. Título

CDD 20. ed. – 230



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
Escola de Educação e Humanidades  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Mestrado e Doutorado

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE TESE Nº.011.2020  
DEFESA PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO DE TEOLOGIA**

**Miguel Fernando Rigoni**

Aos Dezessete de março de dois mil e vinte, às nove horas e quarenta minutos reuniu-se na Sala de Defesa – localizada no 2º Andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a banca examinadora constituída pelos professores: Marcial Maçaneiro, Cesar Augusto Kuzma, José Nobre, Agenor Brighenti, Roberto Nentwig para examinar a Tese do doutorando **Miguel Fernando Rigoni** ingressante no Programa de Pós-Graduação em Teologia - Doutorado, no ano de 2016, na Área de concentração: Teologia Sistemático-Pastoral, Linha de Pesquisa: Teologia, Evangelização e Diversidade Religiosa. O doutorando apresentou a tese intitulada: O diaconado permanente em saída missionária: Rumo às novas fronteiras, no dinamismo do Espírito. O candidato fez uma exposição sumária da tese, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e, após a defesa, a candidata foi aprovado pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 12 h 53 min. Para constar, lavrou-se presente Ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora. Os avaliadores participaram da banca de Defesa de Tese por videoconferência e estão de acordo com termos acima descritos.

Observações: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Marcial Maçaneiro  
Presidente/Orientador

*M. Maçaneiro*

Prof. Dr. Agenor Brighenti - Via videoconferência  
Convidado Interno

Prof. Dr. Roberto Nentwig  
Convidado Interno

*Roberto Nentwig*

Prof.ª Dr.ª Cesar Augusto Kuzma – Via videoconferência  
Convidado Externo

Prof. Dr. José Nobre – Via videoconferência  
Convidado Externo

*RJ*



**Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner**  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia - *Stricto Sensu*

A minha esposa Rosana  
Ao meu filho Gabriel  
Ao meu filho Luís Fernando,  
a minha nora Jocimara Jane e  
ao meu neto Giovani

## AGRADECIMENTOS

Ao Pai Misericordioso, a Jesus Cristo, filho amoroso e libertador, e ao Espírito Santo, fonte da graça que me chamou à vida e à vocação.

Ao meu pai Valdomiro Rigoni, *in memoriam*, e a minha mãe Maria Delzira Baitala.

A Rosana, minha esposa, mulher guerreira e companheira, ao Luís Fernando, meu filho, a Jocimara Jane, minha nora, e ao Giovani, meu neto, ao Gabriel, meu filho, riquezas na minha vida, pelo apoio incondicional e encorajamento.

Ao orientador, Professor Marcial Maçaneiro, pela competência, segurança e amizade.

Aos professores das Bancas de Qualificação e Defesa, Prof. Dr. Agenor Brighenti, Prof. Dr. Cesar Augusto Kuzma, Prof. Dr. José Nobre e Prof. Dr. Roberto Nentwig, pelas orientações, apoio e incentivo.

Ao reitor, coordenador do PPGT, professores, colegas e funcionários da PUCPR, pela agradável convivência e pelos conhecimentos adquiridos.

O primeiro milênio foi o do sacramento do  
batismo e o segundo o da eucaristia,  
deve-se esperar que o terceiro seja o dos  
ministérios?

(BORRAS; POTTIER, 2010, p. 203)

## RESUMO

Esta tese situa-se na área da teologia sistemático-pastoral, que engloba teologia, evangelização e diversidade religiosa, tratando-se de uma releitura da temática dos ministérios ordenados na Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) no Brasil, com destaque para um grau autônomo do sacramento da ordem, especificamente a respeito do diaconado exercido em permanência. Tal ministério é enfocado depois de transcorridos cinquenta (50) anos de seu restabelecimento pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, com ênfase na dimensão pneumatológica, presente desde os primórdios da Igreja primitiva e visível na superação das dificuldades iniciais da organização eclesial com a criação de ministérios nascentes em limites fronteiriços e, agora, nas encruzilhadas pastorais rumo ao terceiro milênio, numa Igreja em saída, porque é o Espírito Santo quem prepara os diáconos para a missão (At 6,3). Com inspiração nos Sete, sobretudo em Estêvão e Filipe, confronta-se à tendência de uma dimensão litúrgica e funcionalista do exercício desse ministério, que predomina desde o restabelecimento do diaconado permanente pelos padres conciliares e que implicou em significativos reducionismos sistemáticos no processo de evangelização, com prejuízos nas funções do efetivo exercício desse ministério configurado ao Cristo-Servo, para resgatar a dimensão profética e missionária desse servir. Nesta perspectiva, o trabalho desvela as dimensões entre pneumatologia e diaconado, valorizando concomitantemente sua origem na Igreja de Pentecostes e seu caráter sacramental, como expressão e manifestação da diaconia da própria Igreja. Este trabalho foi desenvolvido através da leitura qualitativa, sobretudo da fonte lucana, à luz de Atos 6,3, destacando-se os documentos do magistério a respeito da diaconia e do diaconado do povo de Deus. O problema e as dificuldades com as quais nos defrontamos se manifesta concretamente na tendência de estagnação das atividades dos diáconos permanentes, em restritos territórios de funções eclesiais supletivas, com o esvaziamento de sua identidade e a redução de seu lugar no serviço ao Reino de Deus. O objetivo é verificar se o resgate da dimensão pneumatológica poderia orientar o ministério diaconal para as novas expressões e os novos territórios de missão, numa Igreja em saída missionária e em sintonia com a proposta do Papa Francisco, que faz uma releitura do Concílio Vaticano II, sendo que a opção metodológica utiliza o processo indutivo-dedutivo. Por fim, os resultados esperados nesta tese apontam para o fato de que ocorreu uma significativa ênfase no modelo funcional em detrimento do modelo missionário, sob a condução do Espírito de Pentecostes, e que a proposta de revisão dos elementos pneumatológicos poderá somar tanto em favor da identidade diaconal quanto no alargamento da ação missionária por parte dos diáconos permanentes.

**Palavras-chave:** Diaconado Permanente. Pneumatologia. Novas Fronteiras. Missionariedade. Identidade da Igreja.



## ABSTRACT

This thesis in the area of systematic pastoral theology, encompassing theology, evangelization and religious diversity, is a re-analysis of the theme of ordained ministries, specifically the third degree of the sacrament of order, in relation to the permanently exercised diaconate focused on the pastoral exercise at the Roman Catholic Church in Brazil after fifty (50) years of its reestablishment by the Second Vatican Ecumenical Council. This, according to the pneumatological dimension, present since the beginning of the primitive and visible Church in overcoming the initial difficulties of ecclesial organization with the creation of nascent ministries at the borders of living Christian communities, it is the Holy Spirit who prepares deacons for mission (At 6.3). Inspired by the Seven, especially Stephen and Philip, in opposition to the tendency of a functionalist dimension in the exercise of this ministry, which predominates since the restoration of the permanent diaconate by the conciliar priests, and implies significant systematic reductionism in the process of evangelization, with damage to the sanctifying, teaching, and governing. In this perspective, the research unveils the dimensions between pneumatology and diaconate, concomitantly valuing its origin in the Church of Pentecost and its sacramental dimension, as an expression and manifestation of the diakonia in the Church itself. The difficulty faced is the tendency to stagnate the activities of permanent deacons in restricted territories of supplementary ecclesial functions, with the disappearance of their identity and the reduction of their place in service to the Kingdom of God. The objective involved verifying if the rescue of the pneumatological dimension could guide the diaconal ministry to the new mission territories. In a Church in missionary exit and in line with the proposal of Pope Francis who rereads the Second Vatican Council. The methodological option uses the inductive-ductive methodological process, with deductive predominance. Finally, the expected results in this thesis point to the fact that there was a significant emphasis on the functional model to the detriment of the missionary model, under the conduct of the Spirit of Pentecost, and the revision of the pneumatological elements can add up both in favor of diaconal identity and in the extension of missionary action by permanent deacons.

**Keywords:** Permanent Diaconate. Pneumatology. New Catholic Borders. Church Identity. Missionary. Identity of the Church.

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Documentos conciliares que diferenciam diaconado permanente do diaconado transitório .....	47
Tabela 2 - Condições e convicções para enfrentar os problemas da evangelização e da catequese.....	147

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>AA</b>	<i>Apostolicam actuositatem</i> , Concílio Vaticano II.
<b>AG</b>	<i>Ad Gentes</i> , Concílio Vaticano II.
<b>AL</b>	<i>Amoris Laetitia</i> , Papa Francisco
<b>AP</b>	Apostólico/a.
<b>CaIC</b>	Catecismo da Igreja Católica, promulgado por Papa João Paulo II.
<b>CCP</b>	Comunidade de Comunidades uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia – Doc. 100 CNBB (30.04.2014).
<b>CD</b>	<i>Christus Dominus</i> , Concílio Vaticano II.
<b>CIC</b>	<i>Codex Iuris Canonici</i> (Código de Direito Canônico)
<b>CIE</b>	<i>Carta Iuvenescit Ecclesia</i> , Congregação para Doutrina da Fé.
<b>CMOVC</b>	Comissão Episcopal Pastoral para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada (CNBB).
<b>CNBB</b>	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.
<b>CND</b>	Comissão Nacional dos Diáconos.
<b>CT</b>	<i>Catechesi tradendae</i> , João Paulo II.
<b>CTI</b>	Comissão Teológica Internacional.
<b>DAp</b>	Documento de Aparecida, V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, 2007.
<b>DCE</b>	<i>Deus Caritas est</i> , Bento XVI.
<b>DD</b>	Diretrizes para o Diaconado Permanente da Igreja do Brasil, Doc. 96 CNBB, 2011.
<b>DGAE</b>	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023).
<b>DGC</b>	Diretório Geral para a Catequese.
<b>DH</b>	<i>Dignitatis Humanae</i> , Concílio Vaticano II.
<b>Did</b>	<i>Didaqué</i> , Doutrina dos 12 Apóstolos.
<b>DP</b>	Documento de Puebla, III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, 1979.
<b>DSD</b>	Documento de Santo Domingo. IV Conferência do Episcopado Latino-Americano, 1992.
<b>DSI</b>	Doutrina Social da Igreja.
<b>DV</b>	<i>Dei Verbum</i> , Concílio Vaticano II.

<b>DVi</b>	<i>Dominum et Vivificantem</i> , Papa João Paulo II.
<b>EA</b>	<i>Ecclesia in America</i> , Papa João Paulo II.
<b>EG</b>	<i>Evangelii Gaudium</i> , Papa Francisco
<b>EN</b>	<i>Evangelii Nuntiandi</i> , Papa Paulo VI.
<b>ES</b>	<i>Ecclesiam suam</i> , Papa Paulo VI.
<b>FIAC</b>	Foro Internacional da Ação Católica.
<b>GE</b>	<i>Gravíssimum educationis</i> , Concílio Vaticano II.
<b>GS</b>	<i>Gaudium et Spes</i> , Concílio Vaticano II.
<b>ICAR</b>	Igreja Católica Apostólica Romana.
<b>IEN</b>	<i>Intima Ecclesiae Natura</i> , Papa Bento XVI.
<b>IM</b>	<i>Inter mirifica</i> , Concílio Vaticano II.
<b>IVC</b>	Iniciação à vida cristã. Itinerário para formar discípulos missionários, Doc 107, CNBB, 2017.
<b>LG</b>	<i>Lumen Gentium</i> , Concílio Vaticano II.
<b>MML</b>	Missão e ministério dos cristãos leigos e leigas – Documento 62 CNBB, 1999.
<b>NA</b>	<i>Nostra aetate</i> , Concílio Vaticano II.
<b>NT</b>	Novo Testamento.
<b>OE</b>	<i>Orientalium Ecclesiarum</i> , Concílio Vaticano II.
<b>OT</b>	<i>Optatam totius</i> , Concílio Vaticano II.
<b>PC</b>	<i>Perfectae caritatis</i> , Concílio Vaticano II.
<b>PDV</b>	<i>Pastoris Dabo Vobis</i> , Papa João Paulo II.
<b>PO</b>	<i>Presbyterorum Ordinis</i> , Concílio Vaticano II.
<b>PP</b>	<i>Populorum progressio</i> , Papa Paulo VI.
<b>PPGT</b>	Programa de Pós-Graduação em Teologia.
<b>PR</b>	Pontifical Romano.
<b>RM</b>	<i>Redemptoris Mater</i> , Papa João Paulo II.
<b>RMi</b>	<i>Redemptoris Missio</i> , Papa João Paulo II.
<b>SC</b>	<i>Sacrosanctum Concilium</i> , Concílio Vaticano II.
<b>SD</b>	Documento de Santo Domingo.
<b>SRS</b>	<i>Sollicitudo rei socialis</i> , Papa João Paulo II.
<b>UR</b>	<i>Unitatis redintegratio</i> , Concílio Vaticano II.
<b>UUS</b>	<i>Ut Unum Sint</i> , Papa João Paulo II.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>O DIACONADO PERMANENTE: IDENTIDADE E EXERCÍCIO</b> .....	<b>18</b>
2.1	ITINERÁRIO HISTÓRICO E TEOLÓGICO .....	20
2.1.1	O sentido do termo <i>diaconia</i> .....	20
2.1.2	Elementos fundamentais do ministério diaconal .....	26
2.1.3	Peculiaridades históricas do ministério diaconal .....	27
2.1.4	Revisitando a Igreja apostólica e antiga .....	31
2.1.5	O ministério diaconal a partir da patrística .....	33
2.1.6	Declínio do ministério diaconal e necessidade de sua revisão .....	38
2.2	O RESTABELECIMENTO CONCILIAR DO DIACONADO .....	45
2.2.1	O Concílio Vaticano II e o Diaconado Permanente: proposições .....	46
2.2.2	Antecedentes históricos à decisão conciliar .....	48
2.2.3	O diaconado no debate pós-conciliar: identidade e lugar eclesial .....	50
2.2.4	Avanços e limites: identidade e exercício .....	56
2.3	O RESTABELECIMENTO DO DIACONADO NO BRASIL (1965-2015) .....	57
2.3.1	Trajectoria recente da vocação diaconal no Brasil .....	59
2.3.2	A busca da identidade, da missão e da organização .....	60
2.3.3	O itinerário formativo: características e desafios .....	67
2.3.4	Contribuições de Papa Francisco à questão do Diaconado .....	72
2.4	CONSIDERAÇÕES .....	75
<b>3</b>	<b>O ESPÍRITO SANTO E A DIACONIA CRISTÃ</b> .....	<b>77</b>
3.1	A DIACONIA DE JESUS, O UNGIDO .....	77
3.1.1	O Espírito que unge e envia, em Lucas .....	78
3.1.2	O Espírito que unge e envia, em João .....	87
3.2	A DIACONIA DA IGREJA .....	89
3.2.1	A comunidade de servidores .....	90
3.2.2	Da realização trinitária da Igreja à sua ministerialidade .....	93
3.2.3	A Igreja povo de Deus, na força do Espírito .....	96
3.2.4	Serviço diaconal como ministério estável .....	101
3.3	A DIACONIA EM CHAVE PNEUMATOLÓGICA .....	107
3.3.1	Cheios do Espírito e de sabedoria, para servir .....	107
3.3.2	Diaconado em perspectiva pneumatológica: algumas ênfases .....	112

<b>3.3.3 O dinamismo do Espírito para uma Igreja em saída.....</b>	<b>116</b>
3.3.3.1 Ungidos e enviados para o serviço da caridade .....	117
3.3.3.2 Ungidos e enviados para o serviço da verdade.....	121
3.3.3.3 Ungidos e enviados para o serviço da unidade .....	123
3.3.3.4 Ungidos e enviados para o serviço da missão .....	125
3.4 CONSIDERAÇÕES .....	127
<b>4 DIACONADO: DO MODELO FUNCIONAL AO MODELO MISSIONÁRIO, EM SAÍDA.....</b>	<b>128</b>
4.1 DIACONADO EM SAÍDA, NO ESPÍRITO DA CARIDADE.....	138
<b>4.1.1 Solidariedade .....</b>	<b>139</b>
<b>4.1.2 Saúde.....</b>	<b>141</b>
<b>4.1.3 Política.....</b>	<b>142</b>
<b>4.1.4 Migração.....</b>	<b>144</b>
4.2 DIACONADO EM SAÍDA, NO ESPÍRITO DA VERDADE.....	145
<b>4.2.1 Catequese continuada.....</b>	<b>148</b>
<b>4.2.2 Educação.....</b>	<b>150</b>
<b>4.2.3 Comunicação social.....</b>	<b>152</b>
<b>4.2.4 Teologia pública .....</b>	<b>154</b>
4.3 DIACONADO EM SAÍDA, NO ESPÍRITO DA UNIDADE.....	155
<b>4.3.1 Igreja em comunhão.....</b>	<b>157</b>
<b>4.3.2 Unidade dos cristãos.....</b>	<b>158</b>
<b>4.3.3 Diálogo inter-religioso.....</b>	<b>161</b>
<b>4.3.4 Diálogo social e cultural.....</b>	<b>163</b>
4.4 DIACONADO EM SAÍDA, NO ESPÍRITO DA MISSÃO .....	165
<b>4.4.1 Evangelização nos novos areópagos .....</b>	<b>167</b>
<b>4.4.2 Missão na cidade (contexto urbano).....</b>	<b>170</b>
<b>4.4.3 Missão <i>Ad Gentes</i>.....</b>	<b>172</b>
4.5 CONSIDERAÇÕES .....	175
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>176</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>180</b>
LIVROS.....	180
ARTIGOS .....	187
INTERNET .....	188
<b>ANEXO A – CND: DADOS ESTATÍSTICOS DE ABRIL DE 2019 .....</b>	<b>194</b>

## INTRODUÇÃO

Esta tese propõe uma reflexão situada dentro da área dos ministérios ordenados, tendo em conta o terceiro grau do sacramento da Ordem, equivalendo dizer que se trata especificamente a respeito do diaconado exercido em permanência, via de regra, por homens casados, diverso, portanto, em alguns aspectos, daquilo que se aplica ao diaconado transitório (vocações ao presbiterado, com compromisso celibatário). Enfoca predominantemente o serviço pastoral diaconal dentro da Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) no Brasil depois de passados cinquenta (50) anos de seu restabelecimento pelo Concílio Ecumênico Vaticano II.

É repensado à luz da dimensão pneumatológica, presente desde os primórdios da Igreja primitiva, sendo esse ministério visível já na superação das dificuldades iniciais da organização eclesial, com destaque para a criação de ministérios nascentes em limites fronteiriços, ora confrontados com a visão de uma Igreja em saída missionária e a caminho do terceiro milênio. Entende-se que é o Espírito Santo que prepara os diáconos para a missão, contrapondo-se à tendência de uma dimensão funcionalista do exercício desse ministério, que transparece predominar desde o restabelecimento do diaconado permanente pelos padres conciliares, o que pode implicar em significativos reducionismos sistemáticos no processo de evangelização, com prejuízos nas funções do efetivo exercício desse ministério configurado ao Cristo-Servo.

Nesse contexto, sendo ainda mais específico, afirma-se que a presente tese é a de que, por falta de atenção à constituição pneumatológica, conforme fontes lucanas, joaninas e também em conformidade com a perspectiva de Paulo, para o diálogo entre carismas e ministérios, tendo ainda em conta tanto o passar do tempo quanto o modelo imperial e hierárquico que a Igreja assumiu, o diaconado se tornou muito atrelado a aspectos funcionais, por conta de passagem para o presbiterado e ou em razão de ter perdido essa dimensão pneumatológica, que é justamente a participação na unção e no dinamismo missionário, obra exclusiva do Espírito Santo.

Nessa linha de pensamento, a tese de fundo é aquela onde se retoma, não só a dimensão, mas a constituição pneumatológica dos ministérios da própria Igreja, sobretudo na perspectiva lucana. Por via de consequência, infere-se que nesse resgate ministerial, especificamente em relação ao diaconado, na ótica de Lucas,

como está em Atos, bem como articular isto com a proximidade entre os ministérios e carismas em Paulo, chegar-se-á a uma perspectiva mais missionária e profética do diaconado do que funcional e litúrgica.

O tema situa-se na área de concentração denominada “Teologia Sistemático-Pastoral” da Linha de Pesquisa do PPGT “Teologia, Evangelização e Diversidade Religiosa”, vinculado ao projeto de pesquisa do orientador inerente à dimensão pneumatológica da fé.

O objeto formal se define como a dimensão pneumatológica do diaconado, a partir de Atos dos Apóstolos 6, 3, onde consta que se tratam de “homens de respeito, repletos do Espírito e de sabedoria”, para uma Igreja que precisa estar presente nas novas periferias geográficas e existenciais, conforme sustentam os Papas recentes, especialmente o Papa Francisco.

Nesta perspectiva, tem-se por objeto material a fonte bíblica, os documentos do magistério a respeito da diaconia de Cristo e da Igreja e, por consequência, do diaconado a serviço do povo de Deus, com a interpretação de diversos autores.

O trabalho utiliza o processo metodológico indutivo-dedutivo, pois parte de uma situação particular, que envolve o nascimento de um ministério impulsionado pelo Espírito, numa Igreja Primitiva, em contexto de necessidade limítrofe, sendo exercido em realidades com inúmeras encruzilhadas pastorais na Igreja Antiga por aproximadamente cinco séculos, quando entra em declínio por quase quinze séculos, chegando-se às conclusões do Concílio Ecumênico Vaticano II no sentido de que o conteúdo desse serviço eclesial é muito mais amplo do que o das premissas funcionais em que se basearam na atualidade.

A predominância metodológica é indutiva e, quanto à questão dedutiva, decorre do fato que não se tratam apenas de conclusões prováveis ou com certa verossimilhança, que é uma característica do método indutivo, mas, concretamente, em razão de que as premissas verdadeiras têm que levar inevitavelmente à uma conclusão verdadeira. Ademais, toda a informação ou conteúdo fatural da conclusão já estava, pelo menos implicitamente, nas premissas.

Para destacar, tratando-se de “homens de respeito, repletos do Espírito e de sabedoria”, para servir (At 6, 3), é possível inferir que não seriam atributos indispensáveis apenas para cumprir uma tarefa de captar, preparar, distribuir e gerenciar alimentos para um grupo eventualmente marginalizado, como mulheres



viúvas, onde o foco se inclinaria para o cumprimento de um quase código alimentar com suas boas práticas.

Em resumo, “os argumentos indutivos aumentam os conteúdos das premissas, com sacrifício da precisão, ao passo que os argumentos dedutivos sacrificam a ampliação do conteúdo para atingir a ‘certeza” (LAKATOS, 2009, p. 64).

O presente trabalho tem como tema o diaconato permanente, portanto, considerando-se a concessão do diaconado a homens casados, onde prevalece a visão somativa do matrimônio e de seus valores, com foco no Concílio Vaticano II. Especificamente é refletido nas questões decisivas que aconteceram na preparação dos esquemas, dentro das comissões preparatórias, com as intervenções dos teólogos e dos peritos, em razão de que a Comissão Central não trouxe contribuição especial para esse tema conciliar, a fim de verificar se a teologia do diaconado que predominou nos documentos do Concílio Vaticano II é ou não uma teologia de fronteira e iluminada pelo Espírito Santo, antevendo as luzes lançadas por Estêvão e Filipe.

A hipótese que ora se levanta é no sentido de que se a fronteira é um elemento constitutivo do diaconado, portanto, essencialmente identitário da Ordem diaconal, a Igreja, em especial no Brasil, poderia deixar ao encargo desse ministério diversas iniciativas inovadoras, atendendo com eficácia e eficiência prospectiva a demanda nascente de inúmeras necessidades do povo de Deus que caminha rumo ao terceiro milênio. Assim, prevaleceria uma vontade sincera de preparar a Igreja para um novo Pentecostes, o que implicaria numa mudança de paradigma. Ela passaria da dimensão funcional para o exercício pastoral missionário, haja vista que é o Espírito Santo quem qualifica os diáconos para a missão.

Por outras palavras, se o diaconado tem que ser exercido a partir de uma graça sacramental, onde o diácono é representante e testemunha de Cristo-Servo, deve-se, por via de consequência, suscitar no povo de Deus. A correspondente vocação ao serviço aí nasce, sobretudo porque o diácono é, na essência, um animador do serviço na comunidade eclesial.

Diante disto, tendo em conta o problema da tese, caberia admitir-se que a fronteira é o elemento constitutivo da Ordem diaconal. Uma categoria presente de forma significativa na eclesiologia do Concílio Vaticano II. Agora revisitada de forma intensa pelo Papa Francisco, e que impactaria na real possibilidade de o diácono

casado poder exercer uma série de funções em vários segmentos da pastoral, com abertura às novas ideias. Sempre seria refletido a partir da redescoberta das fontes, que traz à luz os verdadeiros e constantes valores da Tradição Cristã.

Cabe ressaltar que os padres conciliares viram motivos significativos para o restabelecimento do diaconado a ser exercido em permanência por homens casados (LG 20c, 24b, 29ab; SC 35,4; CD 15a; DV 25a; AG 16f). Tais motivos serviram de base para as decisões tomadas no Concílio Vaticano II. A história e as perspectivas pastorais que tanto motivaram os padres conciliares eram, na verdade, motivações do Espírito Santo, o grande protagonista da Igreja. Impulso divino que conduziu a Igreja ao restabelecimento do quadro completo da sinodalidade.

Os Apóstolos, a fim de revitalizar as comunidades cristãs nascentes nos primeiros séculos e fazerem com que elas se tornassem mais próximas das primeiras comunidades da Igreja, constituíram, sob a ação do Espírito Santo, outras autoridades eclesiais para prestarem serviços ao Reino de Deus, isto é, os diáconos, o que se pode confirmar em Atos dos Apóstolos, sendo um grande sopro Divino sobre toda a Igreja, tornando-a mais viva e mais evangelizadora.

No capítulo I, tratam-se do itinerário histórico-teológico, onde se revisam as origens e fundamentos do diaconado permanente, do restabelecimento conciliar desse ministério pelo Concílio Vaticano II e da situação do diaconado no Brasil entre os anos de 1965 e 2015, quando a Igreja celebrou o jubileu de restabelecimento ministério diaconal. Já o capítulo II, trata das diaconias de Jesus e da Igreja, fazendo uma proposta de releitura da diaconia em chave pneumatológica numa Igreja em saída. Por fim, o capítulo III, numa perspectiva propositiva, aborda a possibilidade da mudança do modelo diaconal funcional para o modelo missionário, enfocando as chaves pneumatológicas da Caridade, Verdade, Unidade e Missão, retomando a perspectiva da Igreja em saída, nos termos propostos pelo Papa Francisco.

Em síntese, a partir da tese em debate, isto é, de que a constituição pneumatológica é a chave fundamental do Novo Testamento e da constituição da própria Igreja, para uma nova avaliação do diaconado, entraram os outros termos do tema distribuídos nos argumentos e fundamentos, como “fronteira” e “em saída”. Portanto, para se chegar em “fronteira” e estar “em saída”, bem como nos demais entornos da reflexão, a tentativa desse trabalho é a de recuperar a constituição pneumatológica, sobretudo à luz da fonte lucana, mostrando que nesta perspectiva, o diácono participa de Pentecostes, é “cheio do Espírito” e, por isto, o diácono é

também profético-missionário e não somente funcional-litúrgico. Da constituição pneumatológica é que decorre a possibilidade de serviço na Caridade, Verdade, Unidade e Missão, porque o Novo Testamento e o magistério dizem que o Espírito Santo é o agente da Caridade, da Verdade, da Unidade e da Missão. Assim, se o diácono está cheio desse Espírito é para essas perspectivas de dinamismo que ele deve se dirigir.

## **1 O DIACONADO PERMANENTE: IDENTIDADE E EXERCÍCIO**

Jesus Cristo veio ao mundo para salvar a humanidade. Em razão disto, fundou a Igreja para tornar discípulos seus todos os seres humanos. Decorre daí a característica essencialmente sacramental da Igreja, vinculada a Cristo e constituída, no Espírito Santo, “o sacramento ou o sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG 1). Nesta perspectiva, Cristo é sacramento do Pai em sentido pleno; e a Igreja é sacramento de Cristo – redentor e mediador – cuja graça a Igreja comunica (cf. LG 1; 48c; SC 5b). Sem deixar de agir universalmente, a mediação de Cristo na Igreja comporta também os sete sacramentos (cf. DZ 844, 996, 1470), dentre os quais encontra-se a Ordem, com seus três graus ministeriais: Episcopado, Presbiterado e Diaconado (cf. CIC, cân. 1009, § 1).

Pode-se dizer que o Episcopado está suficientemente caracterizado pela prática e pelos ensinamentos dos últimos séculos. Tanto o Concílio de Trento quanto os dois Concílios do Vaticano colocaram a Ordem do episcopado no múnus de pastoreio do Rebanho do Senhor, distinguindo-o ministerialmente com sucessores dos apóstolos e membros do Colégio episcopal, na comunhão universal da Igreja, presidida pelo Bispo de Roma, presidem as Igrejas Locais (cf. LG 20-22). Quanto à Ordem do Presbiterado, tem-se que os presbíteros são cooperadores da Ordem Episcopal, e devem procurar “suprimir qualquer motivo de dispersão, para que todo o gênero humano seja reconduzido à unidade da família de Deus” (LG 28).

Entretanto, o restabelecimento do diaconado, como ministério permanente, na linha do Novo Testamento e da tradição das Igrejas apostólicas, mereceu atenção

pelas deliberações dos padres conciliares. O Concílio Vaticano II restabeleceu o Diaconado permanente no contexto de ministério hierárquico da Igreja para o serviço. Assim a hierarquia eclesial é constituída por três ministérios ordenados, como graus de uma única Ordem, isto é, o ministério episcopal, o ministério presbiteral e o ministério diaconal.

Faz-se notar que cada ministério tem o seu valor específico e integra o conjunto hierárquico da Igreja, tanto que os padres conciliares se deram conta de que o diaconado não apenas completa os graus da Ordem, mas explicita a ministerialidade fundamental de toda a Igreja que, seguindo os passos do Cristo-Servo, é uma comunidade ministerial em si mesma e nas suas expressões pastorais. Era importante completar e explicitar na Igreja os três graus da Ordem, porque estão presentes na igreja Apostólica (cf. Carta de Paulo a Timóteo) como expressões eclesiais do ministério da Nova Aliança. Jesus é O Sacerdote que serve, enquanto Filho e Redentor. O diaconado explicita o serviço, seja de Jesus ou da Igreja. Com efeito – como se exporá adiante – o ministério diaconal, por sua natureza, não pode ser considerado um simples degrau para se acessar o presbiterado, através do diaconado transitório e, por via de consequência, o episcopado, como se conhece pela práxis da Igreja.

Diante disto, ressalta-se que essa compreensão equivocada não corresponde à realidade eclesial, o que implica na necessidade de se destacar o valor da Ordem diaconal, conferida ao ordenando para ele agir com o poder divino do Corpo místico de Cristo, a Igreja (LG 7), servindo ao Povo de Deus (LG 9-17) na diaconia da liturgia, da palavra e da caridade (cf. CIC, cân. 1009, § 3).

Os argumentos dessa tese, que sustentam a necessidade de recuperação da dimensão pneumatológica da Ordem Diaconal, para passar de um modelo funcional a um modelo missionário, serão expostos através de fundamentos inerentes ao ministério diaconal exercido em permanência.

A fundamentação desenvolver-se-á sob a forma de tópicos, a partir do itinerário histórico e teológico de um serviço eclesial, que ainda busca sedimentar sua identidade e seu lugar. Perpassa por elementos que englobam sua origem, conectada significativamente à caridade, destacando-se a dimensão pneumatológica, a ser resgatada nesse trabalho, como se exporá adiante. Inclui ainda o desenvolvimento até o século V, com o declínio desse ministério a partir dessa época.

Na sequência, trata sobre o restabelecimento do Diaconado pelo Concílio Vaticano II, com ênfase nas novas fronteiras de missão, corroboradas pelos documentos pós conciliares e, especialmente, pelas Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, além de aspectos do restabelecimento do Diaconado no Brasil, para concluir apresentando considerações breves sobre o surgimento, destinação e as novas perspectivas de serviço, tendo em conta a hipótese para resolver o tema problematizado numa Igreja em saída.

## **1.1 ITINERÁRIO HISTÓRICO E TEOLÓGICO**

A natureza diaconal de toda a Igreja – enquanto Povo a serviço do Reino de Deus – tem sua origem em Jesus Cristo: A diaconia de Cristo se prolonga na diaconia da Igreja e se explicita no ministério diaconal, o que implica na necessidade de se buscar entender a base histórica e teológica de sustentação desse servir (cf. Mt 20, 28; Lc 22, 27; Jo 12, 26; At 3, 13 e 26), a fim de se compreender tanto o passado quanto os apontamentos de rumo, sentido e direção das novas perspectivas que apontam para o futuro da Igreja em sua dimensão ministerial. Ressalta-se que Lucas tanto diz em Atos que Jesus é servo quanto afirma a Unção do Espírito (At 3, 13 e 26).

### **1.1.1 O sentido do termo *diaconia***

A Igreja, por ser a comunidade dos discípulos e das discípulas de Cristo – ungida pelo Espírito para servir e não para ser servida, e que veio para lavar os pés da humanidade (cf. Lc 4, 14-21; Jo 13, 1-17) – é por natureza diaconal, isto é, servidora. Não se realiza de modo autorreferido, mas no serviço aos demais que se expressa na missão. O Espírito conduz a Igreja na missão e a enriquece com a variedade de dons e carismas, para que configurada a Cristo Sacerdote, Profeta e Rei, cumpra na Terra a missão de anunciar o Reino de Deus a todos os povos. Cheios do Espírito, os batizados assumem com coragem a missão e se colocam a caminho e a serviço da humanidade inteira.

A partir de Pentecostes, a Igreja experimenta de imediato fecundas irrupções do Espírito, vitalidade divina que se expressa em diversos dons e carismas (cf. 1 Cor 12,1-11) e variados ofícios que edificam a Igreja e

servem à evangelização (cf. 1 Cor 12, 28-29). Através destes dons, a Igreja propaga o ministério salvífico do Senhor até que Ele de novo se manifeste no final dos tempos (cf. 1 Cor 1, 6-7). O Espírito na Igreja forja missionários decididos e valentes como Pedro (cf. At 4,13) e Paulo (cf. At 13,9), indica os lugares que devem ser evangelizados e escolhe aqueles que devem fazê-lo (cf. At 13, 2) (DAp 150).

Passando da natureza servidora da Igreja para o serviço dos pobres, que é uma preferência, destaca-se em Lucas (4, 14-21) o seguinte:

Nessa passagem de Lucas, o pneuma é e sempre será o Espírito Santo com o qual Jesus é ungido e enviado. A unção de Jesus com o Espírito Santo está relacionada diretamente com os pobres (*ptochois*). Para estes, Jesus vem anunciar-lhes a libertação do rebaixamento a que são submetidos, resgata-lhes a dignidade de pobres e realiza a antiga promessa dos patriarcas e profetas de devolver-lhes a esperança e a alegria que sempre buscaram (BOFF, 2003, p. 37).

Ministrando a graça e, particularmente, servindo aos pobres, a Igreja espelha o ministério salvífico de Jesus, em fidelidade ao Evangelho. De fato, desde os primórdios do cristianismo a diaconia integrava a identidade da comunidade, a partir do serviço das mesas, da fração do pão, e escuta da Palavra (cf. At 4, 32-37). É preciso ter clareza de que não outra a vocação e a missão da Igreja senão a de servir. É o que afirmam os padres conciliares na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*:

Eis a razão por que este sagrado Concílio, proclamando a sublime vocação do homem, e afirmando que nele está depositado um germe divino, oferece ao gênero humano a sincera cooperação da Igreja, a fim de instaurar a fraternidade universal que a esta vocação corresponde. Nenhuma ambição terrena move a Igreja, mas unicamente este objetivo: continuar, sob a direção do Espírito Consolador, a obra de Cristo que veio ao mundo para dar testemunho da verdade, para salvar e não para julgar, para servir e não para ser servido (GS 3).

O termo diácono vem do grego antigo *διάκονος* (*minister* ou *diaconus*: ministro ou diácono). É usado em diferentes sentidos na literatura neotestamentária: aquele que serve à mesa (cf. Mt 20, 26; 22, 13; Jo 12, 26; Mc 9, 35; 10, 43); ministro de uma aliança nova (cf. 2 Cor 3, 6; 11,14); o servo de um poder espiritual (cf. Ef 3, 6; Cl 1, 23; Gl 2, 17; Rm 15, 8); o servidor do Evangelho, de Cristo, de Deus (cf. 2 Cor 11, 23), os servos da Igreja (cf. Cl 1, 25; 1 Cor 3, 5), as autoridades pagãs a serviço de Deus (cf. Rm 13, 4).

Não há como pensar a diaconia da Igreja e na Igreja separando-a da unção, pois o próprio Cristo realiza a sua diaconia pela unção (Lc 3, 21-22; Lc 4, 18). A Igreja assume o seu caráter diaconal e pneumatológico pela manifestação do Espírito em Pentecostes (At 2,1-11). Sem a unção do Espírito não há diaconia, nem missão. Portanto, o servo/diácono no Novo Testamento é uma condição vinculada à unção do Espírito, tendo Jesus como modelo, ao estilo dos profetas do Antigo Testamento.

A palavra *diákonoi* (*diaconi* – *diáconos*) é utilizada poucas vezes como designação de ministros locais, em algumas passagens do Novo Testamento, inclusive para o caso de algumas mulheres (Rm 16, 1-2). Já o termo *diakonia* e o verbo *diakonéo* são usados uma centena de vezes no Novo Testamento, mas só pouquíssimas vezes no sentido “técnico” de diácono como ministério na Igreja, distinto e unido ao ministério do bispo e do presbítero. Segundo os historiadores e biblistas, a passagem de At 6, 1-6, a partir de Irineu de Lião († 202), passou a ser atribuída pela tradição como criação do diaconado por parte dos apóstolos (cf. ALMEIDA 2012, p. 131).

Os exegetas e teólogos que estudam a questão dos ministérios excluem a possibilidade de At 6,1-6 fazer uso de um termo “técnico” referido a um serviço funcional. Segundo os exegetas modernos, só em 1Tm 3, 8-12 se falaria mais diretamente dos diáconos. Portanto, consideram-se as ambiguidades acerca da interpretação de At 6, 1-6:

Em At 6, 1-6, o verbo *diakonêin* é relacionado com o serviço das mesas, daqui nasceu a ideia de que os diáconos serviam à mesa e distribuíam alimentos. Todavia, é historicamente errado considerar Estevão e os outros helenistas escolhidos naquela ocasião de que falam os Atos; no máximo, poderíamos nos perguntar se Lucas não os situasse no contexto dos diáconos por ele conhecido nas Igrejas dos anos 80 (BROWN, 2001, p. 865).

Em meio à diversidade de opiniões e interpretações, não há dúvidas de que as diversas acepções do termo estejam relacionadas ao serviço, seja ele ministerial ou não. Na perspectiva cristã, evidentemente, a diaconia é parte integrante da vida comunitária, pois ser cristão significa colocar-se a serviço dos outros.

A expressão diaconia, então, significa o serviço desenvolvido, individual ou coletivamente, a favor dos outros. Trata-se das diferentes formas do ministério apostólico a serviço na comunidade. Do serviço caritativo das coletas a favor dos

pobres, que se tornou bem cedo uma “diaconia cotidiana”. Ainda, o ministério missionário e profético da palavra ou do Evangelho; também ministério da nova aliança e diaconia do Espírito para a reconciliação da humanidade com Deus, em Cristo:

É esta a *diaconia* da Igreja: atestar a Boa-nova do amor de Deus por todos os homens, sem exceção e sem exclusão, e trabalhar desse modo para a reconciliação da humanidade consigo mesma e com Deus [...].  
À espera do Reino, o único ministério da Igreja é a edificação da humanidade em povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo. O serviço da fraternidade eclesial é ser o sacramento da fraternidade universal com que Deus sonha, uma parábola da humanidade reconciliada (BORRAS; POTTIER, 2010, p. 138).

Nesta mesma concepção, Almeida apresenta a visão da teologia paulina acerca da diversidade de carismas na Igreja, distinguindo-os qualitativamente como carismas e dons a serem almejados por todos os membros da comunidade, a partir da experiência pneumatológica da Igreja:

Podem-se encontrar as listas dos carismas em diversas cartas paulinas. Os dons são expressos, numa primeira forma, com uma série de substantivos: “profecia”, “diaconia”, “ensinamento”, “exortação”, “sabedoria”, “inteligência”, “fé”, “capacidade de curar”, de “fazer obras de misericórdia”. Depois se apresenta um elenco de substantivos de caráter pessoal: “apóstolos”, “profetas”, “doutores”, “evangelistas”, “pastores”. “Nestas listas, Paulo não põe tudo no mesmo nível: em alguns casos, enumera os dons seguindo certa ordem [cf. 1 Cor 12, 31; 14, 1] e insiste em que se aspire aos dons melhores [cf. 1 Cor 12, 31; 14, 1]” (ALMEIDA, 1989a, p. 16).

Já no período inicial do Novo Testamento, a Igreja realiza a sua missão pelo testemunho e ação missionária dos apóstolos, na experiência de fé e na acolhida dos dons a ela oferecidos pelo Espírito Santo. Ela tem como seu fundamento Jesus Cristo, que na concepção paulina, é a cabeça do Corpo, isto é, a sua Igreja é animada por seu Espírito:

A diversidade carismático-ministerial é querida por Deus, é obra do Espírito [cf. 1Cor 12, 4-11; 12, 28; Rm 12, 6]. Todo ministério é dom [chárisma] de Deus: Deus é quem os ‘estabelece’ na Igreja [cf. 1Cor 12, 28]; é Cristo que ‘outorga’ a cada um uma função diferente [cf. Ef 4, 11]. Esta diversidade se dá no interior da Igreja [1Cor 12,2 8: ‘en té ekklesía’] e visa à edificação [oikodomé] do corpo de Cristo [Ef 4, 12; cf. 1Cor 14, 3-4; 14, 12; 2Cor 12, 19] (ALMEIDA, 1989b, p. 21).



Nas perspectivas lucana e paulina, os ministérios são de algum modo *carismas* – graças para servir – concedidas pelo Espírito Santo para o bem de todos (cf. Rm 12, 3-8; Ef 4, 1-16). Os ministérios dos apóstolos, profetas e doutores estão à frente dos carismas dados à Igreja. Os nomes dos ministros oficiais, nesta época, e pelo menos nas Igrejas relacionadas com o centro missionário de Antioquia, são apóstolos, profetas e doutores, o que significa que eles são, essencialmente, ministros da palavra. Esses ministérios, porém, não constituem todos os dons oferecidos por Deus à Igreja; existe, além deles, grande variedade de dons e funções que são designados com vocabulário muito variável (cf. LEMAIRE, 1977, p. 107).

Esta diaconia – a qual os ministros são convocados a viver – encontra sua plenitude no próprio Cristo que, fazendo-se servo, doa-se integralmente para a salvação da humanidade (cf. Mc 10,45). Ao preterir a diaconia ou reduzi-la a uma lista estrita de tarefas, a Igreja corre o risco de desvalorizar sua natureza ministerial, ou enrijecer o serviço em funções rituais. Se assim for, a Comunidade não cumpriria plenamente a sua missão enquanto continuadora da obra e missão salvífica do Servo Jesus. Não apenas pela expressividade do serviço praticado, mas sua fonte teológica e mesmo teologal, que é o *amor*. Em última instância, o fundamento da missão cristã é o amor; e este mesmo amor se traduz na diaconia da própria Igreja, conforme recorda Almeida:

A diaconia, por um lado, é dimensão importante da própria existência cristã. Ser cristão significa colocar-se a serviço dos outros, até a renúncia e ao dom de si mesmo, por amor. Para tanto, o batismo confere a cada cristão o mesmo dinamismo de serviço que está em Cristo (cf. Fl 2,5ss.). Participando do testemunho, da liturgia e do serviço de Cristo e da Igreja, o cristão coopera com Cristo na salvação dos seres humanos. Membros do corpo de Cristo, todos são chamados a tornar-se servos uns dos outros com os carismas que receberam de Deus para a edificação da Igreja e dos irmãos na fé, na esperança e no amor (cf. 1Pd 4,10; cf. 1 Cor 12, 1-11. 28-30; 4,1-2; 1 Pd 3,7) (ALMEIDA, 2012, p. 131).

Enraizada em Cristo, a diaconia da Igreja sustenta-se ainda na ressurreição do Senhor que, comunicando o dom do seu Espírito a cada batizado, capacita-os com a diversidade de dons e carismas para o serviço do Reino que se abre a toda a humanidade. No cumprimento da sua missão, os ministros deverão sempre colocar-se no seguimento do Senhor e na missão permanente de testemunhar o evangelho e anunciar a salvação.

A diaconia da Igreja brota no batismo, que configura e consagra o Povo de Deus como povo sacerdotal, profético e régio; ungido pelo Espírito Santo para servir como Jesus serviu. O batismo é o sacramento que comunica isto efetivamente, incorporando o crente ao corpo diaconal da Igreja, que é o corpo de Cristo; ou seja, o batismo dá acesso ao messias-servo, associa-nos a ele que é, originalmente, o fundamento da Igreja. A diaconia da Igreja é a expressão da relação livre e amorosa daqueles que se reconhecem amigos e não servos, porque participam da obra de Cristo, que por seu Espírito comunicou a todos a obra redentora e salvífica que passa pela história humana:

O Vaticano II nos familiarizou com a tríplice função profética, sacerdotal e régia de Cristo e de seu Corpo eclesial do qual ele é a Cabeça. Todos os batizados participam nessa tríplice função. O ministério na Igreja indica, atesta e toma consciência de que essa tripla função do Corpo eclesial deve ser reconhecida como ação do Cristo e do seu Espírito (BORRAS; POTTIER, 2010, p. 139).

As *diakoníai* (serviços), não somente na vivaz comunidade de Corinto, são consideradas verdadeiras atividades carismáticas e por isso entendidas como graça, dom que une àquele que, despojando-se da sua natureza divina, fez-se humano e, entre a humanidade, servo vivendo entre os seus “como aquele que serve” (At 16, 1. 12-40; Rm 1, 1; 2 Cor 1,1; Gl 1, 10; Col 1, 1; 1 Ts 1, 1; 2 Ts 1,1; Fm 1). Esta conformidade com Cristo “servo” é doada pelo Espírito Santo através da mediação de irmãos habilitados a realizar a obra de santificação que leva o discípulo a unir, na sua existência renovada, o agir e o existir e, por isso, a unificar o amor para com Deus e ao próximo no serviço cultural realizado de acordo com a verdade.

Como se percebe no Novo Testamento, a diaconia se configura como lugar cristológico e sintético, como verdadeira categoria bíblico-teológica, caracterizando um duplice e eloquente sentido. Por um lado, indica a peculiar disposição de obediente e eficaz entrega (cf. Lc 22, 27), oblação (cf. Jo 3) e doação, salvadora de Jesus, presentes em João (cf. 13, 13-14) e em Paulo (cf. Fl 2, 3-11) que, à imitação do Mestre, caracteriza a atitude do discípulo para com Deus, os irmãos e toda a humanidade. Como verificado em Jesus, esta entrega (*paradosis / oblatio*) provém da caridade e a expressa eficazmente, nos muitos serviços. Do ponto de vista vocacional, esta entrega animada pela caridade configura os singulares ministérios

eclesiais, vale dizer, aqueles encargos pessoais, confiados por Cristo a alguns eleitos para edificar em santidade e justiça o seu Corpo:

À semelhança do ministério sacerdotal dos bispos e dos padres, que não suprime o exercício do sacerdócio comum dos batizados, mas está a seu serviço para que estes comecem a se organizar na única mediação sacerdotal do Cristo, o ministério diaconal não suprime a diaconia ou ministério de todo o Corpo eclesial, mas promove sua missão para que o Cristo continue, por meio dele, a sua diaconia, que não é outra senão sua *kénose* para salvação do mundo. A diaconia da Igreja não é a parte reservada aos diáconos, nem sua especialidade: “Também o seu ministério está a serviço dos carismas e dos dons multiformes do Espírito Santo, no conjunto do povo de Deus” (BORRAS; POTTIER, 2010, p. 142-143).

Assim sendo, o serviço ou diaconia não deve ser entendido como uma tarefa confiada somente a um grupo. Diaconia não se restringe a uma lista de tarefas; mas antes de qualquer coisa, é consequência do discipulado e missão de todos os batizados. Diaconia é o caminho da Igreja de Cristo, que em tudo se fez Servo por excelência. A Igreja é enviada a evangelizar mediante o serviço à humanidade, isto é, pela sua diaconia. Não se pode renunciar a servir. Mas isso só ocorre na liberdade dos filhos de Deus, por graça. Cristo convida a servir; mas não obriga nunca. Lucas entende que o próprio Espírito Santo convence e educa os crentes a servir como Jesus serviu. Não há nenhuma autoridade objetiva que obrigue. A vocação supõe livre chamado, e livre resposta.

### **1.1.2 Elementos fundamentais do ministério diaconal**

Jesus Cristo fez-se servo obediente, tornou-se igual aos demais seres humanos – exceto no pecado (cf. Hb 4, 5 em GS 22). Veio para servir e não para ser servido (cf. Mc 10, 45; Lc 22, 27). Eis a grande característica do ministério diaconal: configurar-se a Cristo-Servo, no sentido novo, messiânico, comunicado nos Evangelhos – enfatizando o sentido ministerial/servidor da Ordem. Para tanto, a vida do ministro ordenado deve ser marcada pela atitude de serviço ao povo de Deus, realizado sempre com ânimo alegre (cf. PDV 21).

A esse respeito, a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* considera os diáconos pertencentes ao grau inferior da hierarquia. São ordenados não para o sacerdócio, mas para o ministério. Ocupar esta função é estar a serviço do povo de Deus na diaconia da liturgia, da palavra e da caridade (LG 29). Entende-se que o

magistério tem critérios teológicos e morais, dentre os quais, disponibilidade, liberdade, adesão e busca da caridade perfeita, contudo, canonicamente, os requisitos são a forma jurídica disso, e expressam que os diáconos são homens que foram promovidos à Sagrada Ordem do diaconado por possuírem os requisitos exigidos pelas normas jurídicas eclesíásticas, nos seguintes termos:

Somente se promovam às ordens aqueles que, [...] tenham fé íntegra, sejam movidos de reta intenção, possuam a ciência devida, boa reputação, integridade de costumes, virtudes comprovadas, bem como outras qualidades físicas e psíquicas consentâneas com a Ordem a ser recebida. (CIC, cân. 1.029)

Tendo como base tais pressupostos, é pertinente conhecer alguns aspectos fundamentais do ministério diaconal na perspectiva pastoral. É preciso entender que o diácono possui uma vocação especial, tem um carisma próprio, que necessita ser respeitado e aceito no contexto do ministério eclesial. Embora presente na Igreja desde os primórdios da Igreja, mesmo tendo passado por um longo período de declínio e tenha caído numa funcionalidade e significativa clericalização, é na contemporaneidade um ministério com grandes possibilidades de colaborar com a missão evangelizadora e libertadora da Igreja.

### **1.1.3 Peculiaridades históricas do ministério diaconal**

Os ministérios foram instituídos na Igreja desde o nascimento das primeiras comunidades cristãs, com uma dupla finalidade: servir a Deus na celebração e ao Povo de Deus, sobretudo, os mais necessitados. Para receber qualquer ofício na Igreja era necessário passar por um rito especial, por meio do qual o fiel era constituído apto a desempenhar algum ministério eclesíástico (*Ad Pascendum*, 1972, p. 3). No tempo dos Apóstolos, o ministério diaconal era posto em relevo. A Igreja o acolhia como um ministério de grande importância (*Ministeria Quaedam*, 1972, p. 13).

Inicialmente, tem-se que a missão diaconal foi se desenvolvendo de forma significativa na Igreja. Aqueles que almejavam o sacerdócio buscavam dar boas provas de si mesmos através do serviço diaconal. Com o passar dos tempos, houve mudanças na disciplina do diaconato permanente, de modo que ficou mais rígido o processo de admissão e, por essa razão, decresceu o número de ordenações, até

que na Igreja Latina desapareceu quase completamente o ministério do diácono permanente.

No Concílio de Trento (séc. XVI) houve uma proposta de restaurar as Sagradas Ordens na Igreja, mas foi no Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) que restaurou o diaconado como grau próprio e permanente da hierarquia (*Ministeria Quaedam*, p. 16-18). Os novos argumentos que o Concílio Vaticano II ou os papas propõem recentemente (Paulo VI, Bento XVI e Francisco) são na realidade uma volta às fontes, isto é, uma releitura do entendimento e ensinamento da Igreja dos primeiros séculos, à luz do Novo Testamento.

O Papa Paulo VI, em 18 de junho de 1967, promulgou a Carta Apostólica – sob a forma de *Motu Proprio Sacrum Diaconatus Ordinem* – com a qual estabeleceu as normas sobre o restabelecimento do diaconado permanente. Nesse documento, Paulo VI declara sua estima pelo exercício permanente deste grau da Ordem, vinculando sua origem apostólica ao serviço do protomártir Estêvão (*Sacrum Diaconatus Ordinem*, 1967, p. 14). No ano seguinte, em 17 de junho de 1968, Paulo VI aprovou o novo rito para a recepção da Sagrada Ordem do diaconado, presbiterado e episcopado (*Ministeria Quaedam*, 1972, p. 19).

Em seu discurso conclusivo da última sessão do Concílio Vaticano II, o Papa Paulo VI reafirma o caráter diaconal e servidor de toda a Igreja, e manifesta que não é outra a missão da comunidade cristã, senão servir:

Uma outra coisa julgamos digna de consideração: toda esta riqueza doutrinal orienta-se apenas a isto: servir o homem, em todas as circunstâncias da sua vida, em todas as suas fraquezas, em todas as suas necessidades. A Igreja declarou-se quase a escrava da humanidade, precisamente no momento em que tanto o seu magistério eclesial como o seu governo pastoral adquiriram maior esplendor e vigor devido à solenidade conciliar; a ideia de serviço ocupou o lugar central (PAULO VI, 1967, p. 5).

A Igreja se coloca a serviço da humanidade ao cooperar com a promoção da paz e a superação das relações desumanas e violentas. Esta mediação fundamental é uma ação da instituição que através dos seus órgãos competentes, busca meios de tornar os homens e as mulheres protagonistas no contexto social em que vivem. Eles tornam-se agentes de transformação em busca de um mundo mais justo e solidário sem perder as suas convicções de fé.

Jesus se define a si mesmo como diácono do Pai, quando, no Evangelho de Marcos, diz: "O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e entregar a sua vida pela multidão" (Mc 10,45). Na última ceia, exerceu emblematicamente a sua diaconia ao lavar os pés dos discípulos (Jo 13,1-15). Desse modo, conclui-se que toda a missão de Jesus é diaconal – Ele mesmo apresentando-se exemplarmente como servo, para uma comunidade de servos (cf. Mc 10, 43-45; Lc 22, 26s. e Jo 12, 25s.). Jesus Servo é contemplado como princípio e paradigma de toda a missão de seus discípulos e discípulas: em síntese, seguir a Jesus é servir (cf. Mc 9,33-37). O serviço constitui a identidade dos seus discípulos: não se é discípulo ou discípula e, por derivação, se exerce algum serviço; mas somente é possível ser discípulo na medida em que se é servidor. Neste sentido, ser discípulo significa ser diácono-servidor: "Quem dentre vós quiser ser o primeiro, seja o servo de todos" (Mc 10,44).

O Papa emérito Bento XVI – em Carta Apostólica sob a forma de *Motu Proprio Intima Ecclesiae Natura*, de 2012, sobre o serviço da caridade – ao considerar as diversas realidades de dor e sofrimento humanos, retoma a compreensão da diaconia da Igreja. Nesse documento (proêmio), o pontífice discorre a respeito da diaconia da caridade na Igreja e apresenta orientações seguras para o serviço aos mais pobres e abandonados pela sociedade:

A NATUREZA ÍNTIMA DA IGREJA exprime-se num tríplice dever: anúncio da Palavra de Deus (*kerygma-martyria*), celebração dos Sacramentos (liturgia), serviço da caridade (*diakonia*). São deveres que se reclamam mutuamente, não podendo um ser separado dos outros (Carta enc. *Deus caritas est*, 25).

Portanto, também o serviço da caridade é uma dimensão constitutiva da missão da Igreja e expressão irrenunciável da sua própria essência (cf. *ibidem*); todos os fiéis têm o direito e o dever de se empenharem pessoalmente por viver o mandamento novo que Cristo nos deixou (cf. Jo 15, 12), oferecendo ao homem contemporâneo não só ajuda material, mas também refrigério e cuidado para a alma (cf. Carta enc. *Deus caritas est*, 28). A Igreja é chamada à prática da *diakonia* da caridade também a nível comunitário, desde as pequenas comunidades locais passando pelas Igrejas particulares até à Igreja universal; por isso, há necessidade também de «organização enquanto pressuposto para um serviço comunitário ordenado» (cf. *ibid.*, 20), uma organização articulada mesmo através de expressões institucionais (BENTO XVI, 2012, proêmio).

Na Audiência Jubilar em Roma, o Papa Francisco retoma a reflexão sobre o serviço na vida da Igreja. O Sumo Pontífice reafirma a natureza e sua missão de servo, pois se trata de uma Igreja que exerce no meio do mundo a sua diaconia.

Outra não é a missão da Igreja, senão evangelizar. A diaconia é, assim, a atitude daqueles que identificados com o seu Senhor, colocam os seus dons e carismas a serviço dos outros, especialmente dos que mais necessitam.

Lavando os pés aos apóstolos, Jesus quis revelar o modo de agir de Deus em relação a nós, e dar o exemplo do seu «mandamento novo» (Jo 13, 34) de nos amarmos uns aos outros como Ele nos amou, ou seja, dando a vida por nós. O próprio João o escreve na sua Primeira Carta: «Nisto, conhecemos a caridade: que ele deu a sua vida por nós, e nós devemos dar a vida pelos irmãos. [...] Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade» (3, 16.18). (FRANCISCO, 2016a).

Desta forma, corresponde à natureza da Igreja, e é sua missão, servir e doar a vida. Como recorda o Papa Francisco nesta Audiência Jubilar, ocorrida em Roma, em 12 de março de 2016, a Igreja não existe para si mesma, mas para servir a humanidade como verdadeira discípula daquele que “esvaziou-se de si mesmo para colocar a sua vida a serviço” (Fl 2, 6) e o fez a partir de um novo conceito de amor. É oportuno recordar:

Por conseguinte, o amor é o serviço concreto que prestamos uns aos outros. O amor não são palavras, são obras e serviço; um serviço humilde, feito no silêncio e no escondimento, como o próprio Jesus disse: «não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita» (Mt 6, 3). Ele significa pôr à disposição os dons que o Espírito Santo nos dispensou, para que a comunidade possa crescer (cf. 1 Cor 12, 4-11). Além disso, expressa-se na partilha dos bens materiais, para que ninguém esteja em necessidade. A partilha e a dedicação a quem está em necessidade é um estilo de vida que Deus sugere também a muitos não cristãos, como caminho de humanidade autêntica. (FRANCISCO, 2016a).

O Concílio Vaticano II ratifica a finalidade da Igreja como comunidade dos seguidores e servidores de Jesus. É a Igreja do serviço. O ministério diaconal recorda que, a exemplo de Cristo, a Igreja existe para “lavar os pés uns aos outros” (Jo 13, 14), curar os doentes, consolar os aflitos e anunciar a todos que “a salvação entrou nesta casa” (Lc 19, 9). Mais do que mestra e senhora, a Igreja apresenta-se como servidora da humanidade, participa de suas alegrias e sofrimentos, assumindo-os como seus (cf. ALMEIDA, 2005, p. 111-112).

### 1.1.4 Revisitando a Igreja apostólica e antiga

Tendo presente o que os Papas recentes dizem, cabe visitar o patrimônio da Igreja Antiga, na busca de como era compreendido o diaconado nos albores do Cristianismo. A respeito, o nascimento do diaconado na Igreja primitiva é admitido pelos documentos do Magistério, com base em dados bíblicos e históricos. A origem do serviço diaconal está situada nos tempos apostólicos, a partir da instituição dos sete ministros: Estevão, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau. Esta instituição está documentada em Atos dos Apóstolos, no episódio em que os Apóstolos escolhem sete homens de “respeito, repletos do Espírito e de sabedoria” (At 6, 1-6).

Os Apóstolos, impondo as mãos, transmitem a missão e também a graça que a possibilita, pela ação do Espírito Santo. Missão essa de servir à mesa – diaconia da mesa. Porém, no decorrer dos trechos bíblicos não mais os veremos no serviço à mesa, mas sim pregando corajosamente a Palavra – diaconia da Palavra. Ao analisar o texto da oração de ordenação diaconal, Tabora recorda a omissão do serviço da Palavra como sendo próprio do diácono:

[...] Mesmo que exegeticamente já não se possam identificar os Sete com os diáconos, a tradição é constante em estabelecer essa relação. [...]. O texto da prece não contempla o ministério da Palavra próprio ao diácono, embora a tipologia dos Sete o sugira, pois, logo depois de narrar sua instituição, Lucas se compraz em relatar a ação evangelizadora de Estevão e Filipe (cf At 6, 8). [...] (TABORDA, 2011, p. 312).

Os diáconos eram os colaboradores dos Apóstolos, tanto na ordem material, ao dirigir a comunidade, cuidar dos pobres e distribuir as esmolas; quanto na ordem espiritual, na pregação e administração do batismo. Filipe é visto em Atos dos Apóstolos batizando (At 8,38). Encontra-se também documentação crível da existência do serviço diaconal na Carta aos Filipenses (Fl 1,1), quando Paulo faz saudação aos episcopos e diáconos. Nesse caso, cabe ressaltar que por episcopos se entende presbíteros ou anciãos e os diáconos são os assistentes destes.

É em Paulo, na sua Primeira Carta a Timóteo (1Tim 3,8-13), ao falar das qualidades e virtudes necessárias para a digna realização do ministério diaconal, que se tem o único texto sagrado que seguramente afirma a existência de diáconos. Paulo afirma que:



Igualmente os diáconos sejam dignos, não de duplas palavras, não dados à bebida nem ao lucro vergonhoso; devem conservar com consciência limpa o mistério da fé. Também eles devem ser provados primeiro, e, se forem achados irrepreensíveis, exercerão seu ministério... Os diáconos sejam fiéis às suas mulheres, bons chefes de seus filhos e de sua casa. Pois os que exercem bem o diaconato obtêm um posto elevado e autoridade em questões de fé cristã (BÍBLIA DO PEREGRINO, 2006, p. 2.854).

A *Didaqué* (Doutrina dos Doze Apóstolos), cerca do ano 70 d.C., dá testemunho da presença dos diáconos na Igreja primitiva, onde era de competência deles o seguinte: a assistência aos necessitados, a administração temporal dos bens da Igreja, a colaboração nos atos litúrgicos, bem como servir a comida na ágape. Na missa, ofereciam pão e vinho ao bispo, distribuíam a comunhão aos presentes, como eram encarregados e, além disso, levavam-na aos ausentes. Instruir a catequese e a proclamação do Evangelho era também função diaconal (Did 15,2).

A *Traditio Apostolica* (Tradição Apostólica), supostamente atribuída a Hipólito de Roma (170? - 235 d.C.), escrita no século III, diz que na ordenação somente o bispo impõe as mãos, pois o diácono é ordenado “não para o sacerdócio, mas para o serviço do bispo, para fazer o que este lhe indique”. Diz ainda que o diácono tem a função de mostrar ao bispo as necessidades da comunidade. Aparece aqui a liturgia da ordenação diaconal (HIPÓLITO, 2004, 8).

Na *Didascalía Apostolorum* II, 44, 4, p. 138, a Doutrina dos Doze Apóstolos, compêndio de normas eclesíásticas oriundas da Síria, escrito por volta de 250 a 300 d.C., orienta quanto à quantidade de diáconos e que estes sejam suficientes para cada cidade. Além disso, define que o Diácono é como o ouvido, a boca, o coração e a alma do Bispo.

O Diácono, diz-se, está à disposição do Bispo para servir a todo o Povo de Deus e assumir o cuidado dos doentes e dos pobres. Com justeza e com fundamento, ele é chamado de amigo dos órfãos, dos que cultivam a piedade, das viúvas, fervente no espírito e amigo das coisas que são boas (RAHMANI, 1899, p. 93).

A ele, ainda é confiada a incumbência de levar aos doentes retidos em casa a Sagrada Eucaristia, (RAUSCHEN, 1912, p. 107 e 111) de administrar o Batismo (TERTULIANI, 1954, p. 291) e de ocupar-se da pregação da Palavra de Deus, segundo o desejo e a vontade expressa do Bispo (DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO, 1906, p. 138).

### 1.1.5O ministério diaconal a partir da patrística

A literatura patrística e os Concílios também relatam a história do diaconado na Igreja e são testemunhas de contestação inegável. Na patrística, encontra-se a confirmação da estrutura hierárquica e ministerial da Igreja. Na compreensão dos santos padres, o reconhecimento do ministério dos diáconos é claramente visto.

Segundo Micheletti (2018, p. 27), a busca por “uma aproximação ao tema do ministério diaconal a partir da patrística significa deparar-se com um universo temático bastante amplo”, mas que possibilita um entendimento mais adequado “desse ministério no âmbito eclesial contemporâneo”. O Autor argumenta que existem “importantes documentos de alguns padres da Igreja que ajudaram a definir mais o perfil da vida e o ministério dos diáconos, partindo de algumas situações particulares próprias daquela Igreja nascente”, recolhendo em sua pesquisa inúmeros materiais, situados entre a segunda metade do século I até o século V, período em que surgem sinais consistentes “da futura decadência desse ministério eclesial” (idem, p. 27). Ainda desse Autor, tem-se na continuidade, essa cadeia de transmissão de informações “importantes, a fim de descrever o que foi mais representativo da primitiva tradição” a respeito do ministério diaconal (idem, p. 28).

Os Padres da Igreja tinham um olhar especial para o ministério diaconal e percebiam que a fidelidade a Cristo, a integridade moral e a submissão ao bispo eram consideradas requisitos necessários para o desempenho do ofício. Desse modo, Inácio de Antioquia afirma:

O ofício de diácono não é outra coisa senão o ministério de Jesus Cristo, o qual antes de todos os séculos estava junto do Pai, até que por fim se nos manifestou [...]: É necessário, pois, que também os diáconos, que são ministros dos ministros de Jesus Cristo, agradem a todos, por todos os modos. Eles, efetivamente, não são apenas diáconos dos alimentos e das bebidas, mas ministros da Igreja de Deus (*Ministeria Quaedam*, 1972, p. 14).

Inácio de Antioquia (67 - 110 d.C.), para quem a estrutura eclesial não se dá sem a presença do bispo, do presbítero e do diácono, tratando-se do reconhecimento do tríplice ministério. O diácono, na visão de Inácio, assemelha-se em seu ministério, ao próprio ministério de Jesus Cristo que foi o servo de todos, ele é ministro do ministério de Cristo. Os diáconos “não são apenas servidores do

alimento e da bebida, senão servidores da Igreja de Deus” (*Epístola aos Tralianos* II, 1). O diácono é motivo de comunhão entre o bispo e a comunidade, pois o diácono convive diretamente com a comunidade (*Epístola aos Tralianos* 3, 1).

Na sequência, aparece Clemente de Roma, a partir de quem se pondera que já existia uma hierarquia na Igreja e que não estava sendo observada adequadamente pelos cristãos de Corinto, sendo necessário lembrar por Clemente que foram “os Apóstolos que instituíram os bispos e os diáconos” (MICHELETTI, 2018, p. 30).

A *Didaqué* traz as normas de “conduta que devem ter os ministros itinerantes do Evangelho”, referindo-se aos diáconos no capítulo XV em relação às exigências a serem observadas durante o processo de escolha, bem como “faz referência à qualidade e idoneidade dos diáconos para os ofícios requeridos” (idem, p. 31).

Também Policarpo de Esmirna (70 a 155 d.C.) faz parte dessa trajetória primitiva, martirizado em 23 de fevereiro de 155. Ele escreveu uma *Carta aos Filipenses* na qual “apresenta o diácono como ministro de Deus Pai, de Cristo e dos homens” (idem, p. 32). Policarpo também afirma que “os diáconos devem ser inocentes diante da face de Sua justiça, como sendo servos de Deus e de Cristo, e não dos homens”. Por isso, devem ser irrepreensíveis e ter a conduta de vida conforme o ensinamento de Jesus Cristo, o verdadeiro servo do Pai (HIPÓLITO, 2004, 8).

Já *O Pastor de Hermas*, escrito por Hermas entre 142 a 155 d.C., é considerado um dos escritos mais respeitados na antiguidade cristã. Ele caracteriza a Igreja representada por uma torre onde os diáconos estão entre as pedras da construção que se ajustam bem umas às outras:

Ouve agora o que se refere às pedras que entram na construção. As pedras quadradas e brancas, que se ajustam bem entre si, são os apóstolos, os bispos, os doutores e os diáconos. Todos esses, caminhando segundo a santidade de Deus, desempenharam com pureza a santidade seu ministério de bispos, doutores e diáconos a serviço dos eleitos de Deus. Uns já morreram e outros ainda vivem. Estes são os que estiveram sempre de mútuo acordo, conservaram a paz entre si e se ouviram reciprocamente. É por isso que na construção da torre suas juntas se ajustavam bem (HERMAS, 1844 Cap. XII).

Nessa obra, Hermas mostra que os diáconos fazem parte da Igreja e destaca tanto as condutas positivas do serviço prestado pelos fiéis quanto por

aqueles que exerciam o ministério diaconal, bem como aponta críticas para ambos, sobretudo porque haviam “maus diáconos”, que não seriam suficientemente cuidadosos para com as necessidades de órfãos e das viúvas (MICHELETTI, 2018, p. 33). Justino Mártir cita o ministério dos diáconos no dia de domingo, que eram encarregados, depois das eucaristias, da “distribuição dos alimentos eucarísticos aos batizados aí presentes, e também aos ausentes” (idem, p. 33).

Irineu de Lyon, nascido entre os anos 130-140, na atual França, foi quem aplicou, pela primeira vez, o termo *diáconos* com sentido ministerial àqueles “sete homens dos Atos dos Apóstolos (6,1-6)”. E afirma, em sua obra *Adversus Haereses* “que Estêvão foi eleito pelos apóstolos como o protodiácono (primeiro diácono)” (MICHELETTI, 2018, p. 34).

Em relação a Tertuliano, tem-se o registro “em sua obra *De Monogamia*, entre os anos 212-213”, da inclusão do “termo *clerus* para referir-se à hierarquia eclesiástica, onde coloca também os diáconos” (idem, p. 34). No documento sobre a *Tradição Apostólica* de Hipólito, datado do II século, “o mais antigo ritual da Igreja a codificar a hierarquia eclesiástica”, prescreve-se que “o diácono participa da diaconia episcopal”. Também destaca o texto de Hipólito “a atribuição do diácono às obras de caridade encomendadas pelo bispo” (idem, 2018, p. 35). Já o breve escrito conhecido por a *Tradição Apostólica*, de autor desconhecido, apresenta, numa de suas três partes, “uma espécie de ritual de ordenações”, destacando a fórmula consagrada de que o diácono é ordenado *não para o sacerdócio, senão para o ministério*, dando “continuidade com a Tradição de Hipólito” (idem, p. 36).

A obra *Didascalia Apostolorum*, documento “escrito nos últimos decênios do século III, é de suma importância” para o ministério diaconal, “pois trata precisamente da ordenação dos diáconos” (idem, p. 37). Extrai-se parte do texto que traz o seguinte conteúdo:

Os diáconos são os olhos do bispo, pois eles vigiam a disciplina e a ordem na Igreja; são seus ouvidos, porque escutam e levam ao bispo as inquietudes e os sofrimentos do povo; são, enfim, suas mãos, para distribuir as esmolas a pobres e enfermos (*Didascalia Apostolorum*, 11, 44).

O texto da *Didascalia Apostolorum* (Const. 44, 4) ainda vincula o diácono à missão de governar e pastorear o povo de Deus, regulamentando a questão da forma que segue: “Permaneçam, pois, unidos, bispos e diáconos e, com diligência,

pastoreiem unanimemente o povo, porque ambos devem ser como um só corpo, pai e filho” (MICHELETTI, 2018, p. 38). Dentre as obras de Orígenes, destaca-se, em um de seus comentários, a afirmação de que “os diáconos são como os sete Arcanjos de Deus, e que tendo como exemplo o ministério deles, nos Atos dos Apóstolos, é que foram instituídos os sete diáconos” (idem, p. 38).

Quanto a Cipriano de Cartago, cabe registrar uma referência dele, advinda de sua 18ª Carta, que envolve os “diáconos, a respeito da confissão na hora da morte”, aconselhando, no caso de moribundos, “especialmente daqueles que haviam abandonado a verdadeira fé”, que na ausência dele e de algum presbítero, o diácono também pudesse receber a confissão (idem, p. 39). Também os escritos “pseudoclementinos [...], atribuídos durante certo tempo a Clemente Romano (porque neles se narra também sua vida), muito provavelmente foram escritos na Síria entre 360-380”, trazem “referências pastorais” referentes aos diáconos. O diácono é vinculado diretamente ao Bispo: “o diácono será os ouvidos do bispo, sua boca, seu coração, sua alma” (idem, p. 39).

No Concílio de Elvira, que ocorreu “entre os anos de 300-306, na região onde hoje se ergue a cidade de Granada (Espanha)”, foi lançada “uma norma a respeito do celibato para os clérigos (cânon 33)” regulando a proibição para os “bispos, presbíteros e diáconos” tanto em relação ao casamento quanto a respeito de geração de filhos, sob pena de afastamento “da honra da clerezia” (idem, p. 40). Tal Concílio também se referiu a administração do batismo (cânon 77), permitindo ao diácono, na ausência do bispo e do presbítero, realizar alguns batizados, contudo, posteriormente “o bispo deverá completar o Batismo por meio da bênção;” (idem, p. 40).

Já o Primeiro Concílio de Arles, que aconteceu em 314, na cidade homônima, na região da atual França, convocado pelo Imperador Constantino, restringiu, através do cânon 15 de suas diretrizes, a possibilidade de o diácono “oferecer a Eucaristia” ao presidente da celebração (presbítero) – um fato tido como abuso das funções diaconais (MICHELETTI, 2018, p. 40).

No Primeiro Concílio de Nicéia, convocado em 325 para enfrentar a heresia ariana, sendo o primeiro de natureza ecumênica, pede a correção do costume introduzido por alguns bispos, no sentido de “que os diáconos dessem a comunhão aos presbíteros”. Também “admoesta para que, na celebração eucarística, os diáconos não peguem por si mesmos a comunhão da patena” (idem, p. 41). Esse

Concílio confirma, no cânon XVIII, que os diáconos são servidores do bispo e em nível inferior aos presbíteros, como também dispõe sobre a eucaristia e lugar no presbitério:

Veio a conhecimento do sagrado e grande Sínodo que, em alguns distritos e cidades, os diáconos administram a Eucaristia aos presbíteros, onde nem o cânon nem o costume permitem que eles que não tem o direito de oferecer deem o Corpo de Cristo à aqueles que tem este direito. E também veio a ser conhecido que alguns diáconos agora tocam a Eucaristia mesmo antes dos bispos. Façam tais práticas serem totalmente abolidas, e façam os diáconos ficarem em seus próprios limites, sabendo que são ministros dos bispos e inferiores aos presbíteros. Façam-nos receber a Eucaristia segundo sua ordem, depois dos presbíteros, e façam ou os bispos ou presbíteros administrarem a eles. Além do mais, não deixem os diáconos sentarem-se com os presbíteros, pois isto é contrário ao cânon e a ordem. E se, depois deste decreto, alguém se recusar a obedecer, que seja deposto do diaconato. (SCHAFF, 1901)

Gregório de Nissa (372-394 d.C.) atribuía uma figura alegórica aos diáconos, como sendo “anjos vestidos de branco, de pé junto de Cristo” (MICHELETTI, 2018, p. 41). Jerônimo (347-419 d.C.), por sua vez, acena aos diáconos ao descrever em carta alguns episódios que considera abusos ministeriais. Particularmente os casos envolvendo alguma submissão do presbítero ao diácono, o que estaria invertendo a ordem hierárquica. Por outro viés, ressalta-se que “Jerônimo defende o celibato dos diáconos, talvez tentando vincular o ministério diaconal ao presbiteral”, quando manifesta o entendimento de que “os bispos, presbíteros e diáconos são eleitos virgens ou viúvos, ou pelo menos, uma vez ordenados para o sacerdócio, permanecerão castos para sempre” (MICHELETTI, 2018, p. 41-42).

O bispo de Hipona, Agostinho (354-430 d.C.), embora não tenha abordado de forma consistente o ministério diaconal, “dedica ao diácono Deo gratias (ano 399) sua obra *De Catechizandis rudibus* [...] um breve manual catequético, rico em intuições pedagógicas” (idem, p. 42). Já o Bispo de Roma em 460, Leão Magno, compara o sacerdócio da Lei antiga com a hierarquia da nova aliança: “Agora, pois a ordem é mais excelente do que aquela dos levitas; dignidade maior daquela dos anciões e a unção mais sagrada que a dos sacerdotes”. Para Leão Magno “essas três ordens constituem [...] o *ordo sacerdotalis*” idem, p. 43). Gregório Magno nasceu “em Roma em 540” e, “no ano de 575, abraçou a vida monástica. Sagrado bispo, percebeu as necessidades pastorais do seu povo, então ordenou presbíteros para administrar a penitência aos moribundos e os diáconos para batizar as crianças” (idem, p. 43).

Por fim, o documento do século VI conhecido por *Ambrossiaster*, que recolhe algumas explicações sistematizadas sobre as Cartas paulinas, contém “a denúncia da soberba dos diáconos romanos”. Destaca-se que tal documento busca “estabelecer alguns limites, lamenta o fato de os diáconos transporem seu grau hierárquico e se considerarem superiores aos presbíteros” (idem, p. 43-44).

Na realidade, depreende-se das perspectivas dos Santos Padres que eles não têm a mesma visão sobre os diáconos. Eles têm em comum o pensamento da exclusão na consagração eucarística e na administração do sacramento da penitência. Assim, cada bispo é que põe limites ao serviço do diácono, conforme lhe for interessante, observa individualmente a necessidade local e a capacidade que cada um possui. Diante desses diversos documentos patrísticos, é possível inferir que, a “partir do século IV, inicia-se na Igreja um gradativo processo de clericalização da Igreja e decadência geral dos ministérios” (MICHELETTI, 2018, p.44).

### **1.1.6 Declínio do ministério diaconal e necessidade de sua revisão**

Ao abordar os aspectos históricos a respeito do diaconado na Igreja, faz-se necessário também recordar os diversos fatores que contribuíram para o declínio deste ministério na vida da Igreja. Do séc. VII ao séc. XII o diaconado vai decrescendo em importância até tornar-se, na Igreja Latina, mera passagem para o presbiterado. Os diáconos tornam-se figuras decorativas com a função de assistir o sacerdote na liturgia “para pôr o corporal sobre o altar e para alcançar o pão e o cálice” (ALCUÍNO, 1844, cap. 36, coluna 1235). São ainda chamados de “proclamadores do Evangelho”, mas o seu “ministério próprio é ler o Evangelho” na missa (IVO DE CHARTRES, 1844, *Serm. II*, in PL 162, coluna 518).

É interessante que continuam a usar as expressões tradicionais, mas na prática, suas funções são puramente litúrgicas. Há também os que tentam sustentar o sentido do diaconado em extinção, como Hugo de São Vítor († 1.141). No típico caso de Pedro Cantor († 1.197), na melhor tradição, fala-se da função do diácono, qual seja, pregar com autoridade, anunciar o Reino de Deus e cuidar dos pobres. Mas, finalmente, ele tem que se render à evidência de que o diácono é mera figura ornamental e o denomina “*secretarius altaris* [secretário do altar]”, útil para dar com

sua presença maior fausto à celebração eucarística, seja nas igrejas maiores, seja nas rurais (CANTOR, 1844, PL 205, p. 184-185).

Da redução de importância à extinção prática do diaconado como grau permanente será um passo. “Provavelmente jamais se saberá com plena evidência qual a razão determinante do declínio do diaconado” (WINNINGER, 1966, p. 26-61). Mas é possível encontrar pistas a respeito.

Um fator que poderia ser enumerado, a título de hipótese (cf. PRAT, 1912, p. 468), envolve os conflitos de poder entre diáconos e presbíteros. São notáveis justamente na Igreja de Roma. O conflito no séc. IV está documentado na discussão entre o *Ambrossiaster* (atuante por volta de 375) e Jerônimo († 420).

A importância dos diáconos em Roma pode ser visualizada quando se considera que a maioria dos bispos de Roma, até fins do séc. IX, foi eleita dentre os diáconos, o que era possível graças à prática, tradicional em Roma, da ordenação *per saltum*. A maior proximidade dos diáconos com o povo, sua atividade caritativa e catequética, que os aproximava do cotidiano das pessoas, e, por via de consequência, o conhecimento que assim adquiriam da comunidade, possibilitava que eles fossem mais populares e queridos que os presbíteros.

Uma primeira mostra do temor que inspirava seu poder é a redução do número de diáconos a sete, com base numa interpretação de At 6, já então contestada. O limite no número de diáconos obrigou a dar parte de suas funções a outros clérigos, especialmente aos subdiáconos (cf. ANDRIEU, 1947, p. 90-120).

Um segundo fator que se pode mencionar para o declínio do diaconado é o processo de sacralização e sacerdotalização do ministério, concentrado no padre. A entrada das massas na Igreja torna impossível a eucaristia presidida pelo bispo com seu presbitério, cercado pelos diáconos. A solução poderia ter sido a multiplicação de bispos. Em vez disso, preferiu-se redefinir a relação bispo–presbítero e, com isso, a ordem diaconal perde importância.

A partir do ano 500, quatro situações são possíveis para um diácono. Todas as quatro levarão a assumir o presbiterado. A primeira situação acontecia quando o diácono era enviado sozinho a uma comunidade sem padre. Nada mais natural que o próprio povo deseje que ele seja ordenado presbítero. A segunda situação ocorria quando o diácono ia para uma comunidade colaborar com um presbítero sobrecarregado de trabalho. Diante da baixa expectativa de vida na Idade Média, a morte do presbítero levava a Igreja a ordenar o diácono como presbítero, eis que ele



já adquirira experiência com o falecido, e era o que acontecia. A terceira situação era inerente ao exercício da função possível ao diácono servindo na Igreja do bispo. O Diácono acaba dedicando-se exclusivamente à liturgia, tornando-se excelente cantor (o *Exsultet* se torna tarefa do diácono) e some entre os cônegos do cabido, absorvido pelo clero da catedral. Por fim, a quarta situação, é tornar o diácono um arqui-diácono, isto é, o encarregado da formação do clero, com grande poder, tornando-se um verdadeiro vigário do bispo.

Diante da estranha situação de um diácono comandar o presbitério, a função de arqui-diácono acaba sendo atribuída a um presbítero. O Concílio de Trento praticamente a abolirá, criando a função de vigário geral e outros “oficiais” do bispo. A sacerdotalização do ministério culminará, na teologia escolástica, com a definição do ministério a partir do sacerdócio, com o que se desqualifica tanto o diácono quanto o bispo (cf. DE CLERCK, 1993, p. 27-47).

Outro fator, o terceiro, intimamente ligado aos dois anteriores (conflitos de poder entre diáconos e presbíteros e o processo de sacralização e sacerdotalização do ministério, que inclui a multiplicação das paróquias), decorre da “história da teologia sacramentária, atribuindo importância crescente à eucaristia, que, em regime de cristandade, por assim dizer suplantou o batismo e determinou uma polarização sobre o culto” (BORRAS, 2010, p. 76). A eucaristia é, cada vez mais, vista em si mesma e não em referência à Igreja. Com isso, o ministério passa a ser visto a partir do poder de consagrar.

O diácono, sem esse poder, pouco vale. Unido a essa visão teológica, surge um problema econômico: não recebendo estipêndios de missa, o diácono não tem sua subsistência assegurada. As numerosíssimas “fundações” de missas por falecidos garantia o sustento dos presbíteros que chegam a celebrar até três missas por dia (séc. XIII). Torna-se comum a missa sem comunidade, sem diácono, só com a participação de um ajudante. Não havia diáconos suficientes para tantas celebrações. Os presbíteros se multiplicam, sem que essa multiplicação tenha sido acompanhada do mesmo fenômeno no diaconado.

Um quarto fator é a transformação de duas dimensões essenciais que o diácono assumia na Igreja: a gestão dos bens econômicos e a caridade para com os pobres. Com o crescimento da Igreja e sua oficialização pelo Império, o patrimônio eclesial se tornara muito grande, sendo desaconselhável entregar a mãos inexperientes.

O Concílio de Calcedônia imporá aos bispos a nomeação de um ecônomo (que, de resto, pertenceria ao clero). O serviço da caridade será cada vez mais assumido pela Vida Religiosa nascente. O verdadeiro pobre agora é o monge que recebe esmolas para redistribuí-las aos miseráveis, que procuram a portaria do mosteiro. Assim, o diácono perde suas duas funções fundamentais.

Borras (2010, p. 76) ainda considera uma outra questão, que somente poderia agir se combinado com os demais fatores, isto é, “o sacrifício da continência só é consentido se, por outro lado, a função que ela possibilita é realmente capaz de valorizar e de se desenvolver”.

Pedro Lombardo († 1.160), o mestre das *Sentenças*, exalta o diaconado enquanto sacramento, mas só menciona suas funções litúrgicas:

[...] cabe ao diácono assistir o sacerdote e servir em tudo quanto trata dos sacramentos de Cristo: no batismo, na crisma, na patena e no cálice, também levar as ofertas e pô-las sobre o altar, arrumar a mesa do Senhor, vestir [ajudar o padre a paramentar-se], levar a cruz [processional] e pregar [ler] o Evangelho e a epístola para o povo [...] Cabe a ele, ainda, o ofício das preces e a recitação do nome dos catecúmenos. Admoesta que se tenha ouvidos para o Senhor, dá a paz e a anuncia (PEDRO LOMBARDO: *Sent.* 1.4, dist. 24, 8. *PL* 192, 903).

Tomás de Aquino não discorre sobre o sacramento da Ordem na *Suma Teológica*. Por isso, não tem um tratado sistemático do diaconado. Nos poucos textos em que se refere ao diaconado, retoma a tradição patrística (em especial o Pseudo-Dionísio). A função dos diáconos é “purificar”, como a do presbítero é “iluminar” e a do bispo “aperfeiçoar”. Purificam, “porque expulsam os impuros da assembleia dos fiéis ou os dispõem com santas admoestações a receberem os sacramentos afastando os impuros”.

O ministério da Palavra cabe ao diácono *per modum cathechizantis* (“à maneira de quem catequiza”), pois “ensinar, isto é, expor o Evangelho compete propriamente ao bispo”. Os diáconos têm, portanto, uma função de mediação “entre o sacerdote e o povo, como partícipes da força iluminadora própria do sacerdote”. Como diz Tomás de Aquino, nota-se a influência do Pseudo-Dionísio. Em síntese, o diaconado se torna, sobretudo, uma dignidade litúrgica e um degrau de passagem para o presbiterado.

O clero imperial abandonou progressivamente a dimensão do serviço, adotando a concepção do sacerdócio para todos os graus do ministério. Com a

sacerdotização do ministério, os presbíteros passaram a exercer funções reservadas aos bispos e aos diáconos. Ao mesmo tempo, receberam responsabilidades cada vez mais autônomas nos lugares onde atuavam. Para agravar essa situação, os diáconos tornaram-se subordinados aos presbíteros. Sem vinculação específica com a comunidade, nem ligação precisa com o bispo, acabaram não tendo mais função específica (cf. CTI, 2003, p. 521-614).

Como ressalta Alberigo, o Concílio de Trento, nos decretos de reforma, reprova a inexistência de representantes deste grau da hierarquia em muitas dioceses da Igreja Latina. Num decreto, exorta à restauração do diaconado permanente. Mas esse decreto ficou letra morta.

O primeiro Código de Direito Canônico, de 1917, ignorava o diaconado permanente e confirmava como letra morta o Decreto de Trento. A competência ordinária do diácono é reduzida a expor e repor o Santíssimo Sacramento (CIC 1917, cân. 1.274, 2).

Como já havia atestado o apóstolo Paulo, o ministério diaconal faz uma expressiva saudação aos bispos e aos diáconos (Fl 1,1). Nesse caso, os episcopos são os encarregados de assistir e dirigir a comunidade, enquanto os diáconos são seus assistentes imediatos. Já no período apostólico, o diácono aparece associado ao bispo: enquanto este serve a comunidade, aquele é seu auxiliar nesse serviço (TABORDA, 2011, p. 201).

Os termos *episcopos* e *diáconos*, mencionados na saudação paulina, provêm das expressões gregas – *episkopoi* e *diakonoi* – respectivamente. Taborda, para elucidar esses termos, faz uma breve explanação:

Ambos os termos (*episkopoi* e *diakonoi*) aparecem no plural, embora se refiram a uma só comunidade. O termo *episkopoi* evoca a ideia de pessoas que vigiam, que têm, pois, a supervisão da comunidade, um cargo de direção ou administração. Os *diakonoi* são os servidores da mesa. Significaria que se dedicam ao serviço dos pobres e necessitados? Ou servem à mesa no ágape comunitário? Ou servem o alimento eucarístico? Mas também poderiam ser servidores da Palavra, já que neste sentido Paulo usa frequentemente o termo em questão (TABORDA, 2011, p. 91).

Os ministérios instituídos no tempo apostólico se revestem, porém, de característica toda especial, pois ao mesmo tempo em que são realidades humanas, com a marca do seu tempo e da sua origem, têm, em última análise, fundamento na

vontade de Jesus Cristo. Goedert destaca a importância dos diversos ministérios nas comunidades primitivas:

Desde os tempos apostólicos, a Igreja conheceu larga variedade de funções, umas de cunho mais oficial, ligadas à coordenação e orientação das comunidades (ministérios ordenados ou hierárquicos), outras mais relacionadas às necessidades práticas das comunidades (GOERDET, 1995, p. 20).

A missão confiada por Cristo aos Apóstolos deve durar até o fim dos tempos (cf. Mt 28, 20). A Igreja entende que, em vista da supervisão ou pastorado das igrejas (*episkopè*), os apóstolos tenham estabelecido sucessores (Concílio Vaticano II). Assim, entre os ministérios, que desde os primeiros tempos são exercidos na Igreja, distinguem-se aqueles que foram constituídos como supervisores ou episcopos, em sucessão aos apóstolos (como ensinam as Igrejas latina e orientais). Por isso, os bispos, por instituição divina, sucedem aos Apóstolos como pastores da Igreja (LG 20). Divinamente instituído, o ministério eclesiástico é exercido em diversas ordens por aqueles que desde a antiguidade são chamados bispos, presbíteros e diáconos (LG 28). O Concílio Vaticano II reconhece como instituição divina o ministério eclesiástico, que encontra sua expressão máxima no múnus episcopal. A tríplice forma de exercício desse ministério (bispo, presbítero, diácono) é de instituição eclesiástica. A diaconia na Sagrada Escritura e na teologia da Igreja primitiva surge como uma característica do cristão enquanto tal: um modo de ser, uma realidade existencial do cristão. Mas deve caracterizar, sobretudo, aqueles que são constituídos pastores do Povo de Deus (LG 24).

Sendo a Igreja ícone da Trindade e, por isso mesmo, templo do Espírito – pois na comunidade dos batizados o Espírito manifesta a cada um os dons necessários para o bem de todos – não se pode compreender o ministério diaconal dissociado de uma comunidade eminentemente carismática, isto é, uma comunidade conduzida e dinamizada pelo Espírito, na qual dons e carismas concorrem para edificar e testemunhar o advento do Reino de Deus, no presente e futuro da Igreja:

O dom não é considerado pela satisfação que dá ao sujeito: o que se estima no dom é o serviço que presta: os dons correspondem a diversos papéis sociais, diversos papéis que concorrem para a “construção” da comunidade. (...) Na medida em que os dons são considerados como ministérios, eles cabem dentro da perspectiva do Povo de Deus, quer dizer, do futuro que há de ser edificado. Os vários dons são formas da “palavra” que procede do Espírito e constrói o Povo de Deus (COMBLIN, 1978, p. 94-95).

Dentro dessa visão geral da diaconia, o Novo Testamento revela a existência de serviços especializados em favor da comunidade. Dentre os vários ministérios, merecem particular menção os apóstolos, os profetas, os doutores e os evangelistas (1Cor 12,28; Ef 4,11). Além desses, destacam-se também outros ministérios: mestres e pastores (Ef 4, 11; 1 Pd 5, 2-4); ministros e diáconos (Fl 1, 1; 1 Tm 3, 8ss); presbíteros ou anciãos (At 11,30; 1Tm 4,14; Tg 5,14; 1Pd 5,11); bispos ou supervisores (At 20,28; Fl 1,1; Tt 1,7):

A maioria dos autores, contudo, reduz a três lugares a menção de diáconos no Novo Testamento: Fl 1, 1; 1 Tm 3, 8.12. “Diferente de todos os usos gerais de *diákonos* é a aplicação do termo ao possuidor de determinado encargo na comunidade. Este uso encontra-se em passagens onde vemos o lento aparecimento de uma organização eclesial, isto é, nas passagens onde a Vulgata adotou o termo latino *diaconus* (Fl 1, 1; 1 Tm 3, 8.12), enquanto que, de modo geral, ela traduz *diákonos* por *minister*” (ALMEIDA, 2011, p.366).

Desde o período dos Santos Padres, é possível inferir a tendência à institucionalização dos ministérios com predominância da forma tripartite (diáconos, presbíteros, episcopos). A distinção entre funções sacramentais e não sacramentais, entre ministros ordenados e não ordenados, vai sempre mais consolidar com o processo histórico de institucionalização da própria Igreja. A diferença entre essas duas realidades ministeriais (ministérios ordenados e não ordenados), no entanto, não está no valor pessoal nem no campo de ação ou no gênero de vida. É uma diferença de responsabilidade, não apenas de grau, mas de natureza, dirá o Concílio Vaticano II (LG 10), embora se ordenem um ao outro. Configura-se como algo de essencial, que diz respeito à estrutura da Igreja. Os ministérios ordenados e os não ordenados se relacionam mutuamente, mas não se confundem, não se reduzem um ao outro. Por natureza, são funções diversamente exercidas, buscando todas, porém, o mesmo objetivo: a construção do corpo de Cristo.

O Concílio Vaticano II retoma o conceito de serviço como vocação de todo o povo de Deus. Somente a partir dessa visão é possível criar espaço para outros ministérios permanentes na Igreja, além do episcopado e do presbiterado. A Igreja como realidade dinâmica que se constrói numa perspectiva escatológica, comporta uma variedade de ministérios que constantemente a edificam. Entre a comunidade

eclesial e os ministérios, como também entre os vários ministérios, existe o contínuo esforço de comunhão e participação. Como observa Congar:

Não se pode considerar os ministérios, senão como uma estruturação no seio de uma comunidade cristã qualificada e viva. O ministério não cria a comunidade como vindo de fora ou de cima. É inserido nela pelo Senhor, a fim de dar-lhe a vida e constituí-la. Nem sequer se pode dizer que os ministérios emanam da comunidade, ao menos não se pode dizer de maneira simples. Existe, ainda, um segundo sentido, pelo qual os ministérios não só provêm da Igreja, mas são constituídos pela Igreja, representando e personificando a comunidade (CONGAR, 1973 p. 35-36.).

Em síntese, os dados expostos demonstram que o diaconado é um ministério presente desde o nascimento das primeiras comunidades cristãs, conduzido pela ação do Espírito, para servir. Nisto convergem os escritos dos Santos Padres, sobretudo nos primeiros cinco séculos da era cristã. Nem mesmo os quinze séculos que se passaram – do declínio desse ministério no século V até chegar aos debates conciliares que o restabeleceram no final do século XX – foram suficientes para garantir seu ofuscamento, considerando a intensidade da luz desse servir ao Reino de Deus.

## **1.2 O RESTABELECIMENTO CONCILIAR DO DIACONADO**

Inicialmente, cabe lembrar que o Concílio de Trento (1563), naquilo “que diz respeito ao diácono, [...] pretendeu restaurá-lo respeitando sua própria natureza e funções na Igreja, mas não o concretizou de fato”. Tais propósitos “não passaram de belas intenções”, restando “como contribuição para a história do diaconato e para lembrar uma incipiente tentativa de restauração”. Na realidade, o conflito a ser priorizado em Trento seria o de “assegurar a hierarquia clerical e a força do presbiterado diante da reforma protestante.” Desta forma, “o diaconato restou apenas como o grau transitório para aceder ao presbiterado” (MICHELETTI, 2018, p. 47).

Depois de mais de trezentos anos do encerramento do Concílio de Trento, foi aberta pelo papa Pio IX a assembleia do Concílio Vaticano I, em 08.12.1869, sendo encerrado na data de 18.12.1870, sem chegar ao seu fim “devido à guerra franco-prussiana” (SOUZA, 2013, p. 64), onde não apareceu nada referente ao diaconado

permanente. E, após quase noventa e dois anos, um novo Concílio abriu “as janelas para arejar a Igreja”, onde o diaconado permanente recebeu atenção distinta.

### 1.2.1 O Concílio Vaticano II e o Diaconado Permanente: proposições

O Concílio Ecumênico Vaticano II, precedido de três anos de “preparação laboriosa”, iniciou-se em 11 de outubro de 1962, inaugurado por João XXIII, na presença de 2.500 bispos e cardeais de todo o planeta, sendo que as “proposições mais importantes foram distribuídas em cinco itens; entre eles, devia tratar-se do ‘restabelecimento do diaconato’” (MICHELETTI, 2018, p. 52). A morte de João XXIII, em 03 de junho de 1963, suspendeu os trabalhos desse Concílio. A eleição de seu sucessor, Paulo VI, em 21 de junho de 1963, implicou na continuação, com a realização de mais três de suas quatro sessões, e sua conclusão em 08 de dezembro de 1965.

Conforme destaca Borrás (2010, p. 11), a “expressão ‘diaconato permanente’ não se encontra nos documentos do Concílio Vaticano II, mas aparece, em seguida, nos documentos do magistério”, tais como o *motu proprio* de Paulo VI *Sacrum Diaconatus Ordinem*, de 1967, o *Ad Pascendum*, de 1972, o Código de Direito Canônico latino, de 1983, e o Catecismo da Igreja Católica, de 1992.

Quanto à decisão de restabelecimento do diaconado tomada no Concílio, Borrás (2010, p. 7, nota 1), observa:

1. Já no início da segunda sessão do Concílio, a partir de 4 de outubro de 1963, ocorreu a discussão pública sobre o assunto, com base em um esquema a respeito da Igreja; esse esquema foi redigido pela comissão teológica, a pedido da comissão de coordenação, em consequência da rejeição, no ano anterior, por parte da assembleia, do primeiro esquema, que não continha nenhuma alusão ao diaconato. O cardeal L. J. Suenens propôs então um voto indicativo para as diversas questões vivamente debatidas pelos padres conciliares, entre as quais o diaconato.

E continua, destacando que na votação realizada “em 29 de outubro, o escrutínio sobre o restabelecimento de um diaconato casado recolheu 1.588 votos favoráveis de um total de 2.120 votantes” (BORRAS, 2010, p. 7). Ainda Borrás (2010, p. 7), comentando a realização da terceira sessão conciliar, registra outros dados sobre a votação desse tema:

No ano seguinte, já na abertura da terceira sessão, a assembleia plenária teve de se pronunciar sobre o voto concernente ao diaconato, reelaborado nesse meio-tempo. Em 21 de setembro de 1964 foram votadas as diversas partes do voto (futura *Lumen gentium* 29). A descrição das funções diaconais recolheu 2.055 votos de um total de 2.152 votantes. A admissão de diáconos casados, de idade madura, foi aprovada por 1.598 padres entre 2.229. A eventualidade de aceitar homens jovens não obrigados ao celibato foi afastada por 1.364 votos de um total de 2.211 votantes.

Enfim, “a título de indicação, a constituição *Lumen Gentium* foi globalmente aprovada e promulgada em 21 de novembro de 1964” (BORRAS, 2010, p. 7).

A questão do diaconato permanente, portanto, distinta do diaconato transitório (enquanto passagem para o presbiterado), restou inserida em diversos documentos conciliares, isto é, foi apresentado nos “seguintes tópicos”:

Tabela 1 - Documentos conciliares que diferenciam diaconato permanente do diaconato transitório

**Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**

Natureza do diaconato: LG 20c; LG 24b; LG 29a; CD 15a.

Restauração do diaconato: LG 29b; AG 16f; OE 17.

O ministério diaconal: LG 29a; AG 16f; SC 35, 4; DV 25a.

Santidade dos diáconos: LG 41; LG 29a.

Regulamentação da vida diaconal: LG 29b.

Fonte: Adaptado de MICHELETTI (2018, p. 60)

Segundo Micheletti (2018, p. 67), “o expressivo impulso que o concílio iniciou sobre a pessoa e o ministério dos DP para a Igreja, fez com numerosos episcopados propuseram oportunos elementos normativos e pontos de referência para a futura formação da vida diaconal”.

Depois de um período de experimentação pós-conciliar do ministério diaconal, em razão de que o Vaticano II restabeleceu tal ministério na Igreja deixando para que cada Diocese o restabeleça localmente quando julgar conveniente e oportuno, surgiram dois importantes documentos advindos da Congregação para a Educação Católica e para o Clero, publicados no ano de 1998, quais sejam, as Normas Básicas da Formação para os Diáconos Permanentes (*Ratio fundamentalis institutionis diaconorum permanentium*) e o Diretório para o ministério e a vida dos diáconos permanentes (*Directorium pro ministério et vita diaconorum permanentium*).



De acordo com Micheletti (2018), tais documentos tem um significativo caráter de continuidade programática:

Amboos os documentos apresentavam uma continuidade programática e, por isso, deviam aplicar-se de modo integral; a *Ratio* oferece um marco orientativo para a formação dos diáconos; ela serve de diretriz para que as diferentes conferências episcopais elaborem as próprias diretrizes nacionais. O diretório reveste um caráter jurídico vinculante naqueles pontos em que se recordam as normas disciplinares do Código de Direito Canônico, para determinar os modos de execução das leis universais da Igreja; outros aspectos devem ser adaptados às necessidades ou particularidades das concretas dioceses (MICHELETTI, 2018, p. 67-68)

Enfim, é sempre adequado recordar, que os “textos fundadores lembram que ele [o diácono] está a serviço do bispo e deu seu presbitério. No entanto, nem o Concílio nem os rituais falam de subordinação do diácono ao padre” (BORRAS, 2010, p. 211-212).

### **1.2.2 Antecedentes históricos à decisão conciliar**

O Concílio Vaticano II, numa perspectiva remota, foi precedido de diversas questões, internas e externas à Igreja que, de alguma forma, contribuíram para o desenrolar dos debates entre os padres conciliares. Os pesquisadores desses aspectos apontam para o fato de que

Desde os pontificados de Pio XI e Pio XII, a Igreja vinha experimentando debates e expectativas de mudança, desafiada pela modernidade que avançava. Nas décadas anteriores ao Concílio, vários movimentos promoveram a “volta às fontes” e a renovação da consciência eclesial, no campo bíblico, litúrgico, ecumênico, missionário e catequético. O Vaticano II realiza-se, enfim, como evento e processo: assinala o ser e agir da Igreja e abre novas vias de testemunho e diálogo, alcançando nossos dias (SOUZA, 2013, p. 63).

As mazelas provocadas pelo caos da primeira Guerra Mundial (1914-1918), tiveram impacto significativo nas linhas de pensamento do Concílio Vaticano II, pois colocaram os valores da modernidade sob intenso ataque, tais como, a

absolutização moderna da razão, do progresso, da nação e da indústria. A total crença na razão, no progresso, no nacionalismo, no capitalismo e no socialismo fracassara. A Europa estava pagando um preço alto com os movimentos reacionários do fascismo, nazismo e comunismo. Esses

movimentos idealizavam de maneira moderna, a raça, a classe, e seus líderes impediram uma ordem mundial nova e melhor (SOUZA, 2013, 66).

A sociedade global enfrentou ainda a experiência de um segundo conflito bélico mundial e se ressentia das consequências nefastas, inclusive aquelas geradas pelas sombras dos campos de extermínio, o que também gerou iniciativas caritativas, despertando no âmbito eclesial e fazendo crescer “a percepção da importância que acarretaria para a Igreja e para o mundo recuperar o ministério diaconal, no intuito de atender em todo o momento e circunstância aos mais afastados e fragilizados” (MICHELETTI, 2018, p. 49).

Depois do término da Segunda Guerra Mundial, “constituíram-se grupos de cristãos que queriam concretizar aquela feliz intuição do serviço diaconal: alguns grupos chamados de ‘círculos diaconais’ surgiram vinculados a Caritas, especialmente na Alemanha” (MICHELETTI, 2018, p. 49).

Por outro lado, numa perspectiva mais próxima, isto é, a partir da convocação do Concílio Vaticano II, que ocorreu no mês de janeiro do ano de 1959, a comissão “ante-preparatória” realizou uma “sondagem preliminar” junto a “bispos, superiores religiosos e as universidades católicas acerca dos temas a submeter ao Concílio”. O resultado dessa consulta “permitiu juntar 2.150 sugestões, contidas em cerca de 1500 respostas, algumas das quais coletivas. Delas resultaram 341 reações favoráveis ao diaconado permanente; 222 encorajavam, além disso, a ordenação de homens casados, ao passo que 12 eram abertamente contrárias” (PETROLINO, 2007, p. 26 e 28). Já na fase das comissões que preparavam o evento conciliar, a partir das “sugestões dos bispos, três das dez comissões preparatórias foram designados para examinarem a questão do diaconado” (PETROLINO, 2007, p. 26).

As questões históricas, internas e ou externas, remotas ou próximas, que antecederam os debates dos padres conciliares, certamente avançaram significativamente em relação ao restabelecimento do diaconado permanente, porque souberam ouvir o sopro do Espírito, o que não deveria ser esquecido no futuro, sob pena de desconsiderar “a novidade, as modificações, os cortes culturais da história e suas condições sociais” (SOUZA, 2013, p. 79), pois “o vento sopra onde quer, você ouve o barulho, mas não sabe de onde ele vem, nem para onde vai. Acontece a mesma coisa com quem nasceu do Espírito” (cf. Jo 3, 8).

### 1.2.3O diaconado no debate pós-conciliar: identidade e lugar eclesial

O Concílio Vaticano II, fazendo uma releitura da Patrística e promovendo a volta às fontes, coloca, a partir da sua eclesiologia e compreensão da ministerialidade da Igreja, em evidência o serviço do Povo de Deus. Isso torna clara a distinção entre “sacerdócio ministerial” e “ministério-serviço”. Trata-se de graus de participação diferentes no único sacerdócio de Cristo. Mas, não é como se ministério e sacerdócio fossem duas coisas paralelas ou dois componentes do ministério do bispo.

No entendimento sobre a ministerialidade da Igreja, o Concílio compreende que existe um ministério que ora age na dimensão sacramental de Cristo-Servo, ora age na dimensão sacramental de Cristo sacerdote. No entanto, não são duas realidades distintas e separadas, mas dimensões do agir de Cristo-Servo-Sacerdote. Agir que tem lugar na ação conjunta de bispo, presbítero e diácono.

O grande desafio proposto pelo Concílio é devolver a força sacramental ao ministério ordenado. Desta forma, ao torná-lo sinal de serviço e não de poder, ele faz com que o homem de hoje possa aceitá-lo. O Vaticano II reafirma que o sacramento da Ordem é único. Dessa unidade sacramental participam realmente, e de forma própria, o episcopado, o presbiterado e o diaconato.

A participação no mesmo sacramento deve levar a uma vivência colegiada da Ordem. A unidade no sacramento traz como consequência o fortalecimento da fraternidade. Perceber a estrutura tripartite do sacramento simplesmente como funcional, hierárquica, e de afirmação de poder, descaracteriza completamente o ministério ordenado, torna-o ministério da unidade e da caridade.

Outro aspecto teológico que destacamos a respeito do diaconado no Vaticano II, é que todo sacramento é graça de Deus. Os diáconos, ao receberem o sacramento da ordem, são fortalecidos com a graça sacramental. O diaconato é graça e dom do Espírito Santo para a sua Igreja e aqui está outra grande novidade: o sacramento da ordem como carisma e não apenas como *poder*. O carisma do diácono é ser sinal sacramental de Cristo-Servo e animador do serviço na comunidade cristã. A graça sacramental do diaconato faz sentir os seus efeitos, em primeiro lugar, no próprio diácono, depois na própria família, na comunidade onde serve, e na comunidade do ministério ordenado (LG 20c; LG 24b; LG 29a; CD 15a).

Na compreensão cristã, o serviço é muito mais que uma boa ação. Ele está revestido de um caráter sacramental, é o sinal e o instrumento do serviço de Jesus Cristo e de seu Reino no mundo. Além de ser uma ação permeada pela graça, a diaconia se insere no horizonte da fé e opera pela caridade.

A Igreja, traz o caráter sacramental do serviço e da caridade enquanto sinal concreto da ação de Jesus no mundo. Jesus, ungido no Espírito Santo é o fundador e o fundamento, com o mistério pascal a manifestar a Igreja ao mundo. Assim sendo, a sua ação se expressa no serviço dispensado à humanidade, em especial no serviço aos mais pobres e excluídos da sociedade. Ao descrever o caráter sacramental da Igreja, Brighenti afirma:

Da mesma forma que Jesus tem, em seu serviço, a atestação do seu messianismo e de presença do Reino no mundo, a Igreja é um sacramento crível, na medida em que também ela se fizer testemunha e extensão dos sinais realizados por Jesus. Se a ação da igreja não for eficaz na história, ela perde seu caráter sacramental, de continuidade da obra redentora de Jesus. A Igreja, como instituição do tempo intermédio – entre a inauguração e a consumação do Reino de Deus na meta história – existe para servir a toda a humanidade. Não se trata de qualquer serviço, mas de uma “ação sacramento” de um Reino do qual ela é sinal e instrumento. Como se trata da salvação do mundo – de toda a humanidade e da obra da criação – seu serviço vai além de uma ação individual. Reveste-se de um caráter social, estrutural, libertador (BRIGHENTI, 2006, p. 132).

Nessa linha de pensamento, também a fonte joanina, no texto do lava-pés (Jo 13, 1-20), revela que o serviço aos irmãos é prática irrenunciável para a comunidade dos discípulos de Jesus, inerente à identidade cristã. Pois servir, como quem lava os pés aos demais, é memorial daquilo que o Mestre e Senhor veio fazendo em favor dos discípulos. O gesto de Jesus não deve ser entendido como novo ritual que estaria sendo instituído, mas valor a ser praticado na comunidade. Jesus se comporta como pedagogo e exemplo de serviço. Este é exatamente o entendimento de Pedro, que precisa ser corrigido, naquela primeira reação ao gesto do Mestre. Em seu último encontro com os discípulos, Jesus mostra que sua obra procurou instituir um novo modo de ser, junto aos irmãos e diante do mundo organizado em valores como a desigualdade e a dominação: “Vós deveis também lavar os pés uns dos outros. [...] Felizes sereis, se assim praticardes” (Jo 13,14.17).

A fonte lucana, por sua vez, enfatiza a constituição pneumatológica da Igreja e dos ministérios, de modo que o servir expressa a unção recebida. Esta impositação está clara em Lc 4,1-13 (relação de Jesus com o Pai), em seguida nos v. 14-21

(unção messiânica e agir profético). Jesus é chancelado pelo Espírito, do Qual está “repleto” (Lc 4,1). Esta perspectiva pneumatológica se confirma nos Atos dos Apóstolos: Jesus promete o Paráclito que fará dos “servos e servas” (At 2,18) sujeitos “repletos do Espírito Santo” como Ele: assim os apóstolos em At 2,4; e os diáconos em At 6,3. A unção qualifica o tempo da Igreja com servos e profetas “cheios do Espírito Santo” (*plèreis Pnêumatos*) à semelhança de Jesus (cf. SCHWEIZER, 1971, p. 146-150).

Sensível aos sinais dos tempos e aos apelos do Espírito Santo na História, o Concílio Vaticano II introduziu duas categorias que ajudam a expressar melhor a diaconia da Igreja em dois âmbitos distintos: os serviços *ad intra* e *ad extra*. Segundo essa classificação, os primeiros estão voltados para o interior da Igreja, para que ela possa ser testemunha da vivência da fé no mundo; os segundos, têm a finalidade, como diz a *Gaudium et Spes*, de “oferecer ao gênero humano a sincera colaboração da igreja para alcançar a fraternidade universal” (n. 1). Para Brighenti, os serviços de caráter *ad intra* podem ser definidos nos seguintes termos:

[...] as diferentes iniciativas para vivência pessoal e comunitária do tríplice ministério recebido no batismo – a pastoral profética, a pastoral litúrgica e a pastoral da caridade; e os diversos setores de pastoral, necessários para a realização efetiva do tríplice ministério; os diferentes ministérios, expressão da diversidade dos carismas postos a serviço da comunidade; a ação social, expressão da comunhão de bens e da solidariedade interna, enquanto condição para o testemunho de uma comunidade fraterna; a atenção aos mais desvalidos da comunidade; enfim, os ministérios da coordenação, da presidência e da animação da comunidade, em vista de um testemunho de comunhão. Papel importante, também, cumprem os serviços voltados para a educação, capacitação e formação na fé, em vista dos serviços *ad intra* e *ad extra* (BRIGHENTI, 2006, p.134).

A partir da compreensão de que os serviços *ad extra* se expressam na presença da Igreja, em colaboração com todas as pessoas de boa vontade, em favor da edificação do Reino de Deus a partir desse mundo, Brighenti descreve a dimensão *ad extra*:

[...] estão os serviços na promoção da solidariedade com os excluídos e desvalidos da sociedade, para além dos membros da Igreja. A solidariedade é a expressão da compaixão de Deus, sensível ao grito dos indefesos e injustiçados. Também não se pode esquecer do profetismo, da presença pública da Igreja, do seu dever de anúncio e denúncia, desde a liberdade da Palavra. Os serviços eclesiais *ad extra* assumem, hoje o caráter de “pastoral social”, em seus diferentes serviços, enquanto respostas às necessidades concretas das pessoas, em especial os mais pobres (BRIGHENTI, 2006, p. 135).

Por outro lado, percebendo os grandes desafios da mudança de época (cf. DAp 44) que por ora atravessa-se, faz-se necessário forjar uma nova compreensão e assimilação dos diversos serviços. Para passar da pastoral de conservação ou manutenção para uma ação ministerial e missionária, que qualifica o povo de Deus como povo missionário, é preciso entender que isso ocorre somente pela ação do Espírito, que põe a Igreja em saída.

Esta firme decisão missionária deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais de dioceses, paróquias, comunidades religiosas, movimentos e de qualquer instituição da Igreja. Nenhuma comunidade deve se isentar de entrar decididamente, com todas suas forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé. (DAp 365).

A diaconia quer dizer serviço, e o diácono é um servidor. A dimensão ministerial da Igreja é uma questão de diaconia. A Igreja não existe para si mesma, senão para servir a toda a humanidade. Isto é o próprio Cristo quem afirma: “Vim para servir e não para ser servido” (Mc 10,45). Não se pode entender nem viver a ministerialidade da Igreja sem assimilação do Espírito de diaconia:

A diaconia é uma das dimensões da ação pastoral da comunidade. O Concílio Vaticano II representou toda a Igreja sob o signo da diaconia. No Novo Testamento destacamos a diaconia como elemento matriz do qual vão nascer todos os ministérios da Igreja. Cristo é a fonte e matriz da diaconia. Dentro desta matriz está o primeiro elemento teológico, o mais importante, o fundamental, do qual decorrem todos os outros, a diaconia de Cristo. A diaconia de Cristo não se limita a um conjunto de atividades caritativas para com o próximo, mas é o ato sacerdotal de Cristo por excelência, sua morte redentora, que é apresentada como um serviço (DURÁN, 2008, p. 38-39).

A diaconia, extensamente compreendida a partir de Jesus, envolve a vida toda das primeiras comunidades cristãs. Nesse quadro, como uma vez se falava da mesa, destaca-se também a diaconia da coleta. Esta diaconia transcende o ato puramente material de recolher dinheiro, fazendo-se comunhão (*koinonia*) onde se verificam a liturgia, a graça e a bênção. Esta diaconia vai além do serviço doméstico; transforma-se em meio de salvação, já que é um serviço guiado por Deus e pelo seu Espírito. É realizada em nome de Cristo, ordenado à santificação e comunhão dos fiéis. Assim, anuncia-se o vínculo entre *diaconia* e *koinonia*, entre serviço e comunhão, tendo no Espírito Santo seu agente.

Além disso, a diaconia no Novo Testamento é por vezes mencionada como exercício expresso do ministério do diácono. Embora os textos de Fl 1, 1 e 1Tm 3, 8-12 não oferecem muitos elementos sobre suas funções, do contexto geral pode se inferir que os diáconos aparecem ao lado dos bispos e presbíteros, numa posição “inferior”, isto é, não para presidir, mas para servir, com funções que foram sensivelmente similares: governo, pregação, assistência caritativa e organização do culto eucarístico (HANN, 2018, p. 25). O Documento de Aparecida valoriza a experiência das primeiras comunidades à luz de Pentecostes:

A partir de Pentecostes, a Igreja experimenta de imediato fecundas irrupções do Espírito, vitalidade divina que se expressa em diversos dons e carismas (cf. 1 Cor 12, 1-11) e variados ofícios que edificam a Igreja e servem à evangelização (cf. 1 Cor 12, 28-29). Através destes dons, a Igreja propaga o ministério salvífico do Senhor até que Ele de novo se manifeste no final dos tempos (cf. 1 Cor 1, 6-7). O Espírito na Igreja forja missionários decididos e valentes como Pedro (cf. At 4, 13) e Paulo (cf. At 13, 9), indica os lugares que devem ser evangelizados e escolhe aqueles que devem fazê-lo (cf. At 13, 2) (DAp, n. 150).

Esta abordagem nos remete ao *Documento de Puebla* n. 220 e 348 – onde se diz que o Espírito de Pentecostes anima a missão e o serviço – que, por sua vez, reenvia a *Ad Gentes* 2-3 na voz de *Evangelii Nuntiandi* 14 e 75 (citado nos mesmos números de Puebla). A linha bíblica seguida nos documentos aponta às primeiras comunidades cristãs, sob a luz de Pentecostes, como ocorre em *Lumen Gentium* 4 (cf. MAÇANEIRO, 2019, p. 328-334). A teologia pós-conciliar é significativamente reforçada pelas bases da Igreja Antiga e pelos fundamentos da Patrística, em razão de que as proposições do Vaticano II lançam raízes nessas experiências. Por isto, retoma-se, por necessidade de argumentação, a discussão presente na Igreja Antiga em alguns pontos úteis ao diaconado.

Na Igreja Antiga destacam-se três elementos teológicos: a configuração do ministério diaconal como ministério, o significativo e estreito relacionamento do ministério diaconal com a eucaristia, e a distinção entre ministério diaconal e sacerdócio ministerial. Já a respeito do lugar teológico do diácono dentro da hierarquia, a Igreja Antiga continuou a tradição apostólica, porém iniciou um caminho de estruturação e institucionalização dos ministérios. A distinção dos três graus ministeriais é progressiva. Inácio de Antioquia dizia: “Todos devem reverenciar aos diáconos como a Jesus Cristo, ao bispo como a imagem do Pai, aos presbíteros como ao senado de Deus e ao colégio dos Apóstolos” (LIMA, 2019).

Inácio de Antioquia faz uma clara distinção, primeiro entre hierarquia e fiéis, e depois o ministério hierárquico tripartite. O ministério hierárquico tem um caráter presidencial. A tarefa da hierarquia é presidir a caridade e promover a concórdia. Para Inácio, a obra do diácono não é só uma ajuda ao próximo, mas torna visível Deus Pai, já que ela é extremamente salvífica. É um sinal da caridade divina para com a humanidade. A “tripartição” inaciana do ministério ordenado, em que o bispo tem a plenitude do ministério e, como seus colaboradores, os presbíteros e os diáconos, permanece na Igreja até os dias atuais.

Durante o período da Igreja Antiga encontramos como uma constante este elemento da relação da diaconia da caridade com a eucaristia. Podemos verificar que este ministério não é exclusivo do diácono, não é próprio nem independente: é sempre desempenhado em nome, no lugar e sob a direção do bispo.

Providencial e muito frutífera teologicamente foi a frase de Hipólito de Roma, segundo o qual, aos diáconos lhes são impostas as mãos não para o sacerdócio, mas para o ministério. Há distinção entre sacerdócio e ministério (cf. *Testamento do Senhor I*, 33-38).

Ao participar da graça sacramental, que é propriamente a ação do Espírito Santo invocado na ordenação, o diácono é constituído como ministro da Igreja, “cheio do Espírito para servir” (At 6,3). Os sete homens dirigirão um novo estilo de comunidade, pois são escolhidos pela comunidade. De boa fama, cheios do Espírito e de sabedoria, estes mesmos critérios são exigidos para escolher um bispo ou diácono (cf. 1Tm, 3). A imposição das mãos indica a transmissão do dom que a pessoa possui. Ou seja, os Sete têm agora o mesmo poder e carisma dos Doze. Estão preparados para conduzir comunidades seguindo o Espírito de Jesus (cf. STORNILO, 1993, p. 70-71).

Neste sentido, o ministério diaconal se situa na perspectiva da missão, numa Igreja em saída, na qual cada ministério e carisma se complementam na criatividade permanente do Espírito, que sempre renova a Igreja e os seus ministros.

A conversão pessoal desperta a capacidade de submeter tudo a serviço da instauração do reino da vida. Os bispos, presbíteros, diáconos permanentes, consagrados e consagradas, leigos e leigas, são chamados a assumir uma atitude de permanente conversão pastoral, que envolve escutar com atenção e discernir “o que o Espírito está dizendo às Igrejas” (Ap 2, 29) através dos sinais dos tempos nos quais Deus se manifesta (DAp, n. 366).



Enfim, todos aqueles que recebem o sacramento da Ordem passam “a se diferenciar ontologicamente dos batizados em suas ações e tarefas por força do caráter indelével que os constitui ministros sagrados para o serviço ao povo de Deus” (BENDINELLI, 2018, p. 59).

#### **1.2.4 Avanços e limites: identidade e exercício**

A razão de existir do ministério diaconal, portanto, especificamente, a questão de sua identidade, e o lugar que o diaconado ocupa na estrutura eclesial nesse limiar do terceiro milênio, isto é, o seu efetivo exercício, continuam sendo objetos de reflexões profundas por parte da Igreja, onde a ênfase tem seu núcleo na característica do perfil missionário, já que as paróquias, sob o encargo dos presbíteros, atuam prioritariamente na esfera pastoral.

Os avanços nas perspectivas da identidade e do exercício desse ministério ordenado, depois de seu restabelecimento pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, são significativos e transparece que o atrelamento contemporâneo ao presbiterado será bastante flexibilizado nesse Terceiro Milênio. Como diz Borrás (2010, p. 203), “o primeiro milênio foi o do sacramento do batismo e o segundo da eucaristia, deve-se esperar que o terceiro seja o dos ministérios?”.

Segundo Micheletti (2018, p. 70), foi produtiva “a divulgação da teologia do ministério diaconal por parte dos bispos das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e Caribenho”. Ele afirma:

Medellín tratou sobre o diácono, animador das pequenas comunidades; Puebla: o diácono, protagonista de uma Igreja servidora; Santo Domingo: diáconos, ministros da comunhão; enfim, Aparecida: o diácono a caminho das novas fronteiras da missão. (MICHELETTI, 2018, p. 70)

O apoio significativo para a implantação do ministério diaconal na Igreja Católica no Brasil foi dado por Dom Luciano Mendes de Almeida, que era uma presença constante e profícua em suas inúmeras reflexões junto aos encontros nacionais do diaconado permanente. Mas, no final da década de 1960, o ministério diaconal ainda era praticamente desconhecido, sendo raras as experiências nesse campo pastoral, porque a grande maioria dos bispos não “enxergavam o diaconado

como uma resposta eficiente às necessidades da evangelização da sociedade moderna”.

Nos anos 1970 ocorreram algumas ordenações, predominantemente na região Sul, mas os diáconos “sentiam-se isolados”, em razão de que não eram acolhidos nem pelo presbitério nem pela comunidade”. Nos anos 1980 nasce a Comissão Nacional dos Diáconos (CND), iniciando-se uma fase de articulações para canalizar os interesses dos diáconos permanentes em todos os níveis, buscando a formação adequada para os candidatos.

Nos anos 1990, a CND passou a fazer parte da Comissão de Ministérios e Vocações, do Conselho Episcopal de Pastoral e a participar das Assembleias Gerais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Nos anos 2000, foram aprovadas as Diretrizes para o Diaconato Permanente – Formação, Vida e Ministério do Diácono Permanente da Igreja no Brasil, documento da CNBB 74 e, também, os diáconos permanentes tiveram um desenvolvimento numérico e qualitativo no Brasil (cf. MICHELETTI, 2018, p. 69-70).

Nos anos 2010, foram aprovadas as novas Diretrizes para o Diaconato Permanente da Igreja no Brasil. Formação, Vida e Ministério, documento da CNBB 96, destacando-se a busca pelo aprimoramento na formação dos candidatos.

No tópico que será desenvolvido a seguir, demonstrar-se-á mais especificamente a caminhada do diaconato permanente no Brasil durante cinquenta anos, contados a partir do restabelecimento da Ordem diaconal pelo Concílio Vaticano II, a ser exercida em caráter de permanência por homens casados, com suas sombras e luzes.

### **1.3 O RESTABELECIMENTO DO DIACONADO NO BRASIL (1965-2015)**

Consta no Documento 96, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que trata das Diretrizes para o Diaconato Permanente da Igreja no Brasil: Formação, Vida e Ministério, a assertiva de que o "ministério diaconal, nos primeiros séculos, assume particularmente a dimensão da caridade. Em seguida, vem o serviço do culto e da pastoral" (DD, 2012, p. 14).

Tais Diretrizes são um aperfeiçoamento das *Rationem institutionis diaconalis* aprovadas na 41ª Assembleia Geral da CNBB, em 2003, então ratificadas pela

Congregação para o Clero e a Congregação para a Educação Católica, no mesmo ano.

Ocorre que já se passaram cinquenta anos do restabelecimento do diaconado pelo Concílio Vaticano II e alguns questionamentos atuais sobre a evolução da vocação diaconal no Brasil, com seus avanços e conquistas, com suas dificuldades e angústias, durante meio século, também podem ser extraídas do subsídio destinado à reflexão dos diáconos que participaram da 10ª Assembleia Geral, evento promovido pela Comissão Nacional dos Diáconos (CND), uma assembleia comemorativa dos cinquenta anos do restabelecimento do diaconado pelo Concílio Vaticano II, realizada nos dias 23 a 26 de abril de 2015, em Aparecida, Estado de São Paulo.

A proposta de trabalho, consolidada pelo diácono permanente Durán y Durán, foi a de elucidar de onde partimos e aonde chegamos, eis que é necessário e salutar conhecer a trajetória percorrida e tomar consciência do ponto onde nos encontramos. Só assim teremos condições de enxergar novas metas para o futuro (cf. DURÁN, 2015, p. 35).

O trabalho se restringiu a quatro aspectos da caminhada, isto é, a trajetória desta vocação, a busca da identidade e missão, o itinerário formativo e a sua organização. Acredita-se que estes aspectos estejam entre os mais relevantes. O estudo foi uma provocação significativa, que deveria fazer os diáconos permanentes pensarem e refletirem para ajudá-los a perceber o que deverão aperfeiçoar nessa grande ação pastoral de seu ministério (cf. DURÁN, 2015, p. 35).

Entende-se que existe muito a comemorar e a agradecer. Mas, também, muito a questionar. Note-se que após cinquenta anos do restabelecimento do diaconado permanente pelo Concílio Vaticano II, a Igreja no Brasil respondeu timidamente ordenando apenas 3.350 diáconos até o mês de março do ano de 2015 (cf. DURÁN, 2015, p. 35).

No Brasil, um país com a maioria de católicos (IBGE, 2010), parece incrível que 45% das dioceses brasileiras não tenham diáconos. Isto significa 130 dioceses ainda sem diáconos. Ademais, um número significativo de dioceses tem apenas um ou dois diáconos. Essa quantidade é insignificante e totalmente insuficiente (cf. DURÁN, 2015, p. 35).

Cabe perguntar se as decisões do Concílio não merecem maior atenção? Ainda, por quê o Concílio encontra tantas resistências para ser colocado em prática?

E, também, como seria a nossa Igreja no Brasil hoje se realmente tivesse tomado muito mais a sério este ministério? (cf. DURÁN, 2015, p. 35). Pretende-se abordar outros aspectos dessas questões ao tratar do diaconado em saída.

### **1.3.1 Trajetória recente da vocação diaconal no Brasil**

Entende-se, em relação à promoção da vocação diaconal no Brasil, desde o Concílio (1965) até o ano de 2015, ser possível afirmar que nos últimos trinta e cinco anos os passos dados foram sempre muito lentos e com muito sacrifício. Alguns bispos, padres, religiosos e diáconos, pioneiros no trabalho vocacional diaconal, graças a uma visão de Igreja toda ministerial e servidora, tiveram um papel fundamental para desbravar o caminho diaconal, já que as oposições, descasos e indiferenças, não eram poucos. Os diáconos sempre tiveram consciência muito clara de que sem eles não teriam avançado (cf. DURÁN, 2015, p. 35).

Nos anos setenta começam os primeiros encontros promovidos pela CNBB para refletir sobre este ministério. São convocados bispos, padres e primeiros diáconos ordenados. Aos poucos, vão sendo elaboradas as primeiras orientações para este ministério (cf. DURÁN, 2015, p. 36).

No caminho de um diaconado desconhecido até um diaconado respeitado, contou-se com o apoio fundamental das quatro Conferências Gerais do Episcopado Latino americano e Caribenho, realizadas depois do Concílio Vaticano II. Em cada Conferência um aspecto importante do diaconado era colocado em evidência. Em Medellín, destaca-se o papel do diácono na criação e animação das pequenas comunidades (cf. DM, n. 13, 3.7.20; 6, III). Em Puebla, ressalta-se a eficácia do carisma do diácono para a realização de uma Igreja servidora e pobre (cf. DP, n. 697). Em Santo Domingo, enfatiza-se a importância do ministério do diácono para o serviço de comunhão (cf. DSD, n. 76). Em Aparecida, lança-se o diaconado para as novas fronteiras da missão - DAp n. 205 - (cf. DURÁN, 2015, p. 37).

Nesse caminho foram vitais as atenções e cuidados dos pontífices Paulo VI, que definiu os diáconos como animadores da diaconia da Igreja, João Paulo II, que nos deixou um riquíssimo ensinamento social, fonte de inspiração fecunda para o ministério diaconal, além das suas catequeses sobre a vocação e ministério diaconal, e Bento XVI, que recordou as antigas estruturas das diaconias criadas para viver a caridade (cf. DURÁN, 2015, p. 37).

Mas, apesar de todos os apoios e incentivos, ficou no Brasil a impressão de que uma grande maioria dos ministros ordenados nada fazia para tomar decisões concretas para iniciar o ministério. Tem-se um longo tempo e ainda muitos não o conhecem. Tanto tempo e ainda muitos não o entendem e nem o promovem (cf. DURÁN, 2015, p. 37).

Contudo, o testemunho de homens das mais diversas profissões, com a sua vida profissional, matrimonial e familiar estabilizada, dando de si tempo, inteligência, recursos e, sobretudo amor, vem convencendo e conquistando o coração de bispos, presbíteros e fiéis. Isto se reflete no aumento do número de diáconos ordenados para 5.039, mais 2.826 candidatos em formação até o final do mês de março do ano de 2019 (CND, 2019, anexo A).

### **1.3.2 A busca da identidade, da missão e da organização**

Quanto ao processo do nascimento ao crescimento e da organização do diaconado permanente no Brasil, portanto, fundamentalmente as buscas pela identidade e o lugar desse ministério de serviço na Igreja, tem-se que vários encontros foram realizados durante os anos sessenta e ajudaram para amadurecer a opção pelo diaconado (o primeiro, na cidade de São Paulo, 16 a 24 de fevereiro de 1965; o segundo, em Campinas, Estado de São Paulo, de 1º a 04 de agosto de 1966; além de experiências simultâneas de formação de candidatos em pelo menos sete cidades). Estes encontros reuniram bispos, presbíteros e religiosos, já que ainda não tínhamos diáconos no Brasil (CNBB, Doc. 96, n. 11-13, 2012, p. 18-20).

O tema central era como selecionar e formar os candidatos. Outros temas estão em pauta desde o início, como por exemplo, quais seriam os campos de atuação dos diáconos nas comunidades (CNBB, Doc. 96, n. 19-114, 2012, p. 21-115). Nisto também está presente a preocupação de que os diáconos não sejam meros suplentes dos presbíteros e nem substitutos dos ministros leigos. Ao mesmo tempo, tem-se em conta uma preocupação com o relacionamento dos futuros diáconos com o bispo e os presbíteros.

Quando nos anos sessenta iniciam a experiência do diaconado, as dioceses de Belém do Pará, Salvador, Goiânia, Porto Alegre, Volta Redonda, Taubaté, João Pessoa, Campina Grande e Apucarana, o fazem como quem assume um risco e sofreram para implantá-lo. No início, isto parecia uma utopia. Poucos enxergavam o

diaconado como uma resposta às necessidades da evangelização da sociedade moderna (cf. DURÁN, 2015, p. 38).

Os primeiros cursos foram montados um pouco improvisadamente. Não se tinham referências. Era necessário ensaiar algo novo. Mas o que começou embrionariamente desenvolveu-se graças também aos encontros nacionais de diretores e formadores das escolas diaconais. Hoje encontramos escolas diaconais com mais de vinte e cinco anos de funcionamento ininterrupto e com estruturas muito sólidas (cf. DURÁN, 2015, p. 38).

A organização dos diáconos foi crescendo e evoluindo até chegar a ser constituída como instituição vinculada à CNBB, com os seus Estatutos Canônico e Civil, devidamente aprovados. A Comissão Nacional dos Diáconos, seja na sua versão inicial ou no seu estágio institucional, teve um papel fundamental no desenvolvimento do diaconado no Brasil. Sempre foi um ponto de referência para os bispos, presbíteros e diáconos que solicitam informações e assessoria sobre o diaconado. Esta Comissão tem sido um espaço privilegiado para os diáconos crescerem em todos os aspectos (cf. DURÁN, 2015, p. 39).

Noutra dimensão, a caminhada do diaconado no Brasil foi sempre uma preocupação e uma luta para que os diáconos acentuem mais o ministério ou diaconia da caridade do que a da liturgia. Não para excluir a liturgia, mas para ressaltar o peculiar do diácono. Para ajudar as paróquias, comunidades e a diocese a ajustar o desequilíbrio entre liturgia e caridade. Isto impede que os critiquem porque só ficam no altar, onde, evidentemente é necessário, é vital, é função do diácono também. Mas o perigo é quando o altar não conduz o diácono para a ação transformadora e libertadora na sociedade. O perigo é quando no altar estamos de forma estática, sem transmitir com nossos gestos e palavras uma mensagem para que a comunidade que celebra seja tocada no coração e provoque conversão para a compaixão, para a misericórdia, para a solidariedade, para a reconciliação, para a construção da paz, para a partilha, para a comunhão, para a missionariedade e para o encontro com o mais necessitado (cf. CND, 2015, p. 39).

Certamente muita coisa mudou ao longo destes anos. Muitos diáconos deram e dão um testemunho exemplar de dedicação às causas sociais, aos excluídos e necessitados. Mas ainda é muito pouco. Temos um grande caminho a percorrer no testemunho da caridade (cf. DURÁN, 2015, p. 40).

Quando nos referimos às paróquias e suas estruturas, tendo em conta o exercício pleno da ação missionária e pastoral, surge imediatamente a questão de como vivenciar o seu ministério em uma paróquia? Temos problemas estruturais e humanos. Desde o início, tais dificuldades não foram resolvidas. A paróquia é uma estrutura velha da Igreja que não mudou substancialmente depois do Concílio Vaticano II. O diaconado é retomado pelo Concílio para entrar na dinâmica de renovação eclesiológica. Um vinho novo não se coloca em um odre velho (cf. DURÁN, 2015, p. 40).

Evidentemente, é necessário ter o cuidado para não generalizar essa perspectiva. Muitos párocos testemunham dizendo que estão felizes com o apoio do diácono provisionado na comunidade sob os cuidados dele e, às vezes, com vários diáconos. Dizem que já não saberiam viver sem diáconos na paróquia. Afirmam que vivem em total harmonia, que as famílias dos diáconos são como sua própria família. Normalmente são párocos inquietos, homens de diálogo, que sabem dar voz e vez a todos os ministros. Homens que não se consideram o centro e dono da paróquia. Homens que querem encontrar novas formas de evangelizar. Enfim, homens que assimilaram o espírito do Vaticano II (cf. DURÁN, 2015, p. 40).

Por outro lado, existem inúmeros relatos de diáconos e padres que contam suas dificuldades para trabalhar juntos. Isto decorre principalmente da falta de preparo nos seminários para trabalhar em equipe. Problemas de liderança, de caráter e de visão de Igreja são, na maioria das vezes, o maior empecilho para uma convivência e um trabalho harmonizado e complementar (cf. DURÁN, 2015, p. 40).

Na realidade, o conflito não está somente no fato de que a paróquia é uma estrutura velha. As diferenças entre o diácono e o presbítero não são aproveitadas para somar, mas para obstaculizar. A consciência da vivência da comunhão superando as divergências ainda é muito fraca. Não se sabe colocar a unidade e a comunhão acima de tudo (cf. DURÁN, 2015, p. 40).

Na tentativa de encontrar uma solução criativa surgem nos últimos anos as experiências de diaconias. Até as novas Diretrizes para o Diaconado Permanente da CNBB, documento 96, registra e incentiva a criação das diaconias territoriais, setoriais e ambientais (CNBB, Doc. 96, n. 103-109, 2012, p. 51-53).

As experiências das diaconias ainda são poucas. Por quê? O que está faltando para que exerçamos este projeto que seria benéfico para toda a Igreja? Há cinquenta anos que se pede criatividade pastoral e ficamos paralisados sem iniciar

algo novo. Será que é o medo do novo que nos paralisa? Será que é assumir compromissos mais exigentes? Aos que ainda não conhecem ou não sabem como se faz um projeto de diaconia e como funcionam, faz-se necessário ler o que a CND já publicou e ou até mesmo entrar em contato com as dioceses que já têm experiências em andamento. O que não podemos é continuar a deixar abandonados tantos ambientes e setores da sociedade sem que haja atenção da Igreja (cf. DURÁN, 2015, p. 41).

O ministério diaconal está em função de colaborar para que a Igreja tenha um rosto cada vez mais servidor. E para que isto se torne realidade, temos que lutar muito dentro da Igreja, mesmo que isto signifique atrair contra o diácono e o diaconado antipatias, perseguições, divisões por causa das opções evangélicas. O que interessa é que resplandeça o rosto de Cristo presente no meio de nós, no meio da sociedade (cf. DURÁN, 2015, p. 41).

Cabe recordar que no documento sobre a *Sinodalidade na vida e na missão da Igreja*, está destacado que “a sinodalidade se manifesta desde o começo como garantia e encarnação da fidelidade criativa da Igreja à sua origem apostólica e à sua vocação católica” e oferece também “o marco interpretativo mais adequado para compreender o próprio ministério hierárquico”.

Segundo o documento vaticano, a sinodalidade também designa

a realização pontual daqueles acontecimentos sinodais nos quais a Igreja é convocada pela autoridade competente e segundo procedimentos específicos determinados pela disciplina eclesial, envolvendo de modos diversos, em nível local, regional e universal, todo o Povo de Deus sob a presidência dos Bispos em comunhão colegial e hierárquica com o Bispo de Roma, para discernir seu caminho e questões particulares, e para assumir decisões e orientações a fim de levar a cabo sua missão evangelizadora (CTI, 2018); (CNBB, Documentos da Igreja, 48).

Num artigo, Nobre (2018), constata e defende “a construção de uma Igreja Sinodal”, onde provavelmente a questão ministerial pode fazer parte dessa renovação e das reformas da Igreja, porque é ainda um tema pendente, sendo a sinodalidade um caminho adequado para a superação desse e de outros desafios a serem enfrentados:

Diante de uma dupla e consensual constatação de que a Igreja vive o necessário momento de renovação e que isso reivindica uma desafiadora



fase de reformas, de ânimo novo e de um processo de saída, entende-se que a alternativa encontra-se no caminho da sinodalidade. Nele está contida a resposta para um novo e sistematizado momento da evangelização. Isto é, para a organização de uma renovada forma de transmissão da fé na contemporaneidade. O Papa Francisco tem dedicado todos os seus esforços para fazer viver as decisões do Concílio Vaticano II. Neste sentido, desde o seu primeiro gesto de pedir ao povo as bênçãos sobre si, até a mais simples atitude de valorizar cada pessoa em particular, especialmente os pobres, ele motiva a todos os fiéis para uma corresponsabilidade evangelizadora mediante o serviço atrelado à mística da cruz.

Ferreira (2018), em outro artigo, “expõe e analisa as ideias eclesiológicas que fundamentam a compreensão da sinodalidade no Magistério do Papa Francisco, com especial atenção para o Discurso proferido na comemoração do 50º aniversário da instituição do Sínodo dos Bispos”:

Após uma reflexão que busca o significado do substantivo abstrato *sinodalidade* em sua correlação com o concreto *sínodo*, o estudo se desenvolve a partir de três abordagens sucessivas e complementares do objeto: seu enquadramento eclesiológico, que lhe fornece a base teológica; as atitudes sinodais ou elementos espirituais da sinodalidade; elementos formalmente sinodais que estruturam a praxe sinodal. O escopo é contribuir para uma melhor compreensão da sinodalidade e o desenvolvimento de sua prática.

Numa perspectiva sinodal se pode antever a possibilidade tanto da renovação da Igreja quanto de um novo significado do diaconado permanente, porque para pensar em um diaconado missionário na força do Espírito Santo em uma Igreja clericalizada, ainda com pendências eclesiológicas e ministeriais, será necessário ousadia pastoral para visitar a questão dos fundamentos dos ministérios na Igreja.

Destaca-se que o Papa Francisco já convocou a realização de um Sínodo dos Bispos sobre Igreja e sinodalidade, que acontecerá no mês de outubro do ano 2022, com o tema “Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”, durante a XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos.

O Papa Francisco aponta para caminhos ousados, dá indicativos de desinstalação, mas ainda percebemos que há um caminho longo a ser trilhado, que implica na reforma das estruturas eclesiais que temos na contemporaneidade, como por exemplo, a concentração ministerial nas mãos do presbítero celibatário.

Discute-se nessa tese a questão ministerial, sobretudo a ressignificação do ministério diaconal e, numa Igreja em crise presbiteral, os diáconos podem ainda ser significativa luz e alento. A presença diaconal pode inclusive contribuir nas reflexões sobre a questão dos *virii probati*, isto é, ordenar homens provados ou testados ao sacerdócio.

Enfim, existe uma enorme riqueza na diversidade dos carismas na Igreja e cada parte tem seu próprio papel, mas quando todos estão tentando fazer o trabalho de todos, não só perdemos essa riqueza do corpo, como também o corpo não funciona adequadamente.

Ora, se o Concílio Vaticano II restabeleceu o diaconado, de forma legítima e canonicamente, já não estaria em tempo de se parar de tentar limitar a ação do Espírito para permitir que o ministério diaconal aconteça e se mostre o rosto servidor da Igreja ainda no limiar do terceiro milênio?

Transparece que é necessário migrar das paróquias para as diaconias. Não para fugir dos problemas e desafios da paróquia na contemporaneidade. Mas porque o diaconado não foi pensado em função das paróquias (DAp 172). O que reiteradamente vem dizendo o magistério é que o diácono deve ser criador, animador de pequenas comunidades (DAp 178). Essas comunidades podem viver sem tantas estruturas como são exigidas nas paróquias.

Observa-se que parte significativa do clero deixa transparecer que tem medo de que alguma comunidade ou grupo possa fugir de seu controle e ou do seu domínio. Talvez, por este motivo, muitas vezes acaba por sufocar uma vida nova que nasce e ou uma experiência nova que cresce. Não se dá liberdade nem se favorece a corresponsabilidade. Cria-se sempre dependência, não se favorece a autonomia. Todos estes vícios das paróquias devem ser superados pela diaconia (DAp 205, 208).

Assunto complexo e urgente envolve a questão das pastorais para as novas fronteiras da missão, isto é, para as realidades de encruzilhadas, que necessitam de acompanhamento “na missão de inculturar o Evangelho na história (DAp 491).

No Documento de Aparecida (n. 168) todos os batizados são convidados a sair ao encontro dos que não creem em Cristo. Não só mais cuidar do rebanho, mas procurar os mais distantes.

Antes do Concílio, o padre ficava na sacristia. Depois do Concílio, ficava na porta do templo saudando os fiéis. Hoje, deve sair do templo para buscar e encontrar as pessoas onde elas se encontram (DURÁN, 2015, p. 41).

O diácono, no Concílio Vaticano II, é pensado principalmente com funções litúrgicas e sacramentais. Depois do Concílio, fazem esforços para que assumam principalmente as pastorais sociais. Hoje deve sair para as periferias nas novas fronteiras da missão. As periferias não só territoriais, mas também sociais e existenciais (DURÁN, 2015, p. 41).

Neste caminho, os ensinamentos da Doutrina Social da Igreja (DSI) sempre foram inspiração e luz para o ministério diaconal. Porém, sempre foi de certa forma uma frustração constatar a pouca atenção (e, por isto, o povo desconhece) e a pouca prática das dioceses a respeito da divulgação e colocação em prática a DSI (e será que os seminaristas de teologia têm ou não dificuldades de enxergar a questão?). Poucas vezes é objeto de estudo nas escolas diaconais. Na realidade, a diaconia da “Doutrina Social” ainda não aparece.

Quando os bispos, no Documento de Aparecida, propõem como campo de ação evangelizadora “acompanhar a formação de novas comunidades eclesiais, especialmente nas fronteiras geográficas e culturais”, assinalam: o mundo das comunicações, a construção da paz, o desenvolvimento e a liberação dos povos, sobretudo das minorias, a promoção da mulher e das crianças, a ecologia e a proteção da natureza, o campo da experimentação científica, das relações internacionais (DAp 491). Será que os diáconos estão sendo preparados para atuarem nestes campos? Isto não implicaria numa mudança de alguns critérios e requisitos na convocação e seleção dos aspirantes? (DURÁN, 2015, p. 42).

Nestes setores, existem tentativas ainda muito tímidas de “diaconias”. Nestas novas fronteiras é onde se devem criar as diaconias como novas formas de comunidades de dimensões humanas, animadas por um diácono e que tenham como prioridade o serviço da caridade. Estas diaconias não visam prioritariamente o altar, o templo ou o santuário. Não seguem o modelo de organização das paróquias (DURÁN, 2015, p. 42).

As diaconias exercem um trabalho de fronteira, onde o diácono desenvolve um ministério de vanguarda. A diaconia está mais relacionada com o bispo do que com a paróquia, supondo comunhão pastoral e dinamismo missionário – que são responsabilidade primeira, embora não exclusiva, do bispo. A paróquia e a diaconia

são as duas estruturas – sendo a primeira mais pastoral e a segunda, mais missionária – pelas quais os *dois braços* do bispo (o presbítero e o diácono) colaboram para a plena realização do seu múnus *regendi, docendi e santificandi* (DURÁN, 2015, p. 42).

Nessas reflexões, permeadas por desafios e limites, cabe perguntar, por exemplo, será que há diáconos que se recusam a assumir compromissos nos lugares mais afastados, mais difíceis e mais pobres? As pessoas que se encontram nas novas fronteiras geográficas e existenciais da missão chegam a comover o diácono, bem como o provocam para sair ao encontro delas? Qual é verdadeiramente o interesse do diácono por conhecer e se capacitar para agir na evangelização dos novos areópagos? (DURÁN, 2015, p. 42).

Não se pode esquecer o fato de que o ser humano vem antes da religião. Portanto, as respostas adequadas, e sem preconceitos, para essas e outras tantas questões assemelhadas, à luz do Espírito, poderão indicar trajetórias seguras na criação, aplicação e manutenção de conteúdos e orientações práticas que possibilitem condições de sustentação eficaz e efetiva nos serviços das diaconias.

### **1.3.3O itinerário formativo: características e desafios**

Também o tema de uma formação diaconal, ainda apresentada nos moldes do seminário, onde estão se preparando os futuros presbíteros, para se transformar numa formação própria e específica, necessita de cuidados urgentes.

Nos primeiros anos, os diáconos foram formados com manuais e disciplinas usadas nos seminários. Sempre reduzindo os conteúdos e com tempo menor de estudo. Depois houve um tempo em que os candidatos ao diaconado faziam um curso de formação de agentes de pastoral e ministros leigos e depois completavam o currículo com disciplinas necessárias para o ministério diaconal. Mais tarde, surge uma proposta curricular elaborada pela CND contemplando também a necessidade de oficinas e práticas pastorais (CNBB, Doc. 74, 2004, nn. 192-196; Doc. 96, 2012, nn. 208-212). Ultimamente, algumas dioceses decidem que os futuros diáconos devem fazer o mesmo curso teológico dos seminaristas ou frequentar a mesma faculdade de teologia (DURÁN, 2015, p. 42).

Atualmente, alguns começam a perceber que a escola diaconal tem que ter uma estrutura própria porque são muitas as diferenças entre uma escola diaconal e um seminário, entre a escola diaconal e a faculdade, entre a escola diaconal e os cursos de formação teológica e pastoral para os leigos. São também muito diferentes as situações entre as dioceses no Brasil (DURÁN, 2015, p. 42).

Já faz muito tempo em que se fala que a formação dos seminários não corresponde mais as necessidades da nova evangelização. Está mais voltada para a pastoral da conservação do que para o espírito de novidade, criatividade, reforma e profetismo que exigem os novos tempos. Como adverte Durán (2015, p. 42-43), os cursos das faculdades, por via de regra, têm em vista mais a formação de um teólogo do que de um pastor. Os cursos para agentes de pastoral e ministros leigos são em geral incompletos para formação de um ministro ordenado (DURÁN, 2015, p. 42-43).

Durante os últimos trinta anos, a CND promoveu doze encontros de diretores e formadores das escolas diaconais. Tais encontros sempre tiveram a preocupação de apontar caminhos formativos novos e adequados à vocação específica dos diáconos, que levassem em conta as características deste grupo e a sua missão (DURÁN, 2015, p. 43).

É possível ver isto pela temática tratada nesses encontros e pelas ricas orientações que propuseram. Os temas foram: *Como realizar uma adequada formação eclesial, teológica, espiritual e pastoral?*; *Diaconato no Brasil: teologia e orientações pastorais*; *O ministério diaconal à luz da teologia e da pastoral hoje*; *Formação diaconal intensiva e extensiva*; *Elaboração do anteprojeto das Diretrizes para o diaconato permanente no Brasil*; *Etapas do processo formativo*; *Formação específica para um ministério específico*; *A formação humano-afetiva na idade adulta e suas peculiaridades no ministério diaconal*; *O processo avaliativo das cinco dimensões da formação diaconal*; *A formação na dimensão eclesial-comunitária*; e *A promoção humana como meta da formação e do ministério diaconal* (DURÁN, 2015, p. 43).

O resultado é que, atualmente, existe um número significativo de escolas diaconais funcionando de forma muito estruturada e que servem de modelo para as dioceses que estão implantando o diaconato permanente (DURÁN, 2015, p. 43).

A título de ilustração, acrescenta-se que no XIV Encontro Nacional de Diretores e Formadores de Escolas Diaconais, realizado nos dias 30 de maio a 02

de junho de 2016, em Palmas, Estado de Tocantins, dentre as dezesseis propostas aprovadas, “que farão parte do plano de trabalho sugerido às Escolas Diaconais”, encontram-se o tema da Educação a Distância e a questão de parcerias com Universidades e outras instituições de ensino, senão vejamos:

[...]

15) A criação de Escolas Diaconais – EAD

16) Que cada Arquidiocese ou diocese assuma a formação das Escolas Diaconais, inclusive em parceria com Universidades Católicas, Institutos e Seminários (COMISSÃO NACIONAL DOS DIÁCONOS, 2016, p. 01).

No caminho formativo, continuam alguns problemas crônicos, sobretudo em algumas dioceses com poucos presbíteros e carência de recursos em geral. A falta de um corpo de professores qualificados para este tipo de formação, a falta de um plano diocesano de formação que englobe ou contemple o plano de formação ao diaconado, as distâncias entre as localidades dos diferentes aspirantes que frequentam a escola diaconal, em alguns casos o prolongamento excessivo de anos que passam os aspirantes desde o propedêutico até a ordenação, em geral não conseguimos colocar em prática uma formação personalizada, e a dificuldade de propiciar estágios pastorais dentro do projeto de diaconado da diocese (DURÁN, 2015, p. 43).

Ainda, em muitos casos, não se consegue envolver as esposas em todas as etapas do processo formativo. Nem sempre se tem em conta que se trata de formar um colaborador direto do bispo. Também existe um descompasso muito grande entre a formação intelectual e as outras dimensões da formação (humano-afetiva, eclesial-comunitária, espiritual e pastoral). Todavia, vê-se como grandes benefícios para a formação dos diáconos, aspirantes e esposas, os encontros de formação permanente, organizados pela Comissão Nacional dos Diáconos. Também tem sido muito importante e benéfico o fato de que existem muitos diáconos envolvidos na direção ou no corpo docente das escolas diaconais da sua diocese ou de outras dioceses vizinhas.

Porém, nem sempre os diáconos dão a devida atenção à escola diaconal. Portanto, há necessidade de se assumir com maior entusiasmo a causa da formação em todos os momentos, desde o propedêutico até a formação permanente. Formação deve ser prioridade de todos. Nesse meio século, diante de um período histórico que impele todos a viver de mudança de época e transição em

todos os âmbitos da cultura, assim como a situação de pluralismo, exige que os diáconos estejam atualizados para poder interpretar os sinais dos tempos e encontrar respostas novas e adequadas. Enfim, transparece que é preciso tomar consciência de que a formação só termina com a morte (DURÁN, 2015, p. 43).

Diante disto, surgem diversos questionamentos, dentre os quais: Será que ainda tem algum diácono que depois que se ordena não aparece mais para nenhum tipo de formação? Será que ainda tem diácono que pensa que ele não precisa mais de formação? Em caso positivo, como poderá formar e orientar o povo de Deus? Como poderá pregar sem estar repetindo as mesmas coisas desatualizadas que não atingem ninguém? Ademais, qual poderia e deveria ser a contribuição dos diáconos para com a formação dos vocacionados ao diaconado? Os diáconos procuram incentivar os colegas para encontros de formação? O diácono está lendo algo que contribui para melhor desempenhar o ministério dele? O diácono usa os novos recursos de comunicação para ler e divulgar matérias que servem para evangelizar e construir o Reino de Deus? (DURÁN, 2015, p. 43)

São indagações que podem ajudar os diáconos a tomar consciência da sua responsabilidade, assumida tanto diante da Igreja quanto perante Deus no dia da ordenação diaconal e disso os diáconos não podem fugir. Não podem nem ao menos relaxar nessa causa. Como indica João Paulo II, cabe-lhes a missão de construir a bonita história do diaconado rumo ao terceiro milênio (JOÃO PAULO II, 2000). Enfim, os diáconos têm que continuar a construção da bela história da Igreja, colaborando na maravilhosa edificação do Reino de Deus (DURÁN, 2015, p. 43-44).

No encerramento do jubileu do segundo milênio, o Papa João Paulo II, na Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, destaca o passado, mas ressalta a “profecia do futuro”:

Mas sobretudo é nossa obrigação, amados irmãos e irmãs, lançar-nos para o futuro que nos espera. Nestes meses, olhamos frequentemente para o novo milênio que começa, vivendo o Jubileu não só como *lembrança do passado*, mas também como *profecia do futuro*. Agora é preciso guardar o tesouro da graça recebida, traduzindo-a em ardentes propósitos e diretrizes concretas de ação. A esta tarefa, desejo convidar todas as Igrejas locais. Em cada uma delas, reunida à volta do seu Bispo na escuta da Palavra, na união fraterna e na “fração do pão” (cf. *At 2, 42*), “está e opera a Igreja de Cristo una, santa, católica e apostólica”. É principalmente na realidade concreta de cada Igreja que o mistério do único povo de Deus assume aquela configuração particular que o torna aderente aos diversos contextos e culturas. (JOÃO PAULO II, 2001, 3)

Em suma, infere-se dos trechos dos textos trazidos para reflexão e questionamentos, o entendimento de que, ao se contemplar o quadro da evolução do diaconado no Brasil, foi possível perceber que os primeiros trinta e cinco anos (1965-2000) foram muito lentos no número de ordenações (DURÁN, 2015, p. 44). Se observarmos as estatísticas das ordenações, podemos verificar que a maioria dos diáconos foram ordenados nos últimos quinze anos (2000-2015). E, também, que ao contrário do que percebiam os participantes no Concílio Vaticano II, as vocações dos diáconos permanentes surgiram mais nas regiões do sul do Brasil (DURÁN, 2015, p. 44) do que nas “terras de missão” (AG 16).

Entende-se que o balanço quanto ao processo formativo, à compreensão da sua identidade e missão, do seu engajamento pastoral, assim como da sua organização como corpo diaconal foi significativo (DURÁN, 2015, p. 44). Entretanto, tem-se pela frente enormes desafios. O aperfeiçoamento de tudo o que foi construído e a adequação às novas exigências da evangelização, repita-se, rumo ao terceiro milênio. A Igreja no Brasil, para cumprir a sua missão, necessita não só de um número maior de diáconos, mas sobretudo de diáconos santos (DURÁN, 2015, p. 44). E, a santidade, segundo o ensinamento do Para Francisco, tem as seguintes características:

Sobre a essência da santidade, pode haver muitas teorias, abundantes explicações e distinções. Uma reflexão do gênero poderia ser útil, mas não há nada de mais esclarecedor do que voltar às palavras de Jesus e recolher o seu modo de transmitir a verdade. Jesus explicou, com toda a simplicidade, o que é ser santo; fê-lo quando nos deixou as bem-aventuranças (cf. *Mt* 5, 3-12; *Lc* 6, 20-23). Estas são como que o bilhete de identidade do cristão. Assim, se um de nós se questionar sobre «como fazer para chegar a ser um bom cristão», a resposta é simples: é necessário fazer – cada qual a seu modo – aquilo que Jesus disse no sermão das bem-aventuranças. Nelas está delineado o rosto do Mestre, que somos chamados a deixar transparecer no dia-a-dia da nossa vida (GE 63).

O crescimento na espiritualidade diaconal é o elemento definitivo para progredir na construção de uma Igreja servidora e pobre. Certamente o mais difícil será manter-se em constante processo de conversão pessoal e pastoral. Apesar do restabelecimento do diaconado como ministério ordenado (Diaconado Permanente) a partir do Concílio Vaticano II, a identidade desse serviço na Igreja segue o modelo predominantemente funcional, ainda em busca de seu lugar eclesial.

O diácono se encontra atrelado significativamente ao presbiterado, porque, em geral, ele está provisionado numa estrutura paroquial, e o pároco tem que



exercer o seu paroquiado com amparo nas normas canônicas, o que implica em vários limites quanto à identidade e ao exercício do ministério diaconal.

No Brasil, considerando-se a trajetória de cinquenta anos dessa retomada ministerial diaconal (1965-2015), a subordinação ao presbiterado tanto é visível quanto pode ser prejudicial na Igreja rumo ao terceiro milênio, porque deixaria de atender diversos setores do povo de Deus em razão desse atrelamento.

Em síntese, pode-se inferir da caminhada percorrida pelo diaconado permanente que essa dualidade entre avanços e limites está no centro do dinamismo provocado pelo sopro do Espírito, que envia o ser humano para a missão.

#### **1.3.4 Contribuições de Papa Francisco à questão do Diaconado**

Cabe notar que o livro “O diaconato no pensamento do Papa Francisco: uma igreja pobre para os pobres”, de autoria do italiano Enzo Petrolino (2019) – presidente dos diáconos da Itália – é prefaciado pelo Papa Francisco. O livro reúne declarações de Francisco sobre o diaconado durante os tempos em que atuava como arcebispo em Buenos Aires até os dias mais recentes, quando se tornou o Bispo de Roma. O Pontífice lembra no prefácio da obra que as raízes do diaconato foram redescobertas durante o Concílio Vaticano II. “A Igreja encontra no diaconato permanente a expressão e, ao mesmo tempo, o impulso vital para se fazer sinal visível da diaconia de Cristo-Servo na história dos homens” (FRANCISCO, in PETROLINO, 2019, p. 14).

Do último parágrafo do prefácio dessa obra, editada pela Edições CNBB, extrai-se o desejo de Francisco no sentido de que o

ministério diaconal deve ser visto, portanto, como parte integrante do trabalho feito pelo Concílio Vaticano para preparar toda a Igreja a um renovado apostolado no mundo de hoje. Os diáconos podem, com razão, ser definidos como os pioneiros da nova civilização do amor, como amava dizer São João Paulo II. (FRANCISCO, in PETROLINO, 2019, p. 16).

Argumenta-se que aqueles que atuam para a promoção do ministério diaconal ou o desempenham poderão encontrar ideias interessantes para uma maior compreensão e um ulterior aprofundamento – também em sentido

pastoral – da identidade e do papel dos diáconos permanentes neste nosso tempo. Ademais, um indício significativo do provável adveniente milênio dos ministérios, são os Sínodos da Família (AL, capítulo 8) e da Juventude, este, com reflexos nas propostas do encontro mundial sobre empreendedorismo e economia sustentável, em Assis, na Itália (2020). E, no Brasil, o Sínodo Pan-amazônico, que acena com possibilidades e limites na evangelização, também se apresenta como um sinal notório dessa rota ministerial nos próximos séculos.

O Papa Francisco, em sua mensagem para o I Dia Mundial dos Pobres, celebrado em 19 de novembro de 2017, no XXXIII domingo do tempo comum, relembra as palavras do apóstolo João, as quais exprimem um imperativo de que nenhum cristão pode prescindir, enfatizando: “Meus filhinhos, não amemos com palavras nem com a boca, mas com obras e com verdade” (1 Jo 3, 18). Destaca ainda que a

importância do mandamento de Jesus, transmitido pelo “discípulo amado” até aos nossos dias, aparece ainda mais acentuada ao contrapor as *palavras vazias*, que frequentemente se encontram na nossa boca, às *obras concretas*, as únicas capazes de medir verdadeiramente o que valemos. (FRANCISCO, 2017a)

E, nesse contexto, destaca a missão dos Sete, para servir, através do testemunho:

“Quando um pobre invoca o Senhor, Ele atende-o” (Sl 34/33, 7). A Igreja compreendeu, desde sempre, a importância de tal invocação. Possuímos um grande testemunho já nas primeiras páginas do Atos dos Apóstolos, quando Pedro pede para se escolher sete homens “cheios do Espírito e de sabedoria” (6, 3), que assumam o serviço de assistência aos pobres. Este é, sem dúvida, um dos primeiros sinais com que a comunidade cristã se apresentou no palco do mundo: o serviço aos mais pobres. Tudo isto foi possível, por ela ter compreendido que a vida dos discípulos de Jesus se devia exprimir numa fraternidade e numa solidariedade tais, que correspondesse ao ensinamento principal do Mestre que tinha proclamado os pobres *bem-aventurados* e *herdeiros* do Reino dos céus (cf. Mt 5, 3). (FRANCISCO, 2017a)

O Papa Francisco insiste: “Aos irmãos bispos, aos sacerdotes, aos diáconos – que, por vocação, têm a missão de apoiar os pobres –, [...], peço que se comprometam para que, com este Dia Mundial dos Pobres, se instaure uma tradição que seja contribuição concreta para a evangelização no mundo contemporâneo”.

No segundo dia Mundial dos Pobres, celebrado em 18 de novembro de 2018, no XXXIII domingo do tempo comum, o Papa Francisco, em sua mensagem oficial, chama a atenção para o servir por parte dos diáconos:

Convido os irmãos bispos, os sacerdotes e de modo particular os diáconos, a quem foram impostas as mãos para o serviço dos pobres (cf. At 6, 1-7), juntamente com as pessoas consagradas e tantos leigos e leigas que, nas paróquias, associações e movimentos, tornam palpável a resposta da Igreja ao clamor dos pobres, a viver este *Dia Mundial* como um momento privilegiado de nova evangelização. Os pobres evangelizam-nos, ajudando-nos a descobrir cada dia a beleza do Evangelho. Não deixemos cair em saco roto esta oportunidade de graça. Neste dia, sintamo-nos todos devedores para com eles, a fim de que, estendendo reciprocamente as mãos uns para os outros, se realize o encontro salvífico que sustenta a fé, torna concreta a caridade e habilita a esperança a prosseguir segura no caminho rumo ao Senhor que vem. (FRANCISCO 2018a)

E, na mensagem do Papa Francisco para o III Dia Mundial dos Pobres, celebrado em 13 de novembro de 2019, no XXXIII domingo do tempo comum, embora ele não se refira diretamente aos diáconos, infere-se que esse ministério não pode se descuidar de sua missão primordial:

Antes de tudo, os pobres precisam de Deus, do seu amor tornado visível por pessoas santas que vivem ao lado deles e que, na simplicidade da sua vida, exprimem e fazem emergir a força do amor cristão. Deus serve-se de tantos caminhos e de infinitos instrumentos para alcançar o coração das pessoas. É certo que os pobres também se aproximam de nós porque estamos a distribuir-lhes o alimento, mas aquilo de que verdadeiramente precisam ultrapassa a sopa quente ou a sanduíche que oferecemos. Os pobres precisam das nossas mãos para se reerguer, dos nossos corações para sentir de novo o calor do afeto, da nossa presença para superar a solidão. Precisam simplesmente de amor... (FRANCISCO, 2019a).

A questão da caridade, tendo em conta o diaconado em saída, no dinamismo do Espírito, será desenvolvida com aspectos propositivos no terceiro capítulo, envolvendo a solidariedade, a saúde, a política e a migração, como novos territórios de serviço às mesas na contemporaneidade, onde reaparecem com intensidade a proposta do Papa Francisco para uma Igreja pobre para os pobres e em saída.

## 1.4 CONSIDERAÇÕES

Existe um consenso no sentido de que o diácono não é ordenado para o sacerdócio (LG 29; CIC cân. 1009, § 3), por isso, não constitui sua principal característica o serviço do altar; mas, de acordo com a sua origem histórica, foi ordenado inicialmente para o serviço da caridade (cf. At 6, 1-3). Assim, cabe ao diácono ser sinal eficaz e eficiente do amor de Deus entre os seres humanos, sobretudo em relação aos mais carentes nas periferias geográficas, sociais e existenciais de nossa contemporaneidade (DAp 550; EG 20, 46 e 59).

Nessa perspectiva, o modelo do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37) pode e deve ser sua inspiração, porque o samaritano vê e sente compaixão, aproxima-se e se desvela em cuidados para com o necessitado. Assim, também cabe ao diácono desenvolver as pastorais sociais, que se fazem necessárias em cada época e lugar, para socorrer as pessoas que necessitam de ajuda de diversos modos.

No passado, entre os séculos V e XX, quando a presença diaconal era lembrada apenas pelo exercício do diaconado transitório, surgiram diversas congregações religiosas, com vocações específicas e com carismas próprios para atender à educação católica, à cura da saúde, à redenção dos cativos, à pastoral carcerária, agrícola, operária e tantas outras, que acabaram por preencher também essa lacuna caritativa da Igreja nesses quinze séculos.

Entretanto, o Concílio Vaticano II voltou a disponibilizar um sacramento específico para atender o que considera um campo complexo para o exercício pastoral da caridade, onde o fim último é a busca da verdadeira promoção humana, tanto nas fronteiras já conhecidas quanto naquelas novas.

Ademais, a vocação diaconal continua sendo extremamente necessária e urgente nessa caminhada da Igreja rumo ao terceiro milênio, cabendo observar que esse chamado foi o que mais ecoou positivamente e cresceu nas últimas décadas.

Na realidade, o diaconado nasceu dentro de uma perspectiva pneumatológica, como indica Lucas nos Atos dos Apóstolos: é o Espírito Santo quem unge e envia os missionários. Em termos teológicos, o Espírito Santo é princípio da missão e da dinâmica carismático-ministerial (cf. LG 4 e 12; AG 4).

Uma releitura das fontes bíblicas, tanto joanina quanto lucana, fazem notar a forte perspectiva pneumatológica do Diaconato (Evangelhos e Atos); sob a ação dinâmica (dinamismo) do Espírito de Pentecostes, o Diaconado nasce junto dos

apóstolos, indo do serviço à mesa (caridade e liturgia) ao testemunho (*kerigma* e *martirya*), evidentes em Estevão, que é uma figura de relevo em Atos e para a Igreja Antiga. Seria uma resposta aos limites funcionais que se estabeleceram.

A fundamentação pneumatológica não se restringe a Pentecostes como evento, mas ao Espírito como Pessoa: nele a Igreja é serva, como nele Cristo é Servo. O Espírito constitui servos por sua Unção: a perspectiva lucana o explicita, tendo Jesus como modelo de servo ungido (Lc 4). Em Pentecostes esta mesma Unção do Messias é derramada sobre a comunidade apostólica, configurando-os ao Cristo-Servo. A obra é do Espírito como Pessoa; não se trata da “data”, mas sim da qualidade do evento de Pentecostes. Nele se manifesta, explicita-se a obra do Espírito na Igreja, sendo derramado como o foi em Jesus. Em síntese, tem-se que o diaconado surge a partir de Pentecostes, destina-se à caridade e assume perspectivas novas de serviço.

Tais questões serão retomadas no próximo capítulo, ressaltando-se os argumentos da tese, porque apesar dessas assertivas serem sabidas e reconhecidas pela Igreja, na prática, considerando-se os trilhos de uma predominância de experimentação pastoral do ministério diaconal, a questão encaminhou-se com forte tendência para a execução de um modelo funcional nos últimos cinquenta anos, aqui entendido como sendo o mero cumprimento de tarefas de apoio presbiteral, ao invés de incorporação da proposta conciliar para esse ministério de servir que, além das tarefas enumeradas e não exaustivas, trouxe como pressuposto o fato de que se tratam de homens cheios de fé e do Espírito Santo, para servir (cf. At 6, 5-6).

## 2 O ESPÍRITO SANTO E A DIACONIA CRISTÃ

A reflexão do Papa Bento XVI, ao abordar o Caráter do Cristo Servidor, diante da escolha de homens “cheios do Espírito Santo e de sabedoria” (At 6, 1-6), afirma que “com a formação do organismo dos Sete, a *diaconia* – o serviço do amor ao próximo exercido comunitariamente e de modo ordenado – ficara instaurada na estrutura fundamental da própria Igreja” (DCE 21, final). A Conferência de Aparecida diz ainda que “espera dos diáconos um testemunho evangélico e impulso missionário para sejam apóstolos em suas famílias, em seus trabalhos, em suas comunidades, e nas novas fronteiras de missão” (DAp 208).

### 2.1 A DIACONIA DE JESUS, O UNGIDO

Junto de seu povo e para sua salvação, Deus suscita profetas, sacerdotes e reis. Tais ministérios da Antiga Aliança prefiguram o Cristo Profeta, Sacerdote e Pastor – de caráter filial e messiânico – no qual o ministério apostólico encontra seu fundamento e modelo (cf. LG 10). O Filho de Deus, que “não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate de muitos” (Mt 20,28), testemunhou e ensinou que “quem quiser ser o maior seja o servo de todos” (Mc 10,42-45). Ele mesmo é o Profeta, Sacerdote e Pastor é enviado pelo Pai como “diácono” de sua Vontade, com a força do Espírito Santo. Este o unge, assinalando o tempo do Messias e o advento do Reino, como assinala o início do Evangelho de Marcos:

Naqueles dias, Jesus veio de Nazaré na Galileia e fez-se batizar por João, no Jordão. No momento em que ele subia da água, viu os céus rasgarem-se e o Espírito como pomba descer sobre si. E dos céus veio uma voz: “Tu és o meu Filho bem-amado, que me aprouve escolher!”. Imediatamente o Espírito impeliu Jesus para o deserto. Durante quarenta dias, no deserto, ele foi tentado por Satanás. Vivia com as feras e os anjos o serviam. Depois que João [Batista] foi entregue, Jesus veio para a Galileia. Ele proclamava: “Cumpriu-se o tempo, e o Reinado de Deus aproximou-se: convertei-vos e crede no Evangelho”. (Mc 1,9-15)

Nos paralelos sinóticos, ademais do caráter escatológico do Reino de Deus, Lucas enfatiza a ação do Espírito em Jesus com a expressão “cheio [ou repleto] do Espírito” – *πληρεις πνευματος* (Lc 4,1) – a indicar, assim, sua identidade profético-messiânico: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pois me conferiu a Unção para

anunciar a boa nova aos pobres” (Lc 4,18). No Jesus Messias se opera e manifesta o projeto salvador de Deus para toda a humanidade, a começar por Israel. Tal caráter escatológico da obra salvífica de Cristo confere a seu ministério novidade e definitividade em relação aos ministérios de todos os tempos. Pois ele é o Sacerdote enquanto Filho, pleno do Espírito para servir, fundamento e modelo da ministerialidade da Igreja, sua comunidade discipular-missionária. (cf. KODDEL, 2014, p. 74; KURTZ, 2014, p. 150)

Paulo apresenta Jesus Cristo como único Mediador entre Deus e os homens, em quem o antigo culto se consuma (1Tm 2,5). A Carta aos Hebreus tece detalhada teologia do Cristo Sumo e Eterno Pontífice (Hb 7,26); ao mesmo tempo Sacerdote e Vítima, que entra escatologicamente no santuário celeste e sela a nova e eterna aliança com seu sangue (Hb 7–9; com remissões em Lc 22,19 e Mt 26,28). Também em Hebreus se menciona o caráter pneumático da manifestação de Jesus ungido sacerdote: Cristo ofereceu ao Pai o sacrifício perfeito e definitivo (cf. Hb 7, 26-28), entregando-se a si mesmo “mediante o Espírito eterno” (Hb 9,14), purificando os remidos “de toda obra morta, para servir ao Deus vivo” (Hb 9,14 final). Semelhante a Lucas, também aqui se conectam *unção e serviço*, como se conectam *o Espírito e o Messias* (cf. MACRAE, 2014, p. 312-315). É neste horizonte pneumático-messiânico que se movem, igualmente, os ministérios da Igreja, em particular o diaconado, como disposto a seguir.

### **2.1.1 O Espírito que unge e envia, em Lucas**

Segundo Hilberath (2012, p. 432), a “expressão Pneuma [*πνεῦμα*] aparece 68 vezes em Atos dos Apóstolos; destas, 37 ocorrem nos 12 primeiros capítulos, o que representa a maior concentração em todo NT”. E, como resultado das investigações histórico-críticas a respeito do acontecimento de Pentecostes, é possível registrar o seguinte: “em ‘Pentecostes’ discípulas e discípulos de Jesus foram dominados por um poder que interpretaram como o Espírito Santo prometido. Este lhes deu a força de anunciar o Evangelho do Senhor Jesus Cristo a todos os povos” (ibidem, p. 433). O mesmo Hilberath diz:

Através da paralelização com a cena do batismo e a pregação em Nazaré subsequente a ela, Lucas sublinha o cumprimento de promessas veterotestamentárias do Espírito e seu direcionamento para a pregação

profética. Assim como em Jesus se cumpriu a palavra escriturística de Is 61,1; no dia de Pentecostes cumpriu-se a promessa do profeta Joel (3, 1-5) retomada por Jesus ou pelo Senhor exaltado: todos ficaram “repletos do Espírito Santo” (HILBERATH, 2012, p. 433).

E, ao tratar da doação do Espírito Santo às testemunhas, o mesmo autor ainda destaca:

A associação de imposição de mãos e recebimento do Espírito Santo mencionada em duas passagens de Atos (8,14-18; 19,1-7) documenta o interesse lucano em vincular a concessão do Espírito à Igreja (de Jerusalém?) e suas testemunhas eleitas. Isso de modo algum significa – como por vezes se atribua a Lucas – que se disponha do Espírito; segundo 8, 15, a oração precede a imposição de mãos. Assim, o Espírito Santo é a força determinante na condução da Igreja (cf. 5,1-11; 15,28) e particularmente em sua atuação missionária (cf. 9,17; 13,4; 16,6s.; 20,22s.; 21,11; 28,22), e Lucas constata de maneira sumária que a Igreja “crescia pela ajuda do Espírito Santo” (9,31c). (HILBERATH, 2012, p. 435)

Ademais, para Lucas é imprescindível que o Espírito provenha de Deus:

[...] Dando continuidade à pneumatologia do Evangelho de Lucas, o livro de Atos dos Apóstolos proclama que as testemunhas eleitas e, com base na pregação, todas as pessoas que chegam à fé são repletadas com o Espírito Santo. Na oração, na fé e no batismo o Espírito Santo concede sobretudo a força para a confissão destemida e conduz a Igreja em sua caminhada missionária (HILBERATH, 2012, p. 435).

“Cheio do Espírito Santo” Jesus cumpriu sua missão (cf. Lc 4,16-18), designando depois seus discípulos, que partem em missão com a força do mesmo Espírito, conforme promessa do Pai.

Durante uma refeição com eles [os apóstolos], Jesus lhes recomendou que não deixassem Jerusalém, mas que esperassem aí a Promessa do Pai, “aquela que ouvistes de minha boca: João batizava com água; mas vós, é no Espírito Santo que sereis batizados daqui a poucos dias” (At 1,4-5). Quanto à escolha e envio dos apóstolos por Jesus, os Atos dos Apóstolos corroboram os Evangelhos: Jesus escolhe e envia ministros para o anúncio da salvação (Mc 16, 15); confia aos Doze a proclamação da boa nova às nações (Mt 24,14; 28,19-20).

Mas quanto ao mandato missionário, Lucas se distingue por sua ênfase pneumatológica: não é Jesus Ressuscitado quem envia os Doze; mas é o Espírito da Promessa, o Paráclito, quem os envia – tal qual havia enviado o próprio Jesus: “Recebereis uma força, a força do Espírito Santo que virá sobre vós; e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, até as extremidades da



terra” (At 1,8). Isto se cumpre expressamente em Pentecostes: “[...] Todos ficaram repletos do Espírito Santo” (At 2,4), aplicando aos Doze a plenitude do Pneuma que caracteriza o próprio Jesus, bem como os profetas que O creditaram quando veio ao mundo e manifestou-se a Israel (cf. João Batista: Lc 1,15; Isabel: Lc 1,41; Zacarias: Lc 1,67; Simeão: Lc 2,25; também Maria: Lc 1,35). (cf. SCHWEIZER, 1971, p. 146-150; HILBERATH, 2012, 431-435)

Hilberath (2012, p. 431) indica “Jesus como portador e doador do Espírito segundo Lucas”:

Em comparação com Marcos e Mateus, Lucas destaca mais acentuadamente que Jesus não é um pneumático ou carismático em sentido usual: diferentemente dos líderes carismáticos e profetas, Ele não é impelido *pelo* Espírito por causa de algum ensejo atual e de modo passageiro, mas é guiado no deserto no Espírito (4,1) e regressa para a Galileia “no poder do Espírito” (4,14). Segundo Lucas, desde o batismo Jesus está “repleto do Espírito Santo” (4,1); a ligação permanente entre Jesus e o Espírito é sublinhada pela escolha do adjetivo *pleres*, que expressa uma repleção contínua (cf. também 2,40 em associação com 1,80).

O autor referido ainda diz que

[...], também Lucas atribui a existência espiritual de Jesus ao fato de ser gerado a partir do poder de Deus, sendo que em 1,35 ele articula o poder criador de vida do Pneuma mais acentuadamente do que faz Mt 1,18.20. O “envolver com sombra” lembra o pairar da *ruah* (Gen 1,2) e pode ser associado com a cena do batismo (3,21s.; cf. “vir sobre” – “descer sobre”) e sobretudo com a nuvem sombreadora (9,34) da transfiguração.

“Cheio do Espírito Santo” (*plèrès pnêumatos hagiou*) ou “cheios do Espírito” (*plèreis pnêumatos*) na terceira pessoa do plural é expressão recorrente nos textos lucanos, acompanhada por outras conjugações do verbo encher, plenificar ou completar – *plèròo* em grego (cf. Merk, 1984, p. 392-446). Tem a mesma radical que *plèroma*, usado por Paulo para expressar a “plenitude de Cristo” em sentido salvífico e escatológico, como “Cabeça do cosmos e da Igreja” (Ciola, 2003, p. 596, citando Ef 1,20-23; Col 1,19; 2,9). No Evangelho de Lucas, por duas vezes, o verbo aparece no particípio “enchido” (*eplèsthe*), referido a Isabel (Lc 1,41) e Zacarias (Lc 1,67). Nesses casos, o verbo indica uma graça em ato no instante em que Isabel e Zacarias agem ou falam, cada qual “enchido de Espírito Santo” (*eplèsthe pnêumatos hagiou*). Há por vezes a forma *plèstheis* (estando cheio), mais dinâmica, como nos casos de Pedro (At 4,8) e Paulo (At 9,17 e 13,9), que agem e falam repletos do

Espírito Santo. Ao anunciar o nascimento de João Batista, Lucas diz que “desde o ventre de sua mãe, ficará cheio (*plèsthèsetai*) do Espírito Santo” (Lc 1,15).

Em Pentecostes cumpre-se o Dom escatológico do Pneuma e inaugura-se o tempo da Igreja, quando “todos ficaram cheios (*eplèsthèsan*) do Espírito Santo” (At 2,4). Segundo Lucas, este evento dá início à condição de plenitude do Espírito, provada pelos discípulos a partir do derramamento sinalizado no vendaval e nas línguas de fogo (cf. At 2,1-3). A mesma forma verbal (*eplèsthèsan*) reaparece para caracterizar os discípulos que, antes calados e amedrontados, passam “a anunciar corajosamente a Palavra de Deus” depois que “ficaram cheios do Espírito Santo” (At 4,31). Já a forma *plèrès* (cheio) é usada para indicar uma condição prolongada, que se mantém e se renova; sendo acompanhada do substantivo no caso genitivo, que declara o conteúdo do qual se está cheio: *plèrès pnèumatos hagiou* (cheio ou repleto do Espírito Santo). “Isto significa que o Espírito é dado aos membros da comunidade de modo duradouro” (Schweizer, 1971, p. 153). Com este sentido, Lucas atribui “cheio/os do Espírito Santo” a Jesus em Lc 4,1 – entre o batismo no Jordão e sua declaração profética em Nazaré –, depois, aos Sete diáconos (At 6,3), ao diácono Estêvão individualmente (At 6,5 e 7,55) e a Barnabé (At 11,24).

Essas recorrências do verbo *plèròo* (encher) sinalizam o acento pneumatológico de Lucas, para quem Pentecostes cumpre o derramamento escatológico, potente e renovador do Espírito de Deus prometido (cf. Lc 3,15-16; Lc 24,46-49; At 1,4-5). O evangelista menciona o fenômeno das *línguas* (cf. At 2,4-6; 10,46), mas insiste sobretudo no *testemunho*: “Recebereis o poder do Espírito Santo que virá sobre vós, para serdes minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria, até os confins da terra” (At 1,8). Imediatamente após o derramamento pentecostal, Pedro “levantou a voz e falou à multidão” (At 2,14), dando “testemunho e exortando” publicamente (At 2,40). Igualmente a comunidade congregada em torno dos Apóstolos: experimentava “prodígios e sinais” e testemunhava a Boa Nova pela comunhão (*koinonia*) das posses, da mesa e da oração (cf. At 2,42-47). Os primeiros discípulos “ficaram cheios do Espírito Santo e anunciavam corajosamente a Palavra de Deus” (At 4,31). Daí o valor da *profecia*, que acompanha o dom das línguas (cf. At 19,6). Não por acaso o título de “testemunhas” é dito *màrtyre* em Atos 1,8. O testemunho (*martyría*) dado com intrepidez (*parresía*) é um marco teológico e missionário do Livro de Atos (cf. At 2,40; 4,33; 8,25; 13,46; 16,2; 17,22).

Na esteira da tradição judaica, Lucas reconhece a Jesus como profeta ungido por Deus: “Jesus é conduzido *no* (não *pe*lo) Espírito, enquanto *plèrès* [cheio = graça duradoura], à diferença de *plèstheis* [enchido = graça momentânea]” (Schweizer, 1971, p. 143, nota 1). “Nascido do Espírito, Jesus é imediatamente possuidor do Espírito, e não seu objeto” (*idem*, p. 144). Este Espírito o Messias o envia da parte do Pai como “força do Alto” (Lc 24,49): *dynamis* transformadora que se derrama sobre os discípulos e os faz *testemunhas verazes* à semelhança dos profetas (cf. Is 32,15; Lc 24,49). Profetizar sob ação do Espírito Santo é uma expressão do testemunho, como no caso de Isabel, Zacarias, João Batista e Simeão, já antes de Pentecostes, que testemunham a Jesus como Messias. Isso se intensifica e se estende após Pentecostes, como vimos nas várias citações acima, a partir de Atos 1,8. Neste sentido,

Lucas retoma a concepção tipicamente judaica do Espírito como Espírito de Profecia [...], por cujo efeito a pessoa é capaz de conhecer a vontade de Deus, que lhe mostra a direção imediata em vista de uma determinada ação. Mas é sobretudo a pregação dos discípulos que Lucas põe em relação direta com o Espírito: a pregação corajosa aparece, então, como milagre de Deus, porque é proferida diante de um mundo hostil que a contradiz e que há de perseguir o pregador. Assim, *profetizar* ocupa o centro de toda eficácia do Espírito, como o mesmo Lucas nos mostra ao introduzir este termo (*prophetèuêin*) em Atos, com a longa citação de Joel sobre a efusão escatológica do Espírito de Deus [cf. At 2,16-21]. A comunidade dos fins dos tempos é para ele uma comunidade de profetas (SCHWEIZER, 1971, p. 150).

Portanto, o fato de Lucas qualificar os Sete diáconos como *plèreis pnêumatos hagíou* (cheios do Espírito Santo), em conexão com os Doze (At 2,4) e com Jesus em pessoa (Lc 4,1), não é um dado bíblico banal. É um atestado do caráter profético da vocação diaconal dos Sete: munidos de “sabedoria” (*kai sophías*: At 6,3) são chamados a testemunhar, servindo até o martírio como no caso de Estêvão, duas vezes apresentado como *plèrès pnêumatos* (At 6,5 e 7,55).

Assim, tem-se que a expressão “cheios do Espírito” foi aplicada aos profetas das primeiras manifestações de Jesus. Depois, é qualificativa de Jesus Messias. E, a partir de Pentecostes, a mesma expressão, diante da repleção contínua, vai se aplicar aos Doze e, enfim, aos Sete – como se verá adiante -, sempre a partir da diaconia de Jesus.

Em Lucas, sobretudo, o Pneuma designa a força de Deus necessária para realizar ações específicas; no caso de Jesus, a missão salvífica universal, como expresso em Lc 4,16-21:

De acordo com Lucas, é na proclamação que Jesus faz na sinagoga de Nazaré que se torna claro o sentido da atividade que ele começa a realizar. Jesus “inaugura” sua ação com a leitura de Is 61,1-2, e aplicando a si mesmo essa passagem da Escritura. Porque foi ungido pelo Espírito de Deus, ele tem uma boa notícia a comunicar. Mas tal notícia é boa para os pobres. A libertação deles frente às condições que os escravizam e destroem é o ponto de partida para a criação de uma humanidade renovada. E esta mensagem não tem fronteiras. A ação profética de Elias e Eliseu já indicava que o projeto de Deus não era restrito a um único povo, mas devia atingir a todos, a começar pelos oprimidos: era neles que a chegada do “ano da graça” produzia alegria, pois as dívidas deveriam ser perdoadas, e as terras redistribuídas. Mas não demorarão a aparecer aqueles que não verão essa notícia como boa. (NOVA BÍBLIA PASTORAL, 2014, p. 1.257).

Para Koddell (2014), o “relato da volta de Jesus para sua terra inclui a história evangélica em miniatura”:

No culto de sábado havia duas leituras, uma do Pentateuco (os cinco primeiros livros da Bíblia) e outra dos Profetas. Jesus foi fazer essa segunda leitura, provavelmente por arranjo prévio, abrindo o rolo de Isaías (61,1-2) e lendo uma promessa da restauração de Israel. O contexto original é a unção de um profeta, mas a figura do Messias prometido, o Ungido real, também está subentendida no uso que Jesus faz do texto. Ele é o portador do espírito profetizado por Isaías (Is 11,2), o Profeta e Messias que anunciará uma nova era de liberdade e favor divino. (KODDEL, 2014, p. 80)

A ênfase pneumatológica de Lucas é visível, particularmente, nas narrativas de Lc 1–6 e At 1–6, em que o Espírito é apresentado como agente e dinamizador dos ministérios, de Jesus, dos Doze e dos Sete. Além de assegurar, deste modo, que a obra messiânica de Cristo perdure na missão da Igreja, Lucas apresenta um ministério *no Espírito* com traços proféticos, e não apenas funcionais.

Em relação a Jesus, as ações proféticas deste ministério no Espírito Santo manifestam-se nas ações de libertar, pregar e curar (Lc 3, 21-22; At 3) e no ano da graça; nos Doze, testemunhar, anunciar com intrepidez, proclamar o Reino com sinais e prodígios; nos Sete, serviço aos pobres à mesa, acolhida dos gentios entre crentes hebreus, depois querigma, proclamação do Evangelho e martírio como manifesto em Estevão.

Em suma, a pessoa e a missão de Jesus são marcadas, qualificadas e dinamizadas pela força do Pneuma, que o mantém intimamente unido ao Pai. Em sua missão, não veio comunicar a si mesmo e nem fazer a sua própria vontade, mas realizar a vontade salvífica do Pai, pela força do Espírito, conforme descreve Lucas.

Jesus, o Ungido com o Espírito, que foi enviado pelo Pai para servir e dar a sua vida para salvar, assume a especial missão de libertar e devolver a vida e a dignidade a todo o gênero humano, especialmente aos pobres e excluídos de ontem e de hoje, tornando-se um Messias-Servo:

A unção de Jesus com o Espírito está relacionada diretamente com os pobres (*ptochois*). Para estes, Jesus vem anunciar-lhes a libertação do rebaixamento a que estão submetidos, resgatar-lhes a dignidade de pobres e realizar a antiga promessa dos patriarcas e profetas de devolver-lhes a esperança e a alegria que sempre buscaram (BOFF, 2003, p. 37).

A obra do Espírito prossegue e acompanha Jesus ao longo de sua vida: no seu batismo (Lc 3, 21-22); no deserto (Lc 4, 1); na inauguração de seu ministério (Lc 4, 18); e na sua pregação e seus milagres (Lc 4, 14-15), onde o ressuscitado faz missão e promete o Paráclito (At 1, 5; 2, 3). Ele é o ungido do Pai que veio fazer da sua vida uma diaconia para devolver à humanidade a alegria da filiação divina e do dom da vida em plenitude, manifestada a todos na sua comunhão com o Pai e o Espírito:

O Espírito de Deus preside todo o mistério de Jesus. Através das obras, dos gestos e das palavras que ele realiza no meio do povo de sua raça, Jesus comunica-lhes este mesmo espírito. Com sua prática, Jesus, portador do Espírito por excelência, começa a nova criação, isto é, faz nascer o novo homem e a nova mulher (BOFF, 2003, p.42).

Moltmann afirma que a História de Jesus de Nazaré, tanto sob o seu aspecto cronológico quanto teológico, pressupõe a ação do Espírito Santo, corroborando o entendimento da fonte lucana. Este autor entende que a noção teológica de *shekiná* se mostra, especialmente, em Lucas 1,35. É a noção que sustenta o relato da Encarnação em Lucas, convergindo em João 1,14, equivalendo dizer que armou entre nós sua Tenda / *shekiná*. A vinda do Pneuma em Pnetecostes é esta *shekiná* que desce, que pousa sobre os Doze – de cujo derramamento ou descida os Sete também participam: “cheios do Espírito e de sabedoria, para servir”.

O Espírito, portanto, deve ser entendido como sujeito propriamente dito desta especial *relação de Deus com Jesus* e desta especial relação de *Jesus com Deus*. Por isso o Espírito também “conduz” Jesus à história de mútua interação com Deus, seu Pai, em que “por obediência” Ele há de “aprender” seu papel de Filho messiânico (Hb 5,8). As expressões do “descer” do Espírito sobre Jesus e do “repousar” do Espírito sobre Ele levam a que o Espírito seja entendido como *shekiná de Deus*. É o *autolimitar-se* e o *autorrebaixar-se* do Espírito eterno e a empatia na pessoa de Jesus e na história de sua vida e de sua paixão, da mesma maneira como de acordo com a ideia dos rabinos o Espírito de Deus ligou-se à história da vida e da paixão do povo de Israel (MOLTMANN, 2010, p. 67-68).

Cabe também retomar a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, do Vaticano II, tem por objeto a Igreja (LG 1), contemplada nesse documento, “Então, como se lê nos Santos Padres, todos os justos depois de Adão, “desde o justo Abel até ao último eleito”, se reunirão em Igreja universal junto do Pai”, ao que Almeida comenta:

[...] como “mistério”, ou seja, no interior do desígnio salvífico do Pai, que tem seu cume no dom do Filho e do Espírito na plenitude dos tempos; “Povo de Deus”, que é a expressão histórico-social do mesmo mistério de comunhão filial e fraterna suscitado e sustentado por Deus através da Palavra e dos Sacramentos; “comunhão hierárquica”, estruturada, de um lado, pelos pastores que sucedem ao grupo dos Doze, e pelos fiéis, leigos e leigas, que, juntos, a partir de carismas e ministérios diferentes, respondem pela mesma missão de Cristo em todos os tempos, lugares e modalidades; “santa”, uma vez que foi indefectivelmente repleta com o dom do Espírito Santo para a glória de Deus: “a caminho”, na esperança de seu “cumprimento” na glória dos céus, quando da restauração de todas as coisas, cujo “ícone” pessoal é Maria, mãe e discípula de Cristo (ALMEIDA, 2015, p. 573).

Extrai-se dessa Constituição, em relação à missão do Filho (LG 3), que “Cristo, para cumprir a vontade do pai, inaugurou na terra o reino dos céus, cujo mistério nos revelou; e pela obediência, consumou a redenção.” E, a respeito da missão do Espírito Santo (LG 4), ensina que “[...], no dia de Pentecostes foi enviado o Espírito Santo para santificar continuamente a Igreja e assim dar aos crentes acesso ao Pai, por Cristo, num só Espírito (cf. Ef 2, 18).

A teologia lucana demonstra de forma consistente que o Espírito santificador da Igreja, presente em Cristo, o enviado do Pai, é o mesmo Espírito dado aos Doze (apóstolos) e, ainda, o único Espírito da vida, também recebido pelos Sete (servidores) - (LG 4). A perspectiva lucana do Servo Ungido de traços proféticos encontra em Paulo uma evolução, na ênfase paulina na habitação do Espírito (cf. 1Cor 3,16; 6,19: o qual “habita na Igreja e nos corações dos fiéis, como num

templo”) e na manifestação dos carismas. Paulo complementa Lucas, sem contradição entre ambos, pois a ação profética do Servo Ungido em Lucas 4 se aproxima dos carismas de Rm 12: operar a misericórdia, servir, ensinar.

Diante disto, a configuração messiânica de traço profético, enquanto serviço que expressa a profecia de anúncio e ou denúncia daquilo que não convém ao Reino de Deus, e a missão, são rejuvenescidos e renovados continuamente na Igreja por um só Espírito (cf. Ef 2,18). Essa trajetória, que é própria de Lucas, retorna em outros livros bíblicos, tais como João, Paulo, que a seu modo confirma essa assertiva, e Hebreus.

A obra do Espírito Santo constitui tanto a missão de Jesus quanto as missões dos Doze e dos Sete, portanto não podem ser fragmentadas, como não foi o evento Pentecostes da Igreja primitiva, pois um só é o Espírito, onde a mesa como serviço não se esgota, ou seja, é fonte de partida para a dimensão missionária, isto é, a diaconia.

Assim, se cada ser humano que integrou o grupo dos Sete Diáconos, na época da Igreja nascente, deveria ser alguém “cheio do Espírito e de sabedoria”, para servir (At 6, 3), ao ponto de merecer oração e imposição das mãos por parte dos Doze (At 6, 6), não caberia descuidar-se dessa perspectiva profética e missionária.

A constituição pneumatológica desse ministério caracteriza os Sete com o mesmo Espírito manifesto em Jesus e nos Doze (*plèreis pneumatos*: cf. textos de Lucas). O Espírito constitui servos, unguindo-os. As expressões de serviço não são apenas funcionais, mas tem traço profético e missionário (cf. At 6,8: “Repleto de graça e poder, Estêvão realizava grandes prodígios e sinais entre o povo”).

Nesta perspectiva, considera-se imprescindível recuperar a constituição pneumatológica da diaconia dos Sete, à semelhança da diaconia de Jesus, segundo propõe Lucas, para na atualidade promover um diaconado menos funcional e mais profético-missionário.

A partir de Lucas, a fim de que tal perspectiva possa favorecer uma compreensão missionária do diaconado na contemporaneidade, sob pena desse serviço caritativo caminhar para um lugar de mero exercício de algumas funções decorativas, predominantemente no presbitério e, até chegar no que seria desaconselhável, elitizado, enfim num evidente reducionismo e desvirtuamento da diaconia configurada em Jesus Cristo, que veio para servir e não para ser servido,

propõe-se apresentar no Capítulo III o que seria esta diaconia missionária, a partir do Espírito em seus novos territórios.

### **2.1.2O Espírito que unge e envia, em João**

O Evangelho segundo João está organizado em duas partes, depois do Prólogo (cf. 1, 1-18) sobre a Palavra de Deus tornada carne em Jesus de Nazaré. A primeira parte (cf. 1, 19 – 12, 50) narra sete sinais, com os quais Jesus mostra o sentido de sua obra, a mesma que Ele viu o Pai fazer, para assim revelar à humanidade o ser e o agir de Deus. A segunda parte (cf. 13, 1-20, 31) é seguida de um apêndice (cf. 21, 1-25), onde Jesus, com exemplos e palavras, estabelece com seus discípulos as bases que tornarão possível a continuação da obra que Ele realiza mediante o testemunho da comunidade. Esses capítulos referem-se aos últimos dias da presença de Jesus na terra. Sua morte é entendida não como derrota, mas como ato de entrega amorosa que realiza seu retorno ao Pai, mostra a sua vitória sobre o mundo e estabelece a comunidade dos discípulos com a força do Espírito.

Toma-se o recorte (perícopes) do lava-pés por ser emblemático para o serviço, a partir de Jesus mesmo. Jesus define a si mesmo pela sua diaconia. E o seu testemunho na última ceia foi o gesto típico da diaconia: lavar os pés (Jo 13, 1-15). Toda a missão de Jesus é diaconia, o que é luz tanto para os Doze quanto para os Sete servidores.

Inicialmente, Jesus estabelece um contato mais próximo com os discípulos, quando se reúne com eles para uma refeição. Esta é a oportunidade para a comunicação dos ensinamentos mais preciosos, primeiramente por meio de um gesto (o lava-pés) e depois por palavras de conforto, esperança e encorajamento. Ao final, uma oração de Jesus mostra que sua obra está realizada, e a partir daí o desafio de enfrentar o mundo e denunciar sua injustiça cabe aos discípulos.

Em ambos os momentos a presença de Jesus é provocadora, pois denuncia os caminhos da injustiça nas trevas e convida para a luz da verdade. A comunidade se sente desafiada a decidir-se por Jesus e por sua obra, frente ao 'mundo' tomado como sociedade marcada pelos poderes injustos e interesses egoístas. É esse o mundo que crucificou Jesus e a todo tempo arma cilada contra os discípulos.



Extrai-se do texto do lava-pés (cf. Jo 13) que ser lavado é tão importante que sem isso os discípulos não podem ter parte com Jesus (v. 8). Isso parece mais do que um simples exemplo de serviço cristão e tem provocado muitos críticos a crer que este lava-pés do servo é também simbólico da morte de servo de Jesus. Além disso, o ato absolutamente essencial de lavar o v. 8 lembra o ensinamento batismal.

Esses indícios sugerem que aqui a teologia é particularmente rica, embora obscura, senão vejamos: a) O lava-pés de servo por Jesus simboliza sua morte de servo; b) A participação nessa morte salvífica é pelo batismo, sem o qual “não poderás ter parte comigo” (v. 8) e pelo qual ficamos “inteiramente puros” e não precisamos mais ser lavados (v. 10). A linha vai da morte salvífica simbolizada à participação sacramental; c) Tudo isto, por sua vez, leva ao papel ético do servo que precisamos viver a respeito uns dos outros (vv. 12-17). Batizados na morte salvífica de Jesus, precisamos levar sua vida de servo, “pois é um exemplo que vos dei: o que eu fiz por vós, fazei-o vós também” (v. 15).

Jesus Servo é princípio e paradigma de toda a missão de seus discípulos e discípulas (Jo 12, 25s.): seguir a Jesus é servir. O serviço é, assim, a própria identidade do discipulado. Não se torna discípulo ou discípula e depois se exerce o serviço, em razão de que só se é discípulo na medida em que se é servidor. Ser Discípulo é fazer-se diácono, servidor como o próprio Jesus se fez. Sendo Deus, esvaziou-se de si mesmo e se fez servo.

Por outra perspectiva, demonstra-se através do lava-pés que um dos significados do mandamento “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” é o amor serviço. O lava-pés é o significado da Eucaristia. Quando Jesus praticou este gesto de grande amor, estava concedendo aos seres humanos a chave da Eucaristia, embora ela seja muito mais, em razão de que o Senhor se entregou ao Pai para a nossa salvação: a Eucaristia celebrada é a Páscoa acontecendo.

O lava-pés dá significado e faz entender a Eucaristia. É significativo compreender, mas o significado profundo somente acontece quando colocado em prática. É na prática da Palavra de Deus que se recebe a misericórdia. Não se pode desistir dos outros nem de si próprio. Tem-se, portanto, que o lava-pés relacionado à eucaristia, isto é, à constituição da comunidade eclesial como comunidade de comunhão e de serviço, restando que a perspectiva joanina complementa aquela de Lucas: “Cheios do Espírito e de sabedoria”, para servir (At 6, 3).

## 2.2 A DIACONIA DA IGREJA

A Diaconia da Igreja não se define apenas por um setor ou atividade da Igreja, pois não se trata de um departamento da instituição. Por seus fundamentos cristológicos – como Corpo de Cristo e Templo do Espírito – a diaconia compõe a identidade da Igreja, Povo de Deus ungido para o serviço do Reino de Deus.

O ministério diaconal, exercido na plenitude do Espírito, diante das necessidades contemporâneas da Igreja, atende aos requisitos dessa missão servidora e salvífica, bem como se apresenta como sinal e instrumento concreto do “mistério da santa Igreja” manifestado na sua fundação (LG 5), uma “sociedade visível e espiritual” (LG 8b).

Jesus Cristo, o enviado do Pai, realizou sua missão profética, sacerdotal e pastoral e confiou aos Apóstolos a sua continuidade, a fim de que o Evangelho fosse anunciado a todas as nações (Mt 24, 14). Eles se tornaram ministros da Palavra (Lc 1, 12). Conduzidos na Verdade pelo Paráclito (Jo 16, 13), não cessaram de testemunhar o Reino de Deus e a presença de Cristo Ressuscitado (At 2, 36), celebrando os ministérios da salvação e cumprindo a missão de pastorear a Igreja de Deus.

Pentecostes abre o tempo do Espírito como tempo da Igreja e o “Espírito Santo é o “continuador” da obra de Jesus, o que significa que viver na presença do Espírito é optar por Jesus e pelo seu caminho de construção da fraternidade através da entrega e da preocupação com os excluídos deste mundo” (SCHWEIZER, 1971, p. 146-150; MANZATTO, 2015, p. 364).

O ministério apostólico perdura até hoje na Igreja. É transmitido, de geração em geração, graças à sucessão apostólica, que assegura a continuidade entre os ministérios atuais e o ministério dos Apóstolos e une a missão histórica dos Doze à missão de Cristo. O mesmo dom do Espírito Santo garante a identidade da missão (LG 20).

A missão da Igreja, por sua natureza, reveste-se de caráter universal. Através da ordenação, ela coloca seus ministros em estado de missão, confiando-lhes a mesma tarefa que recebeu de seu fundador: a unidade e a salvação do gênero humano. Em tudo o que se refere aos ministros da Igreja prevalece sempre a iniciativa absoluta e gratuita de Deus (LG 48; AG 5-7).

As consequências dessa reflexão para a diaconia da Igreja no Espírito Santo implicam em voltar ao exemplo de Jesus Messias, cumprir o serviço com traço profético e missionário, reorientar os ministérios e carisma em vistas da missão. Os vários ministérios, assumidos como carismas do Espírito e reconhecidos como serviços prestados à comunidade (1 Cor 12, 11; LG 21), situam-se no âmbito da diaconia eclesial.

Desde os tempos apostólicos, a Igreja conheceu larga variedade de serviços, uns ligados à coordenação e orientação das comunidades (ministérios ordenados ou hierárquicos), outros relacionados às necessidades concretas das comunidades (ministérios não ordenados: confiados, reconhecidos e instituídos).

### **2.2.1 A comunidade de servidores**

A origem trinitária da Igreja expressa no Concílio Vaticano II, tem suas raízes no Novo Testamento, com destaque para a teologia paulina (cf. 1Cor, 12-14; Rm 12). Nela, a Igreja afirma-se como querida pelo Pai (LG 2), estabelecida no tempo pela missão salvadora de Cristo (LG 3) e manifesta pelo Espírito Santo em Pentecostes (LG 4). A teologia Paulina a respeito da Igreja a caracteriza enquanto manifestação pneumatológica com vitalidade carismática (cf. 1Cor 12-14), desígnio universal da salvação, que se desenvolve trinitariamente. Na concepção do teólogo Antônio Almeida, esta é uma das maneiras de se compreender o Mistério:

Desde sempre a misericordiosa decisão do Pai em favor dos seres humanos; na plenitude dos tempos, a missão salvífica do Filho encarnado, que é revelada e manifestada de modo visível, podendo neste sentido aplicar-se a Igreja (ALMEIDA, 2012, p.99).

A Igreja é sacramento universal da salvação e ícone da Trindade encarnada na história, pois é chamada a realizar a missão que lhe foi confiada pelo Pai na força do Espírito Santo, que é “protagonista da missão”, como esclarece o teólogo Bruno Forte, na sua compreensão da Igreja como Mistério:

A Igreja oferece-se como o lugar do encontro e da iniciativa divina e da obra humana, a presença da Trindade no tempo e do tempo na Trindade, irreduzível a uma apreensão puramente humana, todavia a Igreja de homens que vivem plenamente na história [...] A Igreja é ícone da Trindade santa; na comunhão estrutura-se à imagem e semelhança da comunhão trinitária. Se a Igreja é, mediante uma não –medíocre analogia, comparada

ao mistério do Verbo encarnado. Pois a natureza assumida indissolivelmente unida a ele serve ao Verbo divino como órgão vivo da salvação, semelhante o organismo social da Igreja serve ao Espírito Santo de Cristo que o vivifica para o aumento do corpo (cf. Ef 4,16) (LG 8) (FORTE, 2005, p. 17 e 22).

Plasmada pelo Espírito Santo, a Igreja é enriquecida pela variedade de dons e carismas, que constituem a sua riqueza e potencial criativo, para chegar à humanidade enquanto servidora e eminentemente diaconal. Cheia do Espírito, a Igreja cumpre a sua *diakonia* e missão salvífica:

Consumada a obra que o Pai confiou ao Filho para Ele cumprir na terra (cfr. Jo. 17,4), foi enviado o Espírito Santo no dia de Pentecostes, para que santificasse continuamente a Igreja e deste modo os fiéis tivessem acesso ao Pai, por Cristo, num só Espírito (cfr. Ef. 2,18). Ele é o Espírito de vida, ou a fonte de água que jorra para a vida eterna (cfr. Jo. 4,14; 7, 38-39); por quem o Pai vivifica os homens mortos pelo pecado, até que ressuscite em Cristo os seus corpos mortais (cfr. Rom. 8, 10-11) (LG 4).

Pela eficácia do Espírito Santo, a Igreja é enriquecida com dons hierárquicos e carismáticos para ao servir ao Povo de Deus. Através da graça do batismo e da crisma torna-se povo cheio do Espírito, cuja missão é conduzir a humanidade à salvação:

O Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiéis, como num templo (cfr. 1Cor. 3,16; 6,19), e dentro deles ora e dá testemunho da adoção de filhos (cfr. Gál. 4,6; Rm 8, 15-16. 26). A Igreja, que Ele conduz à verdade total (cfr. Jo. 16,13) e unifica na comunhão e no ministério, enriquece a Ele e guia-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos e adorna-a com os seus frutos (cfr. Ef. 4, 11-12; 1 Cor. 12,4; Gál. 5,22). Pela força do Evangelho rejuvenesce a Igreja e renova-a continuamente e leva-a à união perfeita com o seu Esposo. Porque o Espírito e a Esposa dizem ao Senhor Jesus: “Vem” (cfr. Apoc. 22,17) (LG 4).

Para uma compreensão da Igreja e sua missão como diaconia de Cristo faz-se necessário retomar a constituição e a realização da mesma como Comunhão, a exemplo da comunhão trinitária, e como Povo de Deus. Esta abordagem encontra-se, especialmente, na concepção do Concílio Vaticano II, de fonte bíblica e patrística, ao apresentar e afirmar a Igreja como mistério e realidade histórica.

A compreensão originária da Igreja como comunhão (*koinonía / communio*) (cf. LG, 1) encontra-se na relação pericorética da Trindade. A comunhão expressa o ser de Deus enquanto Trindade e depois alcança a humanidade. A fonte da comunhão é o ser trino de Deus: a Trindade é *arché* da Igreja e da criatura humana.

Esta mesma comunhão se manifesta em todo o agir salvífico de Deus, demonstrado em toda a economia de salvação. A concepção da Igreja-Comunhão se dá a partir da redescoberta da origem trinitária da Igreja (LG 2-4), que se fundamenta na comunhão, na unidade e na diversidade. Segundo Bruno Forte (2005),

[...] para realizar o seu desígnio de unidade na variedade dos homens e dos povos, o Pai mandou seu Filho e o Espírito, Senhor e vivificador, que congrega toda Igreja [...] é ele o princípio de unidade na doutrina dos apóstolos e na comunhão, na fração do pão e nas orações (At 2, 42-47 e LG, n. 13).

O Concílio Vaticano II, ao recordar à Igreja a sua vocação e missão de comunicar a boa notícia do Reino, faz resplandecer a Luz de Cristo no rosto da mesma. Ele lhe apresenta um caminho a percorrer como Comunidade aberta para o mundo, bem como sacramento visível da salvação. Seus membros, constituídos pelo batismo como povo sacerdotal, são corresponsáveis pela evangelização e pelo testemunho de santidade:

A luz dos povos é Cristo: por isso, este sagrado Concílio, reunido no Espírito Santo, deseja ardentemente iluminar com a Sua luz, que resplandece no rosto da Igreja, todos os homens, anunciando o Evangelho a toda a criatura (cf. Mc. 16,15). Cristo Nosso Senhor, Pontífice escolhido de entre os homens (cf. Hebr. 5, 1-5), fez do novo povo um “reino sacerdotal para seu Deus e Pai” (Ap.1,6; cfr. 5, 9-10). Na verdade, os batizados, pela regeneração e pela unção do Espírito Santo, são consagrados para serem casa espiritual, sacerdócio santo, para que, por meio de todas as obras próprias do cristão, ofereçam oblações espirituais e anunciem os louvores daquele que das trevas os chamou à sua admirável luz (cf. 1 Ped. 2, 4-10). (LG 10).

Como povo sacerdotal, a comunidade cristã é chamada a oferecer ao mundo o testemunho de entrega e doação amorosa da sua própria vida. Pelo testemunho e serviço é chamada a comunicar a razão da sua fé, a alegria e a esperança em Cristo Jesus.

Por isso, todos os discípulos de Cristo, perseverando na oração e louvando a Deus (cfr. At., 2, 42-47), ofereçam-se a si mesmos como hóstias vivas, santas, agradáveis a Deus (cfr. Rom 12,1), dêem testemunho de Cristo em toda a parte e àqueles que lha pedirem dêem razão da esperança da vida eterna que neles habita (cfr. 1 Ped. 3,15). (LG 10).

Deste modo, compreende-se a riqueza da natureza da Igreja, que revela ao mundo a Graça abundante derramada sobre Ela no mistério da encarnação, morte e

ressurreição de Jesus Cristo. Em Pentecostes, torna-se plena e habilitada para continuar no mundo aquilo que a constituiu, ou seja, a sua missão de servir e salvar.

### **2.2.2 Da realização trinitária da Igreja à sua ministerialidade**

É pela ação do Espírito Santo, como unção de Cristo e dos cristãos, que a Igreja é constituída como povo sacerdotal, profético e régio, dotado de dons hierárquicos e carismáticos. A manifestação do Espírito Santo como doador dos dons favorece a compreensão da diversidade da missão de toda a Igreja (cf. 1 Cor 12, 11).

Na *Lumen Gentium*, a Igreja é apresentada pela sua identidade trinitária: “desta maneira aparece a Igreja toda: o povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo.” (LG 4). Isto é, essa mesma Igreja, que tem sua origem no mistério trinitário, pela missão do Filho e do Espírito Santo, por livre e amorosa iniciativa do Pai, encontra na mesma Trindade seu modelo.

Dessa forma, a Igreja não está reduzida às coordenadas da História, do visível e do disponível. A fonte mais profunda de origem da Igreja encontra-se na Santíssima Trindade. A Igreja é, no mundo, o reflexo e a vivência do mistério trinitário. É a comunhão existente entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo que deve caracterizar toda a comunhão eclesial. Dessa maneira, aparece a Igreja toda como “o povo de Deus reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (LG, n. 1.4). Nesta perspectiva, o Concílio redescobre a dimensão carismática de todo o povo de Deus, a riqueza e a variedade dos dons que o Espírito infunde em todo batizado, com vistas à utilidade comum (LG 4.7) (SILVA, 2011, p.119).

Para o Concílio Vaticano II, a compreensão da Igreja como mistério de comunhão encontra-se no modelo da Trindade, que é a comunhão plena e perfeita. Esta nova eclesiologia, em vista de uma renovada e plena percepção do mistério eclesial, reside na leitura trinitária da Igreja, qual seja, o povo reunido em torno do Pai, do Filho e do Espírito Santo (cf. LG 4, final).

Conforme proposto acima, partimos do princípio trinitário da Igreja, isto é, a Trindade como *arché* (princípio originário) da Igreja, para destacar a sua dimensão pneumatológica. Nela, o Espírito Santo se revela como doador dos dons e dinamizador dos ministérios. “Há diversidade de *charísmata*” (1Cor 12, 4); “temos *charísmata* que são diferentes” (Rm 12, 6); “cada um recebe de Deus o seu próprio *chárisma*, um de uma maneira, outro de outra” (1Cor 7, 7):

A diversidade entre os membros do corpo não é uma anomalia a evitar. Pelo contrário, é uma necessidade benéfica que torna possível o cumprimento das diversas funções vitais. «Se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? Há, pois, muitos membros, mas um só corpo» (1 *Cor* 12, 19-20). Paulo, em *Rm* 12, 6, e Pedro, em 1 *Pe* 4, 10, atestam uma estreita relação entre os carismas particulares (*charismata*) e a graça (*cháris*) de Deus. Os carismas são reconhecidos como uma manifestação da «multiforme graça de Deus». Não se trata, portanto, de meras capacidades humanas. A sua origem divina expressa-se de diversas formas: de acordo com alguns textos, eles provêm de Deus (cf. *Rm* 12, 3; 1 *Cor* 12, 28; 2 *Tím* 1, 6; 1 *Pe* 4, 10); segundo *Ef* 4, 7, provêm de Cristo; segundo 1 *Cor* 12, 4-11, do Espírito. Uma vez que esta última passagem é a mais insistente (nomeia sete vezes o Espírito), os carismas são habitualmente apresentados como «manifestações do Espírito» (1 *Cor* 12, 7). É claro, no entanto, que esta atribuição não é exclusiva nem contradiz as duas precedentes. Os dons de Deus implicam sempre todo o horizonte trinitário, como sempre foi afirmado pela teologia desde os seus inícios, tanto no ocidente como no oriente (IE 4).

Um dos elementos fundamentais para compreender o mistério da Igreja, advindo do viés pneumatológico, é que ela está fundamentada no Espírito Santo, já que Ele é quem a faz ser una em Cristo. É pela participação da comunhão “no Espírito” que os fiéis são elevados à comunhão com Ele e entre si (LG 4; cf. 1 *Cor* 12, *Ef* 4 a 5 e, também, *Rm* 12. O corpo de Cristo tem muitos membros, congregado pelo Espírito Santo e agraciado de dons e carismas). Paulo fala claramente que todos formamos um só Corpo e bebemos de um mesmo Espírito.

O Espírito Santo é o grande dinamizador dos ministérios e doador dos dons. É por meio dEle que a Igreja é ornada e enriquecida para cumprir a sua missão. Deste modo, o Concílio Vaticano II, na sua volta às fontes bíblicas e patrísticas, recorda através da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, de forma emblemática, a eficácia do Espírito Santo na missão da Igreja: “O Espírito [...] conduz a Igreja à verdade total (cf. *Jo* 16, 13) e unifica-a na comunhão e no ministério, enriquece-a e guia-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos e adorna-a com os seus frutos” (Cf. *Ef* 4, 11-12; 1 *Cor* 12, 4; *Gál* 5, 22) (LG 4). Logo em seguida, descreve o caráter pluriforme e providente do mesmo Espírito na vida da sua Igreja:

Além disso, este mesmo Espírito Santo não só santifica e conduz o Povo de Deus por meio dos sacramentos e ministérios e o adorna com virtudes, mas “distribuindo a cada um os seus dons como lhe apraz” (1 *Cor*. 12,11), distribui também graças especiais entre os fiéis de todas as classes, as quais os tornam aptos e dispostos a tomar diversas obras e encargos, proveitosos para a renovação e cada vez mais ampla edificação da Igreja, segundo aquelas palavras: ; “a cada qual se concede a manifestação do Espírito em ordem ao bem comum” (1 *Cor*. 12,7) (LG 12).

A Igreja recebe a graça e o ministério de acolher, discernir e confirmar a manifestação do Espírito no desenvolvimento da missão da comunidade eclesial, enriquecida pelos diversos carismas, a fim de que favoreçam a diversidade e a comunhão. Desse modo, diversidade de dons e carismas não significa uma confusão ou desordem na vida eclesial. Não se trata de cada um fazer o que lhe apraz, mas sim, através do próprio Espírito, serem chamados a colaborar para que a Igreja, ao exercer o seu ministério, seja geradora de caridade e unidade. Sobre os carismas na edificação da Igreja, o Concílio diz:

Estes carismas, quer sejam os mais elevados, quer também os mais simples e comuns, devem ser recebidos com ação de graças e consolação, por serem muito acomodados e úteis às necessidades da Igreja. Não se devem, porém, pedir temerariamente, os dons extraordinários nem deles se devem esperar com presunção os frutos das obras apostólicas; e o juízo acerca da sua autenticidade e reto uso, pertence àqueles que presidem na Igreja e aos quais compete de modo especial não extinguir o Espírito mas julgar tudo e conservar o que é bom (cfr. 1 Tess. 5, 12. 19-21). (LG 12).

O caráter ministerial da Igreja, como já foi dito, tem sua origem e raiz na Trindade, que por sua força e natureza, dispõe a sua Igreja em ordem missionária. Neste sentido, nenhum carisma ou ministério existe para si mesmo, mas para a missão que é a razão de ser da própria Igreja. Igreja peregrina que é, por sua natureza missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na «missão» do Filho e do Espírito Santo (AG 2).

Na sua compreensão teológica, Bruno Forte define a unidade da Igreja como imagem da comunhão trinitária. Ela vive da diversidade, cuja expressão é a multiplicidade das Igrejas, dos carismas e dos ministérios suscitados pelo Espírito Santo para o crescimento do único Corpo de Cristo.

A Igreja, estruturada sobre a exemplaridade trinitária, deverá manter distância da uniformidade que nivela e mortifica a originalidade e a riqueza dos dons do Espírito, e de toda contraposição lacerante que não resolva na comunhão as tensões entre carismas e ministérios diversos, em fecundo acolhimento recíproco das pessoas e das comunidades na unidade da fé, da esperança e do amor (FORTE, 2005, p. 23).

É na Santíssima Trindade que se encontra o fundamento de ministerialidade na Igreja e da Igreja. A ação ministerial se realiza na dinâmica trinitária, isto é, ao



receber o dom do Pai por meio do Filho e do Espírito Santo, torna-se servidora habilitada na comunidade eclesial, com o propósito de anunciar o Reino definitivo.

Em suma, o que ora se destaca é que os carismas no Novo Testamento são compreendidos como graças para servir. Não há uma cisão entre carismas e ministérios (cf. Rm 12 e Ef também), pois todos os carismas destinam-se a servir. Além disso, uns e outros procedem do mesmo Espírito Santo.

### 2.2.3 A Igreja povo de Deus, na força do Espírito

A Igreja é a comunidade dos que acolhem a Palavra e nela são introduzidos pelo Batismo (At 2, 41). Desse modo, todos os seus membros, pelo fato de terem sido batizados, são consagrados e recebem a unção no Messias: “Não sabeis que todos os que fomos batizados no Cristo Jesus, é na sua morte que fomos batizados?” (Rm 6, 4).

A proposta do Concílio Vaticano II é recuperar a compreensão de Igreja povo de Deus, conforme seus elementos bíblicos originários. Assim, a Constituição Dogmática sobre *Lumen Gentium*, antes de tratar da hierarquia (cap. III) e dos leigos (cap. IV), fala do povo de Deus (cap. II). Trata-se da Igreja na sua totalidade, naquilo que é comum a todos os membros. O texto conciliar aponta para a necessária superação da distância entre hierarquia e laicato, a partir de uma eclesiologia de comunhão que recupera a categoria teológica “Povo de Deus”, segundo o Novo Testamento. A compreensão de uma Igreja como povo escolhido de Deus será a tônica do documento *Lumen Gentium*. Assim escrevem os padres conciliares:

Com efeito, os que creem em Cristo, regenerados não pela força de germe corruptível mas incorruptível por meio da Palavra de Deus vivo (cfr. 1 Ped. 1,23), não pela virtude da carne, mas pela água e pelo Espírito Santo (cfr. Jo 3, 5-6), são finalmente constituídos em «raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo conquistado que outrora não era povo, mas agora é povo de Deus» (1 Ped. 2, 9-10) (LG 9).

A noção de povo de Deus exprime a profunda unidade, a comum dignidade e fundamental habilitação de todos os membros à participação na vida da Igreja e à corresponsabilidade na missão. Assim, ao referir-se a "atividade missionária da Igreja", o Concílio se expressa:

Como membros de Cristo Vivo, a Ele incorporados e configurados pelo Batismo e também pela Confirmação e a Eucaristia, obrigados se acham todos os fiéis ao dever de cooperar na expansão e dilatação de seu corpo, para o levarem quanto antes à plenitude. Empenhem-se com afinco na obra da evangelização (AG 36).

A percepção de povo de Deus habitado pelo Espírito Santo exprime a profunda unidade existente entre a Trindade e os membros do Corpo entre si. Povo sacerdotal, profético e régio, convocado e enviado, Povo de Deus, servo e peregrino, na força do Espírito, ungido para a missão, Povo cheio do Espírito Santo, morada de Deus, sob o fundamento que é Cristo, no qual os apóstolos constroem a Igreja (1Cor 3,11). Povo da esperança e do serviço, que se reconhece chamado e enviado a dar o testemunho das obras daquele que os enviou. Não se trata de um conceito sociológico, de um povo qualquer, mas do Povo de Deus, povo por ele eleito e enviado em missão:

Cristo Nosso Senhor, Pontífice escolhido de entre os homens (cfr. Hebr. 5, 1-5), fez do novo povo um “reino sacerdotal para seu Deus e Pai” (Apor. 1,6; cfr. 5, 9-10). Na verdade, os batizados, pela regeneração e pela unção do Espírito Santo, são consagrados para serem casa espiritual, sacerdócio santo, para que, por meio de todas as obras próprias do cristão, ofereçam oblações espirituais e anunciem os louvores daquele que das trevas os chamou à sua admirável luz (cfr. 1 Ped. 2, 4-10) (LG 13).

Desse modo, o Concílio Vaticano II não temeu romper com o modelo de uma Igreja fechada em si mesma, por seu caráter jurisdicista, clericalista e triunfalista, eivada de reduções na eclesiologia (cf. CAVACA, 2013, p. 111-113; MARQUES, 2015, p. 452: o modelo da Nova Cristandade). Ao contrário, propôs-se a lançar a Igreja no novo horizonte de abertura e disposição evangelizadora. Ele afirma que todos são corresponsáveis pela missão que se realiza na diversidade de ministérios, dons e carismas (cf. LG 4 e 12). O Concílio Vaticano II, na sua Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, ao aprofundar o mistério da Igreja, apresenta uma questão crucial sobre a sua natureza e missão e põe em primeiro plano a noção de Povo de Deus (LG 9). Além disso, acentua a dignidade batismal (LG 10), reafirma que todos somos igualmente filhos de Deus, irmãos de Jesus Cristo e santificados pelo Espírito Santo. Enfim, apresenta uma nova visão de Igreja, ao pôr em evidência o conjunto de toda a comunidade cristã (LG 13):

Uma vez demonstradas as causas divinas da Igreja na Santíssima Trindade e na encarnação do Filho de Deus, era preciso demonstrar também que a

Igreja se constrói na história humana, que ela se estende a toda humanidade, oferecendo a vida que se encontra em Cristo e do qual a Igreja é sacramento. Por isso, logo após o Mistério, o Concílio parte para a análise de sua concreção, nasce o capítulo: povo de Deus. (CAVACA, 2013, 114)

Esse mesmo Concílio recuperou a compreensão de Igreja como povo de Deus. Deste modo, expressa e compreende a realidade mais profunda e íntima da Igreja, pois ela é o Povo de Deus da nova e da eterna aliança. Tal compreensão é fundamentalmente bíblica, por isso a Igreja se situa numa linha histórico-salvífica, atuante no hoje da história humana (Lc 6, 12-16; Lc 10, 1-24; At, 1, 1-13; 1 Cor 3, 16-17; 1 Cor 12, 12-30; Ef 2, 14-22; 1 Pd 2, 1-10). As teologias Lucana e Paulina explicitam claramente a perspectiva da eleição ou escolha dos apóstolos, dos discípulos e de toda a comunidade cristã em vista da missão. Povo convocado e enviado, habitado pelo Espírito Santo com dons e carismas para o serviço e para a missão.

Ao refletir a respeito da recuperação do conceito de “Povo de Deus” do Concílio Vaticano II, Comblin retoma a compreensão do mesmo, como uma teologia fundamentada na Sagrada Escritura, tanto no Antigo como no Novo Testamento, como se expressa a seguir:

Ao propor de novo o tema do Povo de Deus no centro da eclesiologia, o Vaticano II é fiel a uma das suas orientações básicas que era o retorno à Bíblia. Tomando o tema povo de Deus como eixo, a doutrina conciliar está em continuidade evidente com a Bíblia. Não se trata de volta ao Antigo Testamento, como dizem alguns autores. O Novo Testamento inteiro explícita ou implicitamente está construído sobre o tema do Povo de Deus. Os evangelhos mostram Jesus no meio do Povo de Deus, agindo entre o povo, novo Israel que começa com discípulos. Os outros livros do Novo Testamento elaboram a teologia do novo Povo de Deus. A teologia de São Paulo tomou o conceito de povo de Deus como o seu conceito básico. Mas os outros livros bíblicos também seguem esse caminho: “Fez de nós um reino, sacerdotes para Deus, seu Pai” (Ap 1,6). “Eles serão o seu povo e ele será o Deus que está com eles” (Ap 21,3). “Vós, porém sois a raça eleita, a comunidade sacerdotal do rei, a nação santa, o povo que Deus conquistou para si, para que proclameis os altos feitos daquele que das trevas vos chamou para sua luz maravilhosa; vós que outrora não éreis seu povo, mas agora sois o povo de Deus” (1Pd 2,9-10) (COMBLIN, 2002, p.29).

O Concílio Vaticano II, ao evocar a categoria teológica Povo de Deus, recupera a compreensão da missão servidora da Igreja, qual seja, a presença da liberdade entre os homens e o serviço ao mundo. É o pertencimento ao Povo de Deus e o Dom do Espírito que constituem uma Igreja cheia do Espírito para dar a

vida ao mundo. Como bem recorda Codina (2019), a Igreja é, ao mesmo tempo, Povo de Deus e Templo do Espírito Santo:

Povo de Deus, como prolongamento e herdeira de Israel; Corpo de Cristo, em forma de comunidade, é seu corpo total, a dimensão eucarística e sacramental da igreja. E por fim Templo do Espírito Santo, enquanto realizadora das promessas escatológicas dos profetas. O Espírito faz da Igreja uma realidade pneumática (Rm 8, Gl 3). A Igreja é morada do Espírito Santo (CODINA, 2019, p. 47-48).

Como Templo do Espírito Santo, a Igreja manifesta a força do mistério que a anima e a sustenta no caminho da missão (Ef 2, 14-22). É o próprio Espírito que edifica e sustenta a obra daqueles a quem Ele chama e capacita para missão (1 Cor 12, 28):

A Igreja, enquanto marcada e selada “com Espírito Santo e fogo” (Mt 3, 11), continua a obra do Messias, abrindo para o crente as portas da salvação (cf. 1 Cor 6,11). Paulo afirma isso desse modo: “Vocês são uma carta de Cristo redigida por nosso ministério e escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo” (2 Cor 3, 3). O mesmo e único Espírito guia e fortalece a Igreja no anúncio da Palavra, na celebração da fé e no serviço da caridade até que o Corpo de Cristo alcance a estatura de sua Cabeça (cf. Ef 4, 15-16). Desse modo, pela eficaz presença de seu Espírito, Deus assegura até à parusia sua proposta de vida para homens e mulheres de todos os tempos e lugares, impulsionando a transformação da história e seus dinamismos. Portanto, o Senhor continua derramando hoje sua Vida pelo trabalho da Igreja que, com “a força do Espírito Santo enviado desde o céu” (1 Pe 1, 12), continua a missão que Jesus Cristo recebeu de seu pai (cf. Jo 20, 21) (DAp 151).

É necessário ter em linha de pensamento que é o Espírito quem qualifica a Igreja com “dons hierárquicos e dons carismáticos” e, sendo dons, até a hierarquia expressa a Unção, e não apenas a função: a hierarquia – incluindo o diaconado – fundamenta-se no ministério de Jesus dinamizado pelo Espírito.

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* afirma que o mistério da comunhão se dá na totalidade do Povo de Deus. Ela manifesta a universalidade da salvação, da qual a Igreja é sacramento. É o povo de Deus, guiado pelo Espírito Santo, que atualiza a ação evangelizadora e missionária de Cristo, com vistas a expandir o Reino de Deus:

Assim, este povo messiânico, embora não abranja atualmente todos os homens e por vezes apareça como pequeno rebanho é, contudo, para todo gênero humano germe firmíssimo de unidade, esperança e salvação. Constituído por Cristo para a comunhão de vida, caridade e verdade, é por

Ele ainda assumido como instrumento de redenção de todos, e é enviado ao mundo inteiro como luz do mundo e sal da terra (cf. Mt 5, 13-16) (LG 9).

Ser povo de Deus significa ser povo em comunhão, que com suas características de sujeito histórico, vive e cumpre a sua missão em cada realidade. A missão da Igreja é empenhar-se cada vez mais para apresentar ao mundo o Evangelho da salvação, colaborando para que a humanidade, na busca da verdade, justiça e paz, encontre a salvação.

Ao ressaltar a dimensão servidora da Igreja, isto é, a Igreja como sacramento do “serviço” de Cristo à humanidade, Agenor Brighenti destaca alguns aspectos que fundamentam a sua missão e a dimensão da caridade constitutiva da sua dimensão ministerial:

“O serviço” constitutivo do “ser” eclesial, de sua essência como instituição mediadora da salvação de Deus em Jesus Cristo. Por isso, a Igreja é “corpo de serviço de Deus no mundo”. Se a Igreja não for servidora, não serve para nada, pois ela existe para prolongar o significado último da eucaristia, que é o lava-pés. Nessa perspectiva, o Concílio Vaticano II gestou uma nova autocompreensão da Igreja, denominando-a “servidora da humanidade, para levá-la a Cristo e instaurar o Reino de Deus” (LG, n 8). No mesmo número da *Lumen gentium* apresenta a Igreja, em relação ao Reino como caminho de kénosis”. Da mesma forma com que Jesus se fez servidor, último entre os últimos, a Igreja é a serva do Reino, cuja função, enquanto seu sacramento, é “desaparecer”, para que ele “cresça” (Jo 3,30). Enquanto estrutura hierofânica, seu papel é transparecer o divino através do humano, tendo humildade de nunca pretender identificar-se com ele. Fazendo-se última entre os últimos, corpo de serviço de Deus no mundo, enquanto caminho de kénosis do Reino, precisa ser “a Igreja dos pobres para ser a Igreja de todos” (João XXIII) (BRIGHENTI, 2006, p.131).

Constituída no batismo como Povo consagrado, no qual habita o Espírito de Deus, a Igreja é essencialmente servidora, chamada a pelo Evangelho a solidarizar-se com o gênero humano em todas as circunstâncias da sua existência: nas dores, dificuldades, alegrias e esperanças:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história (GS 1).

A Igreja está no mundo para servir, segundo o Reino de Deus. Os ministérios, dons e carismas na Igreja existem para o serviço, assim como o próprio Cristo, que veio ao mundo para servir e não para ser servido (Mc 10, 45).

#### **2.2.4 Serviço diaconal como ministério estável**

A Igreja, plasmada pelo Espírito Santo, constitui-se pela diversidade dos dons e carismas do mesmo Espírito. E todos os dons são concedidos em vista do bem comum: os diversos dons se constituem em diversos "ministérios". Paulo reafirma que a ação do Espírito suscita a variedade dos dons para a missão, favorecendo a diversidade na comunidade (cf. 1Cor 12,4). Em Rm 12, 3-13, deste modo, o apóstolo fala da variedade de dons.

Na interpretação de alguns exegetas se destaca o ministério diaconal como um ministério particular, isto é, o ministério do serviço em meio aos demais ministérios e carismas. Paulo adverte: "Quem tem o dom do serviço, que o exerça servindo. Quem o do ensino, ensinando" (Rm 12, 7). Na opinião de Almeida (1989b), tem-se que

A diversidade carismático-ministerial é querida por Deus, é obra do Espírito [cf. 1 Cor 12, 4-11; 12, 28; Rm 12, 6]. Todo ministério é dom [chárisma] de Deus: Deus é quem os 'estabelece' na Igreja [cf. 1 Cor 12, 28]; é Cristo que 'outorga' a cada um uma função diferente [cf. Ef 4, 11]. Esta diversidade se dá no interior da Igreja [1 Cor 12, 2 8: 'en té ekklesía'] e visa à edificação [oikodomé] do corpo de Cristo [Ef 4, 12; cf. 1 Cor 14, 3-4; 14, 12; 2 Cor 12, 19] (ALMEIDA, 1989b, p. 21).

Paulo enfatiza que todos os dons precisam ser colocados com vistas ao bem de todos, "cada qual considerando a outrem como mais digno de estima" (Rm 12, 10; 1 Cor 12, 7), em tudo "servindo o Senhor". O Apóstolo Pedro exorta a comunidade a colocar-se a serviço: "Conforme o dom que cada qual recebeu, consagrai-vos ao serviço uns dos outros" (1 Pd 4, 10). Na compreensão das primeiras comunidades, a diaconia, a ministerialidade e o serviço são a própria identidade da Igreja.

Podem-se encontrar as listas dos carismas em diversas cartas paulinas. Os dons são expressos, numa primeira forma, com uma série de substantivos: "profecia", "diaconia", "ensinamento", "exortação", "sabedoria", "inteligência", "fé", "capacidade de curar", de "fazer obras de misericórdia". Depois se apresenta um elenco de substantivos de caráter pessoal: "apóstolos",

“profetas”, “doutores”, “evangelistas”, “pastores”. “Nestas listas, Paulo não põe tudo no mesmo nível: em alguns casos, enumera os dons seguindo certa ordem [cf. 1 Cor 12, 31; 14, 1] e insiste em que se aspire aos dons melhores [cf. 1 Cor 12, 31; 14, 1]” (ALMEIDA, 1989a, p. 16).

Ao falar da diversidade dos dons e ministérios (cf. Ef 4, 1-16), Paulo diz que a finalidade de qualquer ministério específico é "aperfeiçoar os santos em vista do ministério, para a edificação do Corpo de Cristo" (cf. Ef 4,12). Compreende-se que cada ministério ou carisma específico tem como finalidade conduzir a comunidade ao amadurecimento daquilo que a identifica como comunidade dos seguidores e seguidoras de Jesus: a condição de servidores vocacionados à santidade.

A Igreja toda é como sacramento, sinal e instrumento, da diaconia de Cristo. A Igreja toda é povo sacerdotal encarregado de proclamar, através de tudo o que faz, o poder transformador de Deus, encarregado da "diaconia do evangelho" (cf. 1 Pd 2, 9-10).

Dirigindo-se aos bispos da Igreja Católica, a Congregação para a Doutrina da Fé recorda o protagonismo do Espírito Santo na missão da Igreja e reafirma os ensinamentos do Concílio Vaticano II a respeito da diversidade dos dons e carismas na obra da evangelização:

A Igreja rejuvenesce com a força do Evangelho e o Espírito Santo renova-a continuamente, edificando-a e guiando-a “com diversos dons hierárquicos e carismáticos”. O Concílio Vaticano II pôs repetidamente em relevo a obra maravilhosa do Espírito Santo que santifica o Povo de Deus, guia-o, adorna-o de virtudes e enriquece-o de graças especiais em vista da sua edificação. A ação do divino Paráclito na Igreja é multiforme, como amam evidenciar os Padres. Escreve João Crisóstomo: “Quais são as graças que operam a nossa salvação que não nos são concedidas pelo Espírito Santo? Por seu intermédio, somos libertos da escravidão e chamados à liberdade, somos conduzidos à adoção filial e, por assim dizer, formados de novo, após ter deposto o pesado e odioso fardo dos nossos pecados. Pelo Espírito Santo, vemos assembleias de sacerdotes e possuímos multidões de doutores; desta nascente brotam dons de revelação, graças de cura e todos os outros carismas que adornam a Igreja de Deus”. Graças à mesma vida da Igreja, às numerosas intervenções do Magistério e à investigação teológica, felizmente cresceu a consciência da multiforme ação do Espírito Santo na Igreja, despertando assim uma atenção particular aos dons carismáticos, dos quais, em todo o tempo, o povo de Deus se enriqueceu para o desenvolvimento da sua missão (MÜLLER, 2016, p.1).

É para o serviço da comunhão e da missão que o Espírito Santo enriqueceu a Igreja com a diversidade de dons e carismas que se complementam na comunhão Trinitária, que constitui a Igreja como Corpo do qual Cristo é a Cabeça.

É o serviço da comunhão e missão de todos que alguns recebem um ministério, na Igreja e pela Igreja – e acrescento, de boa vontade, para a Igreja: “ Para que a Igreja viva realize a sua missão a serviço do Evangelho neste mundo, é necessário que, nela, alguns aceitem servir para dispor para a sua missão – dito de outra maneira: de assegurar, no seu interior os ministérios”. Todos tomam parte na comunhão trinitária; todos fazem parte da missão de todo o Corpo eclesial de que Cristo é a Cabeça; todos beneficiam da assistência do Espírito Santo. Este prodigaliza os seus diversos dons a cada um para o bem de todos, em vista da edificação do Corpo inteiro (cf. Rm 12,4-8; 1 Cor 12,4-11; 1 Pd 4,10-11; cf. LG 32) (BORRAS, 2010, p. 86).

O Concílio Vaticano II significou uma “volta às fontes” bíblicas e patrísticas sobre a identidade e missão da Igreja. Deste modo, o Vaticano II resgatou o modelo de Igreja das comunidades cristãs primitivas. No seio delas, a exemplo do que Jesus queria, existia um único gênero de cristãos – os batizados – tal como registra a *Lumen Gentium*: “um é o Povo eleito de Deus: um só Senhor, uma só fé, um só batismo (Ef 4,5); comum na dignidade dos membros pela regeneração em Cristo; comum na graça de filhos; comum na vocação à perfeição” (LG 32b). Trata-se de uma comunidade toda ela profética (LG 35), sacerdotal (LG 34) e régia (LG 36), de onde brotam todos os ministérios para o serviço da comunidade. Inserida na sociedade, inclusive os ministérios ordenados:

[...] ainda que alguns, por vontade de Cristo, sejam constituídos mestres, dispensadores dos mistérios e pastores em benefício dos demais, reina, contudo, entre todos, verdadeira igualdade quanto à dignidade e ação comum a todos os fiéis na edificação do Corpo de Cristo. (LG 32c).

Ao discorrer sobre a ação do Espírito Santo nos dons hierárquicos e carismáticos, a Congregação para a Doutrina da Fé enfatiza:

Destacar o horizonte trinitário e cristológico dos dons divinos também ilumina a relação entre dons hierárquicos e carismáticos. De fato, nos dons hierárquicos, enquanto ligados ao sacramento da Ordem, surge em primeiro plano a relação com o agir salvífico de Cristo, como por exemplo a instituição da Eucaristia (cf. Lc 22, 19s; 1 Cor 11, 25), o poder de perdoar os pecados (cf. Jó 20, 22s), o mandato apostólico com a tarefa de evangelizar e batizar (cf. Mc 16, 15s; Mt 28, 18-20); ao mesmo tempo, é evidente que nenhum sacramento pode ser conferido sem a ação do Espírito Santo. Por outro lado, os dons carismáticos dispensados pelo Espírito Santo, “que sopra onde quer” (cf. Jo 3, 8) e distribui os seus dons “como lhe apraz” (1 Cor 12, 11), são objetivamente relacionados com a vida nova em Cristo, uma vez que «cada um pela sua parte» (1 Cor 12, 27) é membro do seu Corpo. Portanto, a correta compreensão dos dons carismáticos é feita somente em relação à presença de Cristo e ao seu serviço; tal como afirmou João Paulo II, “os verdadeiros carismas não podem senão tender para o encontro com Cristo nos Sacramentos”. Portanto, tanto os dons



hierárquicos como os carismáticos aparecem unidos relativamente à relação intrínseca entre Jesus Cristo e o Espírito Santo. (MÜLLER, 2016, p. 1)

Dirigindo-se aos bispos da República Tcheca, afirma o Papa Francisco:

Não pode faltar, de vossa parte, uma abertura vigilante e corajosa aos novos impulsos do Espírito Santo, que distribui seus dons e leva os fiéis leigos a assumirem responsabilidades e ministérios para a renovação e crescimento da Igreja (FRANCISCO, 2014a).

Conforme afirma o Concílio Vaticano II:

O Povo santo de Deus participa também da função profética de Cristo, difundindo o seu testemunho vivo, sobretudo pela vida de fé e de caridade oferecendo a Deus o sacrifício de louvor, fruto dos lábios que confessam o Seu nome (cfr. Hebr. 13,15). A totalidade dos fiéis que receberam a unção do Santo (cfr. Jo. 2, 20 e 27), não pode enganar-se na fé; e esta sua propriedade peculiar manifesta-se por meio do sentir sobrenatural da fé do povo todo, quando este, «desde os Bispos até ao último dos leigos fiéis» (22), manifesta consenso universal em matéria de fé e costumes. Com este sentido da fé, que se desperta e sustenta pela ação do Espírito de verdade, o Povo de Deus, sob a direção do sagrado magistério que fielmente acata, já não recebe simples palavra de homens mas a verdadeira palavra de Deus (cfr. 1 Tess. 2,13), adere indefectivelmente à fé uma vez confiada aos santos (cfr. Jud. 3), penetra-a mais profundamente com juízo acertado e aplica-a mais totalmente na vida. Além disso, este mesmo Espírito Santo não só santifica e conduz o Povo de Deus por meio dos sacramentos e ministérios e o adorna com virtudes, mas «distribuindo a cada um os seus dons como lhe apraz» (1 Cor. 12,11), distribui também graças especiais entre os fiéis de todas as classes, as quais os tornam aptos e dispostos a tomar diversas obras e encargos, proveitosos para a renovação e cada vez mais ampla edificação da Igreja, segundo aquelas palavras: ; «a cada qual se concede a manifestação do Espírito em ordem ao bem comum» (1 Cor. 12,7). Estes carismas, quer sejam os mais elevados, quer também os mais simples e comuns, devem ser recebidos com ação de graças e consolação, por serem muito acomodados e úteis às necessidades da Igreja. (LG 12).

O ministério dos diáconos se insere, portanto, na manifestação do Espírito que enriquece a Igreja na variedade dos dons e carismas. Embora seja um ministério ordenado, não se sobrepõe a nenhum outro ministério, mas pelo contrário, deve ser exercido na comunhão e no fomento da comunhão e unidade da comunidade eclesial, realizando aquilo que lhe é próprio por força ou pela identidade do ministério que fora confiado pela Igreja.

[...] A presença do diácono na comunidade lembra constantemente que todos os batizados devem servir. Ligado diretamente ao bispo, não substitui, pois, o presbítero, mas tem sua função específica: “ parceiros dos padres, os diáconos não são nem seus auxiliares, nem seus concorrentes. O cargo que o diácono recebe em sua ordenação é precisamente de relacionar a

palavra, a caridade e a liturgia segundo uma lógica específica, a lógica do serviço. O ponto forte do diaconado é ser sinal do Cristo que veio para servir e não para ser servido. [...] (TABORDA, 2011, p. 204).

Ao aprofundar a reflexão sobre a perspectiva pneumatológica e carismática do ministério diaconal, Borrás e Pottier reafirmam caráter de impulsionador da diaconia da própria Igreja junto à comunidade dos batizados e para além dela:

Paulo VI falou do diaconado como de uma ordem que se faz intérprete das necessidades e das esperanças das comunidades e promotora da diaconia da Igreja. Nessa perspectiva, não se poderia dizer que a ordem dos diáconos é chamada a ligar os diferentes “serviços” da Igreja, se não os dons multiformes do Espírito no seio do Povo de Deus? No cruzamento da energia dos carismas (a respeitar) e dos ministérios (a ajudar), os diáconos dão assistência ao bispo diocesano, segundo a diversidade inerente ao corpo diaconal, garantindo a convergência, senão a sinergia da corresponsabilidade batismal e da colaboração ministerial. (BORRAS, POTTIER, São Paulo, 2010, p. 145).

No sacramento da Ordem, o diácono é chamado, fomentado e direcionado a este servir. Ele, o diácono, é na Igreja o ministro ordinário para a promoção deste serviço: a diaconia de Cristo.

O diácono, colaborador do bispo e do presbítero, recebe uma graça sacramental própria. O carisma do diácono, sinal sacramental de ‘Cristo Servo’, tem uma grande eficácia para a realização missionária com vistas à libertação integral do homem (DP 697).

Goedert, ao traçar o perfil teológico-pastoral do ministério diaconal, afirma que:

O ministério é um dom, uma vocação e um mandato do Senhor, não fechado em si mesmo, mas integrado num contexto de mútua colaboração de todos os membros da Igreja. O ministério ordenado não se reduz a simples reconhecimento, por parte da Igreja, de uma atividade exercida em decorrência do caráter batismal, mas constitui um verdadeiro e novo mandato conferido pela imposição das mãos. (GOEDERT, 1995, p. 62).

Nas conclusões da Conferência de Puebla, os bispos asseguram:

A missão e função do diácono não se devem avaliar como critérios meramente pragmáticos, por estas ou aquelas ações que poderiam ser exercidas por ministros não ordenados ou por qualquer batizado; nem tampouco como solução para a escassez numérica de presbítero que afeta a América Latina. A conveniência do diácono se depreende da sua contribuição eficaz para melhor cumprimento da missão salvífica da Igreja, graças a uma atenção mais adequada à tarefa evangelizadora. (DP 698).

O diaconado permanente deve ser a expressão da Igreja servidora e os diáconos, testemunhas do evangelho vivo, “reconhecidos mais pelo que são do que pelo que fazem” – como dizia a Conferência de Santo Domingo (SD 77). Ainda em Santo Domingo os bispos reafirmam o campo de missão específica para os diáconos:

São, de forma muito privilegiada, sinais do Senhor Jesus que ‘não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida e, resgate de muitos’ (Mt 20,28). Seu serviço será o testemunho evangélico em face de uma história em que a iniquidade se faz cada vez mais presente e se esfria a caridade (cf. Mt 24,12). O diácono permanente, por sua condição de ministro ordenado e inserido nas complexas situações humanas, tem um amplo campo de serviço em nosso Continente. Através da vivência da dupla sacramentalidade, a do Matrimônio e a da Ordem, ele realiza seu serviço, detectando e promovendo líderes, promovendo a co-responsabilidade de todos para uma cultura da reconciliação e da solidariedade [...] principalmente nas zonas rurais distantes e nas grandes áreas urbanas densamente povoadas, onde só através dele um ministro ordenado se faz presente” (SD 76-77).

Dirigindo-se aos diáconos do mundo, por ocasião da festa de São Lourenço, diácono e mártir, Cláudio Hummes, então cardeal prefeito da Sagrada Congregação para o Clero, estimula os diáconos permanentes à missão caritativa:

Devemos amar os pobres de maneira preferencial, como o fez Jesus Cristo. Ser solidários com eles. Procurar construir uma sociedade justa, fraterna e pacífica. A recente carta encíclica de Bento XVI, “Caritas in Veritate” (A caridade na verdade), seja nosso guia atualizado. Nesta encíclica o Santo Padre afirma como princípio fundamental: “A caridade é a via mestra da doutrina social da Igreja” (n. 2). Os Diáconos, com efeito, identificam-se especialmente com a caridade. Os pobres constituem um de seus ambientes cotidianos e objeto de sua incansável solicitude. Não se compreenderia um Diácono que não se envolvesse pessoalmente na caridade e na solidariedade para com os pobres, que hoje de novo se multiplicam (HUMMES, 2007).

Ao mencionar a função ministerial do diácono no exercício da diaconia da Palavra, recordam os Bispos do Brasil, nas Diretrizes para o Diaconato Permanente:

A missão evangelizadora do diácono não se restringe à homilia ou ao anúncio da Palavra no contexto litúrgico. Como anunciador da Palavra, ele dá, antes de tudo, o testemunho de um ouvinte assíduo e convicto do Evangelho. Transmite à comunidade a Palavra libertadora, da qual ele próprio já experimentou o poder de transformação. Identifica-se com a Palavra anunciada; é, em sentido pleno, servidor da Palavra. Anuncia a Palavra de Deus com a autoridade que nasce, especialmente, da convivência com o Evangelho (CNBB, 2004, p. 11).

O ministério diaconal torna-se instrumento indispensável para dinamizar, em todo o Povo de Deus, uma permanente abertura e conversão pastoral, que passa da concepção estreita da função cultual do ministério para a concepção muito mais missionária e criativa no mundo. A partir dessa concepção, o diácono permanente não se define mais pelo serviço sacramental, mas pela corresponsabilidade e presença na ação evangelizadora de toda a Igreja.

### **2.3 A DIACONIA EM CHAVE PNEUMATOLÓGICA**

A chave pneumatológica decorre da ação do Espírito em Jesus e na Igreja, à luz sobretudo de Lucas. Então, parte-se do protagonismo do Espírito – conforme dito nos tópicos anteriores – para justificar uma leitura do diaconado em chave pneumatológica. E, como o Espírito é fundamentalmente Espírito da Caridade (cf. LG, GS, DH, DV, DCE), da Verdade (cf. DV, UR, DH, LG, GS, AP, PO, SC, GE, OT, CD, NA, PC, IM, OE), da Unidade (cf. ES, UR, OE, NA, AG, LG, CD, GS, DV, AA, PO, e UUS) e da Missão (cf. LG, GS, AG, UR, NA, EG), estas serão as dimensões tomadas para se abordar o diaconado. Tais dimensões – indicadoras de novas expressões e territórios de diaconia – decorrem da Pneumatologia (com base no Novo Testamento e nos documentos do magistério). Pois, se o Espírito é o agente da caridade verdade, unidade e missão, pode-se aplicar estas dimensões ao diaconado, já que este supõe homens “cheios do Espírito”, inseridos num contexto a partir de uma “Igreja pobre para os pobres” (EG 198).

Tais dimensões não ofuscam a diaconia da missão específica do diácono, isto é, “servir o Povo de Deus na diaconia da liturgia, da palavra e da caridade” (CIC cân. 1.009, final), ao contrário, elas têm sua origem no Espírito Santo, que conduz a Igreja e as manifesta.

#### **2.3.1 Cheios do Espírito e de sabedoria, para servir**

O título cita Atos, “cheios do Espírito e de sabedoria” (*pléreis pneúmatos kai sophías*), a fim de chamar a atenção para a participação dos Sete no Espírito de Pentecostes, que os anima, constitui, envia e qualifica à semelhança do Messias Servo e dos Doze: a todos esses Lucas aplica a expressão “cheios do Espírito

Santo”. Como acenado antes, em distinção deste mandato em Mateus, o evangelista Lucas enfatiza o papel do Espírito e o evento de Pentecostes na constituição e dinamização da Igreja missionária. Adiante, seguem outras abordagens com as implicações e as consequências que lhes são inerentes, especialmente em relação ao ministério diaconal.

Por meio da pregação, dos gestos, da paixão, morte e ressurreição de Jesus, os primeiros discípulos recebem o mandato missionário do Ressuscitado com a força de Pentecostes. Pois serão eles as testemunhas e os missionários da Boa Nova do Reino de Deus, como nos recorda o Papa Francisco: “a evangelização obedece ao mandato missionário de Jesus: ‘Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo – Ensinai-os a observar tudo o que vos tenho ordenado (Mt 28, 19-20)’” (EG 19).

A identidade missionária do diácono se assemelha à do Cristo-Servo que, cheio do Espírito, assume a missão que lhe fora confiada pelo Pai (Lc 4, 1). Assim como Jesus vive o seu ministério e missão fortalecido pelo Espírito, o diácono é chamado a viver o seu ministério na participação especial da diaconia de Cristo, pela força do Espírito, através do sacramento da Ordem (DD 35). A comunidade cristã vê Jesus como um ungido pelo Espírito, o Cristo em quem as promessas são cumpridas (Mc 1, 10-11) (EDWARDS, 2007, p. 135).

Nesta perspectiva, a configuração do diácono permanente ao Cristo-Servo ocorre somente por força e obra do Espírito Santo, portanto, se não houver uma abertura da Igreja e dos sujeitos à Unção, a Ordenação, por si só, enquanto rito, não resolve, pois a Ordenação não é magia, mas sacramento.

Se, por hipótese, aqui dito somente a título de argumentação, restasse admitido que a configuração do diácono permanente ao Cristo-Servo se dá pela Ordenação, o argumento estaria fixado no terceiro grau da Ordem, como participação hierárquica no clero, mas deixaria em aberto as consequências proféticas da Unção, como dito por Lucas: “cheios do Espírito santo”, para servir. Mas, não é esta a hipótese defendida na presente tese.

Portando, o entendimento da configuração do diácono permanente ao Cristo-Servo por iniciativa do Espírito Santo é fundamental para a originalidade e o dinamismo de sua identidade e missão ministerial. A partir dessa perspectiva, compreende-se melhor, não só a diversidade de tarefas confiadas ao diácono, via de regra, numa limitada dimensão funcional, mas, sobretudo, num alinhamento

missionário sob a condução do Espírito Santo, em uma imensa gama de possibilidades a serem assumidas nos dias de hoje, diante das demandas da Igreja. Através dos séculos, não existiu na Igreja diaconado imutável como grau inferior ao do sacerdócio hierárquico. Ao contrário, o exercício desse ministério apresentou formas históricas muito diversas, inovadoras e fronteiriças, adaptadas às circunstâncias e necessidades concretas da Igreja.

Sem a força do Espírito, ou fechado aos sinais que Ele aponta, o ministério diaconal corre sério risco de tornar-se meramente funcional, perder o vigor da sua novidade na vida da comunidade. Tornar-se-ia uma suplência do presbítero, sem apresentar o rosto do Cristo-Servo, em missão pela Unção do Paráclito (Lc 4,18). Edwards adverte:

Jesus é conduzido pelo Espírito em todos os aspectos da sua vida e ministério. Isso significa que ele precisa invocar o Espírito em circunstâncias específicas e que ele é conduzido pelo Espírito em novas maneiras quando confronta situações específicas. [...] Ele culmina com o derramamento do Espírito no Pentecostes. Como ressuscitado ele diz aos discípulos: “Recebei o Espírito Santo” (Jo 20, 22) (EDWARDS, 2007, p. 137-139).

O Espírito Santo move a Igreja à missão, a qualifica e dinamiza, como dito em Ad Gentes 4: “O Espírito Santo é quem “unifica na comunhão e no ministério, e enriquece com diversos dons hierárquicos e carismáticos” toda a Igreja através dos tempos, [...]”. Recentemente, Papa Francisco tem insistido na “saída missionária” com a força e os dons do Paráclito (cf. EG 20-23), para que aconteça uma evangelização com Espírito (cf. EG 130). A Igreja “em saída” é aquela que entende a importância de ir aos “novos areópagos e desvendar o contexto no qual estamos situados, com todas as variantes e interrogações que o tempo hodierno nos traz” (KUZMA, 2014, p. 200-201). Esta é a nova evangelização no mundo atual, porque “é a saída que caracteriza a Igreja em sua essência, que a faz missionária” (*Idem*, p. 201). Diz o Papa:

[...] espero que todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão. Neste momento, não nos serve uma ‘simples administração’. Constituamo-nos em ‘estado permanente de missão’, em todas as regiões da terra. (EG 25)

A proposta de uma Igreja *em saída* na força do Espírito não apenas atualiza o mandato missionário em Mateus (Mt 28,19-20), mas invoca a perspectiva

pneumatológica de Lucas (cf. Lc 10,17-21 e At 2,6 apud EG 21). Nesta Igreja em saída há um apelo a todos e todas, também para os diáconos: apelo que os convoca, fomentando consciência e prática ministeriais renovadas. Uma Igreja que se proponha viver em estado permanente de missão espera do diaconato permanente, na América Latina, uma nova atitude de desinstalação e de superação do clericalismo (EG 108). É preciso tornar-se verdadeiramente agente da evangelização nos mais variados meios sociais e culturais, bem como nos lugares mais longínquos onde a própria Igreja hoje não está alcançando. Para contribuir no novo impulso missionário, é fundamental que os diáconos tenham plena consciência da sua identidade, vocação e missão na ação evangelizadora da Igreja.

Faz-se urgente a conversão pessoal e pastoral em vista do acolhimento da diversidade dos ministérios e carismas na vida da comunidade, que abra horizontes também ao exercício diaconal. É fundamental que o diácono permanente assuma o seu ministério a serviço de toda a comunidade e não somente a serviço de um segmento ou movimento eclesial (EG 98). Como observa Suess:

O Espírito Santo enriquece toda a Igreja evangelizadora também com diferentes carismas. São dons para renovar e edificar a Igreja. (EG 130). As diferenças podem ser incômodas, mas “a diversidade deve ser conciliada com a ajuda do Espírito Santo, só Ele pode suscitar a diversidade, a pluralidade, a multiplicidade e, ao mesmo tempo, realizar a unidade [...]”. Por outro lado, quando somos nós que queremos construir a unidade com os nossos planos humanos, acabamos por impor a uniformidade, a homologiação. Isto não ajuda a missão da Igreja (EG 131) (SUESS, 2015 p. 99).

Por meio do ministério, o diácono permanente colabora com o presbítero na missão de evangelizar a comunidade paroquial, sem com isso, perder a vocação específica. O ministério efetiva-se junto às comunidades de periferia, tanto urbanas como rurais, nas quais a presença do ministério ordenado é frágil (cf. SD 77). Como colaborador, não fará tudo nem substituirá ninguém (cf. PB 715). Em comunhão com o presbítero e em sintonia com o bispo, anima a comunidade, dinamiza a ação missionária e evangelizadora, valoriza e promove os carismas de cada um para o crescimento e a construção da comunidade eclesial.

Para que o diácono permanente exerça o seu ministério com a devida autonomia e corresponsabilidade, torna-se urgente a renovação da mentalidade dos presbíteros para a compreensão da identidade e missão que são próprias do diácono. Torna-se preciso superar a mentalidade de que o diácono seja um mero

assistente, muitas vezes reduzido a funções litúrgicas, pois a missão requer diferentes diaconias:

Sobre a renovação da mentalidade dos presbíteros é ainda necessário avançar no entendimento de que o diácono permanente não exerce o seu ministério na dependência dele, mas que é a outra mão do Bispo para “descentralizar” o ministério do Bispo. Só assim poderão surgir outros tipos de comunidades, modelos alternativos ao modelo paroquial, sejam denominadas diaconias ou com outros nomes. A pastoral urbana, por exemplo, recomenda que se aposte mais intensamente na experiência de comunidades ambientais (DURÁN, 2008, p. 44).

Já as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023 destacam que o objetivo é evangelizar no Brasil cada vez mais urbano, pelo anúncio da Palavra de Deus, formando discípulos e discípulas de Jesus Cristo, em comunidades eclesiais missionárias, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, cuidando da Casa Comum e testemunhando o Reino de Deus rumo à plenitude, bem como ressaltam que “o ministro ordenado há de ser o cuidador e o animador das comunidades eclesiais missionárias, promovendo a unidade entre todos em vista de uma salutar descentralização” (CNBB, n. 87, p. 51-52), o que, ao menos em teoria, inclui a Ordem do diaconado permanente. Entretanto, também esse documento se esquivava de apontar tanto a identidade quanto lugar do ministério diaconal, como se a Igreja primitiva e o Concílio Vaticano II nada tivessem dito sobre a valor de atender as novas fronteiras, em tendente evidência da marca do clericalismo dominante.

Requer-se do diácono permanente e do presbítero, e até de alguns bispos, clareza ministerial e de missão. Isso evita conflitos inúteis. Recebem eles o sacramento da Ordem, para servir ao povo de Deus em comunhão com o bispo (LG 29). A missão realizada nessa ótica, além de eficaz, revela-se profundamente evangelizadora. Ao contrário, em conflito aberto, torna-se contrassenso e antievangélica. Tal atitude, infelizmente presente nas comunidades, desvirtua-se de toda orientação eclesial, em especial se gerada pela busca de poder, *status* ou questões financeiras.

Reafirma-se aqui, o que destacou Aparecida: os diáconos permanentes são ministros ordenados, colaboradores do bispo, “fortalecidos pela dupla sacramentalidade, do Matrimônio e da Ordem” (DAp 205). Além disso, deve-se



recordar também, que “a promoção da caridade e do serviço constitui um campo privilegiado de evangelização” (DD 55).

No campo missionário, o diácono, além do seu serviço habitual na vida paroquial e diocesana, teria uma diversidade de desafios, quais sejam: o acompanhamento na criação e na formação de novas comunidades eclesiais; o fortalecimento de uma comunhão entre os diáconos e os presbíteros; o ministério ao lado dos necessitados e excluídos da sociedade; além do apostolado familiar e da colaboração na renovação das Pastorais Sociais.

### **2.3.2 Diaconado em perspectiva pneumatológica: algumas ênfases**

A Igreja é chamada a dar continuidade a obra e missão dos apóstolos: o seu testemunho original faz dela um templo construído sob um único fundamento, que é Jesus Cristo. Esse templo é animado internamente pela força do Espírito Santo, de modo que todos nele possam operar pela sua vida, cada um de acordo com o que o Espírito lhe revela. Compreende-se, desse modo, a Igreja como templo vivo onde o Espírito faz brotar dons, carismas e ministérios para a utilidade de todos. É o que afirma São Paulo em sua teologia sobre a ação do Espírito na vida da Igreja (cf. 1Cor 12,7), sem forçar uma nova compreensão do ministério diaconal na Igreja contemporânea, como recordam Borrás e Pottier:

Em termos positivos diríamos, antes de tudo, que o diaconato está no ponto de encontro essencial dos carismas e dos ministérios. Os diáconos não são só únicos ministros da Igreja. Há em primeiro lugar os outros ministros ordenados, os bispos e os padres, cujo encargo é a presidência eclesial e eucarística. Os bispos exercem seu episcopado numa Igreja particular, e os padres são seus colaboradores natos na presidência das comunidades locais. Eles não fazem tudo, mas cuidam para que tudo se faça. Daí a necessidade dos diáconos e dos outros ministérios. O diácono colabora com o bispo diocesano e exerce seu ministério em comunhão com ele e com seu presbitério. O diácono, porém colabora também com outros ministros, neste caso os fiéis leigos dotados das qualidades exigidas aos quais foi confiada uma tarefa (múnus) ou um ofício, a serviço da edificação da Igreja e da realização da sua missão nesse lugar. O diácono colabora no sentido ao qual é levado a trabalhar com outros batizados que contribuem para o anúncio do Evangelho e para a vitalidade da Igreja, por meio do seu testemunho pessoal e coletivo e pela atuação dos carismas recebidos. (BORRAS; POTTIER, 2010, p. 143).

Numa ótica ministerial, toda tarefa de dedicação ao evangelho na Igreja é “serviço de diaconia”, desde a proclamação missionária até a edificação de

comunidades, é o "Serviço do Evangelho" (cf. 2Cor 4,1; 5,18; Cl 1,23; Rm 11,13). Quem se entrega à proclamação do evangelho se faz diácono, servo/a (1Cor 3,5; 2Tm 4,5.11). Os Atos dos Apóstolos ressaltam a importância do ministério da proclamação do evangelho, como já mencionado acima, ao tratarmos do Pneuma. Ao seguir, de certo modo, a compreensão teológica dos textos, podemos identificar a variedade dos ministérios como sendo a "diaconia da Igreja". O objetivo da "Diaconia do Evangelho" é criar '*koinonia*', comunhão e caridade, refletido no serviço ministerial da comunidade. As bases bíblicas de Lucas já foram apresentadas e ora são lembradas (At 6, 4; 20, 24; 21, 19), pois servirão de base para destacar as ênfases pneumatológicas para o diaconado.

Em Lucas, identificam-se as características fundamentais de uma comunidade "cheia" ou "repleta do Espírito", na qual *koinonia* e *diakonia* são indispensáveis para cumprir a missão recebida em Pentecostes:

Para explicar como esta comunidade foi se tornando Igreja na concepção de Lucas e com as características de *koinonia* (comunhão) dos membros entre si e com o Pai, da *diakonia* (serviço) do testemunho dado na vida e na prática do dia-a-dia e da *deomai* (oração) feita em comum, tomo alguns episódios em mais significativos, nos quais o autor acentua a irrupção do espírito de Deus que impulsiona a comunidade para a missão. [...] Concebe-se então o Espírito como Pessoa atenta e ativa (*diakonia*) quando a Palavra se manifesta na prática da ação histórico-salvífica do próprio Deus [...] (BOFF, 2003, p. 202-203).

É pela diaconia que Jesus se define a si mesmo em Mc 10, 45: "O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e entregar a sua vida pela multidão." E o seu testamento, na última ceia, foi o gesto típico da diaconia: lavar os pés (Jo 13, 1-15). Por isso, Paulo vai designar a Jesus como "diácono dos circuncisos", enquanto veio "cumprir as promessas feitas aos pais" (Rm 15, 8). Isto é, toda a missão de Jesus é diaconia. Por isso, Jesus Servo é contemplado como princípio e paradigma (modelo) de toda a missão de seus discípulos e discípulas (Mc 10, 43-45; Lc 22, 26s. e Jo 12, 25s.): seguir a Jesus é servir (cf. Mc 9, 33-37).

Na tradição bíblica, os fundamentos do ministério diaconal são encontrados no contexto das primeiras comunidades cristãs. Lucas relata, nos Atos dos Apóstolos, que Estevão, "homem cheio de fé e do Espírito Santo" (At 6, 5), foi escolhido pelos Apóstolos para exercer o ministério do serviço às mesas. Nessa perspectiva, o ministério diaconal fica instituído na Igreja desde o período apostólico, como um ofício ou encargo que se concede, mediante a imposição das mãos (At 6,

6). Na definição dos Sete, embora Lucas não dê o nome de “diáconos”, ele enfatiza a palavra serviço de *diakonia* (Fl 1, 1; Tt 1, 5), enfatizando também que eram homens “repletos ou cheios” do Espírito. Lucas, assim, identifica que o ministério do serviço ‘diaconal’ da comunidade está diretamente relacionado ao Espírito. A única condição exigida na escolha dos ‘sete’ novos ministros é que sejam “de boa fama, repletos do Espírito e de sabedoria”.

Como queremos investigar as atribuições do diácono justamente no ambiente neotestamentário, será preciso, então, dispor de outros meios. Um importante recurso para o deslinde é o Magistério católico, que, apoiando na tradição atestada já no século II d.C. por Irineu e que confluiu para a Liturgia da ordenação dos diáconos ainda em voga, sempre relacionou a origem do ministério diaconal à escolha dos Sete (At 6, 1-7) (BENDINELLI, 2011, p. 40).

Assim, são apresentados aos apóstolos, não levando em consideração que sejam hebreus ou gregos. O que se destaca como prerrogativa para o exercício do ministério é que sejam “cheios do Espírito” para servir. O ministério não surge autonomamente, mas sob a diretriz apostólica Pós-Pentecostes. O ministério lhes é confiado pela oração e imposição das mãos dos apóstolos.

De acordo com o relato de Lucas em Atos 6,1-7, os Apóstolos encarregaram sete helenistas do serviço às mesas por ocasião de um desentendimento entre a comunidade cristã de origem judaica e a de origem grega, devido à negligência no cuidado com as viúvas dos helenistas. Para seleção, foram definidos critérios: alguém que desse testemunho (*martyrouménous*) e que fosse cheio de Espírito e Sabedoria (*pléreis pneúmatos kai sophías*) (BENDINELLI, 2011, p.41).

Outro aspecto relevante na compreensão lucana deste novo ministério é que ele não se restringe somente ao serviço das mesas, mas também à pregação, ao anúncio da Palavra como testemunho: Estevão, um dos sete, é também ele anunciador da Palavra (At 6, 8; 7, 53); Filipe, também um dos sete que serviam à mesa, é apresentado como evangelizador (At 8, 26-40). A eles é confiado este ministério como participação no ministério dos Apóstolos, que os enviam para pregar e servir aos pobres, em testemunho do Evangelho:

Para o ofício foram eleitos Estevão, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau, apresentados aos Apóstolos, que oraram e impuseram as mãos sobre eles. Depois disso, os Atos dos Apóstolos mencionaram o ministério de apenas dois dos sete diáconos: Estevão e Filipe. Curiosamente, ambos jamais aparecerão exercendo funções de assistência

social, das quais a expressão servir às mesas passou a ser sinônimo na atualidade. Ao invés disso, Estevão é apresentado realizando sinais entre o povo (At 6, 8) e pregando a Palavra (At 6, 9-54), ao passo que Filipe é lembrado como missionário junto aos pagãos, antes mesmo de Paulo, e como fundador de comunidades cristãs fora da Judeia. Aparece pregando a Palavra de Deus na Samaria, onde realiza curas e sinais e batiza muitos, evangeliza e batiza um etíope no caminho de Jerusalém para Gaza; prega o Evangelho em Azoto em todas as cidades até a Cesareia, onde passou a residir com a família. Aliás, Paulo, que foi hóspede em sua casa, quando menciona Filipe, refere-se a ele como Evangelista (evangelizou) (BENDINELLI, 2011, p. 41).

Na ordenação diaconal, no texto sugerido para a homilia do bispo, que se encontra no rito da Ordenação dos Diáconos, a Igreja afirma com profunda consciência e clareza que o ministério diaconal é dom que o próprio Espírito concede a Igreja na variedade dos seus ministérios:

Fortalecidos com o dom do Espírito Santo, deverão eles ajudar o Bispo e o seu presbitério no serviço da palavra, altar e caridade, mostrando-se servos de todos. Como ministros do altar irão proclamar o Evangelho, preparar o sacrifício e repartir entre os fiéis o Corpo e Sangue do Senhor (PONTIFICAL ROMANO, 2000, p. 93).

Ao recordar aos que exercerão o ministério diaconal pela imposição das mãos do bispo, a Igreja exorta-os a cuidar do ministério, guardando a fé por meio de uma consciência pura, testemunhando a Palavra proclamada para que o povo cristão seja, por meio deste ministério, vivificado no Espírito Santo:

Guardando o mistério da fé com a consciência pura, mostrai em vossos atos a palavra que proclamais, a fim de que o povo cristão, vivificado pelo Espírito Santo se torne uma oferenda agradável a Deus (...) (PONTIFICAL ROMANO, 2000, p. 95).

Constituídos como diáconos pela imposição das mãos, do bispo e pela Prece de Ordenação, a Igreja invoca o Espírito Santo sobre aqueles que serão ordenados diáconos para o serviço do Povo de Deus:

Enviai sobre eles, Senhor, nós vos pedimos, o Espírito Santo que os fortaleça com os sete dons da vossa graça, a fim de exercerem com fidelidade o seu ministério. Resplandeça neles as virtudes evangélicas: o amor sincero, a solicitude para com os enfermos e os pobres, a autoridade discreta, a simplicidade de coração e uma vida segundo o Espírito (PONTIFICAL ROMANO, 2000, p. 103).

Ao analisar o texto da prece da ordenação diaconal, Taborda (2011) ressalta os aspectos fundamentais para a compreensão e conceituação do ministério diaconal na sua restauração pelo Vaticano II:

[...] A Igreja é “aprimorada pela variedade de graças celestes”, os diversos dons e carismas (cf. 1 Cor 12, 4-6). [...] Esse “organismo” é “admirável”, porque unido pelo Espírito Santo e não pela carne e pelo sangue. [...]. O que Deus faz agora na Igreja pelo Espírito Santo, constituindo diversas ordens de ministérios, foi prefigurado na primeira aliança pela eleição dos filhos de Levi. [...]. Na instituição dos sete é importante a forma como a prece ressalta a ação do Espírito Santo: *Spiritu Sancto auctore*, tomada literalmente do texto gálico. *Auctor* significa em latim não meramente “autor”, mas aquele que impulsiona a agir, o instigador. O surgimento histórico do terceiro grau da ordem é assim conhecido como fruto da ação do Espírito Santo na Igreja (cf. LG 28 [DH 4153]).

Discorrendo a respeito do restabelecimento e da novidade do diaconado permanente na Igreja, o teólogo Borrás afirma enfaticamente que o ministério diaconal, bem compreendido e bem executado “abre a Igreja para o trabalho do Reino”:

A Igreja recebe-se de Deus por Cristo no Espírito, ela brota da comunhão de vida divina e provém da vontade de um Deus vindo ao encontro da nossa humanidade pela sua encarnação em Jesus Cristo, pela sua morte e ressurreição e no Pentecostes do seu Espírito. (BORRAS, 2010, p. 42)

Neste contexto, tem-se “homens de respeito, cheios do Espírito santo e de sabedoria” que, em termos ministeriais, à luz de Lucas, apresentam ênfases diaconais em linha pneumatológica, tais como pregação com parresia, testemunho, martírio, enfim, diáconos em saída missionária, a semelhança de Jesus, animados pelo Espírito de Pentecostes. Vai-se da mesa ao martírio. O exemplo de Estevão (emblemático) que anunciou a Palavra, pregou o kerigma do ressuscitado e, por fim, testemunhou o Evangelho com a vida, sendo possível inferir que esse serviço ministerial faz do diácono um missionário de traço profético – como Jesus e os Doze.

### **2.3.3O dinamismo do Espírito para uma Igreja em saída**

Neste tópico, pretende-se, com mais liberdade, demarcar marcar os territórios de missão, indicar agendas pastorais, ponderar sobre o dinamismo, em coerência com a ação do Espírito. Não se trata estritamente do diaconado, mas de

mostrar aos poucos os territórios aonde a saída missionária nos leva, aonde o diácono tem novos apelos e novas expressões ministeriais.

A retomada do caminho teológico-pastoral descortinado e apontado pelo Concílio Vaticano II e, na da América Latina, pelas suas Conferências Episcopais, bem como as decisões dos últimos três Sínodos da Igreja (Família, Juventude e Pan-amazônico), transparece que será irreversível no caminhar rumo ao terceiro milênio, apesar do saudosismo de muitos em relação à tradição pré-conciliar, cujos pensamentos e projetos ficaram estagnados à margem dos sinais dos tempos.

Carias (2019), faz uma conexão entre o Concílio Vaticano II, o dinamismo do Espírito e a Conferência Episcopal de Medellín nos seguintes termos:

Não há dúvida que o Concílio Vaticano II foi uma lufada do Espírito Santo sobre a Igreja Católica Apostólica Romana. E a Igreja Católica na América Latina parece que recebeu este sopro com muita força, pois logo a seguir, 1968, em Medellín na Colômbia, foi capaz de responder aos desafios pontuados pelo Concílio. (Carias, 2019, p. 482),

Retomam-se as chaves pneumatológicas da caridade, verdade, unidade e missão, que serão abordadas com embasamento nas fontes bíblicas, nos ensinamentos do magistério e no projeto do Papa Francisco de “uma Igreja pobre para os pobres”, na tentativa de expor aspectos e ou características que possibilitem inspirar uma releitura do ministério diaconal no dinamismo do Espírito.

### 2.3.3.1 Ungidos e enviados para o serviço da caridade

O ministério da caridade é o centro e principal *múnus* a ser exercido pelo diácono em seu ministério. O que fundamenta e justifica a vocação diaconal na Igreja é justamente o serviço da caridade. O ministério da caridade na Igreja é consequência irrenunciável da missão que ela recebeu (Lc 9, 2; 24, 27). Assim sendo, o ministério da caridade é como que um núcleo de toda missão da Igreja. Todo ministério, todo serviço e toda diaconia tem como fonte, como centro e fim, a caridade. A caridade envolve uma diversidade de ministros e de pastorais, organismos, movimentos, congregações, associações e serviços. A história do cristianismo é profundamente marcada por diversos testemunhos de santos e santas que doaram sua vida para servir aos pobres e excluídos do seu tempo.

O Papa Bento XVI, em sua Encíclica *Deus Caritas Est*, recorda a história das primeiras diaconias da Igreja e aponta o testemunho do Diácono São Lourenço como primeiro mártir da caridade eclesial, ícone para toda a comunidade, especialmente para os diáconos:

Relativamente a Roma, as diaconias são documentadas a partir do Séc VII e VIII; mas naturalmente já antes, e logo desde os primórdios, a atividade assistencial ao pobres e doentes, segundo os princípios da vida cristã expostos nos Atos dos Apóstolos, era parte essencial da Igreja de Roma. Esse dever encontra sua viva expressão na figura do diácono Lourenço (+258). A dramática descrição do seu martírio era já conhecida por Santo Ambrósio (+397) e, no seu núcleo, mostra-nos seguramente a figura autêntica do Santo. Após a prisão do seus irmãos na fé e do Papa, a ele, como responsável pelo cuidado dos pobres de Roma, fora concedido mais algum tempo de liberdade, para recolher os tesouros da Igreja e entregá-los às autoridades civis. Lourenço distribuiu o dinheiro disponível pelos pobres e, depois, apresentou estes às autoridades como verdadeiro tesouro da Igreja. Independentemente da credibilidade histórica que se queira a tais particulares, Lourenço ficou presente na memória da Igreja como grande expoente da caridade eclesial (DCE 23).

No ministério da caridade, temos como modelo, por excelência, o Cristo-Servo que viveu totalmente ao serviço de Deus para bem dos homens. Ele se apresentou pessoalmente como o servo anunciado no primeiro canto do *Livro de Isaías* (cf. Lc 4, 18-19), qualificou expressamente a sua ação como diaconia (cf. Mt 20, 28; Lc 22, 27; Jo 13, 1-17; Fil 2, 7-8; 1 Pd 2, 21-25) e recomendou a seus discípulos fazer o mesmo (cf. Jo 13, 34-35; Lc 12, 37).

Ainda na reflexão sobre a Encíclica *Deus caritas est*, o Papa Bento XVI reafirma que a Caridade, à luz de Jesus Cristo, é um dever da Igreja como continuadora da missão confiada pelo Senhor:

O amor do próximo, radicado no amor de Deus, é um dever antes de tudo para cada um dos fiéis, mas o é também para a comunidade inteira, e isso em todos os seus níveis: desde a comunidade local, passando pela Igreja particular, até a Igreja universal, na sua globalidade. A Igreja também como comunidade deve praticar o amor. Consequência disso é que o amor tem necessidade também de organização como pressuposto para um serviço comunitário organizado (DCE 20).

Partindo do princípio de que a caridade como expressão do serviço da Igreja deve ser organizada, o Santo Padre recorda o surgimento da instituição do ministério diaconal na Igreja nascente:

Um passo decisivo na difícil busca de soluções para realizar esse princípio eclesial fundamental torna-se patente naquela escolha de sete homens que foi o início do ofício diaconal (cf. At 6, 5-6). [...] Mas este grupo não devia realizar um serviço meramente técnico de distribuição: deviam ser homens “cheios do Espírito Santo e de sabedoria” (At 6, 1-6). Quer dizer que o serviço social que tinham de cumprir era concreto sem dúvida alguma, mas ao mesmo tempo era também um serviço espiritual; tratava-se, na verdade, de um ofício verdadeiramente espiritual, que realizava um dever essencial da Igreja, o do amor bem ordenado ao próximo (DCE 21).

O ministério diaconal é parte integrante da Igreja em sua missão de servidora da humanidade, especialmente dos pobres e excluídos. O Papa Francisco afirma que a missão da Igreja e dos seus ministros ordenados é ser, antes de tudo, uma comunidade acolhedora, servidora e solidária com as dores da humanidade. Como sinal do Cristo-Servo, os diáconos, pelo seu testemunho, devem recordar sempre à Igreja, a sua especial missão junto aos mais pobres (EG 198).

Aparecida dá um passo à frente a respeito das quatro Conferências anteriores. Pela primeira vez, fala-se de pastoral social e se pede às Conferências Episcopais e às Igrejas locais que promovam renovados esforços para fortalecê-la e estruturá-la (DAp 401). Sobre isso, o Papa Francisco declara:

Ninguém pode exigir-nos que releguemos a religião para a intimidade secreta das pessoas, sem qualquer influência na vida social e nacional, sem nos preocupar com a saúde das instituições da sociedade civil, sem nos pronunciar sobre os acontecimentos que interessa aos cidadãos (EG 183).

A pastoral social é chamada de Serviço da Caridade e este serviço faz parte da essência da Igreja. Isto é, não pode faltar em hipótese alguma. Do contrário, corre-se o risco de desfigurar a Igreja de Cristo. Um campo privilegiado para o exercício do ministério diaconal são as diversas pastorais sociais que acolhem e servem aos mais pobres (DAp 402).

O serviço da caridade é peculiar do diácono (DD, n. 55). O diácono permanente está comprometido até a medula com o projeto da solidariedade globalizada. Ele tem compromisso de fazer com que América Latina seja não só o Continente da esperança, mas o Continente do amor (cf. DAp 543), pois a realidade social desumana que vive o nosso Continente requer respostas urgentes de solidariedade. A solução dos problemas sociais é um desafio que requer um trabalho de todos os povos sem distinção de etnia, religião ou cultura, para superar o estado de degradação social da maioria (EG, n. 189).



O Papa Francisco tem convocado a Igreja a não se preocupar somente com sua estrutura interna (EG 47), ou seja, com uma Igreja de grandes eventos, de templos suntuosos, com uma Igreja triunfalista e clerical, que quer se impor pelo poder e pela ostentação. É preciso deixar de ser auto referencial para ser despojada, inserida no meio dos pobres (EG 24). Formar Comunidades de Base, aliada aos Movimentos Populares e a todos aqueles e aquelas – entidades e pessoas – que lutam pela justiça e pelos direitos humanos e ambientais.

As comunidades, paróquias e dioceses, “ouvindo o clamor dos pobres”, são chamadas a apoiar e a investir no importante trabalho realizado pelas pastorais sociais presentes na Igreja. Estas pastorais realizam um verdadeiro ministério de solidariedade no meio da sociedade, especialmente no meio dos pobres. Importante valorizar e fortalecer a sua relação com os movimentos populares, respeitando e valorizando sua identidade e suas diferentes manifestações culturais e religiosas (EG 191). Durán (2008) explicita:

O ministério do diácono permanente é o de ajudar a abrir os olhos da comunidade para enxergar a realidade dos pobres, excluídos, marginalizados, desamparados. Ao mesmo tempo suscitar ações, não apenas momentâneas e circunstanciais, mas permanentes que conduzam a recuperação completa do bem-estar e cidadania dos assaltados pelo capitalismo desumano (DURÁN, 2008, p. 63).

Campo fecundo e propício para o exercício do ministério diaconal são as diversas pastorais sociais pelas quais a Igreja serve aos mais pobres e excluídos da sociedade. O diácono, antes de mais nada, deve estar atento a realidade e sensível aos impulsos do Espírito. Ele precisa acolher, apoiar e acompanhar os diversos serviços prestados pela pastoral social. Destaca Durán:

Com as pastorais sociais a Igreja deve dar acolhida e acompanhamento às pessoas dos pobres e excluídos. Os moradores de rua requerem da Igreja cuidado especial. É expressão da caridade da Igreja o acompanhamento pastoral dos migrantes. As dioceses devem estimular a Pastoral da Saúde a incluir diferentes campos de atenção. Uma grande prioridade é fomentar uma pastoral com pessoas que vivem com AIDS. A Igreja está ao lado dos dependentes de drogas. Com os detidos em prisões a Igreja deve fortalecer a pastoral carcerária, onde se inclua a tarefa de evangelização e promoção humana. Na diocese, na paróquia ou nas comunidades o diácono permanente estará sempre atento e vigilante para apoiar e incentivar as pastorais sociais (DURÁN, 2008, p. 64).

O diácono permanente, inserido na vida da Igreja e no mundo, poderá viver plenamente o seu ministério, quando, nutrido da sua fé ao redor da mesa da Palavra e da Eucaristia, seja testemunha autêntica daquele que o escolheu e o chamou a missão. A espiritualidade diaconal é, antes de tudo, eucarística. Pelo exercício ministerial da liturgia expressa a diaconia de toda a comunidade, chamada para servir a Cristo nos irmãos e irmãs, especialmente, nos mais pobres (EG 47).

### 2.3.3.2 Ungidos e enviados para o serviço da verdade

O núcleo da teologia conciliar da verdade se encontra em três âmbitos, isto é, no primeiro, a verdade e a revelação, presentes na *Dei Verbum*, *Unitatis Redintegratio* e *Dignitatis Humanae*, no segundo, a verdade e autoconsciência da Igreja, na *Lumen Gentium* e, por fim, no terceiro, a verdade cristã e o mundo moderno, em *Gaudium et Spes*, e a partir desses os demais documentos conciliares vão sendo iluminados.

Os sinais e os prodígios da vocação e da missão dos primeiros diáconos, tanto de Estevão quanto de Filipe, ocorreram no limiar, na encruzilhada e no entorno das fronteiras existenciais e geográficas das diaconias contemporâneas, isto é, territorial, setorial e ambiental.

Nesta perspectiva, Estevão e Filipe devem servir de medidas e de modelos, programáticos e paradigmáticos, para a formação e missão do ministério diaconal nas novas “fronteiras”, nos novos “areópagos” e nos novos “pátios dos gentios”.

Estas são as mesas das viúvas que os diáconos devem servir. Ontem, assim como hoje, há muitos “eunucos” que cruzam e percorrem as estradas, as praças, os campos e as cidades à procura de quem possa explicar as Escrituras e os batizem. A estrada que desce de Jerusalém à Gaza ainda está deserta. A carruagem ainda está à espera de quem dela se aproxime. Há, portanto, ainda um longo caminho a percorrer no campo da diaconia.

Na atualidade, quando se afirma que o diaconado foi o ministério das periferias e fronteiras do passado, afirma-se ainda que tanto no presente quanto no futuro, conforme o número 205 do Documento de Aparecida, os diáconos permanentes são ordenados “também para acompanhar a formação de novas

comunidades eclesiais, especialmente nas fronteiras geográficas e culturais, onde ordinariamente não chega a ação evangelizadora da Igreja”.

Cabe ainda questionar a respeito de onde na contemporaneidade se encontram essas novas periferias para o exercício missionário do diaconado permanente? Algumas luzes podem ser lançadas, por exemplo, no mundo dos meios de comunicação de massa (*mass media*) e das redes sociais, nos aglomerados, nos condomínios fechados, nos hospitais, nos lares de idosos (antes conhecidos como asilos), nos abrigos, nos lugares de lazer e turismo, nas prisões, no mundo da ecologia e do cuidado do meio ambiente e, sobretudo, nos corações das pessoas, como afirmam, respectivamente, o Papa João Paulo II, na Carta Encíclica *Redemptoris Missio* (n. 62) e o Papa Francisco: “A missão não é apenas uma questão de territórios geográficos, mas de povos, culturas e pessoas individuais, precisamente porque as fronteiras de fé não ultrapassam somente lugares e tradições humanas, mas o coração de cada homem e de cada mulher”.

É oportuno ressaltar que se faz necessário revalorizar ainda mais a vocação e a missão, a graça e o carisma do diaconado permanente. Não mais tê-lo para enfeitar altar ou substituir padre, mas para a criação e a edificação da Igreja nas novas periferias e fronteiras. Para tanto, é preciso que as sementes deste precioso dom encontrem terrenos favoráveis, a fim de que possam germinar e produzir frutos.

Estes terrenos precisam ser adubados e fertilizados com o corretivo de uma adequada formação diaconal. Sem isto, é como colocar remendo novo em pano velho, vinho novo em odre velho (Lc 5,36-37). Foi este o terreno que levou a Igreja primitiva a escolher para o diaconado homens de boa reputação, repletos do Espírito Santo e de sabedoria (cf. Atos 6,3).

O testemunho, a pregação e a morte de Estevão, em pleno exercício do ministério diaconal, dão a este ministério nascente contornos teológicos imensuráveis. Estevão é arrastado ao Sinédrio como Jesus no Calvário. Assim como Jesus, exaltado e vitorioso, contemplando o Pai, morre Estevão contemplando a Jesus. Assim morre o primeiro diácono da história do cristianismo, cognominado de protomártir. É por isto que os diáconos, desde logo, foram considerados, segundo Santo Inácio de Antioquia e São Policarpo, “diáconos dos mistérios de Jesus Cristo”.

Neste panorama, é possível afirmar que o ministério diaconal é o ministério do passado para o futuro, numa “mudança de época”, sendo um sinal eficaz e

eficiente de esperança para a profecia de uma Igreja, comunidade de comunidades, missionária, samaritana e misericordiosa, a serviço da vida dos mais indefesos.

### 2.3.3.3 Ungidos e enviados para o serviço da unidade

A unidade dos cristãos não é algo externo à Igreja, nem apenas um programa de ação, mas decorre do ser mesmo da Igreja enquanto comunhão (*communio/koinonia*). “Que todos sejam um” é princípio evangélico basilar “para que o mundo creia” (Jo 17, 21-23). O Concílio recolhe os fundamentos da unidade da Igreja, compreendida ao mesmo tempo como dom do Espírito e vocação a ser realizada. Nascem as instâncias e projetos ecumênicos, com frutos significativos e desafios ainda abertos (BIZON, 2013, p. 282).

A unidade cristã tem como princípio o Espírito Santo, como modelo a Trindade e é significada e realizada na Eucaristia. A expressão “reintegração da unidade” tem um sentido bem específico no Decreto *Unitatis Redintegratio*: a restauração/reintegração da unidade dos cristãos na Igreja una. O meio para isso é o movimento ecumênico. A unidade/reintegração/reconciliação é o fim, o ecumenismo é o meio. Ecumenismo é o esforço de reintegrar/restaurar a unidade/comunhão eclesial (WOLFF, 2018, p. 994).

A Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* afirma que “o caminho ecumênico continua certamente fatigante, talvez longo, mas anima-nos a esperança de sermos guiados pela presença do Ressuscitado e pela força inexaurível de seu Espírito, capaz de surpresas sempre novas” (n. 12). E a Encíclica *Ut Unum Sint* diz: “este caminho para a unidade visível necessária e suficiente, na comunhão da única Igreja querida por Cristo, exige ainda um trabalho paciente e corajoso” (n. 78). Com certeza este tem sido o itinerário das muitas Comissões Bilaterais, Organismos Interconfessionais e Conselhos de Igrejas – com avanços teológicos importantes. A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini* confirma que “é bom incrementar o estudo, o diálogo e as celebrações ecumênicas da Palavra de Deus” (n. 46).

Segundo Lucas, Jesus é portador e doador do Espírito Santo. Em comparação com Marcos e Mateus, Lucas destaca mais acentuadamente que Jesus não é um pneumático ou carismático em sentido usual: diferentemente dos líderes carismáticos e profetas, Ele não é impelido *pelo* Espírito por causa de algum ensejo

atual e de modo passageiro, mas é guiado no deserto *no* Espírito (4, 1) e regressa para a Galileia “no poder do Espírito” (Lc 4, 14); a ligação permanente entre Jesus e o Espírito é sublinhada pela escolha do adjetivo *pleres*, que expressa uma relação contínua (cf. também Lc 2,40 em associação com Lc 1,80) (HILBERATH, 2012, p. 431).

O ecumenismo tem sido uma das prioridades do pontificado do Papa Francisco, que procura se empenhar em construir pontes de diálogo de maneira insistente e consistente.

A Igreja celebra anualmente a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, de 18 a 25 de janeiro, sendo que no Brasil é celebrada entre a Ascensão e Pentecostes.

A viagem apostólica de Francisco à Romênia, nos dias 31 de maio e 1 e 2 de junho de 2019, foi repleta de momentos ecumênicos intensos e significativos. Nesta visita do Papa (2019k) também aconteceu o encontro com o Sínodo Permanente da Igreja Ortodoxa Romena.

Ocorreu, ainda, um belo momento com grande significado ecumênico: a Oração do Pai Nosso na nova catedral ortodoxa, compartilhado pelo Papa e pelo Patriarca Daniel. O Pai Nosso foi cantado em latim e em romeno. Na oportunidade, o Papa Francisco apelou ao reforço das raízes comuns da identidade cristã:

Ao pedir o pão de cada dia, suplicamos também o pão da memória, a graça de reforçar as raízes comuns da nossa identidade cristã, raízes indispensáveis num tempo em que a humanidade, particularmente as gerações jovens, correm o risco de se sentirem desenraizadas no meio de tantas situações líquidas, incapazes de fundamentar a existência. (FRANCISCO, 2019k).

No evento da Igreja do ano de 2020, em Malta, os oito temas propostos para aprofundamento, um a cada dia, envolvem reconciliação, luz, esperança, confiança, força, hospitalidade, conversão e generosidade.

No subsídio constam também as fases de preparação dos materiais preparados pelas Igrejas cristãs em Malta: o grupo que redigiu o texto se reuniu no Seminário Maior do arcebispo em Tal-Virtù por quatro vezes no decorrer do ano de 2019. Em setembro, o material preparado foi apresentado à Comissão Internacional formada por representantes do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade

dos Cristãos e pelo Conselho Ecumênico das Igrejas para a sua aprovação e, a seguir, para publicação em conjunto.

Cabe aqui destacar aspectos da identidade do diácono, que pode agir plenamente na dimensão ecumênica, pois o relacionamento dos três graus realiza-se através da unidade do sacramento e da diversidade de carismas e funções (LG 20, 28). Cada um dos três graus faz parte do único sacramento da Ordem e exprime, segundo sua especificidade ministerial, de modo oficial e público, o tríplice ministério de Cristo: Profeta, Sacerdote e Pastor. A diaconia, a exemplo de Cristo, é comum a todos os cristãos, no entanto, existe uma forma específica de participação no ministério de Cristo, marcada sacramentalmente. Por esse motivo, já em seu início, a Igreja valoriza o carisma e a missão dos diáconos. Pela imposição das mãos do bispo, ele recebe, publicamente, de modo irrevogável e definitivo, o mandato e a missão do serviço (CNBB, Doc. 96, n. 33, p. 26-27).

#### 2.3.3.4 Ungidos e enviados para o serviço da missão

Segundo Suess (2015, p. 627), os setores que no tempo pós-conciliar lutaram pela hegemonia hermenêutica já estavam presentes durante o Concílio, representando dois projetos que se evidenciaram posteriormente, no contexto das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano de Medellín (1968), Puebla (1979) e Santo Domingo (1992): um, mais preocupado com a fidelidade ao passado e a manutenção de suas cristalizações históricas, doutrinárias e culturais, e outro, com preocupações pastorais, disposto a atender os reclamos do povo de Deus em seu contexto histórico-social. A Conferência Geral de Aparecida (2007) produziu certa síntese missiológica e pastoral entre os dois projetos que através da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013) do Papa Francisco foi assumida pelo magistério universal.

Diferentemente de seus dois predecessores, o Papa Francisco não é um professor acadêmico especialista em filosofia e teologia, mas um pastor, como o Papa João XXIII. Seus numerosos gestos simbólicos, que cativam o mundo inteiro, e suas homilias com suas expressões gráficas (odor de ovelha, ir às fronteiras, arruar a fé, entre tantas outras) transpiram Evangelho.

Em sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium* denuncia profeticamente o atual sistema econômico injusto que mata os pobres (n. 53-59), reafirma a dimensão social da fé (n. 177-186), expressa seu sonho de uma Igreja pobre e para os pobres (n. 192-209), reafirma a piedade popular como lugar teológico (n. 122-126), mas tudo isso sempre movido pelo Espírito do ressuscitado. O Papa Francisco deixa-se levar pelo Espírito, confia nele, invoca-o e ressalta a importância da espiritualidade para renovar a Igreja (n. 275-280).

Ainda Suess (2015, p. 628), em relação ao anúncio do Reino de Deus, afirma que a tarefa essencial da missão é o anúncio da proximidade do Reino de Deus, da conversão e da fé na Boa Nova (cf. Mc 1, 15). O conjunto do Reino, da conversão e da fé se desdobra na prática da caridade que é um dom de Cristo Salvador. O anúncio do Reino e a prática da caridade são frutos da “natureza missionária”, que “se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai. Este desígnio provém do ‘amor fonte’ que é a caridade de Deus Pai, Princípio sem Princípio” (AG 2a.b), trinitário em sua divindade e tridimensional em sua abrangência da criação, redenção e glorificação.

O início da missão de Jesus se dá num contexto de tensão e perigo: João foi preso (Mc 1, 14). Mas é preciso ir adiante: as palavras de Jesus resumem o sentido de toda a sua atividade. Não é mais tempo de esperar, pois Deus vem implantar seu Reino entre os seres humanos, como realidade transformadora da vida de todos. É essencial aceitar o desafio da mudança que Deus propõe, pois aí está a boa notícia que Jesus proclamará por suas palavras e ações.

“Cumpru-se o tempo” (Mc 1, 15). O Reinado do poder de Deus começou em Jesus, que é a Boa-Nova de Deus em pessoa. O anúncio de Jesus deveria animar os israelitas fiéis de seu tempo. Entretanto, Marcos imediatamente liga a Boa-Nova a um chamamento igualmente importante para uma resposta radical: “convertei-vos e crede no Evangelho”. Nessas breves palavras inaugurais do ministério de Jesus, Marcos resume a mensagem evangélica que Jesus pregou: o próprio poder de Deus está disponível aos que se abrem a Jesus e a seu caminho evangélico de serviço dedicado.

Continuando com Suess (2015, p. 630), tem-se que ao lado da missão *ad gentes* e *intra gentes*, o povo de Deus tem uma missão *inter gentes* na reciprocidade de serviços, já “que o Povo de Deus e a humanidade, na qual ele se insere, prestam-se serviços mútuos. Assim a missão da Igreja se manifesta como religiosa

e, por isso mesmo, humana no mais alto grau” (GS, n. 11c). Nesse horizonte se insere também a reciprocidade da evangelização entre centro e periferia, quando todos se reconhecem como mestres e aprendizes da fé em Deus a cuja imagem e semelhança toda humanidade foi criada (cf. GS, n. 12c). A Igreja “ajuda o mundo e dele recebe muitas coisas” (GS 45a).

Pela missão reveladora de Jesus, aprendemos que o reconhecimento da alteridade é sempre um encontro com a semelhança da imagem de Deus e com a fraternidade universal. Aquele que o Pai enviou é a “cabeça do novo e universal povo dos filhos de Deus” (LG 13a). A filiação divina dinamiza a opção pelos pobres através de uma ação com os pobres, que são porta para a Vida. Eles são os protagonistas e destinatários do projeto missionário, mas são também os representantes de Deus no mundo. Como missionários da missão universal *inter gentes* apontam para um outro mundo que é necessário, possível e real.

Diante da riqueza da missão canônica diaconal, recomenda-se que jamais “se deixe de confiar ao diácono uma tarefa, uma missão canônica, de acordo com seus dons e capacidades, evitando que ele seja um mero substituto do presbítero ou colocado em tarefas e situações inadequadas ao seu ministério” (CNBB, Doc. 96, n. 72, p. 40).

## **2.4 CONSIDERAÇÕES**

Entende-se que as chaves pneumatológicas aparecem com clareza nos fundamentos bíblicos, nos documentos do magistério e nos apelos pastorais do Papa Francisco para uma Igreja em saída. Entretanto, tais chaves não transparecem com a mesma clareza nos documentos formativos para o Diaconado Permanente, o que pode significar que esses materiais não têm dialogado e ou assimilado os conteúdos dos demais documentos do magistério sobre missão e evangelização, resultando em pouco dinamismo para o ministério diaconal, que continua enquadrado no perfil funcional anterior.

O Diaconado, ao retomar a perspectiva pneumatológica, poderá encontrar respostas para passar do modelo funcional a um modelo missionário, em novos lugares (fronteiras), sob a ação dinâmica do Espírito, como Espírito da Caridade, da Verdade, da Unidade e da Missão.



### **3 DIACONADO: DO MODELO FUNCIONAL AO MODELO MISSIONÁRIO, EM SAÍDA**

A Igreja na América Latina, particularmente, impulsionada pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), logo de início, manifestou-se sensível e aberta às necessidades pastorais da implantação do ministério diaconal no continente, por entender que este ministério é parte constitutiva da hierarquia da Igreja e, por conseguinte, deve estar inserido na missão evangelizadora de toda a Igreja. Quando o episcopado latino americano se reuniu em Medellín, em agosto de 1968, fazia apenas pouco tempo que o Papa Paulo VI havia restaurado o Diaconato Permanente. Assim sendo, o episcopado regional, em realização da sua segunda Conferência, dedica algumas poucas palavras a respeito do ministério diaconal e da sua restauração:

Em alguns países da América Latina realizam-se experiências de formação de diáconos, que, por ser (essas experiências) ainda principiantes, não têm alcançado o suficiente grau de madureza que permita avaliação. Contudo, nota-se que a promoção do Diaconato surgiu em vista de determinadas exigências pastorais. Isto tem dado lugar a uma relativa pluralidade de formas na concepção, preparação e realização dos candidatos a diácono, de acordo com os ambientes (Medellín, Cap. 13).

Quase onze anos mais tarde, de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979, ocorre a terceira Conferência do Episcopado Latino Americano e Caribenho, em Puebla, solenemente aberta pelo Papa João Paulo II. Nesta Conferência, com significativo enfoque pneumatológico, contempla-se toda a evangelização na ótica do Espírito, com carismas e ministérios articulados, bem como aborda o tema do Diaconato Permanente de forma mais extensiva e o destaca como sendo uma necessidade na realidade da América Latina:

A missão e função do diácono não se devem medir segundo critérios meramente pragmáticos, por estas ou aquelas ações que poderiam ser exercidas por ministros não ordenados (EN 73) ou por qualquer batizado; nem tampouco em vista de uma solução para a escassez numérica de presbíteros (LG 29) que atinge a América Latina. A conveniência do diácono deduz-se da eficaz contribuição para a igreja cumprir melhor sua missão salvadora (AG 16) por meio de uma atenção mais adequada à tarefa evangelizadora (DP 698).

As atuais Diretrizes para o Diaconato Permanente no Brasil, reafirmam a missão do diácono como ministério do lava-pés:

A missão do diácono está ligada ao Cristo-servo. Ele coloca em evidência e potencializa para todo o Povo de Deus a dimensão de serviço. Sua veste característica é a estola, que lembra a toalha do lava-pés, gesto da atitude diaconal de Cristo. Ser ícone de Cristo servidor constitui a identidade profunda do diácono. Ao vê-lo, deveríamos ser interpelados aos gestos concretos e à alegria do serviço (DD 40).

No tocante à missão do Cristo-Servo, vivenciada pelo diácono em seu ministério de coordenar ou organizar a dimensão da caridade, está claro que o fundamento que o leva a realizar as “obras de caridade” é o Amor, ou seja, é a Caridade de Cristo que nos impulsiona a servir os irmãos. Referindo-se a missão do diácono como servidor, ressaltou Dom Luciano Mendes de Almeida, em sua homilia na missa do III Congresso Nacional de Diáconos Permanentes do Brasil:

O diácono não precisa ser um super-coordenador de ações. Ele tem que ser capaz de transmitir este amor de pastor, no meio do povo, em contato muito cotidiano com esse povo que está aí. Esse amor é que faz o diácono. O diácono é alguém capaz de amar o povo, de fazer gratuitamente o bem, de entender que o bem se faz bem, de que a maior retribuição é a felicidade do outro (ALMEIDA, 2003).

Ao chamar a atenção para a missão do diácono naquilo que lhe é específico, o ministério da caridade, Dom Luciano Mendes de Almeida afirma:

Naturalmente, da mesma forma que os leigos, participam, segundo seus dons e carismas, tanto de uma ação no ambiente da vida social como no ambiente da comunidade eclesial, assim também o diácono participa na realização da sua missão e ministério em todos os ambientes que fazem parte da sua vida. Reduzir a nossa atuação intereclesial à dimensão litúrgica pode realmente desfigurar a identidade do diácono, que só aparecerá na sua integridade, se ressaltando a dimensão da caridade, tiver uma atuação conseqüente na liturgia e na diaconia da palavra (ALMEIDA, 2003).

A Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Ecclesia in America*, de 22 de janeiro de 1999, situa o contexto da nova configuração do ministério da caridade na realidade latino-americana de empobrecimento e exclusão. No texto, convoca a Igreja a implementar o projeto de nova evangelização, com atenção especial às situações de injustiça, a fim de que não haja nenhum marginalizado:

A Igreja na América deve encarnar nas suas iniciativas pastorais a solidariedade da Igreja universal pelos pobres e pelos marginalizados de toda espécie. Sua posição deve compreender a assistência, a promoção, a libertação e a acolhida fraterna. (EA 58).

A Igreja na América Latina, ao percorrer o seu itinerário Evangelizador e Missionário e a sua tradição de “comunhão e participação”, reafirma na V Conferência do Episcopado Latino Americano e Caribenho, em Aparecida (2007), a sua comunhão com a Igreja universal e convoca todos os seus membros a fazer, em primeiro lugar, experiência de renovar-se pelo Espírito Santo para que aconteça de fato, um novo Pentecostes:

A Igreja necessita de forte comoção que a impeça de se instalar na comodidade, no estancamento e na indiferença, à margem do sofrimento dos pobres do Continente. Necessitamos que cada comunidade cristã se transforme num poderoso centro de irradiação da vida em Cristo. Esperamos um novo Pentecostes que nos livre do cansaço, da desilusão, da acomodação ao ambiente; esperamos uma vinda do Espírito que renove nossa alegria e nossa esperança (DAp, n. 362).

Em segundo lugar, Aparecida convoca a Igreja a uma verdadeira conversão pastoral e a renovar o seu ardor missionário, através da escuta do que “o Espírito está dizendo às Igrejas”, para que todos os membros da Igreja se tornem verdadeiros discípulos missionários de Jesus Cristo:

Os bispos, presbíteros, diáconos permanentes, consagrados e consagradas, leigos e leigas são chamados a assumir atitude de permanente conversão pastoral, que implica escutar com atenção e discernir “o que o Espírito está dizendo às Igrejas” (Ap 2,29) através dos sinais dos tempos em que Deus se manifesta (DAp, n. 366).

Aparecida constata e chama à atenção para a realidade que envolve toda a Igreja. Percebe-se que muitos dos discípulos missionários encontram-se cansados e alguns envolvidos por certa apatia e acomodação que os impedem de realizar com entusiasmo a missão evangelizadora da Igreja. Apesar de constatar algumas sombras, Aparecida destaca também alguns aspectos positivos:

Apesar das dificuldades e ambiguidade de alguns dos seus membros, a Igreja teve e tem uma atuação junto aos pobres. Nos últimos anos houve um maior conhecimento da Bíblia, melhor catequese, renovação da liturgia com esforço de inculturação. A dedicação, presbíteros, o desenvolvimento do diaconato permanente. A grande quantidade de ministérios assumidos por leigos (DAp 99).

Como em Puebla, em Aparecida os Bispos reconhecem o rosto dos pobres, sofredores e excluídos. Neste sentido, também apontam caminhos para a atuação do ministério da caridade exercido pela Igreja, especialmente na atuação do diácono permanente:

Comunidades indígenas e afro-americanas tratadas sem dignidade e igualdade de condições; mulheres excluídas, por razões de sexo, raça ou situação econômica; jovens com educação de baixa qualidade, sem possibilidade de entrar no mercado de trabalho e de constituir família; pobres, desempregados, migrantes, desalojados, sem-terra, que buscam sobreviver na economia informal; crianças submetidas à prostituição infantil e ao aborto; milhões de pessoas e famílias que vivem na miséria e inclusive passam fome; dependentes de drogas, deficientes físicos, portadores do HIV, tuberculose e malária, excluídos da convivência familiar e social; sequestrados, vítimas da violência, do terrorismo, de conflitos armados e da insegurança urbana; idosos, excluídos do sistema de produção e muitas vezes rejeitados por suas famílias, presidiários em situação desumana. (DAp 65).

Ao considerar a realidade dos pobres e dos que sofrem, Aparecida fala do valor da Pastoral Social e pede as Conferências Episcopais e igrejas locais que promovam renovados esforços para fortalecê-la e estruturá-la. Neste sentido, os planos de ação pastoral implantados nas dioceses, paróquias e pequenas comunidades devem levar em consideração e, ao mesmo, também assumir a opção preferencial pelos pobres a partir do rosto dos que sofrem. A Pastoral Social é chamada de Serviço da Caridade e este serviço faz parte da essência da Igreja. Isto é, não pode faltar em hipótese alguma. Do contrário corre-se o risco de desfigurar a igreja de Cristo.

O serviço da caridade é peculiar do diácono. Ele deve estar comprometido até a medula com o projeto da solidariedade globalizada. O compromisso de fazer com que a América Latina seja não só continente da esperança, mas de amor (DAp 543). O teólogo e diácono Durán y Durán (2008) afirma que:

O ministério do diácono permanente é o de ajudar a abrir os olhos da comunidade para enxergar a realidade dos pobres, excluídos, marginalizados, desempregados. Ao mesmo tempo suscitar ações, não apenas momentâneas e circunstanciais, mas permanentes que conduzam a recuperação completa do bem-estar e cidadania assaltados pelo capitalismo desumano (DURÁN, 2008, p. 63).

O diácono permanente é chamado a animar a comunidade eclesial e os diversos ministros, a trabalhar pela solidariedade e pela paz. Na medida em que, pelo seu testemunho, anima e suscita o serviço da comunidade, o diácono torna-se verdadeiramente construtor da solidariedade e da paz. Assim sendo, Aparecida nos desperta para que nas diversas realidades eclesiais (diocese, paróquia e comunidades) e o diácono se coloque sempre como o primeiro animador, apoiador e articulador das pastorais sociais, e esteja disposto a suscitá-las aonde ainda não existe, como reafirma o Documento de Aparecida:

As Conferências Episcopais e as igrejas locais têm a missão de promover renovados esforços para fortalecer uma Pastoral Social estruturada, orgânica e integral que, com a assistência e a promoção humana, se faça presente nas novas realidades de exclusão e marginalização em que vivem os grupos mais vulneráveis, onde a vida está mais ameaçada. No centro desse agir está cada pessoa, que é acolhida e servida com cordialidade cristã. Nessa atividade a favor da vida de nossos povos, a Igreja católica apoia a colaboração mútua com outras comunidades cristãs (DAp 401).

A atuação do diácono junto a essas realidades de exclusão se sustenta na radicalidade da “opção pelos pobres”, assumida pela Igreja, que está fundamentada na radicalidade da sua adesão a Jesus Cristo. É o que reafirma o Papa Bento XVI no seu discurso inaugural da Conferência de Aparecida: "a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza (cf. 2 Cor 8, 9)" (DI 3).

Ao aderir ao projeto do Reino de Deus anunciado por Jesus Cristo, os diáconos conseqüentemente fazem do programa de Jesus o seu programa de vida e a sua opção. O ministério diaconal encontra sua força na experiência do Espírito que anima e sustenta a missão do próprio Cristo:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor (Is 61,1-2).

Um dos campos próprios para o exercício do ministério diaconal é a realidade dos pobres e excluídos. O Documento de Aparecida procura discernir os sinais dos tempos (cf. DAp 33), como fez o Concílio Vaticano II, e volta o seu olhar especial para as situações de injustiça geradoras de uma cultura de morte.

Para os bispos, as condições de vida dos milhões e milhões de abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e dor, contradizem o projeto do Pai e desafiam os cristãos a um maior compromisso em favor da cultura da vida. O Reino de Vida que Cristo veio trazer é incompatível com essas situações desumanas. Fechar os olhos diante dessas realidades é negar a essência da fé cristã, pois há uma inseparável relação entre o amor a Deus e o amor ao próximo, especialmente aos excluídos. Todas as preocupações por desenvolver estruturas mais justas ou por transmitir os valores sociais do Evangelho situam-se nesse contexto de serviço à vida digna (cf. DAp 358).

Referindo-se aos desafios e a missão própria dos diáconos, o Papa Francisco, na homilia feita durante a celebração eucarística no Jubileu Extraordinário da Misericórdia com os Diáconos permanentes, os encoraja a exercer o ministério com generosidade e espírito de oração e serviço.

Queridos diáconos, podeis pedir diariamente esta graça na oração, numa oração em que apresenteis as fadigas, os imprevistos, os cansaços e as esperanças: uma oração verdadeira, que leve a vida ao Senhor e traga o Senhor à vida. E, quando servirdes à Mesa Eucarística, lá encontrareis a presença de Jesus, que Se dá a vós para que vos doeis aos outros. Assim, disponíveis na vida, mansos de coração e em diálogo constante com Jesus, não tereis medo de ser *servos de Cristo*, de encontrar e acariciar a carne do Senhor nos pobres de hoje (FRANCISCO, 2016b).

Por estar ligado à própria missão de Cristo-Servo da Igreja, a missão do diácono permanente torna-se ícone de Cristo-Servidor. Dessa forma, as Diretrizes para o Diaconato permanente da Igreja no Brasil recordam que a missão diaconal também torna-se protótipo de serviço para a comunidade: “Ele coloca em evidência e potencializa para todo o povo de Deus a dimensão do serviço. Ao vê-lo deveríamos ser interpelados aos gestos concretos e à alegria do serviço” (DD 40). O testemunho requer do diácono permanente unidade eclesial: “Ordenando diáconos, a Igreja evidencia que a palavra e a caridade, primeiras exigências da evangelização, requerem testemunhas em integral comunhão com ela” (DD 41). O diácono, ordenado para o serviço, deve ter Maria como inspiradora e auxiliadora em seu ministério.

Na Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (A alegria do Evangelho), o Papa Francisco insiste na índole missionária da Igreja – como já dito pelo Vaticano II – e convoca os cristãos para uma verdadeira conversão, saindo de uma pastoral de

mera conservação, para uma Igreja decididamente missionária (EG 15). O Pontífice descreve a Igreja como ele a quer: “Uma Igreja ‘em saída’, que não olha para si mesma”. A intimidade da Igreja com Jesus é itinerante, e a comunhão se configura essencialmente como comunhão missionária (EG 20-23).

O diácono permanente, “cheio do Espírito” (At 6, 3), é inserido na vida das comunidades eclesiais, chamado e enviado a ser criativo e ousado na missão, superando o forte clericalismo que amedronta, tira a alegria da missão e rouba o entusiasmo. O ministério diaconal é, portanto, o ministério da criatividade, da missionariedade e do serviço. Além disso:

A dimensão missionária, que pertence à própria natureza da Igreja, é intrínseca também a cada forma de vida consagrada, e não pode ser transcurada sem deixar um vazio que desfigura o carisma. A missão não é proselitismo, nem mera estratégia; a missão faz parte da «gramática» da fé, é algo de imprescindível para quem se coloca à escuta da voz do Espírito, que sussurra «vem» e «vai». Quem segue Cristo não pode deixar de tornar-se missionário, e sabe que Jesus «caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele, no meio da tarefa missionária» (FRANCISCO, 2015a).

A Igreja “em saída” é a comunidade dos discípulos missionários que tomam a iniciativa, que se deixam envolver e são capazes de ousar: “Ousemos um pouco mais ao tomar a iniciativa” (EG 24). Tudo isso, marcado pelo convite de “não sermos cristãos com cara de funeral” (EG 10). Ao falar da missão da Igreja, o Papa afirma com bastante ênfase: “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, do que uma Igreja enferma pela oclusão e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG 49). Borrás (2010) nos diz:

Já que o diaconado é “sacramento do ministério apostólico” (CIC 1536), faz parte integrante do ministério da sucessão apostólica: os diáconos participam à sua maneira (*suo modo*) na missão que os Apóstolos e os seus sucessores receberam de Cristo pelo seu Espírito, através da mediação eclesial. Pela sua ordenação, os diáconos participam, de fato, no ministério da atestação da fé apostólica. Colaboram no ministério apostólico assumindo tarefas ou uma missão, isto é, exercendo um ministério pelo qual a ordenação os habilitou formalmente (BORRAS, 2010, p. 232).

A missão da Igreja nasce da mesma missão de Jesus, que é enviado pelo Pai ao mundo para comunicar o amor de Deus por nós e instaurar o Reino pela pregação da Boa Nova. Ele é o modelo a ser seguido. Como nos afirma Francisco:

Jesus é o primeiro e o maior evangelizador. [...] Em toda a vida da Igreja, deve sempre manifestar-se que a iniciativa pertence a Deus, 'porque Ele nos amou primeiro' (1 Jo 4, 19) e é 'só Deus que faz crescer' (1 Cor 3, 7) (EG 12).

Jesus assume em sua vida a missão que o Pai lhe confia, a começar pela sua encarnação, e toda a sua vida pública será marcada por ela. Disse João Paulo II:

Queridos Diáconos, sede apóstolos ativos da nova evangelização. Levai todos a Cristo! Dilate-se, graças também ao vosso empenho, o seu Reino na vossa família, no vosso ambiente de trabalho, na paróquia, na Diocese, no mundo inteiro! Em tudo fiéis a Cristo, caríssimos Diáconos, sereis também fiéis aos vossos ministérios que a Igreja vos confia. Como é precioso o vosso serviço à Palavra e à catequese! Depois, o que dizer da diaconia da Eucaristia, que vos põe em contato direto com o altar do Sacrifício no serviço litúrgico? Além disso, justamente estais empenhados em viver de modo inseparável o serviço litúrgico com o da caridade nas suas expressões concretas. Isto torna evidente que o sinal do amor evangélico não é redutível a categorias puramente de solidariedade, mas se põe como coerente consequência do mistério eucarístico (JOÃO PAULO II, 2000).

Dirigindo-se aos diáconos permanentes do mundo, por ocasião celebração da Festa de São Lourenço, patrono dos diáconos, o Cardeal Claudio Hummes, então Prefeito da Congregação do Clero, dirige uma mensagem aos diáconos, no dia 10 de agosto de 2007, recordando a identidade dos diáconos como servidores da Palavra, chamados a evangelizar como discípulos missionários.

Portanto, vocês foram ordenados para o Serviço da Palavra de Deus. Isso significa que tudo o que se refere à pregação do Evangelho, à catequese, à difusão da Bíblia e sua explicação ao povo, lhes foi conferido ordinariamente, mas obviamente sempre sob a autoridade do vosso Bispo. Hoje, a Igreja chama todos os seus membros, principalmente os ministros ordenados, a serem missionários, ou seja a levantarem-se e irem de maneira organizada ao encontro, antes de mais nada, dos nossos batizados que se afastaram da prática da própria fé católica, mas também de todos aqueles que pouco ou nada sabem de Jesus Cristo e de sua mensagem, para repropor-lhes o primeiro anúncio de Cristo, o querigma e, assim, reconduzi-los a um encontro vivo e concreto com o Senhor. Num encontro assim renova-se a fé e revigora-se a adesão pessoal a Jesus Cristo, condição de uma fé viva e de um testemunho fiel no mundo (HUMMES, 2007).

Como legítimas testemunhas e servidores da palavra, os diáconos são chamados a colaborar para que a Igreja se abra ao anúncio do Evangelho,



superando a acomodação e a colocando em estado permanente de missão, levando a todos a boa notícia do Evangelho, como observa também Hummes:

Não podemos mais fechar-nos e aguardar os batizados nas nossas Igrejas. Temos que ir buscá-los onde vivem e trabalham, com uma ação missionária permanente, com especial atenção aos pobres das periferias urbanas. Este ministério da Palavra requer de vocês, caros Diáconos, uma familiaridade constante com a Sagrada Escritura, principalmente com os Evangelhos. Ouvir, meditar, estudar e praticar a Palavra de Deus deve ser um permanente esforço para vocês. Assim vocês se tornarão cada vez mais discípulos do Senhor e se sentirão chamados e iluminados pelo Espírito para a missão (HUMMES, 2007).

Após o envio missionário do Ressuscitado, a sua missão agora passa a ser a de cada batizado; dela ninguém pode ficar de fora e se fazer de indiferente, pois ela tem sua ratificação plena em nosso batismo:

Em virtude do Batismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário (cf. Mt 28, 19). Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas ações. A nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados. Esta convicção transforma-se num apelo dirigido a cada cristão para que ninguém renuncie ao seu compromisso de evangelização, porque, se uma pessoa experimentou verdadeiramente o amor de Deus que o salva, não precisa de muito tempo de preparação para sair a anunciá-lo, não pode esperar que lhe deem muitas lições ou longas instruções. Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; não digamos mais que somos “discípulos” e “missionários”, mas sempre que somos “discípulos missionários” (EG 120).

Associado ao ministério de Cristo pelo sacramento da Ordem, o diácono participa diretamente do apostolado missionário de Cristo na Igreja. O seu ministério aponta propriamente para uma Igreja em saída, quando ocupa os espaços para além do espaço litúrgico e desenvolve o seu ministério como aquele que está a serviço da Palavra e da Caridade, especialmente nas periferias urbanas e rurais. (CCP 206).

Na Igreja do Brasil, a CNBB propõe como alternativa para a missão do diácono permanente, três possibilidades de diaconia, inspiradas na prática da Igreja primitiva (séculos IV ao VIII) e adaptadas aos novos tempos. A primeira, seria a diaconia territorial, que surge com a missão de organizar o conjunto da prática pastoral e social da Igreja em determinada região. Este modelo de diaconia, além de

possuir uma sede e eleger um padroeiro, como outras comunidades eclesiais, difere-se por se constituir com autonomia jurídica (DD 106). A segunda, é a diaconia setorial, criada em algumas dioceses e que leva em consideração as diversas áreas de organização social (saúde, cultura, educação etc.), tendo a sua frente um diácono profissionalmente qualificado para a sua coordenação e adequada evangelização (DD 107). E, por último, surgem as diaconias contextuais, que tem características especiais (condomínios, empresas, fábricas, universidades, entre outras), onde o diácono que frequenta um destes ambientes exerce ali o ministério, formando comunidades ou acompanhando famílias ou pessoas individualmente (DD 108).

Embora estas propostas estejam indicadas nas Diretrizes para o Diaconato Permanente da Igreja do Brasil, prevalece o modelo tradicional do diácono ligado a uma determinada paróquia, sem a devida autonomia para o exercício do ministério. Entretanto, haja vista que o modelo de pastoral centralizado na figura do padre ainda prevalece na maioria das paróquias e comunidades, é urgente a descentralização e o investimento em novos ministérios (cf. DAp 518; EG 49). Os apelos missionários do Papa Francisco, que implicam na saída missionária, na conversão pastoral, nos novos territórios, serão desenvolvidos adiante, a fim de mostrar como esses apelos fomentam novas expressões de diaconia. Tais apelos para uma Igreja em saída estão sempre conectados ao espírito do Concílio Vaticano II, contrapondo-se a mera conservação e o ensimesmamento pastoral que está presente num número significativo de comunidades.

Em relação ao ministério diaconal, apesar de considerar que as funções enumeradas pelos documentos do magistério também são necessárias, o Papa Francisco faz uma crítica quando o modelo pastoral vem carregado de uma tendência de reducionismo funcional no exercício diaconal, em razão de que, embora se reconheça a existência de novas mesas para serem servidas na contemporaneidade, a prática não se materializa nessa linha de entendimento, implicando no pedido aos diáconos para que priorizem sua missão fora da dimensão litúrgica. Com efeito, diante do que já foi exposto, é o Espírito de Pentecostes quem conduz às fronteiras e ao serviço nessas encruzilhadas, como visto nas fontes de Lucas e João e na retomada da dimensão pneumatológica, sendo que as quatro chaves propostas são transversais, isto é, uma solicita a outra. As chaves Caridade, Missão, Verdade e Unidade são o resultado da recepção da Pneumatologia, à luz do Novo Testamento e do magistério, que apresentam o Pneuma como Espírito da

Verdade, da Missão, da Unidade e vínculo de Caridade por excelência – ele mesmo Amor.

### 3.1 DIACONADO EM SAÍDA, NO ESPÍRITO DA CARIDADE

A fonte bíblica esclarece a questão acima intitulada: sendo o Espírito Santo o vínculo da caridade, ele mesmo Amor (“E a esperança não decepciona, pois o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” - Rm 5,5), implica no fato de que a perspectiva pneumatológica ilumina com novos lampejos a diaconia da caridade, sendo que a manifestação de alguns desses lampejos serão desenvolvidos de forma propositiva na sequência.

O Papa Francisco afirma:

Embora se possa dizer, em geral, que a vocação e a missão próprias dos fiéis leigos é a transformação das diversas realidades terrenas para que toda a atividade humana seja transformada pelo Evangelho, ninguém pode sentir-se exonerado da preocupação pelos pobres e pela justiça social: A conversão espiritual, a intensidade do amor a Deus e ao próximo, o zelo pela justiça e pela paz, o sentido evangélico dos pobres e da pobreza são exigidos a todos. Temo que também estas palavras sejam objeto apenas de alguns comentários, sem verdadeira incidência prática. Apesar disso, tenho confiança na abertura e nas boas disposições dos cristãos e peço-vos que procureis, comunitariamente, novos caminhos para acolher esta renovada proposta (EG 201).

No serviço da mediação positiva, está a inserção do diácono no diálogo entre a Igreja e o mundo, entre a hierarquia e os leigos. Diálogo que favoreça, no seio da Igreja, a integração de todos os ministros, em vista de uma comum vocação ao serviço.

Diálogo *ad extra*, no relacionamento com o mundo, que promova os verdadeiros valores e esteja aberto aos sinais dos tempos, acusando, ao mesmo tempo, as injustiças e os desvios. Uma presença fraterna e missionária, acima de tudo, pelo testemunho pessoal. Um engajamento na realidade social, nas indústrias, na política não partidária, no setor civil. O diácono deve estar preparado para assumir os compromissos no próprio ambiente social, em defesa dos mais necessitados. Ele precisa de uma visão realista da própria comunidade, a fim de poder desenvolver, com maior vigor, a missão salvífica da Igreja:

Muitos de vós desempenhais uma atividade de trabalho nos escritórios, nos hospitais e nas escolas: em tais ambientes, sois chamados a ser servidores da Verdade. Anunciando o Evangelho, podereis transmitir a Palavra capaz de iluminar e dar significado ao trabalho do homem, ao sofrimento dos doentes, e ajudareis as novas gerações a descobrir a beleza da fé cristã. Deste modo, sereis Diáconos da Verdade que liberta, enquanto conduzireis os habitantes desta cidade rumo ao encontro com Jesus Cristo. Acolher o Redentor na própria vida constitui, para o homem, uma fonte de profunda alegria, um júbilo que pode infundir a paz até nos momentos de provação. Por conseguinte, sede servidores da Verdade para vos tornardes portadores da alegria que Deus deseja transmitir a cada um dos homens (BENTO XVI, 2006).

Diz o Papa Francisco:

Depois, falando de testemunhos, a alegria. A alegria da minha vida é plena, a alegria de ter escolhido bem, a alegria que vejo diariamente que o Senhor me é fiel. A alegria é ver que o Senhor é sempre fiel a todos. Quando não sou fiel ao Senhor, aproximo-me do sacramento da Reconciliação. Os consagrados e os sacerdotes maçadores (aborrecidos), com amargura no coração, tristes, têm alguma coisa errada e devem consultar um bom conselheiro espiritual, um amigo e dizer: “Não sei o que está a acontecer na minha vida”. Quando não se sente alegria, algo não está bem. Sem alegria não atrais para o Senhor nem para o Evangelho (FRANCISCO, 2015b).

Nessa perspectiva, sobressai a Doutrina Social da Igreja, que abrange a questão complexa da promoção humana e sua interlocução com as pastorais sociais, onde os pedidos e apelos da Igreja são significativos.

### **3.1.1 Solidariedade**

O Concílio Vaticano II fala de solidariedade com clamor intenso: “Entre os sinais do nosso tempo, é digno de menção e de nota, aquele senso sempre mais amplo e inelutável de solidariedade entre os povos todos” (AA 14c), o que se desdobra em diversas dimensões da vida humana: entre todos os povos, numa cooperação internacional no planeta (cf. GS 90a), entre as pessoas (cf. DH 1, 3c, 15; GS 3a, 3b, 16), com os pobres e excluídos (cf. SRS 40; GS 1, 4d, 85a, PP 45 e 48), e com a natureza e o universo (cf. GS 11, 32, 39c, 39e, 36b, 39b, 57, 57c, 57f).

O tema da solidariedade também é uma preocupação antiga do Papa Francisco que afirma: “A falta de solidariedade é anestésica, adormece a pessoa em relação às necessidades dos outros” (SKORKA, 2013). Da sinopse do livro ‘A Solidariedade’, colhem-se os seguintes questionamentos:

Como evitar que sentimentos negativos, como a inveja, o rancor ou a soberba, pautem nossa conduta solidária? Qual o benefício de não pensarmos apenas em nós e nos empenharmos pelo bem comum? Qual a importância de nos colocarmos no lugar do outro? Quando uma ideologia acarreta o oposto da solidariedade? São questões como essas, profundas e difíceis, que o papa Francisco, então cardeal Jorge Mario Bergoglio, o rabino Abraham Skorka e o membro da Igreja Presbiteriana Marcelo Figueroa ajudam a esclarecer neste livro, que reproduz o diálogo que mantiveram ao longo de anos, em encontros frequentes, para discorrer sobre temas universais. Mais do que a opinião de cada um dos líderes religiosos, esses encontros mostram que um diálogo respeitoso, que transcende o credo ou a fé, é possível – e acima de tudo – necessário. (SKORKA, 2013)

Mais recentemente, o Papa Francisco, em discurso aos participantes da Plenária da Academia das Ciências Sociais, em Roma, recordou que a Igreja sempre exortou “ao amor do próprio povo e da pátria”, todavia, sempre advertiu para os desvios deste sentimento quando resulta na exclusão e no ódio pelos demais. Disse que é tempo de uma renovada solidariedade internacional, não de nacionalismos. (FRANCISCO, 2019b)

Francisco ainda manifestou sua preocupação com o abrir-se de uma “nova estação de confronto nuclear”, que cancela os progressos do passado recente e multiplica o risco de guerras:

Se, agora, não somente sobre a terra, mas também no espaço forem colocadas armas nucleares ofensivas e defensivas, a chamada nova fronteira tecnológica terá aumentado e não diminuído o perigo de um holocausto nuclear. (FRANCISCO, 2019b)

É também nesse cenário de ausência de solidariedade que os diáconos são chamados a exercerem o seu ministério diaconal, pois são as novas espécies de mesas de serviço na contemporaneidade rumo ao terceiro milênio. Evidentemente, não é necessário que todos ocupem tal esfera social, porém, não se entende que os servidores da caridade deixem de ocupar esse espaço de fronteira para ficarem disputando espaços nos presbitérios.

A “Diaconia da Solidariedade” já tem seus sujeitos preferenciais, pois os documentos referidos tratam da dignidade dos seres humanos nos níveis pessoal e comunitário, destacando-se o rosto de pobres, migrantes e sofredores que habitam na casa comum da humanidade e aguardam serem atendidos, onde, segundo o Papa Francisco, deve imperar a cultura do encontro.

### 3.1.2 Saúde

É razoável admitir-se que o acompanhamento das pessoas que sofrem com a inimiga da humanidade conhecida por doença e esperam recuperar a sua saúde não se limite aos aspectos meramente biológicos, porque é necessário dar atenção ao espírito em razão de que o ser humano fica fragilizado e vulnerável quando é acometido pela doença, bem como que não se pode esquecer que a humanidade de Cristo é que pode dar sentido a esse sofrimento.

O Papa Francisco recebeu no Vaticano a Associação Católica de Agentes de Saúde, por ocasião do 40º aniversário da fundação que se dedica à promoção cristã dos serviços de saúde e assistenciais, onde iniciou falando da alegria dele em compartilhar com o grupo “o objetivo de defender e promover a vida, a partir dos mais indefesos ou necessitados de assistência por serem doentes, idosos ou marginalizados”, recordando que nas últimas décadas o sistema de assistência transformou-se radicalmente e a tecnologia alcançou níveis impensáveis, “porém colocando de modo cada vez mais forte problemas de caráter ético”. (FRANCISCO, 2019c)

O Papa Francisco afirma que ficar ao lado “dos últimos, dos excluídos é o melhor modo para compreender a fundo e com verdade as várias situações e o bem moral implícito”, e este é o caminho para testemunhar o Evangelho: “Justamente a humanidade de Cristo é o tesouro inexaurível e a maior escola, da qual temos continuamente o que aprender”. Também comentou que os doentes devem ser tratados como pessoas e não como números, evidenciando a importância da atenção ao espírito:

A cura, entre outras coisas, não passa apenas pelo corpo, mas também pelo espírito, pela capacidade de reencontrar confiança e de reagir; por isso o doente não deve ser tratado como uma máquina, e o plano de saúde público ou particular não deve considerá-lo parte de uma cadeia de montagem. (FRANCISCO, 2019c)

O Papa Francisco recordou que as pessoas e as doenças não são iguais e que os agentes de saúde devem esforçar-se neste ponto e, ainda, falou da formação dos Agentes de Saúde por parte da Associação dizendo que

não deve ser apenas de confronto, estudo e atualização, mas deve ser dada uma particular atenção à espiritualidade, de modo que seja redescoberta e apreciada esta fundamental dimensão da pessoa, muitas vezes ignorada nos nossos tempos, mas importante, principalmente para os doentes e familiares”. (FRANCISCO, 2019c)

Assunto complexo é a objeção de consciência, e sobre isso o Papa Francisco, ponderou que

Embora muitos considerem que qualquer possibilidade oferecida pela técnica seja moralmente utilizável, na realidade toda a prática médica ou intervenção no ser humano deve ser avaliada com atenção se efetivamente respeita a vida e a dignidade humana. (FRANCISCO, 2019c)

E, continuando, afirma:

A prática da objeção de consciência, em casos extremos nos quais é colocado em perigo a integridade da vida humana, baseia-se na exigência pessoal de não agir de modo incompatível com o próprio convencimento ético, mas representa também um sinal para o ambiente de saúde no qual se encontra, assim como para os próprios pacientes e seus familiares. (FRANCISCO, 2019c)

O Papa ainda recorda que a “escolha da objeção deve ser feita com respeito para que não se torne motivo de desprezo ou de orgulho o que deve ser feito com humildade”. E acrescenta: “Deve-se sempre procurar o diálogo, principalmente com os que têm posições diversas, escutando sempre seus pontos de vista e procurando transmitir o seu”, sem arrogância.

Servir à Igreja nessa perspectiva da vida humana, que integra as dimensões biológica e espiritual, por certo tem exigências complexas que precisam ser compreendidas e internalizadas, onde o ministério diaconal poderia preparar e capacitar diáconos para atuarem muito além de meras visitas de acompanhamento de saúde, atingindo um número significativo de pessoas que não tem qualquer assistência eclesial num contexto de “Diaconia da Saúde”.

### **3.1.3 Política**

Segundo Wanderley (2015, p. 747), “A Igreja conciliar reconcilia-se plenamente com a ordem política moderna, vendo nela, desde então um meio de realização do plano de Deus para a humanidade”. Ademais o “Vaticano II foi o ponto

de chegada e o momento excelente da formulação de uma nova compreensão da questão política por parte da Igreja, agora nos termos e no contexto da práxis moderna fundada na distinção entre os poderes religioso e civil” (idem).

O Papa Francisco também afirma que a política é uma vocação de serviço, por isto, ela “não é a mera arte de administrar o poder, os recursos ou as crises.” Portanto, é necessário fazer política a partir do Evangelho, superando as ideologias. Ele entende que é “necessária uma nova presença de católicos na política na América Latina”. Para Francisco, esta “nova presença” não implica somente novos rostos nas campanhas eleitorais, mas, principalmente, novos métodos que permitam forjar alternativas que simultaneamente sejam críticas e construtivas (FRANCISCO, 2019d).

Tendo em conta a necessidade de superação das ideologias, o Papa recorda que ser católico comprometido na política não significa ser um recruta de algum grupo, organização ou partido, mas viver dentro de uma comunidade. “As circunstâncias em que vivemos não mudarão de imediato”, consta o Papa. Todavia, podemos olhar para a realidade de maneira nova, podemos viver com renovada paixão os desafios na construção do bem comum. “Não nos esqueçamos que entrar na política significa apostar na amizade social.”

O Papa Francisco relembra Óscar Arnulfo Romero como um santo guiado pela Doutrina Social da Igreja e com a mente e o coração depositados em Jesus. Afirma que Romero inspira os católicos a reencontrarem os motivos pelos quais vale a pena fazer política, mas a partir do Evangelho, superando as ideologias.

Na América Latina e em todo o mundo, acrescenta Francisco, vive-se uma verdadeira mudança de época, que exige renovar linguagens, símbolos e métodos. Não se trata simplesmente de melhorar uma estratégia de “marketing”, mas aplicar o mesmo método que Deus escolheu para se aproximar de nós: a Encarnação. Ele disse aos jovens latino-americanos:

Vocês como jovens católicos dedicados a diversas atividades políticas têm que ser vanguarda no modo de acolher as linguagens e os sinais, as preocupações e as esperanças dos setores mais emblemáticos da mudança de época latino-americana. (FRANCISCO, 2019d)

O Papa aponta para três setores que considera mais simbólicos desta mudança de época: as mulheres, os jovens e os mais pobres. Essas três categorias



são “locais do encontro privilegiado com a nova sensibilidade cultural emergente e com Jesus Cristo” (FRANCISCO, 2019d). E mais: “Se não quisermos nos perder num mar de palavras vazias, olhemos sempre o rosto das mulheres, dos jovens e dos pobres. Devemos olhá-los como sujeitos de transformação e não como meros objetos de assistência” (FRANCISCO, 2019d).

Insiste o Papa Francisco que é preciso valorizar o povo e os movimentos populares de um modo novo. “Fazer política inspirada no Evangelho a partir do povo em movimento pode se tornar uma maneira poderosa de sanar nossas frágeis democracias e de abrir o espaço para reinventar novas instâncias representativas de origem popular” (FRANCISCO, 2019d).

O indispensável campo da política nas relações humanas estruturantes da dimensão social não pode ser deixado de lado pela hierarquia eclesial, onde se encaixa adequadamente o diácono, tanto por suas características de conexões com o mundo do trabalho e das demais interfaces sociais quanto da possibilidade e facilidade de poder exercer a representação nalguma instância popular, se for de necessidade, com a devida licença do Bispo. Enfim, o campo da Política é extenso e precisa ficar bem claro que este setor não se reduz à expressão partidária. Há um apostolado social neste campo, que deve ser incrementado à luz da Doutrina Social da Igreja e é provável que isso seja o fundamento da “Diaconia Política”, decorrente da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (90c).

### **3.1.4 Migração**

De acordo com Parise (2015, p. 616), os “textos conciliares” mais numerosos estão na “constituição *Gaudium et Spes* (6, 27, 65, 66, 84 e 87), na *Apostolicam Actuositatem* (8, 10, 11 e 14), nos Decretos *Christus Dominus* (16, 18 e 23) e *Ad Gentes* (11, 20 e 38). Outros fragmentos podem ser encontrados em PO (8), UR (18) e uma alusão indireta em *Lumen Gentium* (6)”.

O Papa Francisco destaca, ainda em seu discurso aos participantes da Plenária da Academia das Ciências Sociais, que a Igreja observa com preocupação o reemergir em todo o mundo de correntes agressivas contra os estrangeiros, especialmente os imigrantes, e também um crescente nacionalismo que ignora o bem comum. Isso pode comprometer formas já consolidadas de cooperação internacional (FRANCISCO, 2019b).

Para Francisco, o modo com que uma nação acolhe os migrantes revela a sua visão da dignidade humana e da sua relação com a humanidade. “Quando uma pessoa ou uma família é obrigada a deixar a própria terra, deve ser acolhida com humanidade”, afirmou Francisco, citando os quatro verbos sobre os quais os governos têm responsabilidade perante a migração: acolher, proteger, promover e integrar. Destacou Francisco que um Estado que suscita sentimentos nacionalistas do próprio povo contra outras nações ou grupos de pessoas, não realiza a sua missão. E a história ensina para onde conduzem semelhantes desvios.

Noutra perspectiva, o Papa Francisco escreve na mensagem para a Jornada Mundial do Migrante e do Refugiado 2019 que existe muito mais coisas por traz do que procuramos nominar por migrantes e refugiados: Trata-se também dos nossos medos. E acrescenta:

Por conseguinte, não está em jogo apenas a causa dos migrantes; não é só deles que se trata, mas de todos nós, do presente e do futuro da família humana. Os migrantes, especialmente os mais vulneráveis, ajudam-nos a ler os “sinais dos tempos”. Através deles, o Senhor chama-nos a uma conversão, a libertar-nos dos exclusivismos, da indiferença e da cultura do descarte. Através deles, o Senhor convida-nos a reapropriarmo-nos da nossa vida cristã na sua totalidade e contribuir, cada qual segundo a própria vocação, para a construção dum mundo cada vez mais condizente com o projeto de Deus. (FRANCISCO, 2019e)

A questão da migração e dos refugiados carece de atendimento e acompanhamento da Igreja e exige uma participação conjunta de forças multisetoriais, com trânsito por diversos organismos civis, num serviço revestido de intensa prática caritativa, onde o ministério diaconal pode perfeitamente se inserir numa “Diaconia do Migrante”, bastando instrumentar-se para desenvolver e desempenhar essa diaconia com habilidades e competências, numa frente verdadeiramente fronteiriça.

### **3.2 DIACONADO EM SAÍDA, NO ESPÍRITO DA VERDADE**

O Papa Francisco, durante o Discurso à Cúria Romana na apresentação de votos natalícios, em 21 de dezembro de 2019, lembrando Bento XVI, afirmou:

E, em 2010, instituíra o Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, a fim de “promover uma renovada evangelização nos países onde já ressoou o primeiro anúncio da fé e estão presentes Igrejas de

antiga fundação, mas que estão a passar por uma progressiva secularização da sociedade e a viver uma espécie de “eclipse do sentido de Deus”, que constituem um desafio a encontrar meios adequados para voltar a propor a verdade perene do Evangelho de Cristo”. Às vezes, conversei sobre isso com alguns de vocês ... Penso nos cinco países que encheram o mundo de missionários – falei a vocês quais são - e hoje eles não têm recursos vocacionais para ir em frente. E este é o mundo atual. (FRANCISCO, 2019f)

Em conformidade com Alberich (2004, p. 36), ao tratar dos novos desafios da catequese na contemporaneidade, o

Concílio convida a reconduzir a catequese à primeira fonte da palavra de Deus, redescoberta principalmente na Bíblia, a repensá-la tendo em vista a educação da fé como atitude existencial e global da pessoa, e a recolocá-la num projeto de Igreja mais comunal e diaconal. (ALBERICH, 2004, p. 36)

Alberich (2004, p. 36) ainda pontua questões que envolvem a catequese no período pós-conciliar, sustentando que “pelo menos até os anos 80, foi um tempo muito fecundo e rico em pesquisas no campo catequético”. E, mais adiante, prossegue:

Pôde-se, assim, delinear a “nova face” da catequese pós-conciliar, com os traços característicos que dominaram, ao longo dessas décadas, a reflexão catequética: primado da evangelização, emergência da Bíblia, dimensão antropológica, sensibilidade sociopolítica, prioridade para adultos, centralidade da comunidade, valorização da mídia e das linguagens não-verbais etc. Um mundo, pois, permeado de novas exigências, em busca de respostas mais adequadas aos novos desafios presentes numa sociedade profundamente mudada. (ALBERICH, 2004, p. 36)

Na sequência, ao perscrutar questões pastorais e as respostas da Igreja, infere, primeiramente, que “a crise do cristianismo deve ser considerada como sendo, sobretudo, de ordem cultural” e, por segundo, “que, não obstante tantos esforços e boa vontade, a práxis pastoral das comunidades cristãs não acompanhou o ritmo dos tempos, permanecendo efetiva e afetivamente ligada à situação já secular da cristandade” (ALBERICH, 2004, p. 51). E ainda adverte:

É uma práxis pastoral paralisada de certo modo pela inércia operativa, que se encontra deslocada diante dos desafios do mundo atual. Parece necessário difundir uma nova mentalidade e conceber um renovado projeto pastoral. (ALBERICH, 2004, p. 51)

Por fim, nesta perspectiva, “como espírito e atitude fundamentais para enfrentar os problemas da evangelização e da catequese, recomendamos algumas condições e convicções”, a saber:

Tabela 2 - Condições e convicções para enfrentar os problemas da evangelização e da catequese

<b>Condições e convicções</b>
Simpatia e abertura ante a cultura e o mundo de hoje
Proposta corajosa e vontade de diálogo intercultural e inter-religioso
Inculturação e contextualização da fé no mundo de hoje
Evangelização como opção prioritária da igreja
Catequese renovada, no contexto da opção evangelizadora, a serviço de uma fé personalizada e madura, tendo em vista um novo tipo de cristão, um novo estilo de comunidade, um projeto renovado de Igreja

Fonte: Adaptado de ALBERICH (2004, p. 52)

Diante disto, optamos por focar quatro fronteiras da contemporaneidade nas quais se encontram diversas encruzilhadas que necessitam distinguir luzes e sombras, fatos positivos e aspectos negativos, ou sejam, a catequese continuada em diversos ambientes, começando pela família, a questão da educação e busca da verdade, os meios de comunicação social e a teologia pública, onde a atuação do diácono, através do serviço da Palavra, pode se transformar em importante marco de transmissão da Revelação por meio da Igreja, obra do Espírito Santo:

A revelação de Deus, culminada em Jesus Cristo, é destinada a toda humanidade: “Deus quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2, 4). Em virtude dessa vontade salvífica universal, Deus dispôs que a Revelação se transmitisse a todos os povos e a todas as gerações e permanecesse íntegra. (DGC 42)

Villas Boas (2015, p. 1006), diz que “os aspectos teológicos da verdade conciliar incidem principalmente sobre a cristologia vinculada estreitamente à pneumatologia, que atrai a consciência à busca da verdade, e é por ela que ‘se descobre, de modo admirável aquela lei que se cumpre no amor de Deus e do próximo’”.

### 3.2.1 Catequese continuada

O Papa Francisco escreve, na Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, sobre o Amor na Família nos seguintes termos:

Os Padres Sinodais insistiram no fato de que as famílias cristãs são, pela graça do sacramento nupcial, os sujeitos principais da pastoral familiar, sobretudo oferecendo “o testemunho jubiloso dos cônjuges e das famílias, igrejas domésticas”. Para isso, sublinharam, é preciso fazer-lhes “experimentar que o Evangelho da família é alegria que enche o coração e a vida inteira, porque em Cristo, somos libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento” (EG 1). À luz da parábola do semeador (cf. Mt 13, 3-9), a nossa tarefa consiste em cooperar na sementeira: o resto é obra de Deus. E não se deve esquecer também que a Igreja, que prega sobre a família, é sinal de contradição, mas os esposos agradecem que os pastores lhes ofereçam motivações para uma aposta corajosa em um amor forte, sólido, duradouro, capaz de enfrentar todos os imprevistos que lhes surjam” (AL 200).

Ao que Durán (2008) acrescenta:

Outra tarefa que os diáconos permanentes podem assumir com maior atenção e intensidade é o da pastoral familiar. Eles podem com suas esposas e filhos serem excelentes evangelizadores das outras famílias. O Documento de Aparecida propõe uma ação missionária capaz de chegar à vida de todas as famílias. Isso exige pessoas dedicadas de corpo e alma a esta missão. Esse é um campo pastoral desafiador e ao mesmo tempo apaixonante que pode realizar plenamente o ministério do diácono permanente (DURÁN, 2008, p. 58-59).

Como dito na V Conferência do episcopado em Aparecida, a Igreja “espera dos diáconos um testemunho evangélico e impulso missionário para que sejam apóstolos em suas famílias, em seus trabalhos, em suas comunidades e nas novas fronteiras da missão” (DAp, n. 208). A Igreja espera dos diáconos um testemunho evangélico. Mas, o que significa dar testemunho evangélico? Significa amar como Jesus nos amou. Estar comprometido com as causas do Reino, da justiça, da paz e do bem comum, anunciar o evangelho e praticar a caridade. E, como diácono permanente, significa, especificamente, ser testemunhas de Cristo-Servo.

A Igreja espera deles um impulso missionário (DAp 208). É preciso sempre reavivar a consciência de que são missionários. A missão de evangelizar tem que ganhar maior impulso. Não por motivos da possível perda de fiéis ou pela desmotivação dos que ainda se dizem cristãos, mas porque o Deus que habita

neles, o Deus Trindade, é missionário. Eles são, por natureza, comunicadores da vida trinitária. Sem missão não resistem como cristãos.

Exercer o apostolado na própria família (DD 91) é um dos campos mais difíceis hoje em dia, no apostolado, não só para o diácono permanente, mas para todas as famílias cristãs. Sobretudo, um apostolado feito de coerência entre o falar e o agir.

Visto que a família é o valor mais querido por nossos povos, cremos que se deve assumir a preocupação por ela como um dos eixos transversais de toda ação evangelizadora da Igreja. Em toda diocese se requer uma pastoral familiar “intensa e vigorosa” para proclamar o evangelho da família, promover a cultura da vida e trabalhar para que os direitos das famílias sejam reconhecidos e respeitados (DAp 435).

Como Apóstolo na família, o diácono permanente é chamado a promover e a viver a dupla sacramentalidade (Matrimônio e Ordem) com alegria, testemunhando o evangelho do qual foi constituído ministro, pela ação do Espírito no sacramento da Ordem. Fazer da família a Igreja doméstica, primeira a tornar-se o seu campo de apostolado e serviço (DAp 205 e 208).

A dupla sacramentalidade – Matrimônio e Ordem – abre ao diácono permanente a possibilidade de assumir com autoridade de causa uma diversidade de serviços, pois a família e a comunidade eclesial lhe são confiadas como campos naturais de atuação. Em decorrência disso, ele pode exercer de modo novo as atividades de evangelização ligada a preparação de noivos, aconselhamento familiar e acompanhamento de casais de segunda união. Todas essas são frentes nas quais a sua experiência pessoal e familiar acrescenta muito à prática pastoral em relação aos demais ministros ordenados, uma vez que o diácono permanente é chamado a ser em todas elas sinal do Cristo Servo, mas ser também, na sua especificidade de ministro casado, símbolo esponsal entre Cristo e a sua Igreja, referencial de vivência no amor e de disponibilidade para o perdão (BENDINELLI, 2011, p. 151).

Além do espaço circunscrito à família, o diácono tem um papel relevante na evangelização e no testemunho que advém de seu ministério no mundo do trabalho e na comunidade eclesial em que ajuda o presbítero, tendo como um desafio significativo em todos esses níveis o aprimoramento e ou a renovação da linguagem para se comunicar com os fiéis.

Entretanto, o diácono carece de autonomia para a criação e a edificação da Igreja nas novas periferias geográficas, existenciais e sociais e nas fronteiras desafiadoras do Reino de Deus.

### 3.2.2 Educação

O Papa Francisco, com a finalidade de marcar os cinco anos da encíclica *Laudato Si*, propôs uma iniciativa mundial a ser realizada no Vaticano em 14 de maio de 2020, que contará com profissionais da área da educação que trabalham dentro da sala de aula ou na pesquisa, dirigentes e jovens, durante um evento com foco na reconstrução do pacto educativo global. Trata-se de um

encontro para reavivar o compromisso em prol e com as gerações jovens, renovando a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de escuta paciente, diálogo construtivo e mútua compreensão. (FRANCISCO, 2019g)

O convite é para se dialogar sobre o modo como estamos construindo o futuro do planeta e sobre a necessidade de investir os talentos de todos: professores, alunos, famílias e sociedade civil. Francisco afirma que o encontro deverá ser

Uma aliança entre os habitantes da terra e a “casa comum”, à qual devemos cuidado e respeito. Uma aliança geradora de paz, justiça e aceitação entre todos os povos da família humana, bem como de diálogo entre as religiões. (FRANCISCO, 2019g)

E, para o Papa Francisco,

[...] nunca, como agora, houve necessidade de unir esforços numa ampla aliança educativa para formar pessoas maduras, capazes de superar fragmentações e contrastes e reconstruir o tecido das relações em ordem a uma humanidade mais fraterna. (FRANCISCO, 2019g)

A iniciativa do Pontífice é motivada pela mudança de época que estamos vivendo, não só cultural, mas também antropológica. Esta mudança gera novas linguagens e descarta, sem discernimento, os paradigmas recebidos da história. Portanto, a educação é colocada à prova num processo que o Papa define como *rapidación*, isto é, a rápida aceleração e transformação dos pontos de referência. A consequência desta aceleração é a perda de consistência da própria identidade e a desintegração da estrutura psicológica.

Diante disto, aparece a necessidade de construir uma “aldeia da educação”, onde, na diversidade, partilhe-se o compromisso de gerar uma rede de relações humanas e abertas. Para isso, antes de mais nada, o terreno deve ser bonificado das discriminações com uma injeção de fraternidade, como defende o Papa no Documento assinado com o Grande Imã de Al-Azhar.

Segundo o jornal L’Oservvatore Romano, de 04 de fevereiro de 2019, trata-se de um

“Documento sobre a fraternidade humana para a paz mundial e a convivência comum” foi assinado por Francisco e pelo Grande Imã de Al-Azhar, Ahmad Al-Tayyeb. A histórica iniciativa marcou o momento central do segundo dia da viagem aos Emirados Árabes Unidos, onde o Pontífice chegou na noite de domingo, 3 de fevereiro. No texto assinado, no final do encontro inter-religioso que teve lugar na tarde de segunda-feira 4, no Founder’s Memorial em Abu Dhabi, o Papa e o Grande Imã pedem aos líderes religiosos e políticos mundiais “que se comprometam seriamente para difundir a cultura da tolerância, da convivência e da paz”, intervindo para “pôr fim às guerras, aos conflitos, à degradação ambiental e ao declínio cultural e moral que o mundo vive atualmente”. Um apelo que Francisco fez seu também no discurso pronunciado precedentemente, durante o encontro. (FRANCISCO; AL-TAYYEB, 2019)

Para alcançar esses objetivos globais, o Papa Francisco indica três passos, ou melhor, três coragens: a coragem de colocar no centro a pessoa, a coragem de investir as melhores energias e a coragem de formar pessoas disponíveis para se colocarem ao serviço da comunidade.

Estão convidados os profissionais, pelos mais variados títulos, que trabalham dentro da sala de aula ou na pesquisa e personalidades públicas que ocupem, em nível mundial, lugares de responsabilidade e se preocupam com o futuro das novas gerações. Mas não só: o convite é dirigido também aos jovens, “para que sintam plena responsabilidade de construir um mundo melhor”.

A educação é uma via privilegiada para a busca da verdade através do diálogo respeitoso, verdadeiro e profundo, tanto a respeito dos diversos saberes quanto em relação à educação na fé, perpassando pela transversalidade de temas fundamentais para cada ser humano. Essa antiga fronteira agora apresenta novos e complexos desafios nessa mudança de época, onde o ministério diaconal tem condições de trazer sua contribuição no zelo para com a caminhada de formação integral de cada pessoa.



### 3.2.3 Comunicação social

O Dia Mundial das Comunicações Sociais, data estabelecida pelo Concílio Vaticano II, por meio do documento *Inter Mirifica*, em 1963, é celebrado em muitos países no Domingo sucessivo à Solenidade de Pentecostes, e conta anualmente com uma tradicional saudação do Papa, que é divulgada sempre no dia em que se celebra a memória de São Francisco de Sales, padroeiro dos jornalistas.

A mensagem do Papa Francisco para o 54º Dia Mundial das Comunicações Sociais (2020) intitulada “‘Para que possas contar e fixar na memória’ (Ex 10, 2). A vida faz-se história”, é dedicada ao tema da narração. Segundo Francisco:

[...] para não nos perdermos, precisamos respirar a verdade das histórias boas: histórias que edifiquem, e não as que destroem. Histórias que ajudem a reencontrar as raízes e a força para prosseguirmos juntos. Na confusão das vozes e mensagens que nos rodeiam, temos necessidade duma narração humana, que nos fale de nós mesmos e da beleza que nos habita; uma narração que saiba olhar o mundo e os acontecimentos com ternura, conte a nossa participação num tecido vivo, revele o entrançado dos fios pelos quais estamos ligados uns aos outros. (FRANCISCO, 2020)

O Papa Francisco ainda afirma:

[...] o homem é um ente narrador. As narrativas marcam-nos, plasmam as nossas convicções e comportamentos, podem nos ajudar a compreender e dizer quem somos. O homem não só é o único ser que precisa de vestuário para cobrir a própria vulnerabilidade mas também o único que tem necessidade de narrar-se a si mesmo, “revestir-se” de histórias para guardar a própria vida. O homem é um ente narrador, porque descobre-se e enriquece-se com as tramas dos seus dias. Mas, desde o início, a nossa narração está ameaçada: na história, serpeia o mal. (FRANCISCO, 2020)

Argumenta também que nem todas as histórias são boas:

Mas, enquanto as histórias utilizadas para proveito próprio ou ao serviço do poder têm vida curta, uma história boa é capaz de transpor os confins do espaço e do tempo: à distância de séculos, permanece atual, porque nutre a vida. Ocorre paciência e discernimento para descobriremos histórias que nos ajudem a não perder o fio, no meio das inúmeras lacerações de hoje; histórias que tragam à luz a verdade daquilo que somos, mesmo na heroicidade oculta do dia a dia. (FRANCISCO, 2020)

O Papa Francisco destaca que a “Sagrada Escritura é uma História de histórias”:

Quantas vicissitudes, povos, pessoas nos apresenta! Desde o início, mostra-nos um Deus que é simultaneamente criador e narrador. Deus, através deste seu narrar, chama à vida as coisas e, no apogeu, cria o homem e a mulher como seus livres interlocutores, geradores de história juntamente com Ele. Não nascemos perfeitos, mas necessitamos de ser constantemente “tecidos” e “recamados”. A vida nos foi dada como convite a continuar a tecer a “maravilha estupenda” que somos. Neste sentido, a Bíblia é a grande história de amor entre Deus e a humanidade. No centro, está Jesus: a sua história leva à perfeição o amor de Deus pelo homem e, ao mesmo tempo, a história de amor do homem por Deus. Assim, o homem será chamado, de geração em geração, a contar e fixar na memória os episódios mais significativos desta História de histórias: os episódios capazes de comunicar o sentido daquilo que aconteceu. Jesus falava de Deus, não com discursos abstratos, mas com parábolas, breves narrativas tiradas da vida de todos os dias. Aqui a vida se faz história e depois, para o ouvinte, a história se faz vida: tal narração entra na vida de quem a escuta e a transforma. (FRANCISCO, 2020)

Também enfatiza que é uma história que se renova:

A história de Cristo não é um patrimônio do passado; é a nossa história, sempre atual. Depois que Deus Se fez história, toda a história humana é, de certo modo, história divina. Cada história humana tem uma dignidade incancelável. Por isso, a humanidade merece narrações que estejam à sua altura, àquela altura vertiginosa e fascinante a que Jesus a elevou. Cada um de nós conhece várias histórias que perfumam de Evangelho: testemunham o Amor que transforma a vida. Estas histórias pedem para ser partilhadas, contadas, feitas viver em todos os tempos, com todas as linguagens, por todos os meios.” (FRANCISCO, 2020)

Enfim, ressalta que se trata de uma história que nos renova:

[...] em cada grande história, entra em jogo a nossa história. Ao mesmo tempo que lemos a Escritura, as histórias dos Santos e outros textos que souberam ler a alma do homem e trazer à luz a sua beleza, o Espírito Santo fica livre para escrever no nosso coração, renovando em nós a memória daquilo que somos aos olhos de Deus. Quando fazemos memória do amor que nos criou e salvou, quando colocamos amor nas nossas histórias diárias, quando tecemos de misericórdia as tramas dos nossos dias, nesse momento estamos mudando de página. Já não ficamos atados a lamentos e tristezas, ligados a uma memória doente que nos aprisiona o coração, mas, abrindo-nos aos outros, abrimo-nos à própria visão do Narrador. Com o olhar do Narrador, o único que tem o ponto de vista final, aproximamo-nos depois dos protagonistas, dos nossos irmãos e irmãs, atores juntamente conosco da história de hoje. Sim, porque ninguém é mero figurante no palco do mundo; a história de cada um está aberta a possibilidades de mudança. Confiemo-nos a uma Mulher que teceu a humanidade de Deus no seio e, diz o Evangelho, teceu tudo o que Lhe acontecia. A Virgem Maria tudo guardou, meditando-o no seu coração. Peçamos ajuda a Ela, que soube desatar os nós da vida com a força suave do amor. (FRANCISCO, 2020)

Ora, o diácono deve exercer também a sua missão através do ensinamento da Palavra, a exemplo de Estevão, cabendo fazer que o anúncio da Boa Nova

chegue também aos lugares mais longínquos e ou desacolhedores, o que deve instigá-lo a pensar nos meios de comunicação como fator de redução de distâncias, usando, por exemplo, a plataforma tecnológica disponível para possibilitar a educação para a fé até mesmo à distância.

### 3.2.4 Teologia pública

O Papa Francisco, em discurso a teólogos italianos, abordou a questão do ministério teológico na perspectiva da Igreja em saída missionária nos seguintes termos:

É sobretudo no desejo e na perspectiva de uma Igreja em saída missionária que o ministério teológico, nesta conjuntura histórica, é particularmente importante e urgente. De fato, uma Igreja que se repensa assim se preocupa, como eu disse na ***Evangelii gaudium***, em tornar evidente às mulheres e aos homens qual é o centro e o núcleo fundamental do Evangelho, ou seja, “a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em **Jesus Cristo** morto e ressuscitado” (n. 36). Tal tarefa de essencialidade, na época da complexidade e de um desenvolvimento científico e técnico sem precedentes, e em uma cultura que foi permeada, no passado, pelo cristianismo, mas na qual hoje podem se insinuar visões distorcidas do próprio coração do Evangelho, de fato, torna indispensável um grande trabalho teológico. (FRANCISCO, 2017b)

Prosseguindo, o Papa Francisco, agora com ênfase na escuta do Evangelho, ensina o que segue:

Para que a Igreja possa continuar a fazer ouvir o centro do Evangelho às mulheres e aos homens de hoje, para que o Evangelho chegue realmente às pessoas na sua singularidade e para que permeie a sociedade em todas as suas dimensões, é imprescindível a tarefa da teologia, com o seu esforço de repensar os grandes temas da fé cristã dentro de uma cultura profundamente modificada. (FRANCISCO, 2017b)

E, continua:

Há a necessidade de uma teologia que ajude todos os cristãos a anunciar e a mostrar, sobretudo, o rosto salvífico de Deus, o Deus misericordioso, especialmente em relação a alguns desafios inéditos que hoje envolvem o humano: como o da crise ecológica, do desenvolvimento das neurociências ou das técnicas que podem modificar o homem; como o das desigualdades sociais cada vez maiores ou das migrações de povos inteiros; como o do relativismo teórico, mas também prático. E, por isso, há a necessidade de uma teologia que, na melhor tradição da **Associação Teológica Italiana**, seja feita por cristãs e cristãos que não pensem em falar apenas entre si, mas que saibam que estão a serviço das diversas Igrejas e da Igreja; e que

assumam também a tarefa de repensar a Igreja, para que seja conforme ao Evangelho que deve anunciar. (FRANCISCO, 2017b)

O Papa Francisco destaca também o valor das pesquisas teológicas, desejando que os estudos “possam fecundar e enriquecer todo o povo de Deus”:

Gosto de saber que, muitas vezes e em diversos modos, também recentemente, vocês já fizeram isso: abordando explicitamente o tema do anúncio do Evangelho e da *forma Ecclesiae*, da sinodalidade, da presença eclesial em contextos de laicidade e de democracia, do poder na Igreja. (FRANCISCO, 2017b)

Por fim, ressalta a importância de que a construção teológica seja feita sempre em contato com Deus, dobrando-se os joelhos:

E repito também outra coisa que eu disse: o teólogo é aquele que estuda, pensa e reflete, mas faz isso de joelhos. Fazer teologia de joelhos, como os grandes Padres. Os grandes Padres que pensavam, rezavam, adoravam e louvavam: a teologia forte, que é fundamento de todo o desenvolvimento teológico cristão. (FRANCISCO, 2017b)

Ademais, com a publicação da Constituição Apostólica *Veritatis gaudium*, do Papa Francisco, acerca das Universidades e Faculdades eclesiásticas, ele promove a renovação dos estudos católicos rumo a uma corajosa revolução cultural à luz da Tradição.

### 3.3 DIACONADO EM SAÍDA, NO ESPÍRITO DA UNIDADE

O Papa Francisco, na Solenidade de Pentecostes (2019h), presidiu a Celebração Eucarística na Praça São Pedro, na presença de milhares de peregrinos, onde ensina que:

Sem o Espírito, Jesus permanece um personagem do passado; com o Espírito, é pessoa viva hoje. Sem o Espírito, a Escritura é letra morta; com o Espírito, é Palavra de vida. Um cristianismo sem o Espírito é um moralismo sem alegria; com o Espírito, é vida. (FRANCISCO, 2019h)

E, acrescenta:

O Espírito Santo produz harmonia não só *dentro*, mas também *fora*, *entre os homens*. Faz-nos Igreja, compõe partes distintas num único edifício harmônico. Explica-o bem São Paulo que, ao falar da Igreja, repete muitas

vezes a palavra “diferente”: “*diferentes* carismas, *diferentes* atividades, *diferentes* ministérios” (cf. 1Cor 12,4-6). Somos diferentes, na variedade das qualidades e dos dons. O Espírito distribui-os com criatividade, sem rebaixar nem nivelar. E, a partir desta diversidade, constrói a unidade. Assim procede desde a criação, porque é especialista em transformar o caos em cosmo, em criar harmonia. É especialista em criar as diversidades, as riquezas; cada um a sua, diferente. Ele é o criador desta diversidade e, ao mesmo tempo, é aquele que harmoniza, que dá a harmonia e dá a diversidade. Somente Ele pode fazer estas duas coisas. (FRANCISCO, 2019h)

Prosseguindo, afirma que:

Hoje, no mundo, as desarmonias tornaram-se verdadeiras divisões: há quem tenha demais e há quem não tem nada, há quem procure viver cem anos e quem não pode vir à luz. Na era dos computadores, permanece-se à distância: mais "social", mas menos sociais. Precisamos do Espírito de unidade, que nos regenere como Igreja, como Povo de Deus e como humanidade inteira. Há sempre a tentação de construir “ninhos”: reunir-se à volta do próprio grupo, das próprias preferências, o semelhante com o semelhante, alérgicos a toda a contaminação. (FRANCISCO, 2019h)

Em conclusão, o Papa Francisco destaca:

Para ser espirituais, para saborear a harmonia do Espírito, é preciso colocar a sua visão à frente da nossa. Então as coisas mudam: com o Espírito, a Igreja é o Povo santo de Deus, a missão é o contágio da alegria, não o proselitismo, os outros são irmãos e irmãs amados pelo mesmo Pai. Mas, sem o Espírito, a Igreja é uma organização, a missão é propaganda, a comunhão é um esforço. E tantas Igrejas fazem ações programáticas neste sentido de planos pastorais, de discussões sobre todas as coisas. Parece ser aquele o caminho a nos unir, mas este não é o caminho do Espírito, é o caminho da divisão. *A primeira e a derradeira necessidade da Igreja* é o Espírito (cf. São Paulo VI, *Catequese* na Audiência Geral de 29/XI/1972). Ele “vem aonde é amado, aonde é convidado, aonde é esperado” (São Boaventura, *Sermão para o IV Domingo depois da Páscoa*). (FRANCISCO, 2019h)

Aqui, cabe lembrar: “Que todos sejam um” é princípio evangélico basilar “para que o mundo creia” (Jo 17, 21-23), porque a união existente entre o Pai e o Filho deve ser o modelo que inspira a solidariedade entre os irmãos na comunidade, no presente e no futuro. Só assim o testemunho cristão terá credibilidade e poderá enfrentar as armadilhas que o mundo continuamente lhe preparará. Ressalta-se, que o Papa Francisco, ao valorizar a unidade dos cristãos, reassume a agenda ecumênica do Vaticano II.

### 3.3.1 Igreja em comunhão

Inicialmente, cabe esclarecer que o Vaticano II distingue comunhão e unidade, mostrando que pode haver unidade sem comunhão. Isto se observa, por exemplo, quando o n. 14 da *Lumen Gentium* vê dois tipos de unidade, ou duas expressões dessa: uma unidade formal nos elementos institucionais da fé da Igreja; e uma unidade no Espírito, que vai além do formalismo. Comunhão tem o segundo sentido, indica a interação das diferenças num processo orgânico, criativo e flexível. É mais amplo do que unidade.

O termo unidade tem um sentido mais estático, com tendências à uniformidade e rigidez, podendo ser indicativo apenas de conformidade exterior com uma situação dada, coesão no sentido social. Comunhão, por sua vez, indica uma relação que envolve a interioridade, no sentido de comungar, de real interação das partes que estão em relação. A comunhão é uma real adesão à unidade e exige envolvimento pleno no plano espiritual e material. Por isso, comunhão indica algo mais que a unidade, é a unidade em crescimento. O progresso da unidade leva à comunhão, como aperfeiçoamento da unidade.

A nova eclesiologia trazida pelo Vaticano II apresenta, dentre as imagens da Igreja, aquela em que a Igreja é uma sociedade (LG 8; 9; 20; GS 40). Trata-se de uma doutrina que surgiu no século XVIII e que foi aplicada à Igreja. Os padres Conciliares não dizem que a Igreja é uma sociedade perfeita, mas apenas mostram que a Igreja é “fundada e organizada neste mundo como sociedade e provida de meios aptos de união visível e social” (GS 40b).

O Papa Francisco, ao se pronunciar sobre a necessidade de comunhão entre os cristãos, diante da atitude de muitos católicos, tanto de resignação quanto de indiferença, comentou que, no decorrer da história, essas atitudes provocaram conflitos, sofrimentos e guerras, e afirma:

As divisões entre os cristãos, enquanto ferem a Igreja, ferem Cristo, e nós divididos fazemos uma ferida em Cristo: a Igreja, de fato, é o corpo do qual Cristo é a cabeça. Sabemos bem quanto esteve no coração de Jesus que os seus discípulos permanecessem unidos no seu amor. (FRANCISCO, 2014b)

O Papa Francisco recordou que as ações negativas dividiram a Igreja e ela acabou sendo marcada por separações graves e dolorosas. As razões para tal

divisão são diversas, como as divergências entre princípios dogmáticos e morais e concepções teológicas e pastorais diferentes.

O que é certo é que, de um modo ou de outro, por trás destas lacerações, há sempre a soberba e o egoísmo, que são a causa de todo desacordo e que nos tornam intolerantes, incapazes de escutar e de aceitar que há uma visão ou uma posição diferente da nossa. (FRANCISCO, 2014b)

E acrescentou:

É uma dor, há divisões, mas todos temos algo em comum: todos nós acreditamos em Jesus Cristo. Estamos em caminho, ajudemo-nos uns aos outros. Em todas as comunidades existem bons teólogos, que façam o seu dever. Mas nós devemos caminhar juntos, rezando um pelo outro e fazendo obras de caridade. E assim faremos a comunhão em caminho. (FRANCISCO, 2014b)

Por fim, exorta o Pontífice: “Caminhemos rumo à plena unidade”.

Nessa linha de pensamento, infere-se que a “Diaconia da Comunhão” tem alcance pastoral duplo: a uma, na proposta de uma pastoral de conjunto, mais orgânica e, a duas, nas ações evangelizadoras em que atuam diversos dons e ministérios. E, provavelmente, o diácono pode ajudar nisso. Ele pode ser assessor, articulador, coordenador, ou exercer diaconias diferenciadas na comunhão da Igreja Local, onde certamente existem possibilidades pastorais a serem incluídas nessa perspectiva. Outro foco, ainda, é a colaboração direta do diácono com o laicado, pelo fato de o diácono ser casado, inserido na realidade social e familiar.

### **3.3.2 Unidade dos cristãos**

O ecumenismo, enquanto meio para a busca de unidade entre os cristãos, tem sido uma das prioridades do pontificado do Papa Francisco, que procura se empenhar em construir pontes de diálogo de maneira insistente e consistente.

Um marco significativo nessa jornada se materializa no fato de que a Igreja celebra anualmente a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, de 18 a 25 de janeiro, sendo que no Brasil ocorre entre a Ascensão e Pentecostes.

A viagem apostólica de Francisco à Romênia, nos dias 31 de maio e 1 e 2 de junho de 2019, por exemplo, foi repleta de momentos ecumênicos intensos e

significativos. Nesta visita do Papa também aconteceu o encontro com o Sínodo Permanente da Igreja Ortodoxa Romena.

Ocorreu, ainda, um belo momento com grande significado ecumênico: a Oração do Pai Nosso na nova catedral ortodoxa, compartilhado pelo Papa e pelo Patriarca Daniel. O Pai Nosso foi cantado em latim e em romeno. Na oportunidade, o Papa Francisco apelou ao reforço das raízes comuns da identidade cristã:

Ao pedir o pão de cada dia, suplicamos também o pão da memória, a graça de reforçar as raízes comuns da nossa identidade cristã, raízes indispensáveis num tempo em que a humanidade, particularmente as gerações jovens, correm o risco de se sentirem desenraizadas no meio de tantas situações líquidas, incapazes de fundamentar a existência. (FRANCISCO, 2019k)

No evento da Igreja do ano de 2020, em Malta, os oito temas propostos para aprofundamento, um a cada dia, envolvem reconciliação, luz, esperança, confiança, força, hospitalidade, conversão e generosidade.

No subsídio constam também as fases de preparação dos materiais preparados pelas Igrejas cristãs em Malta: o grupo que redigiu o texto se reuniu no Seminário Maior do arcebispo em Tal-Virtù por quatro vezes no decorrer do ano de 2019. Em setembro, o material preparado foi apresentado à Comissão Internacional formada por representantes do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos e pelo Conselho Ecumênico das Igrejas para a sua aprovação e, a seguir, para publicação em conjunto.

O Papa Francisco, repita-se, por ser significativo, ao valorizar a unidade dos cristãos, reassume a agenda ecumênica do Vaticano II em continuidade com *Ut unum sint* (João Paulo II).

Wolff (2018, p. 363-364) considera a perspectiva de uma cooperação ecumênica como diaconia, que se traduz numa dimensão ecumênica na formação dos agentes pastorais, e pondera o seguinte:

As práticas de cooperação ecumênica mostram que não se alcançará a unidade aspirada sem que se compreenda, em sua essência, o sentido evangélico do serviço, que liberta, reanima a esperança e gera nova realidade. Esse serviço acontece no encontro entre pessoas, mas orientadas pelo Espírito no ver e deixar ser visto, ouvir e falar, na ajuda oferecida e recebida. Nesse encontro prevalece a relação de inclusão-integração, pois o valor do encontro pessoa-pessoa está aberto à interpelação e à complementação proveniente da dimensão existencial de



quem se encontra. Assim, a prática da diaconia não é um fazer “para”, mas fazer junto e com o outro. (WOLFF, 2018, p. 363-364)

Nessa perspectiva, o ministério diaconal poderia se comprometer na formação e ação ecumênicas, a partir das Igrejas Locais, exercitando concretamente a perspectiva profética e missionária numa “Diaconia da Unidade”, através de uma cooperação ecumênica que desvele de forma clara a configuração de seu ministério ao Cristo-Servo.

Enfim, tendo em conta os argumentos constantes em *Unitatis Redintegratio* e em *Ut unum sint*, pode-se dizer que o Espírito Santo é princípio da unidade dos cristãos na Igreja, Corpo de Cristo. A partir do imperativo da unidade (cf. Jo 17, 21-23), é possível nomear o Espírito Santo como princípio da unidade na diversidade do Corpo de Cristo. O Papa Francisco, por sua vez, responde à vocação da Igreja Una, com voz própria.

Dentre os inúmeros resultados positivos que se podem recolher dessa hercúlea tarefa dialogal, tem-se o documento intitulado *International Commission for Catholic-Pentecostal Dialogue*, do ano de 2016. Neste compromisso, resultante do diálogo de 23 denominações e convenções pentecostais com a Igreja Católica, firmou-se uma compreensão comum em relação aos carismas em geral e ao carisma de profecia, especificamente no Documento VI, nos números 30 a 51.

Juntos, Católicos e Pentecostais ponderam que o dom de profecia tem um sentido amplo, e um sentido mais estrito. Em sentido *amplo*, todo cristão participa da função profética, sacerdotal e real de Cristo; e dele se espera que se engaje no serviço profético do Povo de Deus. Os fiéis cristãos exercem essa função profética ao proclamar a vinda do Reino de Deus por suas palavras, pela evangelização e pelo culto, promovendo a justiça social e enfrentando muitos desafios advindos da realidade cultural. Eles também a realizam, ao testemunhar Jesus Cristo como Senhor no contexto de sua própria vocação e nos acontecimentos de sua vida cotidiana (INTERNATIONAL COMMISSION FOR CATHOLIC-PENTECOSTAL DIALOGUE, 2016, n. 44).

Ademais, o diácono permanente, que está ao serviço da comunidade por nomeação e sob a autoridade do bispo, deve ser apoiado pelos presbíteros, os quais também devem agir em comunhão com eles e, quando se trata da unidade dos cristãos, entendida como dom do Espírito e vocação a ser realizada pela Igreja, não há dúvidas de que, quando adequadamente preparado, esse ministro ordenado

possa exercer seu ministério diaconal nessa nova fronteira sem precisar estar atrelado ao presbiterado.

Em suma, o diálogo ecumênico (também espiritualidade ecumênica, formação ecumênica, ação ecumênica) é agenda aberta a todos os batizados – na qual o diácono pode participar de modo qualificado, como servidor da unidade dos cristãos.

### 3.3.3 Diálogo inter-religioso

A temática sobre o diálogo inter-religioso é bem recorrente nos pronunciamentos do Papa Francisco. Na mensagem dele aos participantes no Encontro Internacional Inter-Religioso, realizado de 10 a 12 de setembro de 2017, na Alemanha, o pontífice destaca a busca pela paz através do diálogo verdadeiro:

Por iniciativa das Dioceses de Münster e de Osnabrück e da Comunidade de Santo Egídio, à qual agradeço vivamente, reunistes-vos para um novo Encontro internacional, intitulado “Caminhos de paz”. Este caminho de paz e de diálogo, desejado e iniciado por São João Paulo II em Assis em 1986 e do qual no ano passado celebramos juntos o trigésimo aniversário, é atual e necessário: conflitos, violência difundida, terrorismo e guerras ameaçam hoje milhões de pessoas, espezinhando a sacralidade da vida humana e tornando todos mais frágeis e vulneráveis. (FRANCISCO, 2017c)

E, referindo-se ao tema tratado, ressalta que a proposta “é um convite a abrir e construir novos caminhos de paz”, acrescentando o seguinte:

Temos necessidade disto, especialmente onde os conflitos parecem não ter solução, onde não há o desejo de empreender percursos de reconciliação, onde nos confiamos às armas e não ao diálogo, deixando povos inteiros imersos na noite da violência, sem a esperança de uma aurora de paz. Muitos, demasiados, ainda têm “sede de paz”, como dissemos no ano passado em Assis. Ao lado dos responsáveis políticos e civis, comprometidos a promover a paz para todos, hoje e no futuro, as religiões são chamadas, em particular com a oração e com o compromisso concreto, humilde e construtivo, a responder a esta sede, a indicar e abrir, juntamente com todos os homens e mulheres de boa vontade, caminhos de paz, sem se cansarem. (FRANCISCO, 2017c)

O Papa Francisco, ao concluir sua mensagem, insiste na necessidade de que sejam construídos novos caminhos de paz:

Acendam-se luzes de paz onde existir trevas de ódio. Haja a “vontade de todos para superar as barreiras que dividem, aumentar os vínculos da caridade recíproca, compreender os outros, perdoar quantos causaram injúrias; [...] se irmanem todos os povos da terra e floresça a desejadíssima paz neles e reine sempre” (João XXIII, 91).

Já na mensagem do Papa Francisco aos participantes no Fórum Mundial do Ecumenismo e do Diálogo Inter-Religioso, realizado de 26 a 28 de setembro de 2018, na Argentina, o pontífice destaca a importância dessas conferências inter-religiosas:

Saúdo com afeto os organizadores e os participantes no Fórum inter-religioso G20, que este ano se realiza em Buenos Aires. Estas conferências inter-religiosas, no quadro das reuniões da Cimeira do G20, aspiram a oferecer à comunidade internacional a contribuição das suas diversas tradições e experiências religiosas e filosóficas, para iluminar aquelas questões sociais que nos preocupam de modo especial hoje. (FRANCISCO, 2018b)

Mais adiante, o Papa Francisco enfatiza o verdadeiro papel das religiões na sociedade atual:

Diante de um mundo em que se afirma e se consolida um paradigma de desenvolvimento de tipo tecnocrático, com a sua lógica de domínio e de controlo da realidade a favor de interesses econômicos e de lucro, penso que as religiões tenham um grande papel a desempenhar, sobretudo graças àquele “olhar” novo sobre o ser humano que vem da fé em Deus Criador do homem e do universo. Qualquer tentativa de buscar um autêntico desenvolvimento econômico, social e tecnológico deve ter em conta a dignidade do ser humano; a importância de fitar cada pessoa nos olhos e não como mais um número de uma fria estatística. Move-nos a convicção de que “o homem é o protagonista, o centro e o fim de toda a vida econômico-social” (Constituição apostólica *Gaudium et spes*, n. 63). Portanto, oferecemos um modo novo de olhar para os homens e para a realidade, já não com ansiedade manipuladora e dominante, mas no respeito da sua natureza e da sua vocação na criação inteira, porque “todos nós, seres do universo estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde” (Carta encíclica *Laudato si'*, n. 89). (FRANCISCO, 2018b)

Na perspectiva do diálogo inter-religioso, menciona-se o culto, a justiça social e a cultura como profecia contra a corrente. O documento mais importante é **DIÁLOGO E ANÚNCIO**: nele constam a base, as expressões, as vias, os métodos e o importante apelo para que toda a Igreja tenha agentes qualificados para o diálogo inter-religioso. Portanto, destaca-se o argumento no sentido de que é preciso qualificar agentes para o diálogo, certamente mostrando ali uma competência que os

diáconos podem desenvolver e exercer. Até porque o diálogo inter-religioso está inserido na missão entre povos e cultura, não só “*ad gentes*”, mas nas realidades urbanas atuais, na sua diversidade religiosa.

O diácono permanente é um formador de comunidades e, através do exercício da diaconia da palavra, pode contribuir para reforçar o ensinamento da Igreja no sentido de que os “católicos precisam ser educados para a espiritualidade da unidade, exigência já bastante expressa nos nossos documentos eclesiais”.

Além disto, o Diretório Nacional de Catequese, aprovado pela 43ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em agosto de 2005, afirma que

Sem perder em nada o apreço por sua própria identidade de fé, os fiéis teriam que aprender a ver outras Igrejas como parte da mesma família cristã (cf. LG 20b; UR 4c; DH 1B). Com os outros cristãos, seremos capazes de dar ao mundo um testemunho mais convincente daquilo que o amor de Jesus é capaz de realizar. (DNC, 2008, n. 221)

O documento final do Sínodo Pan-amazônico (n. 106) afirma que o “currículo para a formação do diaconato permanente, além das disciplinas obrigatórias, deve incluir temas que promovam o diálogo ecumênico, inter-religioso e intercultural, [...]”.

### **3.3.4 Diálogo social e cultural**

“Da catequese, como da evangelização em geral, nós podemos dizer que ela é chamada a levar a força do Evangelho ao coração da cultura e das culturas” (CT 53).

O Papa João Paulo II, na Carta encíclica *Redemptoris Missio*, ao tratar dos responsáveis pelo processo de inculturação, afirma o que segue:

A inculturação deve envolver todo o Povo de Deus, e não apenas alguns peritos, dado que o povo reflete aquele sentido da fé, que é necessário nunca perder de vista. Que ela seja guiada e estimulada, mas nunca forçada, para não provocar reações negativas nos cristãos: deve ser uma expressão da vida comunitária, ou seja, amadurecida no seio da comunidade, e não fruto exclusivo de investigações eruditas (RMi 54).

Alberich (2004, p.105), ao tratar da inculturação da fé cristã nas diversas situações geográfica e históricas, afirma que se “a palavra de Deus de encarna na

história dos homens, é preciso que fique claro em que sentido e em que condições a palavra revelada se relaciona com as diferentes culturas.”

A Igreja, na contemporaneidade, deve estar preparada para ir às periferias, tal como o Papa Francisco constantemente adverte:

A humanidade vive, neste momento, uma viragem histórica, que podemos constatar nos progressos que se verificam em vários campos. São louváveis os sucessos que contribuem para o bem-estar das pessoas, por exemplo, no âmbito da saúde, da educação e da comunicação. Todavia, não podemos esquecer que a maior parte dos homens e mulheres do nosso tempo vive o seu dia a dia precariamente, com funestas consequências. Aumentam algumas doenças. O medo e o desespero apoderam-se do coração de inúmeras pessoas, mesmo nos chamados países ricos. A alegria de viver frequentemente se desvanece; crescem a falta de respeito e a violência, a desigualdade social torna-se cada vez mais patente. É preciso lutar para viver, e muitas vezes viver com pouca dignidade. (EG 52)

E, quanto ao que o Papa Francisco denomina de economia de exclusão, tem-se a seguinte ponderação:

[...] não é possível que a morte por enregelamento de um idoso sem abrigo não seja notícia, enquanto o é a descida de dois pontos na Bolsa. Isto é exclusão. Não se pode mais tolerar mais o fato de se lançar comida no lixo, quando há pessoas que passam fome. Isto é desigualdade social. Hoje, tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte, onde o poderoso engole o mais fraco. Em consequência desta situação, grandes massas da população veem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem perspectivas, num beco sem saída. O ser humano é considerado, em si mesmo, um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora. Assim teve início a “cultura do descartável”, que, aliás, chega a ser promovida. Já não se trata simplesmente do fenómeno de exploração e opressão, mas de uma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são “explorados”, mas resíduos, “sobras”. (EG 53)

O contexto sociocultural da sociedade contemporânea apresenta déficits significativos, como se pode constatar diante dessa terrível contradição entre o desenvolvimento tecnológico e econômico com o desenvolvimento humano, o que resulta em um aumento considerável no número dos homens e mulheres jogados às margens da sociedade, que não são notícias e que terminam não sendo vistos e nem lembrados e, neste contexto, acabam tendo a sua primazia de seres humanos roubada por um sistema excludente.

Diante deste quadro de falta de diálogo, cada vez mais atual e crescente, que prejudica a plena compreensão da cultura, implicando na prática do

desencontro, a Igreja necessita urgentemente comparecer às periferias geográficas, sociais e existenciais, tal como insiste o Papa Francisco. Espera-se que tais fronteiras possam ser ocupadas pelo diácono permanente, impelido pela força do Espírito Santo, com preparo e condições materiais, para o exercício pleno de seu ministério.

### 3.4 DIACONADO EM SAÍDA, NO ESPÍRITO DA MISSÃO

A missão conduzida pelo Espírito Santo é tema central de *Redemptoris Missio* (Missão do Redentor), de João Paulo II (RMI 21-29), que embasa a presente ênfase pneumatológica: “No ápice da missão messiânica de Jesus, o Espírito Santo aparece-nos, no Mistério pascal, em toda a sua subjetividade divina, como aquele que deve continuar, agora, a obra salvífica, radicada no sacrifício da cruz” (RMI 21).

Segundo Suess (2015, p. 631), ao tratar dos sujeitos específicos da missão, afirma que

O apostolado é sempre um “apostolado da Evangelização” (AA 6b) que a Igreja “exerce através de todos os seus membros” (AA 2a) e “o verdadeiro apóstolo procura ocasiões para anunciar Cristo com palavras, seja aos que não creem para trazê-los à fé, seja aos fiéis para instruí-los, confirmá-los e despertá-los para uma vida mais fervorosa” (AA 6c). No tempo pós-conciliar, tentou-se descrever essa tarefa com o conceito da “nova evangelização” (RMI 33; SD 24; 97). (SUESS, 2015, p. 631)

Logo adiante, tratando da limitação do poder sagrado pela hierarquização dos ministérios, esclarece a responsabilidade dos bispos, que necessitam da ajuda para exercerem sua missão salvífica da Igreja no mundo, onde estão inseridos os diáconos permanentes em seus serviços ordinários, repita-se, nas novas mesas de serviço da contemporaneidade:

A partir da diferenciação entre sacerdócio comum e hierárquico respaldada pelos Documentos do Concílio, a missão universal é “confiada por Cristo aos Apóstolos” (LG 20a) e a seus sucessores, os bispos, que recebem do Senhor “a missão de ensinar a todos os povos e pregar o Evangelho a toda criatura” (LG 24a). O bispo, “enquanto membro do Colégio Episcopal [...] é obrigado a ter solicitude para a Igreja universal” (LG 23b). Essa afirmação orienta para a responsabilidade diocesana pela missão universal que, anteriormente, ficou concentrada na mão do papa e de seus organismos curiais. A responsabilidade pela missão universal “o Senhor confiou aos Pastores do seu povo” (LG 24a). Por conseguinte, é serviço ordinário, integrado ao ministério episcopal. Com essa responsabilidade diocesana pela atividade missionária universal, o Concílio atribui aos bispos um papel

central pela missão. Eles devem “com todas as suas forças socorrer as missões ou enviando missionários ou dando auxílios espirituais e materiais” (LG 23c). Mas os “Pastores sagrados” (os bispos) sabem “que não foram instituídos por Cristo a fim de assumirem sozinhos toda a missão salvífica da Igreja no mundo” (LG 30). Leigos, sacerdotes, “ministros de ordem inferior” (LG 41d), como diáconos, são auxiliares dos bispos na atividade missionária. (SUESS, 2015, p. 631)

O Papa Francisco, na homilia apresentada na missa do dia 19.04.2018, na capela da Casa Santa Marta, refletiu sobre o trecho dos Atos dos Apóstolos. Naquele Evangelho, um anjo do Senhor diz a Filipe “Prepara-te e vai para o sul, no caminho que desce de Jerusalém a Gaza. Ele explicou que, depois do martírio de Estevão, “começou uma grande perseguição” para os cristãos e “os discípulos se espalharam por todos os lados”, na Judeia, em Samaria. Mas justamente aquele “vento da perseguição” – acrescentou – levou os discípulos a irem “além”.

Assim como faz o vento com as sementes das plantas, as leva além e semeia, assim aconteceu aqui: eles foram além, com a semente da Palavra, e semearam a Palavra de Deus. E assim podemos dizer, brincando um pouco, que nasceu ‘propaganda fide’. Assim, de uma perseguição, de um vento, os discípulos levaram a evangelização. E este trecho que hoje lemos, dos Atos dos Apóstolos, é de uma grande beleza. Mas é um verdadeiro tratado de evangelização. Assim o Senhor evangeliza. Assim o Senhor anuncia. Assim o Senhor quer que evangelizemos. (FRANCISCO, 2018c)

O Papa Francisco também destacou que é o Espírito a impulsionar Filipe – e nós cristãos – à evangelização, que se “estrutura” em três palavras-chave: “levantar-se”, “aproximar-se” e “partir da situação”, e afirma:

A evangelização não é um plano bem feito de proselitismo: “Vamos aqui e façamos muitos prosélitos, de lá, e muitos...” Não... É o Espírito que diz como você deve ir para levar a Palavra de Deus, para levar o nome de Jesus. E começa dizendo: “Levante-se e vai”. Levante-se e vai até aquele lugar. Não existe uma evangelização “de poltrona”. “Levante-se e vai”. Em saída, sempre. “Vai”. Em movimento. Vai ao lugar onde você deve anunciar a Palavra. (FRANCISCO, 2018c)

E, na sequência, complementa:

Não se pode evangelizar em teoria. A evangelização é um pouco corpo a corpo, pessoa a pessoa. Parte-se da situação, não das teorias. E anuncia Jesus Cristo, e a coragem do Espírito o impulsiona a batizá-lo. Vai além, vai, vai, até que sente que acabou a sua obra. Assim se faz a evangelização. Essas três palavras são chave para todos nós cristãos, que devemos evangelizar com a nossa vida, com o nosso exemplo, e também com a nossa palavra. “Levante-se, levante-se”; “aproxime-se”: proximidade; e “partir da situação”, aquela concreta. Um método simples, mas é o método

de Jesus. Jesus evangelizava assim. Sempre em caminho, sempre na estrada, sempre próximo às pessoas, e sempre partia de situações concretas, das concretudes. Somente se pode evangelizar com essas três atitudes, mas sob a força do Espírito. Sempre o Espírito nem mesmo esses três atitudes servem. É o Espírito que nos impulsiona a nos levantar, a nos aproximar e a partir das situações. (FRANCISCO, 2018c)

A “saída missionária” acenada em *Evangelii Gaudium* (n. 20) pelo papa Francisco vem produzindo frutos evidentes, notados com os ecos gerados a partir dos outros discursos de Francisco, que vêm dando vitalidade ao anúncio do Reino de Deus através da força e obra do Espírito Santo.

Enfim, “Ser discípulo significa ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus; e isto sucede espontaneamente em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho” (EG 127), o que dinamiza significativamente o diácono, disposto a sair em missão, implicando no fato de que isso pode configurar um diaconado menos funcional e mais missionário.

### **3.4.1 Evangelização nos novos areópagos**

Na encíclica *Redemptoris Missio* (1990), João Paulo II afirma que “a missão é um problema de fé, a medida exata da nossa fé em Cristo e no seu amor por nós” (RM 11) e que “se impõe uma conversão radical da mentalidade para nos tornarmos missionários”, pois “o Senhor nos chama constantemente a sairmos de nós mesmos” (RM 49): todos conceitos que retornarão no Documento de Aparecida e na Exortação Apostólica de Papa Francisco, a *Evangelii Gaudium*.

Mas antes de tudo foi uma prioridade de João Paulo II reacender o zelo e o entusiasmo dos cristãos para o anúncio de Jesus Cristo ao mundo inteiro, apontando à Igreja os novos areópagos, as novas fronteiras da missão universal: as periferias das cidades, as vítimas da exclusão social, a juventude, os meios de comunicação social, a promoção da paz, a luta pela justiça e pela salvaguarda da criação.

Tanto na *Redemptoris Missio* como em muitos dos seus discursos e documentos, ele não se cansou de recordar estes novos areópagos onde o Evangelho e os valores que ele promove deverão explicitamente ser propostos. Ao falar de areópagos, ele recorda que o anúncio do Evangelho dever ir para além do púlpito, sair da catedral e atingir a pessoa onde ela se encontra, com os meios que



lhes são familiares, nos âmbitos de luta e de transformação social e cultural em que se encontra envolvida.

Enfim, ele que foi o papa a lançar a Nova Evangelização, também lembrou continuamente à Igreja da importância da missão *ad gentes*: “é preciso evitar que esta tarefa especificamente missionária, que Jesus confiou e continua quotidianamente a confiar à Sua Igreja se torne uma realidade diluída na missão global de todo o Povo de Deus, ficando desse modo descurada ou esquecida”.

Para João Paulo II excluir esse *ad gentes* do horizonte eclesial significava, definitivamente, trair a proposta do Evangelho: “sem a missão *ad gentes*, a própria dimensão missionária da Igreja ficaria privada do seu significado fundamental e do seu exemplo de atuação” (RM 34).

O documento “Para uma Pastoral da Cultura”, do Conselho Pontifício da Cultura, de 23 de maio de 1999, cita expressamente os novos areópagos:

Os novos desafios que devem suscitar uma evangelização inculturada a partir das culturas modeladas por dois mil anos de cristianismo e de fundamentos identificados no interior dos novos areópagos culturais, exigem uma apresentação renovada da mensagem cristã, ancorada na tradição viva da Igreja e sustentada pelo testemunho de vida autêntica das comunidades cristãs. Pensar todas as coisas novas a partir da novidade do Evangelho, proposto de maneira renovada e persuasiva, torna-se uma exigência Maior. Numa perspectiva de preparação evangélica, a pastoral da cultura tem por objetivo prioritário inserir a seiva vital do Evangelho nas culturas a fim de as renovar interiormente e de transformar, à luz da Revelação, as compreensões do homem e da sociedade que modelam as culturas, as concepções de homem e da mulher, da família e da educação, da escola e da universidade, da liberdade e da verdade, do trabalho e do lazer, da economia e da sociedade, das ciências e das artes. (n. 25)

O documento de Aparecida, ao tratar dos novos areópagos e centros de decisão (n. 491-500), desvela um significativo cenário exemplificativo de serviço ao Reino de Deus, mas que não se esgota nessa breve relação, implicando em consistentes possibilidades para a criação de diaconias nesses novos areópagos e nessas novas fronteiras:

[...] o mundo das comunicações, a construção da paz, o desenvolvimento e a libertação dos povos, sobretudo das minorias, a promoção da mulher e das crianças, a ecologia e a proteção da natureza. E “o vastíssimo areópago da cultura, da experimentação científica, das relações internacionais” (RM 37). (DAp 491)

O Papa Francisco, insiste, sem tréguas, na utilização da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, que aceita também com a denominação sugerida de “magna carta”, quando reflete sobre a formação de discípulos missionários. A expressão destacada advém de seu discurso aos participantes do Congresso do Foro Internacional da Ação Católica (FIAC), em 27.04.2017. Afirma que essa formação de discípulos missionários “é o carisma da própria Igreja encarnada profundamente no hoje e no aqui de cada Igreja diocesana que discerne em contemplação e com olhar atento à vida do seu povo e procura novos caminhos de evangelização e de missão a partir das diversas realidades paroquiais”. (FRANCISCO, 2017d)

O Papa Francisco, embora dirija sua fala para a Ação Católica, na realidade está se dirigindo a toda Igreja, instigando, sem cessar, para que os discípulos e discípulos de hoje avancem aos “novos areópagos” para servir a todos os seres humanos e todas as periferias:

É necessário que a Ação Católica esteja presente no mundo político, empresarial, profissional, mas não por nos considerarmos cristãos perfeitos e formados, mas para servirmos melhor.

É indispensável que a Ação Católica esteja presente nas prisões, nos hospitais, nas estradas, nos bairros de lata, nas fábricas. Se assim não for, será uma instituição de exclusivistas que não dizem nada a ninguém, nem sequer à própria Igreja.

Quero uma Ação Católica entre o povo, na paróquia, nas dioceses, nas aldeias, nos bairros, na família, no estudo e no trabalho, no campo, nos âmbitos próprios da vida. É nestes novos areópagos que se tomam decisões e que se constrói a cultura. (FRANCISCO, 2017d)

O caminho indicativo desses novos areópagos de missão para o ministério diaconal já consta nas Diretrizes para o Diaconado Permanente da Igreja no Brasil (2012), porém, a execução desse delineamento, mesmo que a título de experimentação, ainda é irrisório no âmbito dessa Conferência (CND, 2015):

Hoje, quando os bispos mostram a urgente necessidade de criar pequenas comunidades (DAp, n. 178), de renovar o modelo das paróquias (DAP, n. 172), de evangelizar nos novos areópagos, fronteiras geográficas e culturais (DAp, nn. 205, 208, 491), surgem, na Igreja do Brasil, diversos tipos de diaconias como resposta aos novos desafios da missão da Igreja. (DD 105, p. 52)

Enfim, tem-se que o Papa Francisco retoma o tema, incrementando com a proposta de uma cultura do encontro e de uma evangelização em saída e, com esses dois aspectos, certamente abrem-se campos para o diaconado, nos vários areópagos.

### **3.4.2 Missão na cidade (contexto urbano)**

Dentre os novos areópagos referidos no documento “Para uma Pastoral da Cultura”, referido acima, um desses desafios envolve o mundo urbano e seus espaços de vida, cultura e lazer:

Provocado por diversos fatores, como a pobreza ou o subdesenvolvimento das zonas rurais desprovidas dos bens e serviços básicos, mas também, em certos países, por causa dos conflitos armados que obrigam milhões de seres humanos a deixar o seu ambiente familiar e cultural, dá-se atualmente um impressionante êxodo rural que tende a fazer crescer desmesuradamente os grandes centros urbanos. A essas pressões de ordem econômica e social, se ajunta o fascínio da cidade, do bem-estar e do divertimento que ela oferece e cujas imagens são transmitidas pelo meio de comunicação social. Por falta de planejamento, os arrabaldes ou subúrbios dessas megalópoles tornam-se freqüentemente uma espécie de guetos, aglomerações enormes de pessoas socialmente desenraizadas, politicamente carentes, economicamente marginalizadas e culturalmente isoladas. (n. 8)

A cidade deve ser tratada como um contexto específico, tanto por suas características, quanto pelos seus desafios e suas possibilidades para a evangelização, o que aparece no documento do Conselho Pontifício da Cultura, nas suas diversas interfaces.

O Papa Francisco, em seu discurso aos participantes no Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades, realizado no dia 27.11.2014, no Vaticano, recordou o que segue:

Na *Evangelii gaudium* eu quis chamar a atenção para a pastoral urbana, mas sem oposição à pastoral rural. Trata-se de uma excelente ocasião para aprofundar desafios e possíveis horizontes de uma pastoral urbana. Desafios, ou seja, lugares onde Deus nos chama; horizonte, isto é aspectos aos quais, na minha opinião, deveríamos prestar uma atenção especial. (FRANCISCO, 2014c).

E, sobre uma mudança de época, tendo em conta que se deve “realizar uma mudança na nossa mentalidade pastoral”, afirma:

Na cidade temos necessidade de outros “mapas”, de outros paradigmas, que nos ajudem a situar de novo os nossos pensamentos e as nossas atitudes. Não podemos permanecer desorientados, porque este desconcerto nos leva a errar o caminho, em primeiro lugar nós mesmos, mas depois confunde inclusive o povo de Deus e aquilo que ele procura com um coração sincero: a Vida, a Verdade e o Sentido. (FRANCISCO, 2014c).

Prosseguindo, o Papa Francisco trata de um importante aspecto referencial:

Nós vimos de uma prática pastoral secular, na qual a Igreja era o único ponto de referência da cultura. É verdade, esta é a nossa herança. Como Mestre genuína, ela sentiu a responsabilidade de delinear e de impor, não apenas as formas culturais, mas inclusive os valores e, mais profundamente, de traçar o imaginário pessoal e coletivo, ou seja, as histórias, as bases sobre as quais as pessoas se apoiam para encontrar os significados últimos e as respostas às suas exigências vitais. (FRANCISCO, 2014c).

O Papa Francisco também lembra que a produção da cultura tem o viés da diversidade setorial com o impacto direto na necessidade de mudança de mentalidade pastoral:

Contudo, já não vivemos naquela época. Ela já passou! Não vivemos mais no tempo da cristandade. Hoje já não somos os únicos que produzem cultura, nem os primeiros, nem os mais ouvidos. Por conseguinte, temos necessidade de uma mudança de mentalidade pastoral, mas não de uma “pastoral relativista” — não, isto não — que no seu desejo de estar presente na “cozinha cultural” perde o horizonte evangélico, deixando o homem confiado a si mesmo, emancipado da mão de Deus. Não, isto não! Este é um caminho relativista, o mais fácil. E ele não poderia chamar-se pastoral! Quem age assim não tem um verdadeiro interesse pelo homem, mas deixa-o à mercê de dois perigos igualmente graves: escondem-lhe Jesus e a verdade acerca do próprio homem. E esconder Jesus e a verdade sobre o homem são perigos graves! Um caminho que leva o homem à solidão da morte (cf. *Evangeli gaudium*, 93-97). (FRANCISCO, 2014c).

Mais adiante, o Papa Francisco diz que enxerga duas possibilidades para superar a questão. A primeira, envolve as ações concretas de sair e de facilitar. “Trata-se de uma verdadeira transformação eclesial. E tudo ponderado em chave de missão. Uma mudança de mentalidade: do receber ao sair, do esperar que venham ao ir à sua procura”. Ainda reforçando essa proposta:

Sair ao encontro de Deus que habita na cidade e nos pobres. Sair para se encontrar, para ouvir, para abençoar, para caminhar com as pessoas. E facilitar o encontro com o Senhor. Tornar acessível o sacramento do Batismo. Igrejas abertas. Secretarias com horários para as pessoas que trabalham. Catequeses adequadas nos conteúdos e nos horários da cidade. (FRANCISCO, 2014c).

A segunda possibilidade diz respeito à Igreja samaritana. Estar presente, ou seja:

Trata-se de uma mudança, no sentido do testemunho. Na pastoral urbana, a qualidade será conferida pela capacidade de testemunhar por parte da Igreja e de cada cristão. Quando dizia que a Igreja não cresce por proselitismo mas por atração, o Papa Bento XVI falava precisamente disto. O testemunho que atrai, que desperta a curiosidade das pessoas.

Aqui está a chave! Mediante o testemunho, podemos incidir sobre os núcleos mais profundos, onde nasce a cultura. A Igreja semeia o pequeno grão de mostarda através do testemunho, mas fá-lo no próprio cerne das culturas que se vão gerando no seio das cidades. O testemunho concreto de misericórdia e de ternura, que procura estar presente nas periferias existenciais e pobres, incide de forma direta sobre os imaginários sociais, gerando orientação e sentido para a vida urbana. Desta maneira, como cristãos, nós contribuimos para construir uma cidade na justiça, na solidariedade e na paz. (FRANCISCO, 2014c).

A CNBB, nas recentes Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja para no Brasil 2019 – 2023, que têm foco na cidade, traz uma reflexão sobre a cultura urbana (n. 27-40) e registram que “Na evangelização do mundo urbano atual, é fundamental recorrer às origens do cristianismo, período em que o processo de inculturação permitiu que o Evangelho chegasse a tantas culturas diferentes” (n. 38).

Nesse contexto, transparece que os inúmeros desafios, limites e possibilidades, luzes e sombras, encruzilhadas e fronteiras, alteridade e pluralismo, problemas e conflitos, numa verdadeira teia de organismos complexos, agrupam habilidades e competências que se aproximam do ministério diaconal, onde a identidade e o lugar do diácono, como sujeito urbano em missão urbana, tende a se encaixar adequadamente numa “Diaconia Urbana”.

### **3.4.3 Missão *Ad Gentes***

O Decreto conciliar *Ad Gentes*, sobre a atividade missionária da Igreja, de 30 de novembro de 1965, “representa um passo formidável na evolução da Missiologia do século XX”, e ainda:

Com ele a Igreja chegou à conclusão de que ela só pode se considerar a Igreja do Evangelho de Jesus na medida em que se fizer um sinal salvífico-sacramental do desígnio divino de salvação, encarnado no contexto histórico de cada povo e de cada cultura. Só por essa via que a Igreja se fará instrumento eficaz de uma obra que, no sentido mais exato do termo, é uma “*missio Dei*” que nasce da presença e ação do Espírito do Ressuscitado no seio da complexa e atribulada caminhada de toda a humanidade. (VALLE, 2015, p. 7)

Na perspectiva pneumatológica, cabe ressaltar dizer que o Espírito santo é protagonista da missão (*Redemptoris Missio*): Ele espalha as sementes do Verbo nos sujeitos, culturas e ritos dos povos. Ali opera, já antes da chegada do missionário.

O Papa Francisco, em 30 de setembro de 2019, ao receber membros dos Institutos de missão de origem italiana, afirma (2019i) que “Com Cristo não existem tédio, cansaço e tristeza, porque Ele é a novidade contínua do nosso viver. Ao missionário, é necessária a alegria do Evangelho: sem esta, não se faz missão, se anuncia um Evangelho que não atrai”

O Papa Francisco (2019i) também se referiu aos migrantes: “As *gentes* distantes, agora vieram a habitar nos nossos países, são os desconhecidos da porta ao lado. É preciso redescobrir a aventura fascinante de fazer-se próximos, de acolher e de se ajudar”

Na véspera da abertura do Mês Missionário Extraordinário, o Papa Francisco lembrou que o tema escolhido para este mês extraordinário é justamente “batizados e enviados”, para recordar que a natureza intrínseca da Igreja é missionária.

O Papa Francisco, durante a celebração das vésperas de início do Mês Missionário, no dia 1º de outubro de 2019, na Basílica de São Pedro, enfatizou que o

Mês Missionário Extraordinário quer ser uma sacudidela que nos provoca a ser *ativos no bem*. Não notários da fé e guardiões da graça, mas missionários.

Mas como fazer para se tornar missionário? Vivendo como testemunha: testemunhando com a vida que se conhece Jesus. Testemunha é a palavra-chave; uma palavra que tem a mesma raiz e significado de mártir. E os mártires são as primeiras testemunhas da fé: não por palavras, mas com a vida. Sabem que a fé não é propaganda nem proselitismo, mas um respeitoso dom de vida. Vivem espalhando paz e alegria, amando a todos, incluindo os inimigos, por amor de Jesus. Deste modo nós, que descobrimos ser filhos do Pai celeste, como podemos ocultar a alegria de ser amados, a certeza de ser sempre preciosos aos olhos de Deus? É o anúncio que muitas pessoas aguardam. E é nossa responsabilidade levá-lo.

Neste mês, perguntemo-nos: Como é o meu testemunho? (FRANCISCO, 2019j)

E complementa o Papa Francisco:

“Deus ama quem dá com alegria“ (2 Cor 9, 7). Ama uma Igreja que vive em saída. Se não vive em saída, não é Igreja. Uma Igreja em saída, missionária é uma Igreja que não perde tempo a lamentar-se pelas coisas que não funcionam, pelos fiéis que diminuem, pelos valores de outrora que já não existem. Uma Igreja que não procura oásis protegidos para estar tranquila; deseja apenas ser *sal da terra e fermento para o mundo*. Sabe que esta é a sua força, a mesma de Jesus: não a relevância social ou institucional, mas o amor humilde e gratuito. (FRANCISCO, 2019j)

O Papa Francisco, no Angelus de 26 de dezembro de 2019, no dia que a Igreja celebra Santo Estevão, lembrou (2019l) que “A festa do protomártir Estevão nos convida a recordar todos os mártires de ontem e de hoje, a nos sentirmos em comunhão com eles e a pedir-lhes a graça de viver e morrer com o nome de Jesus no coração e nos lábios”.

No clima de alegria do Natal, afirmou o Pontífice (2019l), pode parecer fora de lugar a memória do primeiro cristão assassinado por sua fé em Jesus Cristo. Mas na verdade, explicou, esta festa está em sintonia com o verdadeiro significado do Natal: “No martírio de Estevão, de fato, a violência é derrotada pelo amor, a morte pela vida: ele, no momento do testemunho supremo, contempla o céu e oferece o seu perdão aos seus perseguidores”.

Prosseguindo, o Papa Francisco (2019l) destacou que este jovem servidor do Evangelho soube narrar Jesus com as palavras e, sobretudo, com a sua vida. Com Estevão, podemos aprender que a glória do Céu, que dura para toda a vida e a vida eterna, não é feita de riquezas e poder, mas de amor e de doação de si: “Para nós cristãos, o céu não está mais distante, separado da terra: em Jesus, o Céu desceu sobre a terra. E graças a Ele, com a força do Espírito Santo, nós podemos assumir tudo o que é humano e orientá-lo em direção ao Céu”.

O Papa Francisco recordou ainda que Estevão foi um dos primeiros sete diáconos da Igreja e o seu testemunho, que culminou no martírio, é fonte de inspiração para a renovação das comunidades cristãs:

Estas são chamadas a se tornarem sempre mais missionárias, todas propensas à evangelização, decididas a alcançar os homens e as mulheres nas periferias existenciais e geográficas, onde há mais sede de esperança e de salvação. (FRANCISCO, 2019l)

As comunidades cristãs, como afirma o Papa Francisco, não devem seguir a lógica mundana, colocando a si mesmas no centro, mas unicamente a glória de Deus e o bem das pessoas, especialmente dos pequeninos e dos pobres.

### **3.5 CONSIDERAÇÕES**

A missão do Cristo-Servo nos permite configurar tanto a missão dos Doze quanto a missão dos Sete por força e obra do Espírito Santo, sendo a recepção da Pneumatologia, à luz do Novo Testamento e do magistério, que apresentam o Pneuma como Espírito da Verdade, da Missão, da Unidade e vínculo de Caridade por excelência, em razão de que Ele mesmo é Amor.

A Igreja na América Latina reafirma na V Conferência do Episcopado Latino Americano e Caribenho, em Aparecida (2007), a sua comunhão com a Igreja universal e convoca todos os seus membros a fazer, em primeiro lugar, experiência de renovar-se pelo Espírito Santo para que aconteça de fato, um novo Pentecostes.

Em conformidade com o que se extrai especificamente da fonte lucana (cheios / repletos do Espírito, para servir), complementada pela fonte joanina (lava-pés), significativamente alicerçado no Concílio Vaticano II, nas Conferências Episcopais Latino-Americanas, nos ensinamentos dos papas recentes, sobretudo Francisco, tem-se que os diáconos, configurados ao Cristo-Servo, podem reencontrar nos novos territórios de missão a realização de um novo Pentecostes numa Igreja em saída.

A questão do diaconado permanente nesse capítulo final envolve a demonstração de que é possível transpor a linha de engessamento do ministério diaconal, ora estacionado no marasmo imposto pelo modelo funcional, conforme se sustenta nessa tese, tanto com base nos argumentos expostos quanto em seus diversos fundamentos, passando para o modelo missionário.



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A chave pneumatológica de leitura proposta nesta tese decorre da ação do Espírito em Jesus e na Igreja, sobretudo à luz de Lucas. Então, partiu-se do protagonismo do Espírito para justificar uma leitura do diaconado em chave pneumatológica. E, como o Espírito é fundamentalmente Espírito da caridade, da verdade, da unidade e da missão, estas foram as dimensões tomadas para se abordar o diaconado. Tais dimensões, que são indicadoras de novas expressões e territórios de diaconia, decorrem da Pneumatologia, devidamente embasadas no Novo Testamento e nos documentos do magistério. Assim, se o Espírito é o agente da caridade verdade, unidade e missão, entende-se que se pode aplicar estas dimensões ao diaconado, já que este serviço eclesial supõe homens “cheios do Espírito” (At 6,3).

Desta forma, através dessa abordagem pneumatológica do diaconado, enfatizou-se a indispensável e fundamental ação do Espírito Santo, que sendo Deus e agindo por meio do ministério messiânico de Cristo, missionário por convocação do Pai, constitui a Igreja, seu Povo habitado pelo Espírito (Ef 2, 19-22).

Pentecostes constitui a Igreja como comunidade ministerial e carismática (1 Cor 12, 5-7). Por meio do batismo, o Povo de Deus participa do único sacerdócio de Cristo como sacerdote, profeta e rei (pastor). Este Povo Sacerdotal celebra e vive o dom do sacerdócio, seja por meio do sacerdócio comum dos fiéis, ou através do sacerdócio ministerial ou hierárquico, todos se tornam participantes, a seu modo, do sacerdócio único de Cristo (1 Pd 2, 4) (cf. LG 2-4):

O Espírito Santo habita na Igreja e nos corações dos fiéis como num templo (cf. 1 Cor 3, 16; 6, 19); e neles ora e dá testemunho da sua adoção filial (cf. Gl 4, 6; Rm 8, 15-16. 26). Ele introduz a Igreja no conhecimento de toda a verdade (cf. Jo 16, 13), unifica-a na comunhão e no ministério, edifica-a e dirige-a com os diversos dons hierárquicos e carismáticos e enriquece-a com os seus frutos (cf. Et 4, 11-12; 1 Cor 12, 4; Gl 5, 22) - (LG 4).

Um número significativo de documentos do magistério aponta para a presença e ação do Espírito na vida da Igreja, entretanto, a reflexão desta tese indicou para a existência de uma notória carência da experiência pneumatológica no exercício dos ministérios. Assim sendo, muitas vezes os ministérios, ordenados ou leigos, caem num funcionalismo ou numa mera execução de tarefas. Falta a

abertura para uma verdadeira experiência significativa do Espírito no exercício do ministério. Deste modo, o ministério diaconal se reduz a mera suplência do presbítero ou substituição dos ministérios laicais.

A partir da abordagem pneumatológica a presente tese sustenta que o diácono, ministro ordenado e participante do sacerdócio de Cristo, é um potencial missionário nos diversos ambientes. Ele deve se fazer presente, prioritariamente, nas periferias existenciais e geográficas, em uma permanente atitude de saída missionária (EG 20,30).

Além disso, a tese aponta para a urgência de a Igreja renovar seu empenho em realizar uma verdadeira saída missionária. O que se discute neste trabalho, é a prioridade de ir ao encontro dos que estão afastados ou indiferentes, à mensagem do evangelho. O ministério diaconal pode contribuir para um renovado anúncio e testemunho nos diversos meios, locais e realidades. São areópagos, onde a presença do diácono pode e deve promover a vida, a fé e a esperança. Onde o rosto do Cristo Servidor é revelado a todos através da presença diaconal (EG 127, 131).

A temática dos ministérios ordenados é uma das preocupações constantes e prioritárias da Igreja, que tem a missão de evangelizar (EN 14), porque esses ministros (bispos, presbíteros e diáconos), cada qual no exercício de sua missão religiosa, na formação, orientação e santificação da vida cristã, tanto sacramental quanto religiosa em geral, precisam estar preparados adequadamente para servirem ao povo de Deus, o que implica num cuidado especial para com a formação continuada de forma permanente e renovada, sob pena de não fazer ou realizar uma leitura equivocada ou parcial a respeito dos sinais dos tempos, o que prejudicaria qualquer processo de intervenção evangelizadora:

Pressupondo, pois, que a Igreja é parte da história da humanidade e, portanto, que a relação com o mundo é parte de sua identidade teológica, é preciso estabelecer com clareza o estatuto teológico do mundo, que relação a Igreja deve manter com ele e como ler os acontecimentos da história (CALIMAN, 2015, p. 454).

Cheios do Espírito (At 6,3), os diáconos permanentes dedicam-se ao ministério nas três dimensões diaconais: da palavra, da liturgia e da caridade. A chave pneumatológica ora proposta não invalida ou as restringe, ao contrário, valoriza-as, pois não somente contempla essas dimensões mas também contribui para diminuir o risco delas se encaminharem para uma rota de estagnação

funcional. Assim, não importa o ambiente ou a ação pastoral que o diácono permanente realiza. Importa, sim, que no desenvolvimento do ministério tudo tenha como objetivo a missão evangelizadora configurada ao Cristo-Servo.

O ministério diaconal constitui-se fonte de esperança, de renovação eclesial e dentro das comunidades, atingindo setores que dificilmente seriam alcançados pelos presbíteros. A ação missionária do diácono permanente torna-se relevante, à medida que se integra nas comunidades, especialmente, nas imensas áreas abandonadas nas periferias das grandes cidades e mesmo na zona rural.

Como todos os ministros da Igreja, os diáconos estão a serviço do Evangelho, mas possuem sua originalidade. Assim como os outros ministros ordenados, bispos e presbíteros, eles participam do ministério apostólico, isto é, deste serviço que representa a escolha e envio dos Doze. Cheios do Espírito (At 6,3), chamados pelo sacramento da Ordem, consagrados e enviados para a missão de apresentar a novidade do Evangelho e o rosto de Cristo, os diáconos são servidores. Desse modo, o diaconado permanente tem a função de possibilitar à comunidade acolher e valorizar a diversidade ministerial e carismática de toda a Igreja que desde Pentecostes é agraciada com os diversos dons e carismas do Espírito para servir.

O diaconado permanente, quando vivido e assumido com abertura ao Espírito, coloca a Igreja em estado de missão por trazer a sua originalidade e novidade: servir no anúncio do Evangelho, servir no ministério da Liturgia e da caridade como homens “cheios do Espírito”, discípulos missionários de Jesus Cristo.

Por fim, numa perspectiva de Igreja em saída, enfatizada pelo Papa Francisco, nesta tese se propõe ultrapassar as barreiras funcionais através de um diaconado também em saída, no Espírito da Caridade, atuando em ambientes que carecem da ação eclesial na contemporaneidade, tais como solidariedade, saúde, política e migração; no Espírito da Verdade, priorizando a ação nos níveis de uma catequese continuada, comunicação social, educação e teologia pública; no Espírito da Unidade, encarando os desafios da Igreja em comunhão, a unidade dos cristãos, o diálogo inter-religioso e o diálogo social e cultural; no Espírito da Missão, sendo efetivo e eficiente numa renovada evangelização nos diversos novos areópagos, numa missão desafiadora e complexa na cidade, dando a importância que o contexto urbano exige na atualidade, na revitalização da atividade missionária da Igreja (*Ad Gentes*). Tudo no sentido, rumo e direção da busca da originalidade do

modelo missionário, tendo em conta que as categorias apontadas são apenas exemplificativas e não exaustivas, sendo necessário apenas continuar atualizando o cenário para seguir em frente, como pede Francisco.

## REFERÊNCIAS

### LIVROS

ALBERIGO, Giuseppe *et al.* (ed.), **Conciliarum Oecumenicorum Decreta**. Bologna: Istituto per le Scienze Religiose, 1973.

ALBERICH, Emilio. **Catequese evangelizadora: manual de catequética fundamental**. São Paulo, SP: Editora Salesiana, 2004.

ALMEIDA, João Carlos, MANZINI Rosana, MAÇANEIRO, Marcial (Org). **As Janelas do Vaticano II: A Igreja em diálogo com o mundo**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2013.

ALMEIDA, Antonio José de. **Os ministérios não-ordenados na Igreja Latino-Americana**. São Paulo: Loyola, 1989a.

\_\_\_\_\_. **Teologia dos ministérios não-ordenados na América Latina**. São Paulo: Loyola, 1989b.

\_\_\_\_\_. **Lumen Gentium. A transição necessária**. São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. **Sois um em Cristo Jesus**. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

\_\_\_\_\_. **Novos ministérios: a necessidade de um salto à frente**. São Paulo: Paulinas, 2013.

\_\_\_\_\_. **Lumen Gentium**. PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.) Dicionário do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulinas, 2015.

BENDINELLI, Julio Cesar. **Diaconia da Palavra: o ministério e a missão do diácono permanente**. São Paulo: Paulus, 2011. (Col. Comunidade e missão).

\_\_\_\_\_. Julio Cesar. **Servidor do Evangelho: A Identidade do Diácono Permanente e a Presidência Diaconal da Celebração da Palavra**. Rio de Janeiro, Numa Editora, 2018.

BENTO XVI. **Deus Caritas Est**. Carta Encíclica Sobre o Amor Cristão. 2017. São Paulo, SP: Paulinas, 2007.

BENTO XVI. **Verbum Domini**. Exortação Apostólica Pós-sinodal Sobre a Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja. São Paulo, SP: Paulinas, 2010.

BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. (Org) Comentário Bíblico, v. III. São Paulo, SP: Edições Loyola, 8. Ed. 2014.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. ampl. São Paulo: Paulus, 2010.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia do Peregrino**. São Paulo: Paulus, 2014.

BÍBLIA. Português. **Edição Pastoral**. São Paulo: Paulus, 2014.

BÍBLIA. Português. **Edição Pastoral**. São Paulo: Paulinas, 1990.

BIZON, José. **A Unidade dos Cristãos: Princípios e Frutos**. In: ALMEIDA, João Carlos, MANZINI Rosana, MAÇANEIRO, Marcial (Org). As Janelas do Vaticano II: A Igreja em diálogo com o mundo. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2013.

BLANK, Renold. **Ovelha ou protagonista?** A Igreja e a nova autonomia do laicato no século 21. São Paulo: Paulus, 2006.

BOFF, Lina. **Espírito e missão na obra de Lucas e Atos: para uma teologia do Espírito**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BORN, A. Van Den. **Dicionário enciclopédico da bíblia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.

BORRAS, Alphonse. **O diaconado sob o risco da sua novidade**. São Paulo: Paulinas, 2010.

BORRAS, Alphonse; POTTIER, Bernard. **A graça do diaconato: questões atuais relativas ao diaconato latino**. São Paulo: Loyola, 2010.

BRIGHENTI, Agenor. **Reconstruindo a esperança**. Como planejar a ação da Igreja em tempos de mudança. São Paulo: Paulus, 2000.

\_\_\_\_\_. **A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé**. São Paulo: Paulinas, 2006. (Col. Livros básicos de teologia; 15).

\_\_\_\_\_. Agenor. **Para compreender o Documento de Aparecida: pré-texto, o contexto e o texto**. São Paulo: Paulus, 2008 (Col. Comunidade e missão).

\_\_\_\_\_, Agenor. **Aparecida em resumo: o documento oficial com referência às mudanças efetuadas no documento original**. São Paulo: Paulinas, 2008. (Col. Sinais dos tempos).

BROWN, Raymond E. **Introduzione al Nuovo Testamento**. Trad. BOSCOLO, Gastoni. Brescia: Queriniana, 5ª Ed, 2001.

CALIMAN, Cleto. **Igreja/Modelos de Igreja**. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.) Dicionário do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulinas, 2015.

CANTALAMESSA, Raniero. **O canto do espírito: meditações sobre o Veni Creator**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CARIAS, Celso Pinto. **Sob o dinamismo do Espírito – Opções pastorais**. In: SOUZA, Ney de; SBARDELOTTI, Emerson. Puebla. Igreja na América Latina e no Caribe. Opção pelos pobres, libertação e resistência. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

CARVALHO, Humberto Robson de. **Paróquia Missionária: Projeto de evangelização e missão paroquial na cidade**. São Paulo: Paulus, 2015.

CAVACA, Osmar. **A Igreja, Povo de Deus em Comunhão**. In: ALMEIDA, João Carlos, MANZINI Rosana, MAÇANEIRO, Marcial (Org). *As Janelas do Vaticano II: A Igreja em diálogo com o mundo*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2013.

CIOLA, N. Diácono. In: **Lexicon**. São Paulo: Loyola, 2003, p. 593-596.

CODINA, Víctor. **O Espírito do Senhor: força dos fracos**. São Paulo: Paulinas, 2019.

COMBLIN, José. **O Espírito no Mundo** (Meditações Evangélicas 7) Petrópolis: Vozes, 1978. 114 p.

\_\_\_\_\_. **O Povo de Deus**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2002. (Coleção Temas de Atualidade).

COMISSÃO NACIONAL DOS DIÁCONOS. **O Diaconado Permanente no Brasil desde o Concílio Vaticano II até hoje**. São Paulo: Paulinas, 2015.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **A Sinodalidade na Vida e na Missão da Igreja**. Brasília: Edições CNBB, 2018. 80p.

CONCÍLIO VATICANO II – **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações**. Petrópolis: Vozes, 1968.

\_\_\_\_\_. **Christus Dominus**. Decreto sobre o Múnus pastoral dos bispos na Igreja. In: CONCÍLIO VATICANO II – Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1968.

\_\_\_\_\_. **Dei Verbum**. Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina. In: CONCÍLIO VATICANO II – Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1968.

\_\_\_\_\_. **Ad Gentes**. Decreto sobre a atividade missionária da Igreja In: CONCÍLIO VATICANO II – Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1968.

\_\_\_\_\_. **Gaudium et Spes**. Constituição Pastoral sobre a Igreja. 15ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007

\_\_\_\_\_. **Lumen Gentium**. Constituição Dogmática sobre a Igreja. 14ª ed. São Paulo: Paulinas, 2000.

\_\_\_\_\_. **Orientalium Ecclesiarum**. Decreto sobre as Igrejas católicas orientais. In: CONCÍLIO VATICANO II – Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1968.

\_\_\_\_\_. **Presbyterorum Ordinis**. Decreto sobre o ministério e a vida dos presbíteros. In: CONCÍLIO VATICANO II – Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1968.

\_\_\_\_\_. **Sacrossanctum Concilium**. Constituição sobre a sagrada liturgia. In: CONCÍLIO VATICANO II – Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1968.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Comunidade de comunidades: uma nova paróquia** – A conversão pastoral da paróquia. Brasília: Edições CNBB, 2014.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2008 – 2010**. São Paulo, SP: Paulinas, 2008 [Documentos da CNBB nº 87].

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2015-2019**. Brasília: Edições CNBB, 2015.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023**. Brasília: Edições CNBB, 2019.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes para o Diaconado Permanente: Formação, Vida e Ministério do Diácono Permanente da Igreja no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2004 [Documentos da CNBB, nº 74].

\_\_\_\_\_. **Diretrizes para o Diaconado Permanente na Igreja do Brasil: Formação, Vida e Ministério**. São Paulo: Paulinas, 2012 [Documentos da CNBB, nº 96].

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretório Nacional da Catequese**. São Paulo, SP: Paulinas, 7. Ed. 2008 [Documentos da CNBB nº 96]

CONGAR, Yves. **Ministeri e comunione ecclesiale**. Bologna: EDB, 1973.

\_\_\_\_\_. **“Ele é o Senhor e dá a vida”**. São Paulo: Paulinas, 2010.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, **Normas fundamentais para a formação dos diáconos permanentes**. São Paulo: Paulinas, 1998.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). **Conclusões da Conferência de Medellín**. In: Documentos do CELAM. São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. **Conclusões da Conferência de Puebla**. In: Documentos do CELAM São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. **Conclusões da Conferência de Santo Domingo**. In: Documentos do CELAM São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. **Documento de Aparecida**. São Paulo: Paulinas, 2007.

DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO. **Didascalia Apostolorum** II, 44, 4. Paderborn: Ed. F. X. Funk, 1ªEd, 1906.

DURÁN Y DURAN, J. **Diaconato permanente e Ministério da Caridade**. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. **Os Diáconos**, Discípulos Missionários de Jesus Servidor. Brasília: Edições CNBB, 2009.

FORTE, Bruno. **A Igreja: Ícone da Trindade**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2005.

FRANCISCO. **Evangelii Gaudium**. Exortação apostólica quanto a alegria do Evangelho sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2013.



\_\_\_\_\_. **Gaudete et Exultate**. Exortação apostólica sobre a chamada à santidade no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2018.

\_\_\_\_\_. **Laudato Si**. Carta Encíclica Sobre o Cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulinas, 2013.

GOEDERT, Valter Maurício. **A restauração do diaconato permanente**. São Paulo: Loyola, 1983.

\_\_\_\_\_. **O diaconato permanente: perspectivas teológico-pastorais**. São Paulo: Paulus, 1995.

HIPÓLITO de Roma. **Traditio Apostolica. Liturgia e catequese em Roma no século III**. Petrópolis: Vozes, 2ª Ed, 2004

HORNEF, J. **Diaconado Vitalício**. In: Revista Concilium 8. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 11-119.

HILBERATH, Bernd J. *et al.* **Manual de Dogmática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 4.ed. 2012.

HILBERATH, Bernd J. **Pneumatologia**. In: HILBERATH, Bernd J *et al.* Manual de Dogmática. Petrópolis, RJ: Vozes, 4.ed. 2012.

JOÃO PAULO II. **Pastore Dabo Vobis**. Exortação apostólica pós sinodal sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais. São Paulo: Paulinas, 1992 224 p.

\_\_\_\_\_. **Redemptoris Missio**. Carta encíclica sobre a validade permanente do mandato missionário. São Paulo, SP: Paulinas, 1990.

\_\_\_\_\_. **Tertio Millennium Adveniente**. Carta Apostólica sobre a preparação para o jubileu do ano 2000. São Paulo: Paulinas, 1994.

\_\_\_\_\_. **Novo Millenio Inneunte**. Carta Apostólica no início do novo milênio. São Paulo: Paulinas, 2001.

\_\_\_\_\_. **Ecclesia In America**. Exortação apostólica pós-sinodal aos bispos aos presbíteros e aos diáconos aos consagrados e às consagradas e a todos os fiéis leigos sobre o encontro com Jesus Cristo vivo caminho para a conversão, a comunhão e a solidariedade na América. São Paulo: Paulus, 1999.

\_\_\_\_\_. **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Loyola, 1997.

KASPER, W. **Unidade dos cristãos e pentecostalismo: quais as perspectivas? Cenários, sujeitos e prática**. In: MAÇANEIRO, Marcial (Org.). *Teologia em Questões*. Aparecida/SP: Edições Santuário, 2014.

KEHL, Medard. *A Igreja: Uma eclesiologia católica*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

KITTEL, G. **Ésprit – Dictionnaire Biblique**. Genève: Ed. Labor et Fides 1971.

KODDEL, Jerome. **LUCAS**. In: BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. (Org) Comentário Bíblico, v. III. São Paulo, SP: Edições Loyola, 8. Ed. 2014.

KUZMA, C. **Cantar Francisco! Provocações Eclesiológicas a partir da Evangelii Gaudium**. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (orgs.). Evangelii Gaudium em questão. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014, p. 195-208.

KURTZ, William S. **ATOS DOS APÓSTOLOS**. In: BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. (Org) Comentário Bíblico, v. III. São Paulo, SP: Edições Loyola, 8. Ed. 2014.

LAKATOS Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. São Paulo, SP: Atlas, 5. Ed. 2009.

LEMAIRE, A. **Os ministérios na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1977.

MACRAE, George W. **Hebreus**. In: BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. (Org) Comentário Bíblico, v. III. São Paulo, SP: Edições Loyola, 8. Ed. 2014.

MAÇANEIRO, Marcial. **Ungidos para o serviço da comunhão e participação. O ministério hierárquico em Puebla**. In: SOUZA, Ney de; SBARDELOTTI, Emerson. Puebla. Igreja na América Latina e no Caribe. Opção pelos pobres, libertação e resistência. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

MANZATTO, Antonio. **Espírito Santo**. In: PASSOS, João D; SANCHEZ, Wagner L. Dicionário do Concílio Vaticano II. São Paulo, SP: Paulus, 2015.

MARQUES, Luiz Carlos L. **A igreja dos Pobres**. In: PASSOS, João D; SANCHEZ, Wagner L. Dicionário do Concílio Vaticano II. São Paulo, SP: Paulus, 2015.

MERK, A. (Ed.). **Novum Testamentum graece et latine**. Roma: Ed. Pontificio Instituto Biblico, 1984.

MICHELETTI, Guillermo Daniel. **Diaconato Permanente: Encanto e risco de uma novidade**. São Paulo: Paulinas, 2018.

MIKUSZKA, Gelson Luiz. **Por uma paróquia missionária: à luz de Aparecida**. São Paulo: Paulus, 2012.

MOLTMANN, Jürgen. **O espírito da vida: uma pneumatologia integral**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PANAZZOLO, João. **Igreja comunhão, participação, missão**. São Paulo: Paulus, 2010.

PARISE, Paulo. **Migração**. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.) Dicionário do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulinas, 2015.

PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.) **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas, 2015.

PAULO VI. **Sacrum Diaconatus Ordinem**: Carta apostólica motu próprio com normas para o reestabelecimento do diaconato permanente na Igreja Latina Petrópolis, Vozes: 1967.

\_\_\_\_\_. **Ministeria Quaedam**. Carta apostólica motu próprio pela qual é renovada a disciplina da prima tonsura, das ordens menores e do subdiaconato na Igreja Latina. Petrópolis: Vozes, 1972.

\_\_\_\_\_. **Ad Pascendum**. Carta apostólica motu próprio com a qual são estabelecidas normas a respeito da Ordem sacra do diaconato. Petrópolis: Vozes, 1972.

\_\_\_\_\_. **Evangelii Nuntiandi**. Exortação apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo, 7. ed. São Paulo: Paulinas, 1987.

PEREIRA, José Carlos. **Paróquia Missionária à luz do Documento de Aparecida: Procedimentos Fundamentais**. Brasília: Edições CNBB, 2012.

PETROLINO, Enzo. **Diaconado – serviço e missão**. Lisboa: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. **Nuovo Enchiridion Sul Diaconato: Le Fonti e i Documenti Ufficiali Della Chiesa**. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2016.

\_\_\_\_\_. **O diaconato no pensamento do Papa Francisco: uma Igreja pobre para os pobres**. Brasília: Edições CNBB, 2019.

PONTIFICAL Romano. **Ritual de Ordenação de bispos, presbíteros e diáconos**. São Paulo: Paulus, 1. Ed., 2000.

RAHMANI, I. E. (Ed e Trad). **Testamentum D. N. Iesu Christi, I, 38**; Mogúncia (Mainz), Alemanha, 1899. In: PAULO VI. Ad Pascendum. Carta apostólica motu próprio com a qual são estabelecidas normas a respeito da Ordem sacra do diaconato. Petrópolis: Vozes, 1972.

RAHNER, Karl. **Die Lehre des Zweiten Vatikanischen Konzils uber den Diakonats**. Schriften zur Theologie. v.8. Einsiedeln – Zurich – Koln: Benzinger, 1967.

RAUSCHEN G (Ed.) **S. Iustini, Apologia 1, 65, 5 e 67, 5; S. Iustini, Apologiae duae**; Bonn, Alemanha, 1912 In: PAULO VI. Ad Pascendum. Carta apostólica motu próprio com a qual são estabelecidas normas a respeito da Ordem sacra do diaconato. Petrópolis: Vozes, 1972.

SANTA SÉ. **Código de direito canônico. (CODEX IURIS CANONICI)**. Promulgado por João Paulo II, Papa. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

SOUZA, Ney de. SBARDELOTTI, Emerson. Puebla. **Igreja na América Latina e no Caribe. Opção pelos pobres, libertação e resistência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

SOUZA, Ney de. **Antecedentes e Evento Histórico**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2013 In: ALMEIDA, João Carlos, MANZINI Rosana, MAÇANEIRO, Marcial (Org). As Janelas do Vaticano II: A Igreja em diálogo com o mundo. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2013.

STORNILO, Ivo. **Como ler os atos dos apóstolos: o caminho do Evangelho**. São Paulo: Paulus, 1993.

SUESS, Paulo. **Dicionário da exortação Evangelii gaudium: 50 palavras-chave para uma leitura pastoral da exortação apostólica *Evangelii Gaudium – A alegria do Evangelho* -, do Papa Francisco, sobre o anúncio do Evangelho no Mundo atual.** São Paulo: Paulus, 2015.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Teologia da Missão: convocar e enviar: servos e testemunhas do Reino.** 2ª ed. revista e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Dicionário de Aparecida: 40 palavras-chave para uma leitura pastoral do documento de Aparecida.** São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. **Missão e misericórdia: a transformação missionária da Igreja segundo a *Evangelii gaudium*.** São Paulo: Paulinas, 2017.

SKORKA, Abraham. BERGOGLIO, Jorge Mario (Papa Francisco); FIGUEROA, Marcelo. **A Solidariedade - Coleção Diálogos de Fé.** São Paulo: Benvira, 2013.

SCHWEIZER, E. *Ésprit – Le Nouveau Testament.* In: KITTEL, G. (éd.). **Ésprit – Dictionnaire Biblique.** Genève: Ed. Labor et Fides 1971, p. 127-233.

TABORDA, Francisco. **A Igreja e seus ministros: uma teologia do ministério ordenado.** São Paulo: Paulus, 2011.

TERTULIANI, *De Baptismo, XVII, 1: Corpus Christianorum I; Tertuliani Opera, pars 1; Turnholt, Bélgica, 1954* In: PAULO VI. *Ad Pascendum.* Carta apostólica motu próprio com a qual são estabelecidas normas a respeito da Ordem sacra do diaconato. Petrópolis: Vozes, 1972.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológicas.* V. III. São Paulo, SP: Edições Loyola. 2009.

VILLAS BOAS, Alex. **Verdade.** In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.) *Dicionário do Concílio Vaticano II.* São Paulo: Paulinas, 2015.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **Política.** In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.) *Dicionário do Concílio Vaticano II.* São Paulo: Paulinas, 2015.

WOLFF, Elias. **Caminhos do Ecumenismo no Brasil: história, teologia, pastoral.** 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulinas: Paulus: São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2018.

WINNINGER, Paul; CONGAR, Ives CROCE, W: ***Histoire du diaconat.*** In: WINNINGER, Paul; CONGAR, Ives. *Le diacre dans l'Église et le monde d'aujourd'hui.* (coll. Unam sanctam, n° 59) Paris: Editions de Cerf, 1966.

## ARTIGOS

ALMEIDA, Antonio José de. Os Diáconos no Novo Testamento: Um mergulho nas fontes. **Revista Eclesiástica Brasileira.** Petrópolis, RJ, v. 71, n. 282, p. 349-389, abr. 2011.

ANDRIEU, Michel. La carrière ecclésiastique des papes et les documents liturgiques du Moyen Age. **Revue des Sciences Religieuses** v.21. n.3, p.90-120. 1947.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, “O diaconato: evolução e perspectivas”. **SEDOC**, v. 35, n. 297, p. 521-614, 2003.

DE CLERCK, P. Des laïcs ministres des sacrements? **La Maison-Dieu**, Paris, n. 194, p. 27-47, 1993.

DURÁN Y DURÁN, J. X Assembleia Geral da Comissão Nacional dos Diáconos – CND Brasil. **Informativo Servir em las periferias**. Espanha, v. 1, n. 1, p. 35-44, abr. 2015.

FERREIRA, Antonio Luiz Catelan. A Sinodalidade Eclesial no Magistério do Papa Francisco. **ATeo**, Rio de Janeiro, RJ, v. 22, n. 59, p. 390-404, mai./ago.2018.

NOBRE, José Aguiar. Os desafios da sinodalidade retomados por Francisco. **Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura**. Paulinas, Ano XVI, n. 58.

PRAT, F. Les prétentions des diacres romains au IV<sup>e</sup> siècle, **Recherches de Science Religieuse** 3, 1912, p. 463-475.

## INTERNET

ALCUÍNO. **De divinis officiis liber, Cap 36**. In: Patrologia Latina, Coluna 1235. 1844 Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1vePi3Zha0dZ3VKPfmKizhI9OtlgV4grp/view>. Acesso em: novembro de 2019.

BENTO XVI. **Discurso Durante a Audiência aos Diáconos de Roma, 2006**. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/february/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20060218\\_deacons-rome.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20060218_deacons-rome.html). Acesso em: dezembro de 2019.

BENTO XVI. **Motu proprio Intima Ecclesiae, 2012**. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu\\_proprio/documents/hf\\_ben-xvi\\_motu-proprio\\_20121111\\_caritas.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu_proprio/documents/hf_ben-xvi_motu-proprio_20121111_caritas.html). Acesso em: novembro de 2019.

BENTO XV. **Código de direito canônico. (CODEX IURIS CANONICI), 1917**. Disponível em: <http://www.internetsv.info/Text/CIC1917.pdf>. Acesso em: novembro de 2019.

CANTORIS (CANTOR), Petri. **Verbum abbreviatum**, Patrologia Latina 205, p 184-185, 1844 Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1 OSfAR a1kvfCy4pmOkanNg6suVF6dw7/view>. Acesso em: outubro de 2019.

COMISSÃO NACIONAL DOS DIÁCONOS. **Informativo online da CND, edição especial nº119**, de junho de 2016. Disponível em: <http://cnd.org.br/pdfs/diaconos-119-junho-2016-edicao-especial.pdf> Acesso em: setembro de 2019.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Carta *Iuvenescit Ecclesia*** aos Bispos da Igreja Católica: Sobre a relação entre dons hierárquicos e carismáticos para a vida e missão da Igreja. 2016 Disponível em: <https://press.vatican.va/content/dam/salastampa/it/fuori-bollettino/pdf/PO%20IUVENESCIT%20ECCLESIA%20Portugues.pdf>. Acesso em: outubro de 2019.

FRANCISCO; AL-TAYYEB, Ahmad. **Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum**. Abu Dabhi, 4 de fevereiro de 2019. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco\\_20190204\\_documento-fratellanza-umana.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html) Acesso em: novembro de 2019.

FRANCISCO. **Discurso aos prelados da conferência episcopal da República Tcheca em visita «ad limina apostolorum»**, 2014a. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/february/documents/papa-francesco\\_20140214\\_ad-limina-rep-ceca.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/february/documents/papa-francesco_20140214_ad-limina-rep-ceca.html) Acesso em: outubro de 2019.

FRANCISCO. **Audiência Geral**. 2014b. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco\\_20141008\\_udienza-generale.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco_20141008_udienza-generale.html) Acesso em: novembro de 2019.

FRANCISCO. **Discurso do Papa aos participantes no Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades**. 2014c. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco\\_20141127\\_pastorale-grandi-citta.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141127_pastorale-grandi-citta.html). Acesso em: Outubro de 2019

FRANCISCO. **Mensagem de Sua Santidade Papa Francisco para o Dia Mundial das Missões**. 2015a. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco\\_20150524\\_giornata-missionaria2015.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20150524_giornata-missionaria2015.html). Acesso em: novembro de 2019.

FRANCISCO. **Discurso no Encontro com o Clero, os Religiosos e os Diáconos Permanentes na Basílica de Nápoles** 2015b. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/march/documents/papa-francesco\\_20150321\\_napoli-pompei-incontro-duomo.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/march/documents/papa-francesco_20150321_napoli-pompei-incontro-duomo.html). Acesso em: novembro de 2019.

FRANCISCO. **Audiência Jubilar - Jubileu Extraordinário da Misericórdia**. 2016a. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco\\_20160312\\_udienza-giubilare.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160312_udienza-giubilare.html). Acesso em: novembro de 2019.

FRANCISCO. **Homilia feita no Jubileu Extraordinário da Misericórdia com os Diáconos Permanentes**. 2016b. Disponível em:

[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco\\_20160529\\_omelia-giubileo-diaconi.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco_20160529_omelia-giubileo-diaconi.html). Acesso em: novembro de 2019.

FRANCISCO. **Mensagem do Santo Padre Francisco para o I Dia Mundial dos Pobres.** 2017a. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco\\_20170613\\_messaggio-i-giornatamondiale-poveri-2017.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20170613_messaggio-i-giornatamondiale-poveri-2017.html). Acesso em outubro de 2019.

FRANCISCO. **Discurso à Associação Teológica Italiana.** 2017b. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/december/documents/papa-francesco\\_20171229\\_associazione-teologica-italiana.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/december/documents/papa-francesco_20171229_associazione-teologica-italiana.html). Acesso em: novembro de 2019.

FRANCISCO. **Mensagem aos participantes no Encontro Internacional Inter-Religioso "caminhos de paz" em Münster e Osnabrück, Alemanha.** 2017c. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco\\_20170828\\_messaggio-strade-di-pace.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco_20170828_messaggio-strade-di-pace.html) Acesso em: outubro de 2019.

FRANCISCO. **Discurso aos participantes do Congresso do Foro Internacional da Ação Católica (FIAC).** 2017d. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/april/documents/papa-francesco\\_20170427\\_congresso-azione-cattolica.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/april/documents/papa-francesco_20170427_congresso-azione-cattolica.html). Acesso em outubro de 2019

FRANCISCO. **Mensagem do Santo Padre Francisco para o II Dia Mundial dos Pobres.** 2018a. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco\\_20180613\\_messaggio-ii-giornatamondiale-poveri-2018.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20180613_messaggio-ii-giornatamondiale-poveri-2018.html). Acesso em novembro de 2019

FRANCISCO. **Mensagem aos participantes no Fórum Mundial do Ecumenismo e do Diálogo Inter-religioso G20.** 2018b. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2018/documents/papa-francesco\\_20180906\\_messaggio-foro-interreligioso.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2018/documents/papa-francesco_20180906_messaggio-foro-interreligioso.html) Acesso em: janeiro de 2020.

FRANCISCO. **Homilia do Santo Padre.** 2018c. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/578139-a-evangelizacao-nao-se-faz-da-poltrona-prega-francisco#:~:text=Assim%20como%20faz%20%E2%80%9Co%20vento,os%20disc%C3%ADpulos%20levaram%20a%20evangeliza%C3%A7%C3%A3o%E2%80%9D>. Acesso em novembro de 2019.

FRANCISCO. **Mensagem para o III Dia Mundial dos Pobres.** 2019a. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco\\_20190613\\_messaggio-iii-giornatamondiale-poveri-2019.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20190613_messaggio-iii-giornatamondiale-poveri-2019.html) Acesso em: novembro de 2019.

FRANCISCO. **Discurso aos Participantes da Plenária da Pontifícia Academia das Ciências Sociais.** 2019b. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco\\_20190502\\_plenaria-scienze-sociali.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco_20190502_plenaria-scienze-sociali.html). Acesso em: novembro de 2019.

FRANCISCO. **Discurso aos Agentes de Saúde: a Humanidade de Cristo é a Maior Escola.** 2019c. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-05/papa-francesco-agentes-saude.html>. Acesso em: novembro de 2019.

FRANCISCO. **Discurso a um Grupo de Jovens Líderes da América Latina.** 2019d. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/march/documents/papa-francesco\\_20190304\\_pontcommissione-americalatina.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/march/documents/papa-francesco_20190304_pontcommissione-americalatina.html). Acesso em: novembro de 2019.

FRANCISCO. **Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado.** 2019e. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco\\_20190527\\_world-migrants-day-2019.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20190527_world-migrants-day-2019.html). Acesso em: novembro de 2019.

FRANCISCO. **Discurso à Cúria Romana na Apresentação de Votos Natalícios.** 2019f. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/december/documents/papa-francesco\\_20191221\\_curia-romana.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/december/documents/papa-francesco_20191221_curia-romana.html). Acesso em: novembro de 2019.

FRANCISCO. **Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo.** 2019g. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco\\_20190912\\_messaggio-patto-educativo.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html). Acesso em: dezembro de 2019.

FRANCISCO. **Homilia dirigida durante a Solenidade de Pentecostes.** 2019h. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco\\_20190609\\_omelia-pentecoste.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco_20190609_omelia-pentecoste.html). Acesso em: dezembro de 2019.

FRANCISCO. **Discurso às delegações dos Institutos Missionários de Fundação Italiana.** 2019i. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/september/documents/papa-francesco\\_20190930\\_delegazioni-istituti-missionari.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/september/documents/papa-francesco_20190930_delegazioni-istituti-missionari.html). Acesso em Novembro de 2019.

FRANCISCO. **Homilia do Santo Padre.** 2019j. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco\\_20191001\\_omelia-vespri-mesemissionario.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco_20191001_omelia-vespri-mesemissionario.html). Acesso em dezembro de 2019.



FRANCISCO. **Viagem Apostólica à Romênia: Encontro com o Sínodo permanente da Igreja Ortodoxa Romena.** 2019k. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-05/papa-francisco-pai-nosso-romenia-bucarest.html> Acesso em: janeiro de 2020.

FRANCISCO. **Angelus.** 2019l. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2019/documents/papa-francesco\\_angelus\\_20191222.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2019/documents/papa-francesco_angelus_20191222.html). Acesso em janeiro de 2020.

FRANCISCO. **Mensagem para o LIV Dia Mundial das Comunicações Sociais.** 2020. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/pa-pa-francesco\\_20200124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/pa-pa-francesco_20200124_messaggio-comunicazioni-sociali.html). Acesso em: fevereiro de 2020.

HERMAS de Roma. **O pastor de Hermas - obra literária cristã do século II d.C.** Patrologia Grega 02. 1844 Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1RX1srQ6Yw-4PSMeMGH51vJRIdMxIAaq/view> Acesso em: outubro de 2019.

HUMMES, Cláudio. **Mensagem do Prefeito da Congregação para o Clero e aos Diáconos Permanentes** 2007. Disponível em: <http://www.clerus.org/clerus/dati/2007-08/10-13/diapt.pdf>. Acesso em: novembro de 2019.

INTERNATIONAL COMMISSION FOR CATHOLIC-PENTECOSTAL DIALOGUE. **Do not quench the Spirit: Charisms in the life and mission of the Church.** 2016. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/chrstuni/information\\_service/pdf/information\\_service\\_147\\_en.pdf](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/information_service/pdf/information_service_147_en.pdf) Acesso em: dezembro de 2019.

IVO DE CHARTRES (*Ivo Carnotensis*): **Sermones. II.** Patrologia Latina 162, 518, 1844. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/16RVmvDfEsa\\_7LmXj4sZCgn1mxNCrA6S/view](https://drive.google.com/file/d/16RVmvDfEsa_7LmXj4sZCgn1mxNCrA6S/view). Acesso em: outubro de 2019.

JOÃO PAULO II. **Discurso na Celebração do Jubileu dos Diáconos Permanentes** 2000. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_25051995\\_ut-unum-sint.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25051995_ut-unum-sint.html). Acesso em: novembro de 2019.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Ut Unum Sint* Sobre o Empenho Ecuménico.** 2000. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20000219\\_jubilee-deacons.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf_jp-ii_spe_20000219_jubilee-deacons.html). Acesso em: novembro de 2019.

JOÃO PAULO II. ***Catechesi tradendae.*** Exortação apostólica pós sinodal sobre a catequese, do nosso tempo. 1978. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_16101979\\_catechesi-tradendae.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_16101979_catechesi-tradendae.html) Acesso em: dezembro de 2019.

JOÃO XXIII. ***Pacem in terris***. Carta encíclica sobre a paz de todos os povos na base da verdade, justiça, caridade e liberdade. 1963. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_11041963\\_pacem.html](http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.html) Acesso em: dezembro de 2019.

LIMA, Alessandro (Trad.). ***Epístola de Inácio de Antioquia aos Tetralianos, 107 d.C.*** 2019. Disponível em: <http://www.veritatis.com.br/carta-de-santo-inacio-de-antioquia-aos-tralianos/>. Acesso em: novembro de 2019.

LOMBARDO, Pedro. ***Sententiarum libri quatuor***. 1.4, dist. 24, 8. Patrologia Latina 192, 903, 1844 Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1WcU4Pk-YuinVMCbC8UFjkBit68Ophiao/view>. Acesso em: outubro de 2019.

SCHAFF, Phillip. ***Cânones do Concílio de Nicéia***. 1901. Disponível em: <http://www.ecristianismo.com.br/historia-do-cristianismo/documentos-historicos/canones-do-concilio-de-niceia.html>. Acesso em: novembro de 2019.

PAULO VI. ***Discurso na última sessão pública do Concílio Vaticano II***, terça-feira, 7 de dezembro de 1965. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651207\\_epilogo-concilio.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651207_epilogo-concilio.html). Acesso em: outubro de 2019.

PAULO VI. ***Dignitatis Humanae. Sobre a Liberdade Religiosa***. 1965. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651207\\_dignitatis-humanae\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651207_dignitatis-humanae_po.html). Acesso em: novembro de 2019.

PAULO VI. ***Unitatis Redintegratio Sobre o Ecumenismo***. 1964. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19641121\\_unitatis-redintegratio\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html). Acesso em: novembro de 2019.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. ***Diálogo e anúncio***. 19 maio de 1991. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/interelg/documents/rc\\_pc\\_interelg\\_doc\\_19051991\\_dialogue-and-proclamatio\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_doc_19051991_dialogue-and-proclamatio_po.html) Acesso em: fevereiro de 2020.

## ANEXO A – CND: DADOS ESTATÍSTICOS DE ABRIL DE 2019

ARQUI(DIOCESES) DO BRASIL					
Regional	Arqui-diocese	Nome Diocese	Número de diáconos	Número de candidatos	Tem escola diaconal
	Arquidiocese	Ordinariado Militar	91		Sim
	<b>Resumo para 'regional'= (1 registro de detalhe)</b>				
	<b>Soma</b>		<b>91</b>		
<b>1</b>					
	Diocese	Anápolis	25		Sim
	Arquidiocese	Brasília	102		Sim
	Diocese	Formosa	4	7	Sim
	Arquidiocese	Goiânia	41	15	Sim
	Diocese	Goiás	9	0	Sim
	Diocese	Ipameri		26	Sim
	Diocese	Itumbiara	17		Sim
	Diocese	Jataí	12		Sim
	Diocese	Luziânia	8	8	Sim
	Diocese	Rubiataba- Mozarlândia		18	Sim
	Diocese	São Luís de Montes Belos	16		Sim
	Diocese	Uruaçu		19	Sim
	<b>Resumo para 'regional'= 1 (12 registros de detalhe)</b>				
	<b>Soma</b>		<b>234</b>	<b>93</b>	
<b>2</b>					
	Diocese	Barra do Piraí-Volta Redonda	19		Sim
	Diocese	Campos	31	35	Sim
	Diocese	Duque de Caxias	26		Não

	Diocese	Itaguaí	14	0	Sim
	Arquidiocese	Niteroi	89	9	Sim
	Diocese	Nova Friburgo	21		Não
	Diocese	Nova Iguaçu	30	20	Sim
	Diocese	Petrópolis	51	19	Sim
	Arquidiocese	São Sebastião do Rio de Janeiro	207	72	Sim
	Diocese	Valença			Não
	<b>Resumo para 'regional'= 2 (10 registros de detalhe)</b>				
	<b>Soma</b>		<b>488</b>	<b>155</b>	
<b>3</b>					
	Diocese	Almenara			Não
	Diocese	Araçuaí			Não
	Arquidiocese	Belo Horizonte	77	43	Sim
	Diocese	Cachoeiro do Itapemirim	66	43	Sim
	Diocese	Campanha	2	25	Sim
	Diocese	Caratinga			Não
	Diocese	Colatina	12	8	Não
	Arquidiocese	Diamantina			Não
	Diocese	Divinópolis		33	Não
	Diocese	Governador Valadares	11		Não
	Diocese	Guanhães			Não
	Diocese	Guaxupé			Não
	Diocese	Itabira-Fabriciano	16	12	Não
	Diocese	Ituiutaba		25	Não
	Diocese	Janaúba	2		Não
	Diocese	Januária	2		Não
	Arquidiocese	Juiz de Fora	27	29	Sim
	Diocese	Leopoldina			Não
	Diocese	Luz			Não

	Arquidiocese	Mariana	15	22	Não
	Arquidiocese	Montes Claros	49		Sim
	Diocese	Oliveira	1	28	Sim
	Diocese	Paracatu	23		Sim
	Diocese	Patos de Minas	1		Não
	Arquidiocese	Pouso Alegre			Não
	Diocese	São João del Rei			Não
	Diocese	São Mateus			Não
	Diocese	Sete Lagoas			Não
	Diocese	Teófilo Otoni			Não
	Arquidiocese	Uberaba	43	14	Sim
	Diocese	Uberlândia	55		Sim
	Arquidiocese	Vitória do Espírito Santo	57		Sim
	<b>Resumo para 'regional'= 3 (32 registros de detalhe)</b>				
	<b>Soma</b>		<b>459</b>	<b>282</b>	
<b>4</b>					
	Diocese	Crateús	4		Não
	Diocese	Crato	40	30	Sim
	Arquidiocese	Fortaleza	24	36	Sim
	Diocese	Iguatu			Não
	Diocese	Itapipoca	11		Não
	Diocese	Limoeiro do Norte			Não
	Diocese	Quixadá			Não
	Diocese	Sobral			Não
	Diocese	Tianguá	10	10	Não
	<b>Resumo para 'regional'= 4 (9 registros de detalhe)</b>				
	<b>Soma</b>		<b>89</b>	<b>76</b>	
<b>5</b>					
	Diocese	Afogados da Ingazeira	6	7	Sim

	Diocese	Caicó	41	8	Sim
	Diocese	Cajazeiras			Não
	Diocese	Campina Grande	3	50	Sim
	Diocese	Caruaru	11	12	Sim
	Diocese	Floresta			Não
	Diocese	Garanhuns	7	15	Sim
	Diocese	Guarabira	26		Não
	Arquidiocese	Maceió	32	5	Sim
	Diocese	Mossoró	3	9	Sim
	Arquidiocese	Natal	88	26	Sim
	Diocese	Nazaré	37	20	Sim
	Arquidiocese	Olinda e Recife	43	30	Sim
	Diocese	Palmares	7		Não
	Diocese	Palmeira dos Índio			Não
	Arquidiocese	Paraíba	42	9	Sim
	Diocese	Patos	7	29	Sim
	Diocese	Penedo		18	Sim
	Diocese	Pesqueira	3	18	Sim
	Diocese	Petrolina	9	16	Sim
	Diocese	Salgueiro			Não
	<b>Resumo para 'regional'= 5 (21 registros de detalhe)</b>				
	<b>Soma</b>		<b>365</b>	<b>272</b>	
<b>6</b>					
	Diocese	Alagoinhas	2		Não
	Diocese	Amargosa			Não
	Arquidiocese	Aracaju	40	5	Sim
	Diocese	Barra			Não
	Diocese	Barreiras	21		Sim
	Diocese	Bom Jesus da Lapa			Não

	Diocese	Bonfim			Não
	Diocese	Caetité			Não
	Diocese	Camaçari	19		Sim
	Diocese	Cruz das Almas	17		Não
	Diocese	Estância			Não
	Diocese	Eunápolis			Não
	Arquidiocese	Feira de Santana	9	12	Sim
	Diocese	Ilhéus	10	4	Sim
	Diocese	Irecê			Não
	Diocese	Itabuna	8	8	Não
	Diocese	Jequié	2	0	Não
	Diocese	Juazeiro			Não
	Diocese	Livramento de Nossa Senhora			Não
	Diocese	Paulo Afonso			Não
	Diocese	Propriá			Não
	Diocese	Ruy Brabosa			Não
	Arquidiocese	São Salvador da Bahia	88	13	Sim
	Diocese	Serrinha	7	0	Não
	Diocese	Teixeira de Freitas			Não
	Arquidiocese	Vitória da Conquista	12	5	Não
	<b>Resumo para 'regional'= 6 (26 registros de detalhe)</b>				
	<b>Soma</b>		<b>235</b>	<b>47</b>	
<b>7</b>					
	Diocese	Bom Jesus de Gurguéia			Não
	Diocese	Campo Maior			Não
	Diocese	Floriano			Não
	Diocese	Oeiras			Não
	Diocese	Parnaíba	13	34	Sim
	Diocese	Picos			Não

	Diocese	São Raimundo Nonato	12		Não
	Arquidiocese	Teresina	54	32	Sim
	<b>Resumo para 'regional'= 7 (8 registros de detalhe)</b>				
	<b>Soma</b>		<b>79</b>	<b>66</b>	
<b>8</b>					
	Diocese	Bacabal	12	25	Sim
	Diocese	Balsas	2	7	Sim
	Diocese	Brejo	1	18	Sim
	Diocese	Carolina		10	Não
	Diocese	Caxias do Maranhão	26	5	Sim
	Diocese	Coroatá	16	25	Sim
	Diocese	Grajaú	10	0	Não
	Diocese	Imperatriz			Não
	Diocese	Pinheiros	5	2	Sim
	Arquidiocese	São Luiz do Maranhão	73	2	Sim
	Diocese	Viana	4	6	Sim
	Diocese	Zé Doca		13	Não
	<b>Resumo para 'Regional'= 8 (12 registros de detalhe)</b>				
	<b>Soma</b>		<b>149</b>	<b>113</b>	
<b>9</b>					
	Diocese	Cruzeiro do Sul			Não
	Diocese	Guajará-Mirim	8		Não
	Diocese	Humaitá	6		Não
	Diocese	Ji-Paraná	1		Não
	Prelazia	Lábrea			Não
	Arquidiocese	Porto Velho			Não
	Diocese	Rio Branco	29	13	Sim
	<b>Resumo para 'Regional'= 9 (7 registros de detalhe)</b>				
	<b>Soma</b>		<b>44</b>	<b>13</b>	



10					
	Diocese	Alto Solimões		11	Não
	Prelazia	Borba		22	Não
	Diocese	Coari			Não
	Prelazia	Itaçoatiara	1		Não
	Arquidiocese	Manaus	51	38	Sim
	Diocese	Parintins	5	2	Não
	Diocese	Roraima	3		Não
	Diocese	São Gabriel da Cachoeira			Não
	Prelazia	Tefé	8	2	Não
<b>Resumo para 'Regional'= 10 (9 registros de detalhe)</b>					
	<b>Soma</b>		<b>68</b>	<b>75</b>	
11					
	Diocese	Abaetetuba	21	1	Não
	Arquidiocese	Belém do Pará	145	127	Sim
	Diocese	Bragança do Pará	28		Não
	Diocese	Cametá	18		Não
	Diocese	Castanhal do Pará	113		Não
	Prelazia	Itaituba			Não
	Diocese	Macapá	31		Sim
	Diocese	Marabá	1		Não
	Prelazia	Marajó			Não
	Diocese	Óbidos		12	Não
	Diocese	Ponta das Pedras		7	Não
	Diocese	Santarém			Não
	Diocese	Santíssima Conceição do Araguaia	1	0	Não
Prelazia	Xingu			Não	
<b>Resumo para 'Regional'= 11 (14 registros de detalhe)</b>					
	<b>Soma</b>		<b>358</b>	<b>147</b>	

12					
	Prelazia	Cristalândia	1	1	Não
	Diocese	Miracema do Tocantins	8	3	Não
	Arquidiocese	Palmas	30	25	Sim
	Diocese	Porto Nacional	8	2	Não
	Diocese	Tocantinópolis	3	8	Sim
	<b>Resumo para 'Regional'= 12 (5 registros de detalhe)</b>				
	<b>Soma</b>		<b>50</b>	<b>39</b>	
13					
	Arquidiocese	Campo Grande	3	7	Sim
	Diocese	Corumbá	2		Não
	Diocese	Coxim	1		Não
	Diocese	Dourados	26	5	Sim
	Diocese	Jardim	1		Não
	Diocese	Naviraí	5		Não
	Diocese	Três Lagoas	7		Não
<b>Resumo para 'Regional'= 13 (7 registros de detalhe)</b>					
	<b>Soma</b>		<b>45</b>	<b>12</b>	
14					
	Diocese	Barra das Garças	3	5	Sim
	Arquidiocese	Cuiabá			Não
	Diocese	Diamantino	1		Não
	Diocese	Juína	2	5	Sim
	Diocese	Primavera do Leste	3		Não
	Diocese	Rondonópolis-Guiratinga			Não
	Diocese	São Felix	2		Não
	Diocese	São Luiz do Cácere	2		Não
Diocese	Sinop	2	30	Sim	
<b>Resumo para 'Regional'= 14 (9 registros de detalhe)</b>					

	<b>Soma</b>		<b>15</b>	<b>40</b>	
<b>15</b>					
	Diocese	Amparo	10	1	Não
	Arquidiocese	Aparecida	2		Não
	Diocese	Araçatuba	2		Não
	Diocese	Assis	2		Não
	Diocese	Barretos	13	20	Não
	Diocese	Bauru	40		Não
	Arquidiocese	Botucatu	13	20	Sim
	Diocese	Bragança Paulista	3		Não
	Arquidiocese	Campinas	22		Sim
	Diocese	Campo Limpo	32		Não
	Diocese	Caraguatatuba	9	20	Não
	Diocese	Catanduva	1		Não
	Diocese	Franca	32		Sim
	Diocese	Guarulhos	19		Não
	Diocese	Itapetininga	106	46	Não
	Diocese	Itapeva	3		Não
	Diocese	Jaboticabal	17	12	Sim
	Diocese	Jales			Não
	Diocese	Jundiaí	87	79	Sim
	Diocese	Limeira	23	25	Sim
	Diocese	Lins	12	6	Sim
	Diocese	Lorena	27		Não
	Diocese	Marília	1	46	Sim
	Diocese	Mogi das Cruzes	25		Não
	Eparquia	Nossa Senhora do Líbano em São Paulo dos Maronitas			Não
	Eparquia	Nossa Senhora do Paraíso em São Paulo dos Greco-Melquitas			Não
	Diocese	Osasco	1		Não

	Diocese	Ourinhos	33		Não
	Diocese	Piracicaba	50	29	Não
	Diocese	Presidente Prudente	3		Não
	Diocese	Registro			Não
	Arquidiocese	Ribeirão Preto	45	71	Sim
	Diocese	Santo Amaro			Não
	Diocese	Santo André	25	23	Não
	Diocese	Santos	31	11	Sim
	Diocese	São Carlos	59		Não
	Diocese	São João da Boa Vista	16		Não
	Diocese	São José do Rio Preto	35	11	Sim
	Diocese	São José dos Campos	109	78	Sim
	Diocese	São Miguel Paulista	59		Não
	Arquidiocese	São Paulo	102	40	Sim
	Arquidiocese	Sorocaba	42	1	Não
	Diocese	Taubaté	52		Sim
	Diocese	Votuporanga	5	3	Não
	<b>Resumo para 'Regional'= 15 (44 registros de detalhe)</b>				
	<b>Soma</b>		<b>1168</b>	<b>542</b>	
<b>16</b>					
	Diocese	Apucarana	108	88	Sim
	Diocese	Campo Mourão	19	24	Sim
	Arquidiocese	Cascavel	1		Não
	Diocese	Cornélio Procopio			Não
	Arquidiocese	Curitiba	112	48	Sim
	Diocese	Foz do Iguaçu	4	8	Não
	Diocese	Guarapuava	1	1	Não
	Diocese	Jacarezinho	8	34	Sim
	Arquidiocese	Londrina	75	29	Sim

	Arquidiocese	Maringá	57	75	Sim
	Diocese	Palmas e Francisco Beltrão	5	34	Sim
	Diocese	Paranaguá			Não
	Diocese	Paranavaí		40	Sim
	Diocese	Ponta Grossa	77	54	Sim
	Diocese	São José dos Pinhais	49	9	Não
	Diocese	Toledo			Não
	Diocese	Umuarama	46	66	Sim
	Diocese	União da Vitória	6	24	Sim
	<b>Resumo para 'Regional'= 16 (18 registros de detalhe)</b>				
	<b>Soma</b>		<b>568</b>	<b>534</b>	
<b>17</b>					
	Diocese	Bagé	1		Não
	Diocese	Cachoeira do Sul	18	0	Não
	Diocese	Caxias do Sul			Não
	Diocese	Cruz Alta		11	Sim
	Diocese	Erechim	16	25	Não
	Diocese	Frederico Westphalen	3		Não
	Diocese	Montenegro	4		Não
	Diocese	Novo Hamburgo	43	2	Sim
	Diocese	Osório	6	1	Não
	Arquidiocese	Passo Fundo		11	Sim
	Arquidiocese	Pelotas	31	6	Sim
	Arquidiocese	Porto Alegre	67	3	Não
	Diocese	Rio Grande	11	6	Não
	Diocese	Santa Cruz do Sul	18	24	Sim
	Arquidiocese	Santa Maria	15	24	Sim
	Diocese	Santo Ângelo	1		Não
	Diocese	Uruguaiana			Não

	Diocese	Vacaria	1	22	Sim
	<b>Resumo para 'Regional'= 17 (18 registros de detalhe)</b>				
	<b>Soma</b>		<b>235</b>	<b>135</b>	
<b>18</b>					
	Diocese	Blumenau	72	40	Não
	Diocese	Caçador	1	20	Sim
	Diocese	Chapecó			Não
	Diocese	Criciúma			Não
	Arquidiocese	Florianópolis	143	27	Sim
	Diocese	Joaçaba		43	Sim
	Diocese	Joinville	63	32	Não
	Diocese	Lages	11		Não
	Diocese	Rio do Sul	1	3	Não
	Diocese	Tubarão	8	20	Não
		<b>Resumo para 'Regional'= 18 (10 registros de detalhe)</b>			
	<b>Soma</b>		<b>299</b>	<b>185</b>	
<b>Total Geral</b>			<b>5039</b>	<b>2826</b>	